



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)

JOSELICE DINIZ MAIA E BARBOSA

UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA A ARTICULAÇÃO DOS EIXOS NO
PROCESSO AVALIATIVO EM LÍNGUA PORTUGUESA, NO GÊNERO
SEMINÁRIO

GUARABIRA – PB
2025

JOSELICE DINIZ MAIA E BARBOSA

**UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA A ARTICULAÇÃO DOS EIXOS NO
PROCESSO AVALIATIVO EM LÍNGUA PORTUGUESA, NO GÊNERO
SEMINÁRIO**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientador: Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins

GUARABIRA – PB

2025

E expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B238p Barbosa, Joselice Diniz Maia e.

Uma proposta didática para a articulação dos eixos no processo avaliativo em língua portuguesa, no gênero seminário [manuscrito] / Joselice Diniz Maia e Barbosa. - 2025.

380 f. : il. color.

Digitado.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras em rede nacional) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação : Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins, Departamento de Letras - CH".

1. Ensino. 2. Avaliação do Ensino-Aprendizagem. 3. Eixos da Língua Portuguesa. 4. Seminário. I. Título

21. ed. CDD 371.3

JOSELICE DINIZ MAIA E BARBOSA

UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA A ARTICULAÇÃO DOS EIXOS NO
PROCESSO AVALIATIVO EM LÍNGUA PORTUGUESA, NO GÊNERO
SEMINÁRIO

Dissertação apresentada à
Coordenação do Curso de Mestrado
Profissional em Letras em Rede
Nacional da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Mestra em Letras
em Rede Nacional - PROFLETRAS

Linha de Pesquisa: Teorias da
Linguagem e Ensino.

Aprovada em: 15/04/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- Antonio Flávio Ferreira de Oliveira (***.366.184-**), em 06/05/2025 22:01:05 com chave c0b73d862ade11f0b69b1a1c3150b54b.
- Juarez Nogueira Lins (***.072.074-**), em 30/04/2025 15:18:01 com chave 73c55ad825ef11f0885706adb0a3afce.
- Iara Ferreira de Melo Martins (***.358.724-**), em 05/05/2025 09:48:44 com chave 47cd0b2429af11f0acfe1a7cc27eb1f9.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 07/05/2025

Código de Autenticação: c623e4



“Não são as nossas habilidades que revelam quem realmente somos. São as nossas escolhas”
(Alvo Dumbledore, em *Harry Potter e a Câmara Secreta*, 2002).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, a Mãe Santíssima e a Santa Clara por me protegerem, darem forças para superar todas as dificuldades impostas pelo homem e mostrar-me o quanto sou forte.

Por não saber como expressar tamanha gratidão, utilizo o termo “AGRADEÇO”:

A meus pais, José Maia e Analice Diniz, pelos valores transmitidos, por minha formação e se hoje estou fechando esse ciclo é por todo suor que eles derramaram para que eu seja o que sou hoje.

A meus irmãos, Francisco Neto e Rodolfo José, por acreditarem em meu potencial e sempre estarem ao meu lado.

Ao homem da minha vida, meu esposo Alexandre Laerte, que sempre está do meu lado em todas as horas, nas minhas alegrias e nas minhas crises pesadas de ansiedade, sempre me confortando e quando necessário dizendo palavras fortes para fazer com que eu retorne a mim, acredite em mim e que sou capaz de alcançar todos os meus objetivos.

A meus filhos, José Neto e Luiz Otávio, por sempre estarem perto de mim, apoiando a cada passo e transmitindo com palavras ou olhares carinhosos, o orgulho que sentem da mãe.

Aos meus colegas, José Carlos e Sérgio, o primeiro que me incentivou e me apresentou o PROFLETRAS, se não fosse por ele ainda não conheceria o programa. Já o segundo, me adotou como irmã e eu a ele como irmão, pessoa incrível que nunca deixarei que o tempo e a distância cortem nossa amizade.

Aos meus colegas da Turma 9 do PROFLETRAS da UEPB – Campus III, por todos os momentos vividos – trocas de experiências, ensinamentos, lanches, passeios, boas risadas – sempre com a intenção de ajudar uns aos outros com elo de amizade e não apenas de coleguismo. Em especial, Katiuscia Quinto e Rhaissa Elida, que por termos o mesmo orientador ficamos mais próximas, nos apoiando umas às outras da forma que a distância permitia.

A meu Orientador, Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins, que extraiu de mim a estudante adormecida. Acreditou, me deu asas e inconscientemente trabalhou psicologicamente a minha ansiedade. Foi capaz de me ouvir quanto profissional, que

se realiza todos os dias ao colocar os pés em uma sala de aula, buscando sempre o melhor para meus alunos.

A todos os professores do PROFLETRAS, em especial Prof^a. Dr^a. Rosângela Neres que fez com que eu conseguisse apagar as marcas negativas a respeito da Literatura. Aos que participaram do Seminário Discente e deram sua contribuição. Aos que participaram da Banca de Qualificação Prof^a. Dr^a. Iara Ferreira de Melo Martins e Prof. Dr. Paulo Vinícius Ávila Nóbrega que foram peças decisivas para o direcionamento da pesquisa. Aos professores da Banca de Defesa da Dissertação, Prof. Dr. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira e Prof^a. Dr^a. Iara Ferreira de Melo Martins, pelo tempo dedicado à avaliação final da minha pesquisa e pelas valiosas contribuições para seu aprimoramento.

A pessoa de Cleycikleber Albuquerque que estava sempre à disposição para ajudar de acordo com suas atribuições de Secretário.

Aos pais e aos alunos que abraçaram a mim e a minha pesquisa, tornando-a possível de ser desenvolvida.

Para finalizar, quero agradecer a mim, Joselice Diniz Maia e Barbosa, por persistir, buscar sempre melhorar como pessoa e quanto profissional. Sou guerreira!

RESUMO

Mesmo com todos os avanços educacionais, a avaliação permanece nos palcos das discussões por ser essencial no processo de ensino-aprendizagem e ainda ser realizada, muitas vezes, numa perspectiva tradicional e pouco produtiva. E com o ensino de Língua Portuguesa, não é diferente, pois apesar de ser um componente curricular composto por quatro eixos – Oralidade, Leitura, Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica – ainda percebemos no cotidiano das salas de aula, um ensino individualizado e desarticulado entre os eixos, desencadeando um processo avaliativo de mesma natureza, em que é possível haver o privilégio ou mesmo a exclusão de algum eixo no processo avaliativo. Considerando esse contexto, questionou-se: Como os alunos veem o processo avaliativo em Língua Portuguesa? É possível que a avaliação no ensino de Língua Portuguesa se realize através do gênero textual Seminário, de maneira que todos os eixos sejam contemplados e estejam articulados entre si? De que forma uma proposta didática pode contribuir para melhorar a avaliação dos eixos de Língua Portuguesa? Buscando responder a essas questões, elaboramos esta pesquisa, que teve por objetivo geral desenvolver uma proposta didática de avaliação para articulação dos eixos oralidade, leitura, produção textual e análise-linguística/semiótica no processo avaliativo de Língua Portuguesa, com mesmo grau de relevância, a partir do gênero textual Seminário. Para isso, considerou-se os Documentos norteadores da Educação Nacional, Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e Base Nacional Comum Curricular (2018); os estudos de Luckesi (2010), Hoffmann (2012), Beth Marcuschi e Lívia Suassuna (2007) sobre Avaliação e Avaliação em Língua Portuguesa; Antunes (2003) sobre as principais dificuldades no estudo de Língua Portuguesa; Marcuschi (2008) e Alves Filho (2011) sobre Gêneros Textuais e Gomes-Santos (2012) sobre o Gênero Textual Seminário, entre outros. Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa se caracterizou como exploratória e descritiva, com abordagens bibliográfica, quanti-qualitativa e pesquisa-ação, tendo como colaboradores uma turma do 8º Ano da Rede Municipal de Esperança – PB. Os dados foram analisados por meio do método de análise de conteúdo, com base em Bardin (1977), garantindo objetividade e confiabilidade na interpretação das informações coletadas. A proposta iniciou pela aplicação de um questionário, depois de uma sequência de atividades, abordando o gênero Seminário em sua teoria e em todos os eixos de Língua Portuguesa e em seguida um segundo questionário para concluir a intervenção. Como resultados, os alunos, a partir do estudo do gênero Seminário, compreenderam que para o ensino e a avaliação de Língua Portuguesa exercerem seus propósitos, todos os eixos deveriam ser contemplados e estar articulados entre si.

Palavras-chave: Ensino; Avaliação do Ensino-Aprendizagem; Eixos de Língua Portuguesa; Seminário.

RESUMEN

Aún con todos los avances educativos, la evaluación sigue estando en el escenario de las discusiones porque es esencial en el proceso de enseñanza-aprendizaje y todavía muchas veces se realiza desde una perspectiva tradicional e improductiva. Y con la enseñanza de la Lengua Portuguesa, no es diferente, pues a pesar de ser un componente curricular compuesto por cuatro ejes – Oralidad, Lectura, Producción Escrita y Análisis Lingüístico/Semiótico – todavía notamos en el cotidiano de las aulas, una enseñanza individualizada y desarticulada entre los ejes, desencadenando un proceso de evaluación de la misma naturaleza, en el que es posible tener el privilegio o incluso la exclusión de algún eje en el proceso de evaluación. Considerando este contexto, la pregunta fue: ¿Cómo los estudiantes ven el proceso de evaluación en portugués? ¿Es posible que la evaluación en la enseñanza de la lengua portuguesa se realice a través del género textual Seminario, de forma que todos los ejes sean abarcados e interconectados? ¿Cómo puede una propuesta didáctica contribuir a la mejora de la evaluación de los ejes de la Lengua Portuguesa? Buscando responder a estas preguntas, desarrollamos esta investigación, que tuvo como objetivo general elaborar una propuesta de evaluación didáctica para la articulación de los ejes de oralidad, lectura, producción textual y análisis lingüístico/semiótico en el proceso de evaluación de la Lengua Portuguesa, con el mismo grado de pertinencia, a partir del género textual Seminario. Para tal efecto se consideraron los Documentos Rectores de la Educación Nacional, Parámetros Curriculares Nacionales (1998) y Base Curricular Nacional Común (2018); estudios de Luckesi (2010), Hoffmann (2012), Beth Marcuschi y Livia Suassuna (2007) sobre Valoración y Evaluación en portugués; Antunes (2003) sobre las principales dificultades en el estudio de la lengua portuguesa; Marcuschi (2008) y Alves Filho (2011) sobre Géneros Textuales y Gomes-Santos (2012) sobre el Seminario de Géneros Textuales, entre otros. Desde el punto de vista metodológico, esta investigación se caracterizó como exploratoria y descriptiva, con enfoques bibliográficos, cuanti-cualitativos y de investigación-acción, teniendo como colaboradores una clase del 8º año de la Red Municipal de Esperança – PB. Los datos fueron analizados utilizando el método de análisis de contenido, basado en Bardin (1977), asegurando objetividad y confiabilidad en la interpretación de la información recolectada. La propuesta se inició con la aplicación de un cuestionario, después de una secuencia de actividades, abordando el género Seminario en su teoría y en todos los ejes de la Lengua Portuguesa y luego un segundo cuestionario para concluir la intervención. Como resultado, los estudiantes, a partir del estudio del género Seminario, comprendieron que para que la enseñanza y la evaluación de la Lengua Portuguesa cumplan sus propósitos, todos los ejes deben ser contemplados y articulados entre sí.

Palabras clave: Enseñanza; Evaluación de la Enseñanza-Aprendizaje; Ejes de la Lengua Portuguesa; Seminario.

LISTA DE QUADROS

• QUADRO 1: O Ato de Avaliar	22
• QUADRO 2: Diferença entre Exame e Avaliação	24
• QUADRO 3: Procedimentos para Aferição do Aproveitamento Escolar	26
• QUADRO 4: Aspectos Extralinguísticos	41
• QUADRO 5: Aspectos Paralinguísticos e Cinésicos	42
• QUADRO 6: Aspectos Linguísticos	42
• QUADRO 7: Procedimentos para Refacção	55
• QUADRO 8: Organização Global do Seminário	65
• QUADRO 9: Resultados do IDEB da Escola	71
• QUADRO 10: Transcrição dos Textos	122
• QUADRO 11: Respostas e Justificativas.....	206

LISTA DE GRÁFICOS

• GRÁFICO 1: Recebimento do Livro Didático	102
• GRÁFICO 2: Participação nas Aulas	103
• GRÁFICO 3: Abordagens dos Eixos	103
• GRÁFICO 4: Trabalhando os Eixos	104
• GRÁFICO 5: Eixo de Maior Importância na Aula de LP	105
• GRÁFICO 6: Avaliação em LP	106
• GRÁFICO 7: Abordagem Avaliativa dos Eixos de LP	107
• GRÁFICO 8: Critérios Avaliativos	108
• GRÁFICO 9: Seminário	109
• GRÁFICO 10: Objetivo de um Seminário	110
• GRÁFICO 11: Expositor (es) de um Seminário	111
• GRÁFICO 12: Características Importantes de um Seminário	111
• GRÁFICO 13: Maneira de Preparar um Seminário	112
• GRÁFICO 14: Atitudes Durante Apresentação do Seminário	113
• GRÁFICO 15: Interação Durante o Seminário	114
• GRÁFICO 16: Perguntas e Respostas	115
• GRÁFICO 17: Recursos Audiovisuais	116
• GRÁFICO 18: Sequência Lógica	117
• GRÁFICO 19: Tema	117
• GRÁFICO 20: Compreensão dos Eixos da LP a partir do Gênero Seminário	199
• GRÁFICO 21: Evolução nas Competências e Habilidades de LP	200
• GRÁFICO 22: A importância do trabalho integrado com os Eixos de LP	201
• GRÁFICO 23: Montar um Seminário	201
• GRÁFICO 24: Contribuição da prática de Seminários	202
• GRÁFICO 25: A importância dos Critérios de Avaliação	203
• GRÁFICO 26: Conscientização dos Critérios Avaliativos.....	204
• GRÁFICO 27: Importância da Organização dos Conteúdos.....	205
• GRÁFICO 28: O papel da Interação	206

LISTA DE FIGURAS

• FIGURA 1: Abertura do Capítulo	99
• FIGURA 2: Oralidade em Foco	100
• FIGURA 3: Slide de Apresentação	130
• FIGURA 4: Preconceito Racial nas Instituições	131
• FIGURA 5: Material Escrito – Preconceito Racial nas Instituições	133
• FIGURA 6: Educação e Consciência Racial	135
• FIGURA 7: Conclusão	136
• FIGURA 8: Legislações e Políticas Públicas	137
• FIGURA 9: Painel de Cartazes	139
• FIGURA 10: Arte e Resistência Racial	140
• FIGURA 11: Uso da Tecnologia	151
• FIGURA 12: Causas e Impactos do Aquecimento Global	153
• FIGURA 13: Desastres Naturais Intensificados pelo Aquecimento Global	155
• FIGURA 14: Saúde Humana e Aquecimento Global	157
• FIGURA 15: Políticas e Acordos Climáticos Globais	159
• FIGURA 16: Uso dos Recursos Visuais	161
• FIGURA 17: Educação e Conscientização Ambiental	162
• FIGURA 18: Coerência Textual na Análise Linguística/Semiótica	169
• FIGURA 19: Transição entre as seções	171
• FIGURA 20: Imagens utilizadas como recurso visual	172
• FIGURA 21: Inclusão Educacional	177
• FIGURA 22: Slide Inclusão Escolar	178
• FIGURA 23: Domínio das Características do Gênero	181
• FIGURA 24: Coesão na seção Desenvolvimento	184
• FIGURA 25: Cena de exposição	186
• FIGURA 26: Coesão e Coerência na Produção Escrita	187
• FIGURA 27: Entrevistas e Cartazes	189
• FIGURA 28: Linguagem e Estrutura da Produção Escrita	190
• FIGURA 29: Inclusão Digital	192

• FIGURA 30: A Linguagem Formal na Produção Escrita	193

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. CAMINHOS TEÓRICOS DA PESQUISA	20
2.1. O ato Avaliar e Avaliação do Ensino-Aprendizagem	20
2.2. Avaliação no Componente Curricular Língua Portuguesa	31
2.3. Avaliação dos Eixos de LP	36
2.3.1. Eixo Oralidade	39
2.3.2. Eixo Leitura	45
2.3.3. Eixo Produção Escrita	48
2.3.4. Eixo Análise Linguística/Semiótica	53
2.4. Gêneros Textuais e o Gênero Seminário.....	59
3. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	67
3.1. <i>Lócus</i> da Pesquisa	70
3.2. Colaboradores da Pesquisa	72
3.3. Caracterização da Proposta de Intervenção	72
3.3.1. Sequência 1 – Gênero Textual Seminário: teoria e reflexão	73
3.3.2. Sequência 2 – Leitura no Gênero Seminário: o início de tudo	76
3.3.3. Sequência 3 – O Protagonismo da Oralidade no Seminário.....	79
3.3.4. Sequência 4 – A Produção Escrita no Gênero Seminário.....	82
3.3.5. Sequência 5 – A Presença da Análise Linguística/Semiótica no Gênero Seminário.....	85
3.3.6. Sequência 6 – O Seminário e a Integração dos Eixos de LP.....	89
3.4. Produto Final da Pesquisa	93
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PROPOSTA DIDÁTICA	95
4.1. Análise da Proposta do LDLP	95
4.2. A Proposta de Intervenção para a Avaliação dos Eixos	101
4.2.1. Questionário Inicial	101
4.2.2. Análise da Sequência 1	119
4.2.3. Análise da Sequência 2	127
4.2.4. Análise da Sequência 3	141

4.2.5. Análise da Sequência 4	150
4.2.6. Análise da Sequência 5	166
4.2.7. Análise da Sequência 6	174
4.2.8. Questionário Final	199
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	209
REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA	216
ANEXOS	220
APÊNDICES.....	277

1. INTRODUÇÃO

A avaliação continua sendo assunto em destaque nos círculos de discussão da educação, seja por ainda ocorrer de maneira tradicional – já desgastada e pouco produtiva –, seja pelas novas demandas pedagógicas e sociais, que a tornam mais desafiadora para o trabalho do professor. Trata-se de uma prática essencial no processo de ensino-aprendizagem, tanto para o professor quanto para o aluno. Para o professor, ajuda a analisar sua prática e permite percebê-la como meio, e não como fim. Para o aluno, possibilita a reflexão sobre seu desenvolvimento ao longo do processo de ensino-aprendizagem.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – doravante PCNs – (Brasil, 1998, p. 93), a avaliação “deve ser compreendida como conjunto de ações organizadas com a finalidade de obter informações sobre o que o aluno aprendeu, de que forma e em quais condições”. No entanto, essa não é uma tarefa simples, pois, para que a avaliação ocorra de maneira efetiva, é necessário considerar quem ensina, quem aprende e o ensino oferecido.

No que se refere ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa – doravante LP –, o desafio é ainda maior, por se tratar de um componente curricular alicerçado no estudo do uso da língua e em suas formas de comunicação, tanto oral quanto escrita, com base na compreensão, produção textual e análise linguística/semiótica. Ou seja, sua estrutura está organizada em quatro eixos: Leitura, Oralidade, Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica.

Nesse contexto de ensino-aprendizagem, considerando o uso e a reflexão sobre a língua, a abordagem deve ocorrer por meio do texto, materializado em um gênero textual, de forma a contemplar todos os eixos e desenvolver uma avaliação que os considere em sua integralidade, que os articule entre si e lhes atribua o mesmo grau de relevância.

No entanto, percebemos, no cotidiano das salas de aula, um ensino individualizado e desarticulado entre os eixos, desencadeando um processo avaliativo de mesma natureza, no qual é possível haver o privilégio, ou até mesmo a exclusão, de algum deles.

Um exemplo claro disso é o eixo da Oralidade, que, frequentemente, não é contemplado em sua totalidade nas avaliações em nível municipal – centradas na leitura e alinhadas à matriz de referência do Sistema Nacional da Educação Básica

(SAEB) –, tampouco na Avaliação Contínua da Aprendizagem nos Anos Finais, parte do Pacto Nacional pela Recomposição das Aprendizagens e aplicada pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica da Paraíba (SIAVE), que também tem como foco principal a leitura e produção escrita.

Esse contexto justificou a relevância da pesquisa, primeiramente porque possibilitou descaracterizar, no cotidiano escolar, um modelo de ensino e de avaliação dos eixos de LP realizado de maneira desarticulada entre si. Em segundo lugar, por ter sido a primeira pesquisa acadêmica dessa natureza em LP, de acordo com o Sistema de Publicação Eletrônica de Teses e Dissertações da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que constitui o repositório institucional da instituição. Tal fato permitiu uma reflexão sobre a necessidade de se trabalhar os gêneros textuais nas aulas não apenas por meio de um único eixo, mas de forma integrada entre todos eles. Por fim, a pesquisa pôde contribuir para a formação integral do aluno no processo de ensino-aprendizagem e avaliação de LP.

Para tanto, consideramos os documentos norteadores, como os PCNs (Brasil, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular – doravante BNCC – (Brasil, 2018), nos quais o ensino-aprendizagem e a avaliação em LP devem contemplar todos os eixos e ser realizados por meio do texto.

Diante disso, questionamos: Como os alunos veem o processo avaliativo de LP? É possível que a avaliação no ensino de LP se realize através do gênero textual Seminário, de maneira que todos os eixos sejam contemplados e estejam articulados entre si? De que forma uma proposta didática pode contribuir para melhorar a avaliação dos eixos de LP?

Considerando alguns discursos educacionais, observamos que o professor é frequentemente citado como principal responsável por solucionar as questões/problemas relacionados ao processo de ensino-aprendizagem e avaliação. Isso ocorre porque é ele quem elabora as atividades, discerne a relevância do material selecionado, esclarece os objetivos e aplica a avaliação, buscando desenvolver as competências e habilidades comunicativas dos alunos.

Sendo assim, cabe ao professor desenvolver uma prática que considere o gênero textual, os eixos de LP e realize um ensino e uma avaliação coerentes com os objetivos previstos para o componente curricular. No entanto, esses mesmos discursos esquecem que o processo de ensino-aprendizagem e avaliação não

depende exclusivamente do professor; envolve vários fatores que estão além das suas atribuições.

Além disso, esquecem também que o professor segue as diretrizes de um sistema educacional, que, muitas vezes, o impossibilita de desenvolver uma prática metodológica eficiente, com resultados positivos a longo prazo e que contemple, de forma integrada, todos os eixos de LP em um mesmo gênero textual.

Acreditamos que, ao oferecer o suporte necessário ao professor, é possível avaliar, por meio do gênero textual Seminário, os quatro eixos de LP. Dessa forma, a presente pesquisa teve por objetivo geral desenvolver uma proposta didática de avaliação para articulação dos eixos oralidade, leitura, produção textual e análise-linguística/semiótica no processo avaliativo de LP, com mesmo grau de relevância, a partir do gênero textual Seminário.

Entretanto, para que esse objetivo fosse alcançado, tornou-se necessário desenvolver estratégias específicas, tais como:

- a. Apresentar abordagens teóricas sobre avaliação;
- b. Analisar o papel da avaliação no contexto escolar e no ensino de Língua Portuguesa;
- c. Definir o tratamento dos eixos de Língua Portuguesa — Leitura, Produção Escrita, Oralidade e Análise Linguística/Semiótica — nos documentos oficiais;
- d. Apresentar dados, a partir de questionários inicial e final, sobre o conhecimento dos alunos do 8.º ano acerca do gênero textual *Seminário*;
- e. Comparar os resultados dos questionários inicial e final aplicados;
- f. Analisar a proposta do livro didático *Português: Linguagens*, de Cereja e Vianna (2022), utilizado na rede de ensino, no que se refere ao ensino e à avaliação de Língua Portuguesa;
- g. Desenvolver uma proposta de sequência de atividades com foco na avaliação articulada dos eixos, por meio do gênero textual *Seminário*;
- h. Criar um módulo educacional com todas as atividades desenvolvidas sobre o gênero *Seminário*, a ser utilizado como recurso didático por outros professores em suas salas de aula.

Como referencial teórico para subsidiar nossa pesquisa, utilizamos, inicialmente, os documentos norteadores da educação nacional: os PCNs (Brasil, 1998) e a BNCC (Brasil, 2018), voltados para o Ensino Fundamental – Anos Finais.

Esses documentos defendem que a avaliação deve ser vista como uma ferramenta reflexiva e formativa para auxiliar tanto o professor quanto o aluno, reconhecendo a necessidade de se considerar o contexto no processo de aprendizagem.

No que se refere às abordagens teóricas de avaliação, numa perspectiva mais ampla, destacamos autores como Luckesi (2011, p. 263), que apresenta a avaliação da aprendizagem como “um recurso pedagógico disponível ao educador para que auxilie o educando na busca de sua autoconstrução e de seu modo de estar na vida mediante aprendizagens bem-sucedidas”, e Hoffmann (1991, p. 20), que afirma que avaliar “é dinamizar oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento permanente do professor, que incitará o aluno a novas questões a partir de respostas formuladas”. Ambas as abordagens defendem que a avaliação da aprendizagem não se resume à medição de conhecimentos, mas é essencial no processo de ensino-aprendizagem, pois indica o crescimento pessoal e estimula o pensamento crítico.

Em uma perspectiva voltada ao ensino de LP, destacamos as contribuições de Beth Marcuschi e Livia Suassuna (2007), que tratam dos eixos do componente curricular e de uma abordagem sobre os instrumentos avaliativos. Segundo Suassuna (2007, p. 113), esses instrumentos têm “a função de mobilizar experiências e saberes prévios, acionar estratégias cognitivas, estimular a reflexão, o questionamento, o cotejo de conhecimento”, ou seja, são essenciais para indicar o andamento da aprendizagem.

Além disso, consideramos a perspectiva de Antunes (2003), que propõe uma nova tomada de posição diante do ensino de LP; Marcuschi (2008) cuja teoria sobre os gêneros textuais os define como “entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos a funções, propósitos, ações e conteúdos” (p. 159); e Gomes-Santos (2012), que considera a exposição oral como um “gênero textual que agencia um conjunto amplo de textos, colocando-os em relação com outros textos, a fim de tornar público um assunto ou tema” (p. 17).

Metodologicamente, nossa pesquisa caracterizou-se como exploratória e descritiva, com abordagens bibliográfica, quanti-qualitativa e pesquisa-ação, dando maior destaque à última, já que nosso foco foi minimizar um problema do cotidiano escolar. Para isso, aplicamos dois questionários (inicial e final) e desenvolvemos uma sequência de atividades abordando o gênero textual seminário, contemplando todos os eixos de LP, com uma turma de alunos do 8º Ano da Rede Municipal de Esperança – PB. A escolha desse gênero justificou-se por sua relevância não apenas para o

ensino de LP, mas também pelo fato de que todos os componentes curriculares o utilizam como recurso metodológico e estratégia pedagógica.

Após o levantamento dos dados coletados por meio dos questionários, do livro didático *Português Linguagens*, utilizado pelo município, e das sequências de atividades, partimos para a análise. Concluída essa fase, esperávamos, como resultados, que os alunos, a partir do estudo do gênero seminário, compreendessem que, para o ensino e a avaliação de LP exercerem seus propósitos, todos os eixos devem ser contemplados e estar articulados entre si.

Como produto, criamos um Módulo Educacional, reunindo todas as atividades desenvolvidas sobre o gênero seminário, para ser utilizado como recurso didático.

Nossa pesquisa esteve estruturada didaticamente em quatro tópicos principais. O primeiro tratou da contextualização do estudo, apresentando as principais informações a respeito da proposta. O segundo tópico abordou o aporte teórico, explorando a avaliação no processo de ensino-aprendizagem e nos eixos de LP, além de discutir a teoria do gênero e a teoria do gênero textual seminário. O terceiro tópico descreveu todo o percurso metodológico da pesquisa: a natureza, o *lócus*, os colaboradores e a caracterização da sequência de atividades realizada. Por fim, o quarto tópico apresentou e discutiu os resultados da proposta didática.

2. CAMINHOS TEÓRICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentamos o conceito de avaliação a partir de uma perspectiva geral, iniciando com definições de dicionário, seguidas da discussão das concepções de estudiosos sobre o ato de avaliar no contexto educacional e no processo de ensino-aprendizagem de LP. Também exploramos as perspectivas teórica de cada eixo – Oralidade, Leitura, Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica – e finalizamos destacando o papel do gênero textual Seminário na promoção das competências e habilidades dos alunos.

2.1. O Ato Avaliar e Avaliação do Ensino-Aprendizagem

O ato de avaliar, ainda hoje, está frequentemente associado às ideias de aprovar ou reprovar os objetos ou sujeitos avaliados, caracterizando o ato de aprovar como um resultado positivo e o ato de reprovar, como um resultado negativo. Essa compreensão está presente em todas as áreas do desenvolvimento social e humano, desde as relações sociais mais corriqueiras até as relações profissionais.

Sendo assim, para melhor entendermos o sentido desse ato indispensável, foi necessário conhecermos o significado do termo *avaliar*.

Avaliar (a·va·li·ar)

1. Calcular ou determinar o valor, o preço ou o merecimento de;
2. Reconhecer a intensidade, a força de;
3. Apreciar o valor de algo ou alguém;
4. Fazer o cômputo de; calcular, computar, orçar;
5. Supor previamente; julgar segundo certas probabilidades; pressupor, presumir;
6. Considerar (-se), julgar (-se), ter (-se) em conta de.

Fonte: Dicionário Michaelis.

Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues>

Notamos, pelas definições expostas no dicionário Michaelis, que a ideia de associar o ato de avaliar às ideias de aprovar e reprovar é compreensível e praticada constantemente na vida do ser humano.

Ferreira e Leal (2007, p. 11) afirmam concordar que “a avaliação é um processo inevitável, consciente ou inconsciente, que começa quando acordamos”. Isso porque a avaliação sempre esteve presente na vida das pessoas, seja em situações simples do dia a dia – como na escolha de uma roupa ou de um corte de cabelo, na aquisição

de algo que ganhe ou queira comprar –, seja na aprovação ou reprovação das atitudes de outras pessoas. Ou ainda de maneira mais complexa, avaliar no sentido de aprovar ou reprovar, que interfere diretamente na vida social das pessoas, tendo como direcionamento a análise do currículo para contratação em empresas, e na vida acadêmica, que traz em seu contexto histórico a polêmica controvérsia entre aprovar ou reprovar o educando.

As autoras complementam que o principal objetivo de realizar a avaliação é

promover a construção do conhecimento, pois, na vida ordinária, em diferentes momentos históricos, o processo de valoração humana tem favorecido reflexões para se buscar novos caminhos e novas explicações para os fenômenos sociais e da natureza. (Ferreira & Leal, 2007, p. 12).

Ou seja, a avaliação oportuniza a construção e aprofundamento do conhecimento em diferentes contextos, ajuda a refletir sobre diferentes aspectos da vida, tornando-se indispensável na vida diária. Quando relacionada à construção do conhecimento no ambiente educativo, torna-se primordial, pois é pelo propósito dessa construção que o aluno é avaliado, de forma sistemática ou assistemática.

Perrenoud (1999, p. 11) afirma que “antes de regular as aprendizagens, a avaliação regula o trabalho, as atividades, as relações de autoridade e a cooperação em aula e, de uma certa forma, as relações entre a família e a escola ou entre outros profissionais”, reafirmando que a avaliação se faz presente em todos os contextos da vida humana. Independentemente da situação que a avaliação seja utilizada, sempre terá, em seu contexto, o caráter classificatório e seletivo, pois a sociedade sempre busca padrões de qualidade e excelência.

Além desta postura tradicional de avaliar, Luckesi (2011), em sua teoria, defende que a avaliação é forma de conhecimento e, como tal, subsidia a obtenção de resultados satisfatórios em determinada ação. Ele também afirma que a avaliação tem “por função lembrar ao gestor que necessita de ser mais cuidadoso do que já tem feito em seu agir, se efetivamente deseja atingir os resultados almejados” (Luckesi, 2011, p. 148). Nessa perspectiva, o ato de avaliar deixa de ser um processo mecânico e passa a ser reflexivo, buscando transformar o próprio ato avaliativo. Torna-se, assim, um ato investigativo, voltado para o conhecimento da realidade. Ao estudá-la, é possível desenvolver subsídios para intervir e agir quando necessário, visando a

melhoria dos resultados dessa realidade, e, conseqüentemente, desenvolver ações que resultarão nos resultados satisfatórios. A teoria de avaliação proposta pelo autor pode ser visualizada e compreendida no seguinte quadro:

QUADRO 1: O Ato de Avaliar

AVALIAR = INVESTIGAR → CONHECER → AGIR

Fonte: Adaptação e Luckesi (2011)

O autor apresenta a compreensão do ato de avaliar como um processo caracterizado por um ato investigativo, que conduz à aquisição do conhecimento da realidade e, por consequência, à tomada de decisões, ações ou intervenções, com o objetivo de alcançar um resultado satisfatório. Investigar e conhecer a realidade para agir, levam à eficiência da ação, melhorando a situação avaliada. Sendo assim, avaliar é um ato de investigação da realidade, que, sendo estudada, descrita e qualificada, desvenda por meio do processo avaliativo, suas qualidades ou possíveis deficiências, oferecendo subsídios necessários para a tomada de decisões e ações interventivas, visando alcançar os resultados desejados, sejam estes voltados para uma certificação ou para o acompanhamento de uma ação.

É por considerar a avaliação como um ato investigativo que percebemos o sistema educacional brasileiro em constante busca por um ensino de qualidade e inclusivo, uma vez que ele vive em permanente transformação teórica e prática desde seus primórdios. Teorias educacionais estão sempre emergindo, leis sendo criadas e aperfeiçoadas – tudo em prol de uma *Aprendizagem Significativa*, caracterizada

pela interação entre conhecimentos prévios e conhecimentos novos, e que essa interação é não literal e não arbitrária. Nesse processo, os novos conhecimentos adquirem significado para o sujeito e os conhecimentos prévios adquirem novos significados ou maior estabilidade cognitiva (Moreira, 2010, p. 2).

Temos uma aprendizagem capaz de acompanhar as necessidades dos alunos, juntamente com as inovações tecnológicas.

Todavia, mesmo com todos os esforços, percebemos que nomenclaturas são criadas, debatidas, algumas vezes implementadas ou substituídas, mas os discursos, em muitas escolas, continuam ativos, fortes e fixados na pedagogia tradicional do

século XVI, na qual prevalece uma avaliação baseada na verificação e fixação de conteúdo – mesmo em pleno século XXI.

São cinco séculos de desenvolvimento de teorias e práticas; entretanto, quando observamos o processo avaliativo, percebemos que a tradição ainda perdura.

Perrenoud (1999), ao se direcionar às questões educacionais, afirma que

Avaliar é – cedo ou tarde – criar hierarquias de excelência, em função das quais se decidirão a progressão no curso seguido, a seleção no início do secundário, a orientação para diversos tipos de estudos, a certificação antes da entrada no mercado de trabalho e, frequentemente, a contratação. Avaliar é também privilegiar um modo de estar em aula e no mundo, valorizar formas e normas de excelência, definir um aluno modelo, aplicado e dócil para uns, imaginativo e autônomo para outros... (Perrenoud, 1999, p. 9).

A avaliação sempre esteve associada à visão tradicional de padrão de excelência, sendo utilizada para identificar qual aluno desenvolveu a aprendizagem e se encaixa nos padrões estabelecidos, bem como apontar aquele que não desenvolveu satisfatoriamente essa aprendizagem.

A pedagogia tradicional acredita que o ser humano nasce pronto¹, preparado para o aqui e agora, caracterizando a avaliação como um acompanhamento classificatório, delimitado pelos termos satisfatório – associado à aprovação – e insatisfatório – associado à reprovação.

Ou seja, aquele considerado apto é bonificado e recebe, como resultado, a aprovação acompanhada com a promoção para uma nova etapa acadêmica, enquanto o não apto recebe, como resultado, a reprovação, que na maioria das vezes, vem acompanhada da evasão e do fracasso escolar.

Tais resultados são atribuídos ao aluno como responsável – principalmente no caso da reprovação – pois, segundo Luckesi (2011, p. 68) “se o estudante não tem um desempenho satisfatório, a responsabilidade é exclusivamente sua”. Dessa forma, recebe como punição a reprovação, o que descaracteriza a avaliação como um recurso de construção e desenvolvimento do aluno.

Esse discurso de que o aluno já deve estar pronto ainda é muito presente nas salas de aula, sendo reproduzido por grande parte dos professores ao perceberem, em suas turmas, alunos que não desenvolveram plenamente as competências e

¹ Pela pedagogia tradicional, o ser humano chega ao mundo pronto, dessa forma não há o que fazer com o educando para o seu desenvolvimento, sendo papel do educador classifica-lo em termos do nível de prontidão (Luckesi, 2011).

habilidades esperadas para determinada série/ano. Essa realidade acaba dificultando o desenvolvimento das aulas planejadas, levando muitos docentes a optarem pela prática da aplicação dos tradicionais exames.

Assim como no século XVI, os exames ainda são utilizados, em pleno século XXI, por muitas instituições escolares como parâmetro para definir a eficiência do ensino e como instrumento para estimular o interesse do aluno — interesse este alimentado pelo medo de obter notas ou médias baixas. O foco, portanto, não recai sobre a avaliação da aprendizagem como um processo contínuo e evolutivo, mas sobre as notas, as médias e os resultados — independentemente do processo de aquisição do conhecimento, seja este efetivo ou não.

Dessa forma, ainda prevalece a prática dos exames com caráter punitivo, de controle comportamental e de seleção social, embora travestida pela nomenclatura de avaliação.

Luckesi (2011, p. 180) afirma “fomos transitando do uso da expressão examinar a aprendizagem para o uso de avaliar a aprendizagem dos estudantes, porém, na prática, continuamos a realizar exames – ou seja, mudamos a denominação sem mudar a prática”. Esse comportamento se reflete em muitos professores, que ainda desenvolvem sua prática avaliativa com base no exame, configurando um resultado negativo que interfere diretamente na vida social do aluno.

Para reforçar sua afirmação, o autor apresenta a diferença entre as duas práticas – a dos exames e a da avaliação – exposta no quadro abaixo:

QUADRO 2: Diferença entre Exame e Avaliação

EXAMES	AVALIAÇÃO
Olhar fixado no passado;	Olhar voltado para o presente pensando no futuro;
Prevalecem atrelados aos problemas da aprendizagem;	Subsidia soluções com base em um diagnóstico;
Atenção no produto, ou seja, no desempenho final do examinado;	Atenção no processo da construção do resultado que levará ao produto final;
Simplifica a realidade, sendo o educando o único responsável pelo resultado do seu desempenho;	Considera a complexidade da realidade presentes nas variáveis que intervêm na produção do resultado;
Pontuais (aqui e agora);	Não pontual (antes, agora e o que ainda pode vir a ocorrer);

Classificatórios;	Diagnóstico;
Seletivos;	Inclusiva;
Antidemocráticos (exclui parte dos estudantes que demandam aprendizagem)	Democrática (todos aprendem e se desenvolvem);
Autoritários.	Dialógica.

Fonte: Adaptado de Luckesi (2011)

Considerando as diferenças apresentadas, a prática que ainda tende a prevalecer entre os professores, em suas salas de aula, é a dos exames, pois a maior preocupação está no resultado final que conduzirá ao ato de aprovar ou reprovar o aluno. Esse ato está diretamente ligado a um percentual estatístico – positivo ou negativo – apresentado ao final de cada ano letivo aos representantes legais, que com base nesses resultados, analisam o andamento do ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, apresentam pontos de vista, orientações e questionamentos sobre o desenvolvimento do processo educacional.

Todavia, a avaliação na educação deveria estar voltada para uma aprendizagem ativa e efetiva do aluno, sendo compreendida como um processo investigativo e interventivo – ou seja, uma avaliação que acompanhasse a ação educativa. Esta abordagem denominada por Luckesi (2011) como Avaliação Operacional, reflete no ambiente escolar tanto na qualidade da aprendizagem do aluno (foco no processo) quanto no resultado final (foco no produto). Uma vez que “a aprendizagem é a ação de aprender realizada pelo aluno, cujo resultado final é a aprendizagem satisfatória, contando com o suporte do ensino – objeto da ação e do investimento do educador” (Luckesi, 2011, p. 174).

Contudo, para que o resultado final da aprendizagem seja satisfatório, faz-se necessário aprender a avaliar, o que “significa aprender os conceitos teóricos sobre avaliação, mas concomitante a isso, aprender a praticar a avaliação, traduzindo-a em atos do cotidiano” (Luckesi, 2011, p. 30). Nesse sentido, é imprescindível a presença de duas peças chaves fundamentais para que o processo avaliativo ocorra de forma dinâmica e construtiva: o mediador da aprendizagem (professor) e o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola. Ambos são responsáveis diretos pela ação pedagógica – o primeiro por executá-la, e o segundo por apresentar os objetivos e diretrizes voltados ao desenvolvimento do aluno –, embora que nem sempre se encontrem articulados no contexto escolar.

Segundo Hoffmann (2018, p. 2),

avaliar é agir com base na compreensão do outro, para se entender que ela nutre de forma vigorosa todo o trabalho educativo” e a “avaliação é uma ação ampla que abrange o cotidiano do fazer pedagógico e cuja energia faz pulsar o planejamento, a proposta pedagógica e a relação entre todos os elementos da ação educativa.

Sendo assim, para que o processo avaliativo cumpra seu papel, é necessário que o professor observe o aluno, analise e compreenda como desenvolver sua aprendizagem, a fim de definir qual a melhor metodologia para promovê-la.

No entanto, reconhecemos que a prática avaliativa do professor, no cotidiano escolar, é reflexo de suas experiências enquanto aluno e também enquanto professor, o que faz com que se estabeleça, em sua prática, uma nítida relação com a concepção tradicional de avaliação. Essa concepção está associada à prática de avaliações por meio de testes, provas, atividades escritas, orais e pesquisas, com foco na obtenção de pontos e/ou notas, aprovação ou reprovação. Isso evidencia uma prática ainda pautada na pedagogia do exame, que atinge os alunos que vivenciam as mesmas experiências e acabam por adotar essa mesma concepção de avaliação como instrumento de classificação, seleção, exclusão e julgamento dos resultados alcançados. Esse processo avaliativo é, com frequência, desenvolvido pelo professor a partir de três procedimentos para aferição do aproveitamento escolar, apresentados no quadro abaixo:

QUADRO 3: Procedimentos para Aferição do Aproveitamento Escolar

• Medida de aproveitamento escolar – caracterizada pela quantidade de “acertos” de questões elaboradas para o teste, prova ou trabalho, a partir de um conteúdo específico desenvolvido em sala de aula;
• Transformação da medida em nota ou conceito – por meio da associação entre o número de acertos com os pontos adquiridos pelo aluno, estabelecendo-se uma conotação numérica (notas) ou uma conotação verbal (conceitos);
• Utilização dos resultados – seja para simples registro documental; para oportunizar ao aluno uma nova possibilidade de melhoria da nota/conceito; ou para tentar sanar as dificuldades de aprendizagem apresentada pelo educando.

Fonte: Adaptado de Luckesi (2011)

Analisando os procedimentos apresentados e associando-os à realidade da sala de aula, percebemos que o primeiro processo é um clássico. Ele prioriza apenas a aplicação do material produzido a partir de um conteúdo específico, que deve ser aplicado em uma data agendada ou como teste surpresa, composto por uma quantidade de questões às quais são atribuídos valores. Esse modelo desconsidera todo o caminho percorrido pelo aluno até o momento da avaliação, o que confere ao ato avaliativo um caráter negativo. Na maioria das vezes, o aluno preocupa-se apenas em decorar o conteúdo para resolver o problema ocasionado por aquela situação em que se encontra.

O segundo procedimento de aferição estabelece notas ou conceitos com base no número de acertos obtidos pelo aluno na resolução do material aplicado, demonstrando que o foco está apenas no resultado alcançado – não importando como esse resultado foi obtido: se por meio de um processo de ensino-aprendizagem eficiente ou por colar² as respostas.

Por fim, há o uso dos resultados, procedimento comumente adotado pela maioria dos professores apenas como registro documental exigido pela instituição. Esse enfoque limita-se ao resultado final – aprovação ou reprovação. No entanto, esse procedimento poderia ser ressignificado e utilizado como ferramenta para a promoção da aprendizagem, por estar direcionado à tomada de decisões pedagógicas. Seu uso adequado pode favorecer a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de competências e habilidades, promovendo, assim, uma aprendizagem ativa.

Talvez seja essa concepção tradicional de avaliação que perdure na escola, visto que a sociedade ainda associa a ideia de ensino de qualidade às práticas tradicionais de avaliação, o que gera uma grande resistência à mudança para novas práticas avaliativas. Isso ocorre, pois ainda se acredita que, havendo mudanças no processo avaliativo, “os professores tendem a ser menos exigentes do que tradicionalmente e que as escolas não oferecem o ensino competente à semelhança das antigas gerações” (Hoffmann, 2012, p. 14). Consequentemente, considera-se que o aluno seja menos qualificado na aprendizagem.

² no linguajar escolar, indica o ato pelo qual um estudante copia a resposta dada por outro colega a determinado item de teste ou prepara uma cópia prévia para usá-la como base para sua resposta (Luckesi, 2011, p. 412).

Essa ideia equivocada de ensino competente, com foco no resultado final, vem acompanhada de uma prática avaliativa classificatória e excludente, que ignora os fatores externos que podem interferir no processo de ensino-aprendizagem do aluno, prejudicando sua formação acadêmica e social. Além disso, essa abordagem nega o verdadeiro objetivo e função do ato de avaliar, evidenciando que a avaliação está direcionada para a aprovação/reprovação ou para a obtenção de resultados transformados em índices. Na maioria das vezes, esses índices servem apenas para verificar o desempenho do aluno em determinado conteúdo, além de, indiretamente, avaliar o professor responsável pelos conteúdos previstos para aquela série/ano e período avaliados.

Um bom exemplo dessa prática classificatória são os exames do Sistema Nacional da Educação Básica (SAEB) e o Sistema de Avaliação da Educação Básica da Paraíba (SIAVE) para o Ensino Fundamental, realizados ano após ano, pelo sistema educacional. Esses exames mobilizam profissionais da educação, professores, pais e aluno a direcionarem suas atenções para os índices a serem alcançados, deixando em segundo plano o objetivo principal da avaliação que “é subsidiar o ensino e a aprendizagem bem-sucedidos no interior de um projeto pedagógico” (Luckesi, 2011, p. 148).

Vasconcellos (2000), em uma de suas passagens, afirma: “é necessário colocar a avaliação em questão, para poder transformá-la” (Vasconcellos, 2000, p. 18). Para o autor, se não refletirmos sobre a avaliação, torna-se impossível promovê-la de forma transformadora. No entanto, ao questioná-la, identificamos suas fragilidades e exploramos estratégias para melhorá-la. Com isso, modificamos nossa percepção sobre o processo avaliativo, antes preso à abordagem tradicional, agora orientado por um novo objetivo: a formação integral do aluno.

No entanto, para transformar o processo avaliativo, é imprescindível desejar a mudança, principalmente, aderir a ela. De nada adianta reconhecer que a mudança precisa ocorrer e continuar utilizando a avaliação como instrumento de controle, de reprodução de valores alienantes e de discriminação social. É preciso colocar essa vontade de mudança em prática e redirecionar a avaliação para uma aprendizagem efetiva do aluno – entendida como

um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências,

suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos (Vasconcellos, 2000, p. 44).

Para tanto, “é necessário compreender efetivamente o problema, captar o movimento do real em termos da avaliação na prática” (Vasconcellos, 2000, p. 21). É fundamental partir da prática, refletir sobre a prática e transformar a prática, sem subestimar a complexidade envolvida nesse processo. Mesmo reconhecendo a íntima ligação entre avaliação e questões políticas – que levam o sistema educacional a utilizá-la como instrumento de controle e monitoramento oficial da educação do país –, é preciso resgatar seu verdadeiro papel formativo e emancipador.

É inegável que a avaliação desempenha um papel essencial no processo de ensino-aprendizagem, sendo evidente a necessidade de mudanças na percepção e nas práticas avaliativas, a fim de atender às novas demandas educacionais e às reais necessidades dos alunos.

Nesse contexto, o professor se destaca como figura central no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que é quem ensina, busca promover a aprendizagem, define o foco da avaliação e atribui sentido ao processo avaliativo. Sobre isso, Vasconcellos (2000, p. 47) afirma que o sentido maior que o professor deve atribuir à avaliação é “avaliar para que os alunos aprendam mais e melhor”. Para tanto, o professor deve se posicionar de forma que o aluno perceba sua disposição em auxiliá-lo nas dificuldades, estabelecendo uma relação de interação que garanta sua formação integral.

Dessa forma, a avaliação ocorre de maneira comprometida com a aprendizagem, priorizando o desenvolvimento integral do aluno, por meio da interação entre professor e aluno. Assim, desconstrói-se a concepção tradicional de avaliação, centrada nas notas, na classificação e, principalmente, na exclusão.

As mudanças no cotidiano das salas de aula, no sentido de combater a prática de exames e, principalmente, da reprovação, já começaram a ocorrer. O professor, agora, reflete criticamente sobre os atos de aprovar e reprovar, compreendendo que não se trata apenas de promover ou reter o aluno na série/ano, mas de considerar o que a escola, como instituição, fará diante de situações como: o que será feito com o aluno promovido sem o devido desenvolvimento das competências necessárias – muitas vezes apenas para atender a demandas estatísticas? E o que será feito com o aluno retido, que pode se fragilizar diante das sequelas educacionais irreversíveis?

Tais sequelas podem se manifestar em problemas como a distorção idade-série; a defasagem pedagógica; o impacto negativo no desenvolvimento socioemocional do aluno, contribuindo para a evasão escolar; e, ainda, na frequente culpabilização da equipe escolar, vista como responsável pela implementação de ações voltadas à redução dos problemas educacionais e à promoção da melhoria do desempenho do aluno.

É por refletir criticamente sobre o processo avaliativo que o professor reconhece a necessidade de buscar maior embasamento teórico, afim de transformar suas práticas avaliativas de maneira coerente e efetiva, compreendendo-as como uma ação reflexiva voltada para a construção do conhecimento do aluno – sujeito de sua própria formação pessoal e social.

Nessa perspectiva, avaliar “é dinamizar oportunidades de ação-reflexão, num acompanhamento permanente do professor, que incitará o aluno a novas questões a partir de respostas formuladas” (Hoffmann, 1991, p. 20). Ou seja, o papel do professor é promover no aluno a inquietação, a reflexão e o questionamento, considerando as diferentes formas de responder as questões que lhe são impostas, oportunizando, assim, a construção de novos conhecimentos.

Logo, “a avaliação deixa de ser um momento terminal do processo educativo para se transformar na busca incessante de compreensão das dificuldades do educando e na dinamização de novas oportunidades de conhecimento” (Hoffmann, 1991, p. 21).

A ênfase está no professor: avaliar para compreender as dificuldades apresentadas pelo aluno, identificar por que ele não está aprendendo e de que forma pode ajudá-lo. Ou seja, avaliar para oportunizar novas possibilidades de aprendizagem, desenvolvidas a partir de objetivos bem definidos e de uma relação dialógica entre professor e aluno – caracterizada por um ensino competente e de qualidade, que garante não apenas o acesso, mas também a permanência do aluno na escola, contribuindo, assim, para a formação integral e o pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

Nessa perspectiva, a proposta é trabalhar com uma avaliação que priorize o aluno, buscando compreender e valorizar suas particularidades,

insistindo em conhecê-lo melhor, em entender suas falas, seus argumentos, teimando em conversar com ele em todos os momentos, ouvindo todas as suas perguntas, fazendo-lhe novas e desafiadoras questões, implicantes, até

na busca de alternativas para uma ação educativa voltada para a autonomia moral e intelectual (Hoffmann, 2012, p. 33).

A ideia é o professor conhecer o aluno e o reconheça inserido em determinado contexto social, buscando compreender como o processo de ensino-aprendizagem se realiza individualmente. Isso implica respeitar as particularidades do aluno, dando-lhe vez e voz durante o processo, em uma relação dialógica entre professor e aluno. Trata-se de compreender que o aluno não é um receptáculo vazio de conhecimento, mas um autor na construção de sua história, por meio da interação com o meio em que vive. Sendo assim, ele necessita da oportunidade de refletir sobre o diferente e sobre a diversidade de discursos que o cercam, pois “o desenvolvimento do indivíduo se dá por estágios evolutivos do pensamento a partir de sua maturação e suas vivências” (Hoffmann, 2012, p. 49). Só assim, o aluno será capaz de desenvolver a reflexão, a autonomia, a criticidade, a criatividade e a participação social enquanto cidadão.

Diante das novas demandas educacionais, é imprescindível que o processo avaliativo passe por transformações, tornando-se contínuo e significativo, de modo a contemplar as particularidades e necessidades individuais do aluno, promovendo o desenvolvimento pleno de suas competências. Para alcançar esse objetivo, é fundamental que a escola e o professor utilizem a avaliação como estratégia pedagógica eficaz, assegurando que ela cumpra sua função principal: acompanhar o processo de ensino-aprendizagem do aluno de forma coerente e significativa.

2.2. Avaliação no Componente Curricular Língua Portuguesa

Com as mudanças no panorama educacional brasileiro voltadas à melhoria da qualidade do ensino, foram elaborados documentos norteadores como os PCNs (Brasil, 1998) e a BNCC (Brasil, 2018). Tais documentos oferecem diretrizes para o processo de ensino-aprendizagem e avaliação em todos os componentes curriculares e modalidades de ensino.

Entretanto, nesta pesquisa, as informações utilizadas referem-se à avaliação do componente curricular Língua Portuguesa, especificamente nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

De acordo com os PCNs (Brasil, 1998, p. 93) “a avaliação deve ser compreendida como um conjunto de ações organizadas com a finalidade de obter

informações sobre o que o aluno aprendeu, de que forma e em quais condições”, destacando a necessidade de distanciamento da prática tradicional dos exames. O documento enfatiza que a avaliação deve funcionar como um instrumento que possibilite ao professor refletir sobre sua prática pedagógica, avaliar o que o aluno aprendeu e identificar as ações necessárias para melhorar a qualidade do ensino.

Para o aluno, a avaliação constitui um meio de reconhecer seus avanços, dificuldades e oportunidades de aperfeiçoamento, tornando-o mais reflexivo e autônomo em relação à sua aprendizagem. Embora essa seja a perspectiva de avaliação ideal a ser desenvolvida no ambiente escolar, observamos que, na educação brasileira, ainda prevalece, em grande medida, a prática da avaliação como mera verificação da aquisição do conhecimento escolar.

Com a pedagogia tradicional, a responsabilidade pelos resultados satisfatórios recaía apenas sobre o aluno. No entanto, com a nova perspectiva apresentada pelos PCNs, essa visão se amplia, atribuindo a responsabilidade pelo processo de aprendizagem ao professor — como mediador —, ao aluno — aprendiz em processo de construção de conhecimentos — e também às interferências das variáveis que influenciam a realidade em que ambos estão inseridos.

O documento destaca que, para que a avaliação exerça sua função, é essencial que os objetivos do ensino favoreçam a evolução progressiva do educando. Além disso, orienta sobre os critérios a serem considerados no processo avaliativo, garantindo que ele seja efetivo e coerente. Esses critérios incluem:

- Demonstrar compreensão de textos orais, nos gêneros previstos para o ciclo, por meio de retomada dos tópicos do texto;
- Atribuir sentido a textos orais e escritos, posicionando-se criticamente diante deles;
- Ler de maneira independente textos com os quais tenha construído familiaridade;
- Compreender textos a partir do estabelecimento de relações entre diversos segmentos do próprio texto e entre o texto e outros diretamente implicados por ele;
- Selecionar procedimentos de leitura adequados a diferentes objetivos e interesses (estudo, formação pessoal, entretenimento, realização de tarefa) e a características do gênero e suporte;
- Coordenar estratégias de leitura não-lineares utilizando procedimentos adequados para resolver as dúvidas na compreensão e articulando informações textuais com os conhecimentos prévios;
- Produzir textos orais nos gêneros previstos para o ciclo, considerando as especificidades das condições de produção;
- Redigir textos na modalidade escrita nos gêneros previstos para o ciclo, considerando as especificidades das condições de produção;

- Escrever textos coerentes e coesos, observando as restrições impostas pelo gênero;
- Redigir textos utilizando alguns recursos próprios do padrão escrito relativos à paragrafação, pontuação e outros sinais gráficos, em função do projeto textual;
- Escrever textos sabendo utilizar os padrões da escrita, observando regularidades linguísticas e ortográficas;
- Revisar os próprios textos com o objetivo de aprimorá-los;
- Utilizar os conceitos e procedimentos constituídos na prática de análise linguística.

Fonte: Brasil (1998, p. 95-98).

Observamos que os critérios avaliativos estabelecidos pelos PCNs contemplam todos os eixos que compõem o ensino de LP, fornecendo referências e orientações que direcionam a contextualização e o desenvolvimento integral do aluno. No entanto, esses critérios não especificam como a avaliação deve ser realizada do cotidiano escolar, deixando uma lacuna nas orientações práticas para os professores. Essa ausência faz com que muitos professores optem por uma avaliação sob uma perspectiva tradicional, que não atende plenamente às demandas de um ensino mais dinâmico e reflexivo.

Os PCNs são documentos orientadores que têm como objetivo direcionar o processo de ensino-aprendizagem em nível nacional, para que a educação alcance a qualidade e os resultados desejados. No entanto, como todo documento orientador, ao chegar à realidade escolar, é necessário que sejam feitas adaptações para que possam ser aplicadas de maneira eficaz, respeitando o contexto socioeconômico, histórico e cultural, além das diversidades existentes. Isso também se aplica aos critérios de avaliação de LP, que precisam ser ajustados à realidade e às particularidades de cada sala de aula para que sejam, de fato, eficazes.

O documento explicita que o processo avaliativo de Língua Portuguesa deve ser reflexivo, contribuindo para o protagonismo do aluno — o que é positivo —, e não orienta que se deva priorizar um eixo em detrimento de outro. No entanto, ao observarmos como esse processo acontece no cotidiano das salas de aula, percebemos que ainda prevalece uma abordagem baseada em exames tradicionais, que, na maioria das vezes, privilegia amplamente um dos eixos: a Leitura. Essa abordagem pode resultar em um processo avaliativo no qual o aluno desconhece os critérios pelos quais está sendo avaliado — a exemplo do trabalho com o gênero

Seminário, pertencente à modalidade oral, mas que exige o desenvolvimento de habilidades em todos os eixos.

Com os PCNs apresentando a avaliação como um processo reflexivo, abre-se o caminho para a BNCC (Brasil, 2018), documento mais recente que reafirma e assegura a importância do desenvolvimento integral das competências do aluno. A BNCC reforça a necessidade de considerar todas as variáveis da realidade vivenciada pelo aluno, pois essas influenciam, direta e indiretamente, seu processo de aprendizagem. Além disso, destaca a importância de articulação entre as etapas educacionais para que não haja rupturas no percurso formativo do aluno.

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, o aluno já é capaz de abstrair, refletir e se posicionar diante dos acontecimentos. Sendo assim, “é importante fortalecer a autonomia desses adolescentes, oferecendo-lhes condições e ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informações” (Brasil, 2018, p. 60). E no que se refere ao componente curricular de LP, a BNCC destaca que a esse componente cabe

proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (Brasil, 2018, p. 67).

Dessa forma, a BNCC defende a ideia que o aluno deve atuar como protagonista de sua formação e que seja garantido o desenvolvimento de suas competências, uma vez que a aprendizagem é um processo de construção contínua. Para isso, é fundamental que se construam e apliquem

procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos (Brasil, 2018, p. 17).

Complementando essa perspectiva, Perrenoud (1999, p. 78) define a avaliação formativa como “toda prática de avaliação continuada que pretende contribuir para melhorar as aprendizagens em curso, qualquer que seja o quadro e qualquer que seja a extensão concreta da diferenciação do ensino”. Nessa concepção, a avaliação não se limita a momentos específicos, mas se faz presente durante todo o percurso

educacional do aluno, sendo utilizada pelo professor como um instrumento regulador do processo e progresso, que interveem para aprimorar a aprendizagem.

A aprendizagem acontece constantemente e, por essa razão, o processo avaliativo deve ser estruturado de forma a garantir seu desenvolvimento. Tendo isso em vista, a avaliação do componente LP para o Ensino Fundamental deve priorizar o desenvolvimento das dez competências específicas do aluno, as quais são:

- Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
- Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
- Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulem em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
- Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
- Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao (s) interlocutor (es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
- Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.
- Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.
- Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).
- Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.
- Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

Fonte: Brasil (2018, p. 87)

As competências elencadas refletem a busca pela formação de alunos conscientes e autônomos, capazes de se posicionar criticamente nos diversos contextos de interação social. Assim, a BNCC propõe a Avaliação por Competência, pois esta não segue um formato específico de avaliação; o foco está no

desenvolvimento das competências e habilidades do aluno. Nesse contexto, “competência significa a capacidade de fazer alguma coisa de modo adequado, servindo-se, para tanto de variadas habilidades” (Luckesi, 2011, p. 409). Dessa maneira, a competência se caracteriza como algo mais complexo, pois define o conteúdo a ser ensinado, enquanto as habilidades são consideradas mais simples, por corresponderem aos passos que o aluno deve executar para desenvolver essa competência.

Assim como o documento anterior, a BNCC defende o protagonismo do aluno em seu processo de ensino-aprendizagem, propondo uma avaliação que contemple os conhecimentos adquiridos, bem como as competências e habilidades desenvolvidas ao longo de sua formação. No entanto, embora essa proposta seja positiva ao introduzir uma metodologia orientada pelo trabalho por Campos de Atuação³, sua implementação prática no cotidiano da sala de aula enfrenta desafios. Entre esses desafios estão a falta de clareza do professor em relação à proposta, o fator tempo – já que avaliar por competência não segue a dinâmica da avaliação tradicional bimestral à qual o professor está habituado – e a diversidade heterogênea da sala de aula, que muitas vezes torna mais prático nivelar os alunos por meio da prática da avaliação tradicional.

2.3. Avaliação dos Eixos de LP

O ensino de Língua Portuguesa tem passado por modificações significativas, especialmente em seu processo avaliativo. Na perspectiva tradicional, a avaliação é centrada em aspectos gramaticais, frequentemente desvinculada dos usos reais da língua, seja na forma escrita ou falada, e desconsiderando os contextos sociais e comunicativos em que o aluno está inserido. Trata-se de uma avaliação caracterizada por determinar o que é “certo ou errado”, a partir da aplicação de provas, testes e atividades descontextualizadas. A gramática, nesse modelo, é apresentada de forma fragmentada, com o objetivo de verificar se o aluno domina nomenclaturas, regras gramaticais e normas ortográficas da escrita formal padrão, se decodifica palavras e

³ Outra categoria organizadora do currículo, das práticas de linguagem. Que apontam para a “importância da contextualização do conhecimento escolar, para a ideia que essas práticas derivam de situações da vida social e, ao mesmo tempo, precisam ser situadas em contextos significativos para os estudantes” (BNCC, 2018, p. 84).

frases, e se consegue localizar informações explícitas no texto como forma de compreensão textual — sem, contudo, explorar a oralidade no cotidiano escolar como um objeto de trabalho relevante.

Atualmente, é possível elencar diversas ações de políticas públicas educacionais que vêm sendo desenvolvidas em prol de uma educação de melhor qualidade, a exemplo da elaboração dos documentos oficiais PCNs (Brasil, 1998) e BNCC (Brasil, 2018). Neles, a proposta é de um ensino de Língua Portuguesa contextualizado, considerando o uso real da língua nos quatro eixos que a compõem — Oralidade, Leitura, Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica — e, em consequência, a avaliação deve refletir a mesma perspectiva integradora.

Nos PCNs, são apresentados critérios avaliativos que orientam o que o aluno precisa aprender, além de evidenciarem um encadeamento entre os eixos, com base no entendimento da articulação entre eles. Por sua vez, a BNCC enfatiza a importância de uma reflexão crítica para possíveis tomadas de decisão, destacando a necessidade de contextualizar o conhecimento escolar para desenvolver competências que deem sentido ao aprendizado dentro da escola e demonstrem sua funcionalidade na vida cotidiana.

Mesmo com as orientações expressas nos documentos oficiais, é notório um certo conservadorismo nas aulas de LP, muitas vezes em decorrência de o professor adotar uma metodologia de ensino descontextualizada da morfologia e da sintaxe, por meio de atividades e avaliações que visam apenas à aquisição de regras da norma-padrão. Isso torna o estudo da língua algo difícil, complexo, inacessível e sem funcionalidade de uso real na perspectiva do aluno. A esse respeito Antunes (2003) alerta que

um exame mais cuidadoso de como o estudo da língua portuguesa acontece, desde o Ensino Fundamental, revela a persistência de uma prática pedagógica que, em muitos aspectos, ainda mantém a perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizadas (Antunes, 2003, p. 19).

E isso é o que ainda vemos na maioria das salas de aula: uma prática limitada, pautada na perspectiva tradicional. A autora acrescenta que

a complexidade do processo pedagógico impõe, na verdade, o cuidado em se prever e se avaliar, reiteradamente, as concepções, objetivos, procedimentos e resultados de forma que as ações se orientem para um

ponto comum e relevante: conseguir ampliar as competências comunicativo-interacionais dos alunos (Antunes, 2003, p. 34).

O professor deve concretizar o propósito do ensino da língua, promovendo o aprimoramento das capacidades de interação e discursivas do aluno, possibilitadas por um trabalho significativo que integre a oralidade, a leitura, a produção escrita e a análise linguística/semiótica, e, conseqüentemente, uma avaliação que corresponda a esse propósito. Isso porque

a evidência de que as línguas só existem para promover a interação entre as pessoas nos leva a admitir que somente uma concepção interacionista da linguagem, eminentemente funcional e contextualizada, pode de forma ampla e legítima, fundamentar um ensino de língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante (Antunes, 2003, p. 41).

A língua, por meio da linguagem em contextos reais, possibilita interações sociais realizadas através da construção de textos e discursos significativos, carregados de sentimentos, ideais e experiências. Portanto, o ensino de LP deve ser estruturado de forma a proporcionar essa interação, permitindo que o aluno atue como cidadão.

Suassuna (2007) afirma que, ao discutir sobre avaliação do ensino-aprendizagem em LP, é necessário considerar os instrumentos, que dizem respeito ao conjunto de atividades utilizadas para acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. A autora defende que as questões de leitura devem permitir ao aluno construir os caminhos pelos quais ele atribui sentido ao dizer do outro; que as propostas de produção de texto escrito levem o aluno a expressar sua visão de mundo; que as atividades de linguagem oral deem margem a que o aluno participe, enquanto cidadão, do debate social; e que as práticas de análise linguística contribuam para que ele, refletindo sobre a língua, busque e construa explicações cada vez mais sistemáticas e articuladas sobre seu funcionamento.

Observamos, portanto, que o direcionamento teórico sobre a avaliação aponta para um mesmo lugar, onde é vista como necessária para a busca de conhecimento do processo de ensino-aprendizagem, a partir da utilização de instrumentos avaliativos. Estes, para serem utilizados, dependem do professor, que é peça central, atuando como mediador e responsável pelo processo avaliativo e pela formação do cidadão crítico, reflexivo e participativo. É o professor quem elabora, esclarece os objetivos e aplica a avaliação, dando sentido ao que se ensina e mostrando que o

ensino-aprendizagem de LP ocorre por meio dos eixos. Estes, que devem ser avaliados respeitando suas especificidades, mas principalmente de forma que estejam articulados entre si. Pois, embora distintos, se complementam e formam um único objeto de ensino-aprendizagem: a Língua Portuguesa. E, para que a avaliação aconteça de maneira coerente e significativa, é fundamental que o professor possua conhecimento teórico suficiente sobre todos os eixos, pois somente assim será possível desenvolver uma avaliação que contribua eficientemente para o aprendizado do aluno.

Nessa perspectiva, apresentamos a seguir cada eixo, suas especificidades e as observações de como eles se manifestam no cotidiano da sala de aula.

2.3.1. Eixo Oralidade

Os seres humanos se comunicam por meio da linguagem, que lhes permite expressar ideias, pensamentos, intenções, estabelecer relações interpessoais e interagir socialmente. Para isso, produzem discursos organizados com finalidades e intenções específicas, construídos a partir de seu conhecimento sobre um determinado assunto e materializados em textos que pertencem a gêneros textuais, adequados ao contexto de produção.

Uma das possibilidades de uso da linguagem é a oralidade, uma competência que se desenvolve naturalmente nos indivíduos e é essencial para a interação social e a vida prática. Nesse contexto, é fundamental compreender que

a noção de oralidade está estreitamente relacionada ao uso da modalidade oral da língua em práticas sociais e discursivas, tanto no que se refere à sua produção, quanto no que diz respeito à sua escuta. Envolve a ação de linguagem de sujeitos ativos e responsivos em contextos interacionais diversos e registros de linguagem variados.

Fonte: Beth Marcuschi. GLOSSÁRIO CEALE. Disponível em: <https://www.caele.fae.ufmg.br/glossariocaele/verbetes/oralidade>

A oralidade não se limita apenas à fala espontânea; ela envolve a habilidade de articular pensamentos de maneira organizada e adequada às diferentes situações de comunicação. Considerando isso, torna-se necessário, no contexto escolar, um trabalho para o aprimoramento da linguagem oral, tanto na sua produção quanto na escuta, pois o simples interagir não garante que o aluno se sobressaia nas diversas situações sociais às quais estará exposto diariamente como cidadão. Portanto, cabe

à escola propor situações de aprendizagem apropriadas, de fala e escuta, que ensinem o aluno a utilizar a modalidade oral de forma adequada, em contextos que demandam planejamento. Ou seja,

ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania (Brasil, 1998, p. 67).

Trabalhar a oralidade na escola é possibilitar que o aluno participe de forma significativa e crítica nas diversas práticas sociais, a partir do conhecimento da diversidade de gêneros textuais orais existentes. Segundo a BNCC (Brasil, 2018), isso deve acontecer por meio de práticas de linguagem em situações orais, com ou sem contato face a face, bem como a oralização de textos em contextos socialmente significativos de interação e debate envolvendo temáticas diversas e outras dimensões linguísticas do trabalho, nos diferentes campos de atuação. Essa prática deve englobar: a consideração e reflexão sobre as condições de produção dos textos orais que regem a circulação de diferentes gêneros nas diferentes mídias e campos de atividade humana; a compreensão e a produção de textos orais; a compreensão dos efeitos de sentidos gerados pelo uso de recursos linguísticos e multissemióticos em textos pertencentes a gêneros diversos; e a relação entre fala e escrita.

Melo e Cavalcante (2007) destacam a riqueza de se trabalhar com a oralidade em sala de aula, dada a sua variedade de usos no cotidiano e a variação linguística, que direciona para uma reflexão sobre preconceitos e discriminação linguística. As autoras defendem a importância de “abandonar a ideia de que o oral é uma realidade única, normalmente identificada com a conversa espontânea, bem como deixar de imaginar que o trabalho com o oral se resolve com atividades que envolvem o que se costuma chamar de escrita oralizada” (Melo e Cavalcante, 2007, p. 77). Sendo a oralidade um componente primordial no processo comunicativo e de interação, dentro ou fora da escola, o passo inicial é o professor ter o conhecimento desejado sobre o ensino desse eixo. É fundamental que ele compreenda as características do oral a ser ensinado e saiba até que ponto esses aspectos podem ser objeto de ensino de maneira explícita e consciente. Isso possibilitará a avaliação do eixo em toda a sua amplitude, que vai desde a variação dialetal e de registro até as situações comunicativas e as estratégias organizacionais próprias de cada gênero e contexto

de produção. Nesse sentido, as autoras propõem três critérios a serem considerados no ensino dos gêneros orais:

- O critério de natureza Extralinguística da produção oral em dada situação comunicativa:

QUADRO 4: Aspectos Extralinguísticos

Aspecto	Descrição
Grau de publicidade	• Número de participantes envolvidos na situação comunicativa; • Quantidade de interlocutores, seja do ponto de vista da produção ou da recepção do texto.
Grau de intimidade dos participantes	• Conhecimento dos participantes entre si; • Conhecimentos comuns/partilhados entre os interlocutores; • Grau de institucionalização do evento.
Grau de participação emocional	• Grau de envolvimento na situação, emocionalidade, expressividade, afetividade.
Proximidade física dos parceiros da comunicação	• Comunicação face a face ou entre pessoas que estão geograficamente distantes; • Interações síncronas (que se dão no mesmo momento temporal) ou assíncronas (que se dão em momentos temporais diversos).
Grau de cooperação	• Maior ou menor possibilidade de atuação do interlocutor no evento comunicativo, resultando num texto mais dialógico ou mais monológico.
Grau de espontaneidade	• Grau de planejamento da comunicação, comunicação preparada previamente.
Fixação temática	• O tema é ou não fixado com antecedência, o tema é espontâneo ou não.

Fonte: Melo e Cavalcante (2007, p. 84.⁴)

Os aspectos extralinguísticos referem-se a todos os elementos que estão fora da língua propriamente dita. A presença desses elementos pode variar conforme a situação comunicativa e as particularidades de cada texto, podendo ser uns mais intensos em alguns casos e mais sutis em outros.

⁴ Adaptação do quadro elaborado por Marcuschi para o curso “Fala e escrita – características e usos”, oferecido no 2º semestre de 2002, no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UFPE.

- O critério de natureza Paralinguística e Cinésica:

QUADRO 5: Aspectos Paralinguísticos e Cinésicos

Fenômenos	Características
Aspectos Paralinguísticos	• Qualidade da voz (aguda, rouca, grave, sussurrada, infantilizada); • Elocução e pausas; • Risos/suspiros/choro/irritação.
Aspectos Cinésicos	• Atitudes corporais (postura variada: ereta, inclinada etc.); • Gestos (mexer com as mãos, gestos ritualizados como acenar, apontar, chamar, fazer sinal de ruim, de bom etc.); • Trocas de olhares; • Mímicas faciais.

Fonte: Melo e Cavalcante (2007, p. 86.⁵)

Esses fenômenos desempenham um papel essencial na comunicação oral e na compreensão durante o processo de interação. Os aspectos paralinguísticos complementam a mensagem, indicando emoções ou intensões, enquanto os cinésicos, relacionados aos movimentos corporais durante a comunicação, podem reforçar ou até contradizer a mensagem transmitida.

- O critério de caráter Linguístico:

QUADRO 6: Aspectos Linguísticos

Fenômeno	Características
Marcadores Conversacionais	• Os marcadores conversacionais são unidades típicas da fala que ajudam a construir, dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional; podem vir em início, meio e final de turno (bom; bem; olha; então; sim; mas... entende?, percebe?, viu?, visse?, etc.).
Repetições e Paráfrases	• A repetição é a duplicação de algum elemento que veio antes (palavra, estrutura sintática etc.) e a paráfrase é a reformulação de algo que veio antes.
Correções	• Substituição de algum elemento que é retirado do enunciado/texto; as correções podem incidir em diversos aspectos da produção textual/discursiva; pode-se corrigir fenômenos lexicais, sintáticos ou fazer reparos em problemas interacionais.

⁵ Adaptação do quadro apresentado por Dolz & Schneuwly, 2004, p. 160.

Hesitações	Vem no início de um enunciado ou antes de um item lexical (hum, ãã, eh, hein? etc.).
Digressões	As digressões são uma suspensão temporária de um tópico que retorna mais adiante; apontam para algo externo ao que se acha em andamento.
Expressões formulaicas, expressões prontas	São idiomatismos, provérbios, lugares-comuns, expressões feitas, truísmos, rotinas (chover no molhado; quem tudo quer, tudo perde; a nível de etc.).
Atos de fala/ Estratégias de polidez positiva e negativa	Atos de fala positivos (tais como elogiar, agradecer, aceitar etc.); atos de fala negativos (tais como discordar, recusar, ofender, xingar etc.).

Fonte: Melo e Cavalcante (2007, p. 87.⁶)

O critério de caráter linguístico considera os aspectos da sintaxe e as estratégias de interação. O primeiro foca na organização gramatical do texto, garantindo uma construção textual clara e coerente. O último, refere-se às escolhas linguísticas feitas durante o processo de interação, podendo variar conforme com o contexto e os objetivos da comunicação.

Esse conhecimento teórico sobre os critérios é primordial para que o professor desenvolva a avaliação no eixo oralidade de forma eficaz. Ao apresentar os gêneros de modalidade oral em sala de aula, o professor deve esclarecer que esses gêneros se realizam em contextos diferentes, têm finalidades específicas e características próprias que os distinguem. Além disso, é importante esclarecer que a situação de interação depende do grau de intimidade e afetividade entre os participantes. Contudo, o trabalho com gêneros orais deve ser baseado em atividades que contemplem suas formas e, principalmente, que demonstrem como funcionam em situações reais de comunicação (situação originária – circulação – características), para que o aluno perceba que a língua falada é variável, não uniforme, e compreenda que ela pode ser utilizada como um mecanismo de controle social, dominação e poder.

Seguindo essa perspectiva, o trabalho com a oralidade em sala de aula deve ser desenvolvido por meio de atividades de exposição oral do aluno a respeito de um determinado assunto, com um caráter educativo e de aprendizagem. Entendendo a exposição, como “um movimento de retorno a um repertório de conhecimentos

⁶ Adaptação do quadro elaborado por Marcuschi para o curso “Fala e escrita características e usos”, oferecido no 2º semestre de 2002, no Programa de Pósgraduação em Letras e Linguística da UFPE.

associado à finalidade de apresentá-lo a alguém” (Gomes-Santos, 2012, p. 16). Por isso, cabe ao professor disponibilizar o assunto em diferentes formatos, como textos, mídias e suportes variados, para que o aluno adquira informações suficientes para construir o texto que será exposto.

Considerando que a oralidade possui um caráter interacional, se realizar em diferentes gêneros e situações comunicativas de maior ou menor grau de formalidade, que Antunes (2003) defende que é papel do professor desenvolver a prática da oralidade com o aluno em sala de aula, de forma a proporcionar o desenvolvimento das habilidades de ler, ouvir e assistir do aluno, possibilitando-o a: reconhecer a unidade temática e finalidade do texto; considerar os princípios de textualidade; reconhecer as particularidades da modalidade oral; adequar-se as condições de produção e recepção dos eventos comunicativos; utilizar expressões para convivência em sociedade; aplicar recursos suprasegmentais e apreciar pela escuta momentos culturais. Em outras palavras, o professor deve motivar o aluno a ser curioso, investigador e indagador, para que, ao ler, ouvir, assistir, seja capaz de selecionar as informações a serem expostas, sumarizar de acordo com a compreensão e interpretação dos textos disponibilizados, e roteirizar as informações, apresentando-as conforme o nível de hierarquia e a ordem que pretende apresentar.

No entanto, percebemos que ainda é um grande desafio desenvolver um ensino e uma avaliação adequados para o eixo da oralidade no cotidiano das salas de aula, sobretudo porque muitos alunos ainda acreditam que a oralidade é uma competência já adquirida e, portanto, dispensável no ambiente escolar. Além disso, o principal suporte pedagógico utilizado na rede de ensino — o livro didático *Língua Portuguesa: Português Linguagens*, de Cereja e Vianna (2022) — propõe o trabalho com a oralidade predominantemente por meio da escrita oralizada, de rodas de conversa e da exploração da estrutura de alguns gêneros orais, sem, no entanto, apresentar uma proposta sistematizada para a avaliação desse eixo. Diante disso, torna-se essencial que nós, professores, reforcemos constantemente que a oralidade é um componente fundamental da linguagem e que, assim como os demais eixos, deve ser igualmente trabalhada e avaliada.

A postura do professor será determinante para que o objetivo proposto no trabalho com a oralidade em sala de aula seja efetivamente alcançado e para que o aluno a reconheça como um componente essencial da Língua Portuguesa que, assim

como os demais eixos, deve ser avaliada de forma coerente e com base em critérios específicos dessa modalidade.

2.3.2. Eixo Leitura

O eixo leitura pode ser considerado o de maior ênfase no processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar, pois interfere diretamente na aprendizagem de todos os componentes curriculares e de todas as áreas do conhecimento. Além disso, está no centro das avaliações externas, em âmbito municipal ou nacional, exigindo um esforço ainda maior por parte dos professores de LP para desenvolver, nos alunos, as competências e habilidades necessárias, preparando-os não apenas para um bom desempenho nessas avaliações, mas também para as diversas situações cotidianas às quais estão expostos.

A leitura é a base para a formação de um aluno autônomo e, segundo os PCNs (Brasil, 1998), os objetivos do ensino devem propiciar uma aprendizagem que permita ao aluno: selecionar textos segundo seus interesses e necessidades; ler textos de diferentes gêneros e temas de maneira autônoma; ser receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas; compartilhar impressões com outros leitores a respeito das leituras; compreender a leitura em suas múltiplas dimensões; e ter a capacidade de aderir ou recusar as posições ideológicas que reconheça nos textos.

Os PCNs definem a leitura como:

o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência” (Brasil, 1998, p. 69).

Em outras palavras, o processo de leitura não pode ser considerado um ato mecânico de decodificação de palavras ou frases. Ler não é simplesmente transformar letras e palavras em sons, como era definido pela educação tradicional, mas trata-se de um ato complexo que exige do leitor uma série de ações, envolvendo a decodificação e a ativação de conhecimentos prévios e de mundo, para que ele consiga compreender e interpretar o texto de forma proficiente.

Com base nessa concepção de leitura, cabe à escola e ao professor garantir ao aluno um desenvolvimento progressivo como leitor em cada etapa do ensino, oportunizando um ambiente e situações de leitura variadas — sejam elas autônomas, colaborativas, programadas ou de escolha pessoal —, além de promover o contato com textos de gêneros, suportes e usos diversificados. Dessa forma, o aluno passa a compreender que todo texto possui uma função, faz parte da cultura de uma sociedade e apresenta uma forma particular de ser lido.

A BNCC (Brasil, 2018) reafirma a importância de desenvolver um ensino de leitura contextualizado, que leve o aluno a pensar de maneira crítica e reflexiva, considerando a diversidade de gêneros textuais que circulam nos diversos campos da vida humana. Segundo o documento, o eixo “compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação” (Brasil, 2018, p. 71). Nesse cenário, o professor é impulsionado a trabalhar a leitura com base na diversidade textual, de modo que o aluno reflita sobre o “como”, o “por quê” e o “para quem” da produção e recepção dos textos, ativando seus conhecimentos prévios e desenvolvendo estratégias para realizar uma leitura eficaz.

No entanto, percebe-se uma dificuldade significativa em promover a leitura nas salas de aula, muitas vezes causada pelas metodologias adotadas pelos professores ou por fatores relacionados ao não desenvolvimento das competências e habilidades essenciais por parte dos alunos.

Segundo Beserra (2007), um dos maiores equívocos cometidos pela escola e pelos professores no ensino de LP é atrelar a leitura a atividades didáticas voltadas exclusivamente à resolução de exercícios, muitas vezes sem sentido e que não contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura. A autora enfatiza que a leitura na escola deve ser conduzida pelo professor com foco no prazer e no deleite, pois isso possibilita que o aluno expresse uma variedade de sentimentos diante do texto, promovendo, assim, o desenvolvimento do prazer pela leitura.

O professor que olha para além do programa escolar e que tem interesse em fazer com que seu aluno descubra o prazer da leitura deve prever momentos nos quais, após a partilha da leitura de um bom texto, não sejam esperadas do aluno mais do que manifestações de apreço, emoção, o riso fácil ou, quando muito, um simples comentário, se assim o aluno leitor o desejar (Beserra, 2007, p. 47-48).

A maneira como o professor enxerga a leitura influencia diretamente no despertar do aluno para essa prática e para as experiências proporcionadas por ela. Cabe ao professor criar um ambiente que encoraje o aluno a se envolver com a leitura, seja incentivando-o a expressar seus sentimentos a partir do que lê, seja promovendo momentos de leitura em sala de aula, indicando obras ou, ainda, servindo como exemplo, ao demonstrar o próprio prazer em ler.

É fundamental compreendermos que, independentemente do enfoque dado à leitura, ela constitui um dos eixos da LP e, portanto, deve ser avaliada no processo educativo. Tanto o professor quanto o aluno precisam ter clareza sobre quais competências e habilidades foram efetivamente desenvolvidas e quais ainda necessitam de aprimoramento nesse eixo.

Considerando a necessidade de avaliar a leitura no processo de ensino-aprendizagem da LP, Beserra (2007) esclarece que essa avaliação pode ser realizada a partir de diversos objetos de análise, tais como: o conhecimento prévio do aluno; a organização textual; as propriedades do gênero; os aspectos semânticos (relacionados ao incentivo à pesquisa linguística); a pontuação expressiva (indicadora de autonomia no uso da pontuação); e a inferência textual (possível por meio da coerência global do texto e dos recursos coesivos sintático-semânticos — uso de conectivos, substituições pronominais, palavras e expressões — e semântico-lexicais — uso de expressões nominais).

A avaliação deve ser conduzida por meio de atividades efetivas, com questões claras e formatos diversificados, que levem o aluno a refletir sobre a leitura. Além disso, o professor pode utilizar a observação e o registro contínuo da evolução e das dificuldades de aprendizagem do aluno como parte do processo avaliativo.

Além do que foi exposto, é importante lembrar que leitura e escrita estão inter-relacionadas, o que justifica ser responsabilidade do professor evidenciar essa conexão, uma vez que a escrita é uma atividade realizada por meio da interação entre leitor e autor. Nesse sentido, Antunes (2003, p. 66) reforça que “a leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor”. Assim, cabe ao professor auxiliar o aluno a compreender que a leitura não ocorre como um processo isolado, mas como uma prática que dialoga com a escrita.

Sabemos que não existe escrita aleatória ou sem propósito. Todo texto escrito carrega um motivo, uma intenção e uma função social e cultural, transmitindo uma

mensagem dirigida a um destinatário. Este, por meio da ação leitora e, principalmente, da ativação de seus conhecimentos prévios e de mundo, busca compreender e interpretar o texto, reconstruindo as intenções do autor. Ou seja, o leitor realiza a compreensão da mensagem escrita, complementando, assim, o propósito da escrita.

Embora a leitura esteja diretamente ligada à produção escrita, é importante reconhecer que, conforme Antunes (2003, p. 70), “a leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita”. A leitura proporciona um contato com o conhecimento em diferentes áreas da vida humana, une o presente ao passado e cria possibilidades para o futuro. Ela desenvolve a imaginação, a criatividade e liberta as emoções, além de permitir a compreensão do funcionamento e da organização da língua, por meio do contato com a língua formal. Dessa forma, o professor de LP deve proporcionar ao aluno uma prática de leitura, utilizando textos e gêneros diversos, com o intuito de que o aluno busque tanto o conhecimento quanto o prazer real, significativo e motivador. E, acima de tudo, proporcionar uma prática que incentive o aluno à reflexão crítica.

No entanto, percebo que, em nossa escola, ainda persistem práticas tradicionais relacionadas à leitura. Como professora, observo avaliações diagnósticas focadas no nível de fluência em leitura e atividades voltadas exclusivamente para o treinamento dos alunos na resolução de questões interpretativas, com o objetivo de atender metas e demandas educacionais. Um exemplo disso é a coleção *Reforço Brasil*⁷, adotada pelo município, que tem como finalidade “analisar a turma, identificando as lacunas de aprendizagem e valorizando o desenvolvimento coletivo, permitindo o fortalecimento das aprendizagens e preparando para avaliações” (Assunção, 2019). Essas abordagens acabam descaracterizando o objetivo da leitura, desconsiderando as variáveis da realidade vivenciada pelos alunos e dificultando nosso trabalho tanto no desenvolvimento de uma leitura reflexiva quanto no incentivo à leitura por prazer e deleite, pois reduzem o texto a um mero pretexto para o treinamento de habilidades avaliativas.

2.3.3. Eixo Produção Escrita

⁷ ASSUNÇÃO, Caio; CAVALCANTE, Morgana; FREITAS, Regina de. **Reforço Brasil: Língua Portuguesa, Ensino Fundamental II, 8º ano: Livro do Professor**. Colaboração: Augusto Silva. – 1. Ed. – São Paulo: Eureka, 2019.

A escrita, como produto sócio-histórico-cultural, está presente no cotidiano das pessoas e, com o advento das novas tecnologias, vem ocupando cada vez mais espaço, pois o acesso às plataformas digitais tem facilitado o ato de ler e escrever, já que o material escrito está mais acessível.

Há diversas concepções a respeito da escrita, no entanto, nesta pesquisa, adotamos a perspectiva interacionista, que considera escritor e leitor como sujeitos ativos na construção do texto.

A escrita é uma atividade de interação entre escritor e leitor, a qual exige do primeiro a utilização de diversas estratégias para alcançar seu propósito comunicativo. De acordo com Koch (2021), essas estratégias incluem a ativação de conhecimentos sobre os elementos da situação comunicativa, a seleção, organização e desenvolvimento das ideias, o equilíbrio entre informações explícitas e implícitas, além da revisão constante durante o processo de produção. Para a autora, a escrita “é um trabalho no qual o sujeito tem algo a dizer e o faz sempre em relação a um outro com um certo propósito” (Koch, 2021, p. 36). Ou seja, sempre que alguém escreve, há uma mensagem com um propósito a ser transmitida a um destinatário. Trata-se de um processo que começa na escolha de um gênero textual adequado à situação comunicativa, passa pela seleção das ideias a serem inseridas, pela construção do texto e culmina na interação do leitor, que se torna receptor e colaborador na construção do sentido da mensagem.

Por ser uma prática dependente do processo de ensino-aprendizagem, a escrita encontra na escola um ambiente propício para seu desenvolvimento, pois é nesse espaço que o aluno pode aprender a redigir diferentes tipos de textos, explorando diversos gêneros e linguagens — especialmente agora, diante da necessidade de incorporar as novas práticas contemporâneas de comunicação.

Segundo os PCNs (Brasil, 1998), para que o aluno alcance os objetivos do ensino-aprendizagem da escrita, é necessário que ele considere, em sua prática, aspectos como: as condições de produção; a utilização de procedimentos específicos para a elaboração do texto; a aplicação de mecanismos discursivos e linguísticos que garantam a coerência e a coesão textuais; a utilização de marcas de segmentação em função do projeto textual; o uso de recursos gráficos que orientem a interpretação do interlocutor; e a observância dos padrões da escrita, em consonância com o projeto textual e as condições de produção.

Esses aspectos podem ser utilizados como critérios de avaliação pelo professor, pois direcionam o aluno a refletir sobre o contexto de produção, o gênero, a linguagem, a estrutura textual, a coerência, a coesão e o uso das convenções da língua escrita.

A BNCC (Brasil, 2018) reafirma as orientações do documento anterior, enfatizando a importância de ampliar os letramentos do aluno — na oralidade, leitura e escrita —, reconhecendo que o ensino-aprendizagem das práticas de linguagem deve ocorrer de forma contextualizada, “por meio de situações efetivas de produção de textos pertencentes a gêneros que circulam nos diversos campos de atividade humana” (Brasil, 2018, p. 78). Somente assim o aluno perceberá a relevância da aquisição do conhecimento escolar para as interações da vida real, por meio de um processo que lhe permita desenvolver a capacidade de refletir, selecionar informações, argumentar e defender suas ideias, posicionar-se em diferentes contextos e situações, além de organizar e estruturar o texto no gênero adequado à situação comunicativa, tornando-se autônomo, reflexivo e crítico em relação à sua própria produção textual.

Entre as práticas de linguagem, está a produção de textos que, conforme a BNCC, “compreende as práticas de linguagem relacionadas à interação e à autoria (individual ou coletiva) do texto escrito, oral e multissemiótico, com diferentes finalidades e projetos enunciativos” (Brasil, 2018, p. 76). Assim como as demais práticas, a produção de textos envolve dimensões inter-relacionadas de uso e de reflexão, considerando as condições de produção dos textos que circulam em diferentes mídias e campos de atividade humana, contemplando a dialogia e a intertextualidade, a alimentação temática, a construção da textualidade, os aspectos notacionais e gramaticais, além das estratégias de produção.

Segundo a BNCC, ao focarmos na produção do texto escrito, encontramos competências específicas a serem desenvolvidas com o aluno, como:

- apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social;
- e produzir textos escritos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e compartilhar informações, experiências, ideias, sentimentos, e continuar aprendendo. (Brasil, 2018, p.87).

A BNCC (Brasil, 2018) explicita que o objetivo do ensino de LP é fazer com que o aluno reconheça a escrita como meio de interação social e aquisição de conhecimento, permitindo-lhe participar da vida social e cultural de maneira ativa, reflexiva, crítica e autônoma, expressando seu ponto de vista por meio de textos escritos adequados ao gênero e à situação comunicativa. Além disso, expõe que, para alcançar esse objetivo, é fundamental que o professor ofereça ao aluno atividades que promovam uma progressão gradual no uso de textos e estratégias de produção, abordando diferentes gêneros textuais e acompanhando a evolução do aluno na aquisição de conhecimento e na habilidade de se expressar por escrito. Logo, a avaliação deve auxiliar o aluno a refletir sobre o texto produzido, considerando o gênero, o contexto, o público e o propósito discursivo.

Embora as orientações da BNCC (Brasil, 2018) apontem para um ensino-aprendizagem ideal da produção de textos escritos no ambiente escolar, a realidade em sala de aula é bem diferente, pois os desafios para o desenvolvimento desse eixo são imensos — seja pela dificuldade do aluno em reconhecer a relevância dessa habilidade, seja por associá-la apenas à preparação para o ENEM. Muitas vezes, esses problemas são causados pela metodologia adotada, que privilegia gêneros já consagrados e ignora aqueles mais presentes no contexto social do aluno; ou por uma abordagem tradicional de produção e avaliação, em que se apresenta apenas o tema, o gênero e a quantidade de linhas necessárias para produzir o texto e obter uma nota no bimestre.

É fundamental que o protagonismo do aluno em sala de aula deixe de ser apenas um discurso e se torne uma prática efetiva. Para isso, é papel do professor sensibilizar o aluno sobre a importância da escrita como ferramenta de interação, mostrando que ela é um processo que exige tempo, planejamento, uma escrita inicial, reescrita e aperfeiçoamento contínuo. Além disso, o professor deve reforçar que estará presente durante todo o percurso, acompanhando, orientando e incentivando o aluno até que ele alcance seus objetivos.

Antunes (2003) reafirma a perspectiva dos documentos norteadores ao considerar a escrita uma atividade verbal interativa, pois quem escreve deseja compartilhar ideias, informações, intenções, crenças ou sentimentos com um interlocutor. Mesmo que este não esteja presente no momento da produção, é a interação entre escritor e leitor que dá sentido ao texto.

No entanto, a autora alerta que, para a escrita cumprir seu propósito comunicativo, o escritor precisa ter algo a dizer, pois “ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever” (Antunes, 2003, p. 45). Assim, possuir conhecimento sobre o conteúdo que se está escrevendo é fundamental, uma vez que a escrita só acontece quando há uma mensagem a ser transmitida a alguém — mensagem essa que deve ser estruturalmente organizada, com linguagem adequada ao contexto de produção e um propósito funcional, tornando a escrita significativa para o leitor.

O ato de escrever vai além de simplesmente transmitir ideias em um papel usando um código para que alguém leia. Segundo Antunes (2003), “a escrita compreende etapas distintas e integradas de realização (planejamento, operação e revisão), as quais, por sua vez, implicam da parte de quem escreve uma série de decisões” (p. 53). Por isso, é relevante que o aluno reconheça a escrita como um processo realizado por etapas distintas. Inicialmente, é essencial o planejamento, momento em que se define o assunto, o gênero e a organização das ideias no texto. A seguir, vem a etapa da primeira escrita, ou seja, a escrita propriamente dita, em que o planejamento se materializa por meio da escolha das palavras e da estrutura adequada para construir o sentido do texto e garantir sua compreensão pelo leitor. Por fim, ocorre a etapa da revisão e reescrita, em que o escritor assume o papel de leitor, analisando o texto para verificar aspectos como sintaxe, semântica e outros elementos da superfície textual, ajustando-o conforme necessário.

Com base na abordagem de Antunes (2003), quando o professor auxilia o aluno a compreender que a escrita é um processo interativo — no qual improvisar não funciona e que demanda tempo, planejamento, escrita e revisão —, já se configura um avanço significativo no ensino-aprendizagem do eixo da produção escrita. Além disso, cabe ao professor construir atividades e processos avaliativos significativos, permitindo que o aluno desenvolva uma escrita autoral, adequada ao seu contexto sócio-histórico-cultural, funcionalmente diversificada, coesa, coerente e respeitosa aos aspectos da superfície textual.

Considerando os documentos oficiais norteadores da educação básica e as perspectivas teóricas apresentadas, percebemos que a abordagem da produção escrita no cotidiano da nossa escola é a mais coerente em termos de ensino e avaliação. Isso porque busca desenvolver as habilidades de escrita dos alunos de forma gradual, explorando diferentes gêneros textuais e acompanhando sua evolução

acadêmica. Para isso, o município utiliza como suporte a coleção *Oficina de Escrita – Da Ideia ao Texto*⁸, que oferece uma ampla variedade de propostas de produção textual em diversos gêneros.

No que se refere ao processo avaliativo, observamos que a ideia tradicional de produzir textos apenas para compor uma nota vem sendo desconstruída, e essa mudança parece estar relacionada às demandas educacionais atuais, que exigem outro posicionamento na prática dos professores. Isso tem refletido positivamente no desenvolvimento real das competências escritas dos alunos. Como resultado, eles começam a perceber a importância do conhecimento escolar sobre produção escrita e sua aplicação no cotidiano.

2.3.4. Eixo Análise Linguística/Semiótica

Entre os eixos que compõem o ensino-aprendizagem de LP, o eixo da análise linguística/semiótica é frequentemente tema de discussões sobre sua abordagem pedagógica. Este eixo costuma ser mais enfatizado por muitos professores, que, no início do ano letivo, selecionam os conteúdos gramaticais a serem trabalhados com base no livro didático adotado pela rede municipal. No entanto, é fundamental que o professor reflita sobre a metodologia empregada para que haja mudança na perspectiva do aluno, pois ainda é comum encontrarmos um ensino de gramática tradicional, focado em nomenclaturas e regras. Muitas vezes, o ensino se resume à aplicação de atividades mecânicas, limitando-se à repetição de definições e classificações, frequentemente por meio de frases isoladas ou extraídas de textos – onde o texto serve apenas como pretexto para aplicar regras. Essa abordagem descontextualizada e desconectada do uso real da língua reflete-se no aluno, que não consegue compreender o sentido e a funcionalidade prática do estudo linguístico/semiótico.

Campos (2014) afirma que o maior desafio no ensino de gramática é demonstrar que ela é um recurso auxiliar no ensino de LP, com objetivos de ordem prática, cultural e voltados ao desenvolvimento das habilidades cognitivas,

⁸ SILVA, Augusto; SALIBA, Marco; VIGNON, Luana. **Oficina de Escrita – Da Ideia ao Texto, Ensino Fundamental II, 8º ano** – 1. Ed. – São Paulo: Eureka, 2018.

favorecendo o aprimoramento da *competência comunicativa*⁹ do aluno. Nesse contexto, o professor, como mediador no processo de ensino-aprendizagem, deve utilizar o eixo de análise linguística/semiótica para auxiliar o aluno a reconhecer a língua como um elemento cultural e de identidade de um povo; aprimorar a competência no uso da língua, para que o aluno compreenda seu funcionamento e seja capaz de produzir textos orais e escritos de acordo com a situação comunicativa em que esteja inserido; e proporcionar ao aluno a apropriação do conhecimento de maneira reflexiva, com autonomia de pensamento.

A análise linguística/semiótica vai além do ensino tradicional de gramática, que se limita ao estudo de nomenclaturas e regras, apontando para um caminho em que o foco está no uso adequado da língua em variados contextos. Esse “ir além” já era previsto nos PCNs (Brasil, 1998), os quais orientam uma prática que direcione o aluno para: o reconhecimento das características dos diferentes gêneros textuais; a observação da língua em uso e suas variações; a comparação dos fenômenos linguísticos observados na fala e na escrita, em diferentes variedades; a análise da palavra em sua forma e sentido no contexto discursivo; a ampliação do repertório lexical; a descrição de fenômenos linguísticos; o uso da intuição sobre unidades linguísticas para resolver problemas de pontuação; e o aproveitamento de regularidades observadas em paradigmas morfológicos para solucionar problemas de ortografia e acentuação gráfica.

O documento enfatiza que, para alcançar os objetivos da análise linguística, não basta ensinar a gramática da língua de forma isolada, sem utilizar o texto como peça central e desconectada do contexto real. Contudo, também não se deve abandonar o estudo da estrutura e da forma. É essencial buscar um equilíbrio entre teoria e prática, para que o aluno reconheça a importância do estudo das regularidades da língua no aperfeiçoamento de suas habilidades de produção textual e de compreensão.

Uma possibilidade eficaz de desenvolver o estudo da análise linguística, conforme sugerem os PCNs (Brasil, 1998), é promover a refacção dos textos produzidos pelos alunos. Para isso, recomenda-se a adoção de procedimentos como os apresentados no quadro a seguir:

⁹ a capacidade ou habilidade de usar a língua de forma adequada às diferentes situações de interação comunicativa a fim de produzir, usando textos, os efeitos de sentidos desejados em cada situação de interação para se comunicar com o outro (Travaglia, 2004, p. 209).

QUADRO 7: Procedimentos para Refacção

- Seleção de um dos textos produzidos pelos alunos, que seja representativo das dificuldades coletivas e apresente possibilidades para discussão dos aspectos priorizados e encaminhamento de soluções;
- Apresentação do texto para leitura, transcrevendo-o na lousa, reproduzindo-o, usando papel, transparências ou a tela do computador;
- Análise e discussão de problemas selecionados. Em função da complexidade da tarefa, não é possível explorar todos os aspectos a cada vez. Para que o aluno possa aprender com a experiência, é importante selecionar alguns, propondo questões que orientem o trabalho. A revisão exaustiva deve ser reservada para situações em que a produção do texto esteja articulada a algum projeto que implique sua circulação;
- Registro das respostas apresentadas pelos alunos às questões propostas e discussão das diferentes possibilidades em função de critérios de legitimidade e de eficácia comunicativa. Nesta etapa é importante assegurar que os alunos possam ter acesso a materiais de consulta (dicionários, gramáticas e outros textos), para aprofundamento dos temas tratados;
- Reelaboração do texto, incorporando as alterações propostas.

Fonte: Brasil (1998, p. 80).

A refacção de textos é um procedimento altamente eficaz no processo de ensino da análise linguística, pois, quando o professor utiliza um texto do próprio aluno, proporciona o contato com uma produção autêntica, elaborada dentro de um gênero e contexto específicos. Isso permite ao aluno compreender a importância do estudo da teoria que fundamenta a elaboração textual, tanto na modalidade oral quanto na escrita. Esse processo o ajuda a perceber que, independentemente das variações linguísticas, a língua não é usada arbitrariamente, mas possui uma estrutura interna que viabiliza a interação comunicativa. Ademais, durante esse processo interativo, o aluno será capaz de escolher a variedade linguística mais adequada — formal ou informal — de acordo com o contexto.

Além da orientação sobre como proceder no ensino da análise linguística, os PCNs também esclarecem o processo avaliativo desse eixo, recomendando que o professor observe se o aluno é capaz de: produzir textos orais e escritos nos gêneros

previstos para o ciclo, coesos e coerentes, considerando as especificidades das condições de produção e as restrições impostas pelo gênero; redigir textos utilizando recursos próprios do padrão escrito, relativos à paragrafação, pontuação e outros sinais gráficos, além de atentar para as regularidades linguísticas e ortográficas; revisar os próprios textos com o objetivo de aprimorá-los; e utilizar conceitos e procedimentos constituídos na prática de análise linguística. Ou seja, para avaliar a análise linguística, o professor deve focar, principalmente, em textos produzidos pelo aluno – orais e escritos – como objetos de avaliação, verificando se ele aplica, de maneira eficiente, os conhecimentos adquiridos em contextos reais, bem como se está atento aos aspectos mais visíveis do padrão da escrita e às questões mais complexas relacionadas às escolhas linguísticas para a produção do gênero em questão.

Com a introdução da BNCC (Brasil, 2018), o eixo da análise linguística foi ampliado e enriquecido com a incorporação da semiótica, passando a ser denominado Análise Linguística/Semiótica. Essa reformulação representa uma mudança importante no entendimento do ensino de LP, pois propõe uma abordagem mais integrada e funcional da linguagem, reconhecendo que os sentidos de um texto não se constroem apenas a partir de aspectos gramaticais, mas também das diferentes materialidades que o compõem. Assim, a BNCC propõe uma visão que valoriza o papel ativo do aluno como sujeito que analisa e produz textos de forma crítica, consciente e situada socialmente. Nesse contexto, o documento define esse eixo da seguinte maneira:

envolve os procedimentos e estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de composição dos textos, determinadas pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido (Brasil, 2018, p. 80).

A ênfase vai além da estrutura linguística. Nessa nova perspectiva, considera-se não apenas a organização gramatical, mas também os elementos visuais, contextuais e estilísticos que compõem o texto, permitindo ao aluno compreender melhor como esses elementos interagem para construir significados no uso da linguagem escrita e falada.

Segundo a BNCC (Brasil, 2018), o eixo de análise linguística/semiótica está intrinsecamente relacionado aos eixos de leitura, escrita e oralidade, pois essas práticas se entrelaçam e se complementam, oportunizando aos alunos situações de reflexão sobre a língua e as linguagens em contextos reais de uso. Da mesma forma que os demais eixos, ele está presente em todos os campos de atuação da vida humana e apresenta particularidades nas habilidades a serem desenvolvidas, que consideram aspectos como: fono-ortografia (relacionada à ortografia e à pronúncia das palavras); morfossintaxe (envolve a análise das estruturas gramaticais); sintaxe (refere-se à organização das palavras em frases e orações); semântica (relacionada aos significados das palavras e expressões); variação linguística (considera as diferentes formas de falar e escrever em contextos variados); e os elementos notacionais da escrita (incluem o uso da pontuação, paragrafação e outros recursos gráficos na escrita). Essa abordagem permite que o aluno desenvolva uma visão mais ampla e crítica das práticas de linguagem, pois considera a estrutura, o contexto e a funcionalidade.

A análise linguística/semiótica envolve diversas habilidades que são de extrema relevância para o desenvolvimento linguístico do aluno, pois, conforme Mendonça (2007, p. 95), “consiste num movimento de reflexão sobre o funcionamento da linguagem, que toma a produção de sentidos nos usos linguísticos como ponto essencial”. Nessa abordagem, a tarefa do professor é intermediar o processo reflexivo do aluno, utilizando textos e auxiliando-o a compreender a língua e seu funcionamento, a fim de desenvolver suas habilidades de produção de textos orais e escritos com autonomia, aprimorando sua capacidade de comunicação e expressão.

No momento em que o professor se posiciona como mediador no ensino da Análise Linguística/Semiótica, promovendo a reflexão, sua postura também se transforma no processo avaliativo. Ele abandona as avaliações tradicionais — caracterizadas por serem pontuais e repetitivas — e adota uma avaliação formativa, como destaca Mendonça

uma avaliação que permite compreender o processo de aprendizagem, lançar hipóteses a respeito, visando, entre outras metas, à intervenção adequada do professor e à posterior transformação de saberes, implica necessariamente a avaliação do aluno quanto às suas competências de leitura e produção de textos (Mendonça, 2007, p. 108).

Dessa forma, o professor avalia o aluno em um processo contínuo, buscando compreender o desenvolvimento de sua aprendizagem e intervindo nos momentos oportunos, incentivando-o a refletir sobre o progresso de suas habilidades de leitura e escrita.

Ao tratar do ensino da análise linguística, Antunes afirma que “a gramática existe não em função de si mesma, mas em função do que as pessoas falam, ouvem, leem e escrevem nas práticas sociais de uso da língua” (Antunes, 2003, p. 89). O ensino da gramática não faz sentido quando abordado de forma isolada, sem estar intrinsecamente ligado ao uso real da língua, manifestado em textos produzidos por pessoas reais, tanto na modalidade oral quanto escrita, em contextos de interação. Como reforça Antunes (2003, p. 89), “se as línguas existem para serem faladas e escritas, as gramáticas existem para regular os usos adequados e funcionais da fala e da escrita das línguas”.

Portanto, a gramática deve ser ensinada com base em seu uso prático e funcional, contribuindo para que o aluno compreenda e aplique as normas da língua em situações comunicativas reais.

A função da gramática é regulamentar os usos adequados da língua, garantindo que a interação ocorra de maneira eficaz. Seu estudo não pode ser realizado de forma isolada, dissociado das práticas de leitura, escrita e oralidade, mas deve ser entendido como um instrumento para aprimorar as capacidades de expressão e compreensão entre as pessoas.

Nesse contexto, cabe ao professor proporcionar ao aluno um ensino de análise linguística/semiótica por meio de textos. Isso significa ensinar gramática de forma contextualizada, baseada em regras relevantes e funcionais, que considere o uso real da língua, tanto na modalidade falada quanto escrita, e que privilegie, além da norma-padrão, outras variedades da língua. Vale ressaltar que o ensino da análise linguística/semiótica deve estar alinhado à forma de avaliação e vice-versa. Assim, a avaliação deve considerar o desenvolvimento das competências linguísticas do aluno em diferentes contextos e variedades de uso, relacionando a teoria ao uso prático da língua.

Como professora participante e pesquisadora, observo que, assim como as mudanças vêm ocorrendo no processo de ensino e avaliação da produção escrita, elas também têm impactado a análise linguística/semiótica. Isso acontece por meio da oferta recorrente de atividades de produção que exigem a realização das etapas

de revisão e reescrita, e, principalmente, com o nosso feedback, no qual utilizamos os problemas mais recorrentes nas produções dos alunos para explicar aspectos da organização gramatical e estrutural. Dessa forma, permitimos que o aluno compreenda o funcionamento da língua de maneira prática e real.

Além disso, reforço a ideia de que a oralidade, leitura e produção escrita estão intimamente ligadas à análise linguística/semiótica, pois, como seres interativos, produzimos mensagens que precisam ser compreendidas pelo interlocutor. Não lemos, não falamos e nem escrevemos de forma aleatória.

Após percorrermos os fundamentos teóricos sobre ensino e avaliação nos eixos que compõem a LP, constatamos que documentos norteadores e estudos na área apontam para a necessidade de uma mudança na abordagem do professor. O professor é a chave para a mudança e precisa transpor a teoria à prática em sala de aula, promovendo um ensino e avaliação significativos, pois suas escolhas dão sentido às aulas e despertam no aluno a necessidade de adquirir conhecimento.

Nesse contexto, o professor deve alinhar o ensino e a avaliação, ambos fundamentados em textos reais, produzidos em contextos reais de comunicação. Além disso, ele deve atuar como mediador do desenvolvimento das competências e habilidades do aluno, destacando que, embora o componente curricular de LP inclua quatro eixos diferentes com características específicas, esses eixos estão interligados e se complementam.

Assim, o ensino e a avaliação devem integrar todos os eixos com o mesmo grau de relevância e de forma articulada, permitindo que o aluno compreenda a importância do estudo da língua e seja capaz de produzir textos orais e escritos adequados aos contextos em que está inserido, reconhecendo seu papel como ser social e interativo.

Para alcançar essa integração, o professor deve planejar instrumentos avaliativos adequados e esclarecer os critérios utilizados no processo, possibilitando que o aluno se adeque à situação e reflita sobre suas escolhas.

2.4. Gêneros Textuais e o Gênero Seminário no Ensino

O ser humano é um ser social e utiliza a língua como meio de comunicação, produzindo enunciados orais e escritos em todas as esferas da atividade humana. Esses enunciados são elaborados considerando o contexto e a finalidade da produção.

Segundo, Bakhtin (1997),

o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (Bakhtin, 1997, p. 280).

Todo enunciado é composto pela fusão do conteúdo temático, do estilo e da construção composicional, moldados por cada esfera da comunicação, cujas convenções e expectativas influenciam diretamente sua formação e compreensão. Ou seja, o conteúdo do enunciado é determinado pelas características específicas da esfera da comunicação em que é produzido; o estilo é adaptado conforme o contexto e a finalidade comunicativa; e a construção composicional é definida pelas convenções e finalidades próprias da situação de uso.

Portanto, cada enunciado é único e específico, pois se insere em um contexto de gêneros discursivos que fornecem uma estrutura básica, mas que não o limitam a uma criação aleatória.

Considerando que todo discurso é produzido em um contexto social, por meio de um gênero textual, com propósito específico, e que envolve pessoas que interagem socialmente — as quais produzem textos para se comunicarem, expressando seus interesses, opiniões, reflexões e críticas —, é extremamente importante que o processo de ensino-aprendizagem de LP siga essa mesma lógica.

Em outras palavras, o ensino de LP deve ser centrado no texto oral ou escrito —, inserido em um gênero textual adequado ao contexto de produção, com objetivo claro e funcionalidade específica para a situação comunicativa em que é utilizado.

A abordagem para o ensino-aprendizagem de LP centra-se agora no texto inserido em um gênero textual, que, segundo Marcuschi (2008), é definido como

os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se

expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas (Marcuschi, 2008, p. 155).

Os gêneros textuais são caracterizados como práticas sociais, construídas a partir da interação entre interlocutores que utilizam a palavra — oral ou escrita — em um domínio discursivo, para expressar significados adequados à situação comunicativa.

Alves Filho (2011, p. 20) afirma que “os gêneros são como grupos sociais e os seres humanos que os usam: mutáveis, variáveis, dinâmicos, às vezes até mesmo contraditórios e irregulares” e que “as classificações são históricas, culturais, ideológicas e não naturais e imutáveis para sempre” (Alves Filho, 2011, p. 25).

Por serem caracteristicamente dinâmicos, os gêneros se inter-relacionam, o que muitas vezes torna sua classificação difícil. Para compreendê-los, é necessário utilizar critérios variados — individualmente ou combinados —, como: forma estrutural, propósito comunicativo, conteúdo, meio de transmissão, papéis dos interlocutores e contexto situacional.

Dessa forma, ao se trabalhar com os gêneros textuais, a classificação deve considerar o uso, a situação e o local de publicação. Isso porque um mesmo texto pode funcionar em diferentes gêneros, e o que prevalecerá para justificar seu enquadramento em determinado gênero será o contexto de uso.

Posto isso, é inevitável que a escola assuma o compromisso de proporcionar um ensino-aprendizagem de LP a partir de gêneros textuais, orais ou escritos, já

que todos os textos se realizam em algum gênero e todos os gêneros comportam um ou mais sequências tipológicas e são produzidos em algum domínio discursivo que, por sua vez, se acha dentro de uma formação discursiva, sendo que os textos sempre se fixam em algum suporte pelo qual atingem a sociedade (Marcuschi, 2008, p. 176).

Os textos precisam ser vistos pelo aluno como entidades vivas, que interagem com a sociedade e são estruturados de acordo com o contexto e a situação para os quais foram criados.

Nesse cenário, o professor, como mediador, precisa planejar o ensino-aprendizagem com base em gêneros textuais, sem priorizar um gênero em detrimento de outro,

embora saibamos que os currículos escolares e os livros didáticos já façam seleções de gêneros para serem trabalhados em sala de aula, creio que esta prerrogativa não pode ser excluída do conjunto de professores de cada escola, os quais detêm mais conhecimento das necessidades comunicativas dos alunos e, portanto, reúnem mais condições de escolherem os gêneros a serem efetivamente trabalhados (Alves Filho, 2011, p. 66).

O professor deve se preocupar em proporcionar aos alunos o conhecimento de uma diversidade significativa de gêneros, provenientes de diferentes domínios discursivos, para que eles possam fazer escolhas conscientes e responsáveis, com base na forma, no conteúdo e nos valores sociais, culturais e políticos presentes em cada gênero.

Desse modo, os alunos devem ser capazes de “compreender as relações entre os aspectos linguísticos e a dimensão contextual dos gêneros” (Alves Filho, 2011, p. 68), desenvolvendo competências que lhes permitam atuar criticamente nas diversas esferas da vida social.

Como pesquisadora e professora, tenho plena consciência das necessidades dos alunos em sala de aula. Por isso, esta pesquisa foi direcionada ao trabalho com o gênero textual Seminário, amplamente utilizado no cotidiano escolar por professores de diferentes componentes curriculares. Trata-se de um gênero da modalidade discursiva oral, frequentemente adotado como estratégia metodológica para a aquisição de conhecimento ou o aprofundamento de conteúdo.

No entanto, surge a seguinte questão: será que seu uso recorrente considera toda a potencialidade que o gênero é capaz de oferecer, ou o que prevalece é a preocupação com o conteúdo a ser transmitido, utilizando o gênero apenas como suporte para essa transmissão?

Nosso intuito é destacar a relevância de recorrer ao gênero Seminário como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem de LP, considerando-o em sua totalidade — estilo, composição e conteúdo — e buscando explorar as possibilidades que esse gênero oferece para o aprimoramento de todos os eixos do componente.

Além disso, buscamos estabelecer critérios avaliativos que promovam uma abordagem holística e integrada dos eixos, orientando os alunos em seu processo de aprendizagem. Por fim, enfatizamos que o conhecimento construído em LP transcende o componente, podendo ser mobilizado em diferentes contextos e em diversos campos do saber.

Diferentemente da terminologia com a qual é comumente conhecido, o Seminário é apresentado pelos estudiosos como *Exposição Oral* e é definido como

gênero textual público, relativamente formal e específico, no qual um expositor especialista dirige-se a um auditório, de maneira (explicitamente) estruturada, para lhe transmitir, descrever-lhe ou lhe explicar alguma coisa (Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd, 2004, p. 185).

Os autores ressaltam que a exposição oral é um gênero textual formal e público, no qual um especialista expõe, transmite ou explica um tema ou conteúdo de maneira estruturada, organizada, clara e objetiva. Embora o foco dos autores esteja na estrutura e na forma desse gênero, é importante, como professores de LP, observar que, ao trabalhar com a *Exposição Oral*, vamos além desses aspectos. O gênero reforça a clareza na comunicação, o domínio do tema ou conteúdo tratado e aprimora a capacidade argumentativa, tanto do expositor quanto do público.

Além dessa perspectiva, incorporamos à nossa pesquisa a definição apresentada por Gomes-Santos (2012), que descreve a *Exposição Oral* como “um gênero textual que agencia um conjunto amplo de textos, colocando-os em relação com outros textos, a fim de tornar público um assunto ou tema” (Gomes-Santos, 2012, p. 17). O autor destaca a intertextualidade como uma característica fundamental desse gênero e argumenta que, durante o planejamento, o expositor deve buscar informações em diversas fontes e formatos, decompondo-as para recompor em seu próprio texto autoral.

Observamos que as definições propostas por Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004) e Gomes-Santos (2012) se complementam e enriquecem nossa compreensão do gênero *Exposição Oral*. A primeira destaca a necessidade de considerar a organização estrutural, enquanto a segunda ressalta o caráter intertextual e a importância de desenvolver a habilidade de relacionar diversos textos para a realização da *Exposição Oral*.

Embora seja tratado pelos estudiosos como *Exposição Oral*, nesta pesquisa optamos por utilizar o termo *Seminário*, por ser assim conhecido no ambiente escolar. Assim, pela ótica apresentada pelos autores, é fundamental, para abordarmos o gênero nas salas de aula, conhecer o processo que envolve o gênero, desde seu planejamento até sua exposição.

Tendo em vista o exposto, para que o seminário seja realizado, é necessário que o expositor ou o grupo de expositores planeje as ações a serem executadas, iniciando pela busca de informações sobre o tema ou conteúdo em diferentes fontes e suportes, para constituírem seu acervo. Depois de constituído o acervo, o expositor precisará decompor as informações para recompor, selecionando, sumarizando e roteirizando os dados que serão apresentados no seminário.

Nesse momento, é imprescindível a figura do professor, que tem como função mediar o contato do aluno ou grupo de alunos com as informações levantadas, ajudando-os a identificar, organizar e reagrupar o material, para que possam expor seu tema ou conteúdo de maneira clara, coesa e coerente. Na seleção, o professor orienta o aluno ou grupo a confrontar as informações, percebendo as semelhanças e diferenças do material pesquisado, buscando selecionar o que será utilizado de acordo com o grau de prioridade e apresentando-as de forma organizada, articulada e com progressão de informações.

Na etapa de sumarização, o professor orienta o aluno ou grupo a deixar as informações mais sucintas, já que essa fase visa resumir os textos, o que demonstrará ao professor o nível de compreensão e interpretação realizados, expressos pelo uso da exclusão, substituição e adaptação das informações. Por fim, na roteirização, última etapa do planejamento, o professor orienta o aluno para que as informações sejam organizadas de maneira esquemática, com o objetivo de guiar a exposição do tema ou conteúdo de forma ordenada e progressiva.

Associando o gênero Seminário ao processo de ensino-aprendizagem de LP, fica evidente o quanto é relevante que o professor utilize esse gênero para desenvolver as competências e habilidades dos alunos. Durante a etapa de planejamento, o aluno mobiliza, de imediato, o eixo da leitura e o eixo da análise linguística/semiótica, ao interagir com um acervo caracteristicamente multissemiótico, o qual também contribuirá para a produção do material audiovisual a ser utilizado no momento da exposição.

Além disso, o eixo da produção escrita é ativado por meio dos esquemas elaborados a partir das informações que serão expostas oralmente, caracterizando a última etapa da elaboração do gênero e mobilizando o aluno para o eixo da oralidade.

A ação de expor informações oralmente é um ato que exige organização, pois nada ocorre de maneira aleatória. Nesse contexto, é essencial considerarmos as recomendações dos professores Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004),

mencionadas por Gomes-Santos (2012), que sugerem uma ordenação das fases constitutivas do Seminário (Exposição Oral), a saber:

Quadro 8: Organização Global do Seminário

Fases	Ação do aluno expositor
Abertura	O aluno assume o papel de expositor/especialista e instaura o intercâmbio com seus colegas, que assumem o papel de auditório.
Introdução ao tema	O expositor anuncia o tema e os aspectos que focalizará e justifica sua relevância.
Apresentação do plano da exposição	O expositor apresenta ao auditório os passos que procurará seguir na exposição, conforme o roteiro planejado.
O desenvolvimento e o encadeamento dos diferentes temas	O expositor passa a explanar os conteúdos roteirizados.
Uma fase de recapitulação e síntese	O expositor sumariza o conjunto de conteúdos expostos.
A conclusão	O expositor finaliza a explanação do conjunto de conteúdos expostos.
O encerramento	O expositor anuncia o final da exposição, agradece pela atenção do auditório e dispõe-se a responder às suas eventuais perguntas.

Fonte: Gomes-Santos, 2012, p. 95.

Essas fases de organização global do seminário constituem uma forma de garantir ao aluno, ou ao grupo de alunos, a possibilidade de apresentar um tema ou conteúdo de maneira eficaz, estruturando-o de forma lógica e coerente. Isso, conseqüentemente, promove uma melhor compreensão por parte do público ouvinte.

Gomes-Santos (2012) enfatiza que essas fases não são estanques nem descontínuas, pois, quando o trabalho é realizado em grupo — como no caso dos seminários apresentados em sala de aula — os alunos adotam estratégias de gestão interacional e de progressão temática para estruturar o seminário. A primeira estratégia refere-se à distribuição e ordenação das falas entre os expositores, enquanto a segunda se evidencia por meio do uso de recursos como exemplificação, reformulação, narrativização e comentário.

O autor ressalta ainda que, além dessas estratégias discursivas, o seminário recorre a recursos semióticos diversos, os quais auxiliam na transmissão clara e eficaz do tema ou conteúdo apresentado.

Com isso, observamos que, ao utilizar o gênero textual Seminário em sala de aula, o professor promove o desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos em todos os eixos de LP de maneira integrada e articulada. Quando esse trabalho é alinhado a uma avaliação com critérios bem definidos, o gênero torna-se ainda mais eficaz no processo de ensino-aprendizagem, assegurando o mesmo grau de relevância entre os diferentes eixos.

3. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Para desenvolver nossa pesquisa, iniciamos explorando o cotidiano escolar a fim de identificar o problema que seria abordado no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. A pesquisa caracterizou-se por duas linhas investigativas: exploratória e descritiva. A primeira direcionou-nos ao processo avaliativo, no qual percebemos que este era desenvolvido, na maioria das vezes, com os eixos desarticulados entre si. A segunda mostrou-se necessária para descrever a situação-problema, os envolvidos no processo e a proposta de sequência de atividades planejadas para solucionar o problema identificado.

Dessa forma, para um delineamento coerente, utilizamos as abordagens bibliográfica, quanti-qualitativa e a pesquisa-ação.

Em um contexto acadêmico, o processo avaliativo constitui um tema complexo, que gera discussões em virtude da forma como vinha sendo desenvolvido nas salas de aula — muitas vezes de maneira tradicional e com os eixos desarticulados. Para transformar esse panorama, foi necessário que o professor adquirisse conhecimento teórico, de modo que sua prática avaliativa se tornasse coerente e significativa para o aluno.

Seguindo essa linha de raciocínio, a abordagem bibliográfica apresentada nesta pesquisa desempenhou papel fundamental, pois “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44), o que possibilitou o desenvolvimento de uma investigação com embasamento teórico suficiente para promover mudanças significativas na prática avaliativa de LP no cotidiano da sala de aula.

A segunda abordagem da pesquisa foi a quanti-qualitativa, também conhecida como pesquisa de métodos mistos. Esse método

se concentra em coletar, analisar e misturar dados quantitativos e qualitativos em um único estudo ou uma série de estudos. Em combinação, proporciona um melhor entendimento dos problemas de pesquisa do que cada uma das abordagens isoladamente (Creswell e Plano Clark, 2007, p. 5).

Com essa abordagem, nossa pesquisa buscou levantar, quantitativamente, dados sobre o eixo mais ou menos enfatizado no cotidiano escolar, os instrumentos utilizados no processo avaliativo e, qualitativamente, as perspectivas dos alunos em

relação ao processo de ensino-aprendizagem e à avaliação dos eixos de LP, a partir do gênero textual Seminário.

Por ser de natureza aplicada – pois “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” Gerhardt e Silveira (2009, p. 35) –, adotamos a última abordagem: a pesquisa-ação, que se caracterizou como

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 1986, p. 14).

No contexto desta pesquisa, por haver uma situação-problema que precisava ser solucionada, a pesquisa-ação mostrou-se extremamente necessária, considerando a interação constante entre a pesquisadora e os colaboradores. Estes desempenharam um papel ativo na investigação, participando das sequências de atividades organizadas e contribuindo para a construção dos dados que foram, posteriormente, apresentados e analisados.

Iniciamos a pesquisa com o levantamento bibliográfico de obras de autores que discutem a temática da Avaliação, tanto em um contexto geral quanto especificamente no ensino-aprendizagem de LP, as quais serviram de base para a elaboração da fundamentação teórica que sustentou todo o desenvolvimento do trabalho.

Em seguida, elaboramos artigos para apresentação em eventos do PROFLETRAS e, paralelamente, desenvolvemos os textos iniciais da dissertação, que foram aprimorados por meio das visitas regulares à Universidade para orientação com o professor orientador. Além disso, preparamos o Resumo Expandido para o Seminário Discente, a primeira versão da Dissertação para a etapa de Qualificação e enviamos o Projeto Inicial para avaliação e aprovação pelo Comitê de Ética (Anexo 1), a fim de podermos prosseguir com o levantamento dos dados.

Com a teoria fundamentada, buscamos concentrar-nos na questão-problema da pesquisa, com o objetivo de levantar dados que a compusessem. Para isso, aplicamos um Questionário Inicial (Apêndice 1), por meio do Google Formulários, aos alunos, com perguntas de cunho pessoal, voltadas ao processo de ensino-aprendizagem e avaliação de Língua Portuguesa, bem como ao conhecimento prévio sobre o gênero textual Seminário.

Em seguida, propusemos uma intervenção a partir de ações desenvolvidas por meio de uma Sequência de Atividades¹⁰, com foco no referido gênero, contemplando os quatro eixos — oralidade, leitura, produção textual e análise linguística/semiótica — e o processo avaliativo, todos com o mesmo grau de relevância e articulados entre si.

Além disso, aplicamos um Questionário Final (Apêndice 2), no mesmo formato do inicial, com o intuito de identificar a percepção dos alunos após o desenvolvimento da sequência de atividades. Também incluímos na análise o livro didático *Português Linguagens*, de Cereja e Vianna (2022), por ser adotado pela rede de ensino, com o objetivo de verificar se esse suporte pedagógico contempla, de forma integrada, os quatro eixos em torno de um único gênero textual e se propõe uma avaliação alinhada à mesma perspectiva adotada nesta pesquisa.

Passada a fase de coleta de dados, iniciamos o processo de análise, adotando o método de análise de conteúdo, definida por Bardin (1977) como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo de mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 1977, p. 42).

Nesse sentido, buscamos realizar uma análise que garantisse a confiabilidade dos resultados, utilizando técnicas objetivas de descrição, evitando interpretações subjetivas das mensagens e priorizando a compreensão dos significados e das condições de produção.

Concluído o processo de análise, todas as informações foram meticulosamente registradas, tanto em formato escrito quanto digital, com o objetivo de contribuir com a comunidade acadêmica e demais interessados no tema. Como resultados, esperávamos que os alunos, a partir do estudo do gênero Seminário, compreendessem que, para que o ensino e a avaliação de LP cumpram seus propósitos, é essencial que todos os eixos sejam contemplados e articulados entre si.

¹⁰ Entendida como um conjunto de atividades estruturadas e planejadas de maneira que a aprendizagem aconteça de maneira gradativa, embasada na teoria de Jerome Seymour Bruner (1973, apud SIPEC, 2017).

Como produto final da pesquisa, desenvolvemos um Módulo Educacional, contendo todas as atividades realizadas com base no gênero Seminário, a fim de ser utilizado como recurso didático por outros professores em suas práticas pedagógicas.

A seguir, apresentamos detalhadamente os elementos que compuseram nosso percurso metodológico: o *lócus* da pesquisa, com a descrição da Escola Municipal onde o estudo foi desenvolvido; os colaboradores, com a caracterização dos alunos participantes e esclarecimentos sobre sua participação; a proposta de intervenção, com o detalhamento das Sequências de Atividades realizadas; e, por fim, o produto final, representado pelo Módulo Educacional em formato de e-book, destinado a ser compartilhado com o público interessado no tema.

3.1. *Lócus* da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma das Escolas Municipais de Ensino Fundamental, localizada no perímetro urbano do município de Esperança, no Estado da Paraíba. O espaço físico da escola é amplo, típico dos casarões de época, onde anteriormente funcionava o Ginásio Diocesano de Esperança. Na entrada, localizam-se o hall, a secretaria, a diretoria e a sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Em seguida, há um pátio central que conecta o auditório, a cozinha, a sala dos professores e as salas de aula — estas em um total de treze — com características que variam entre amplas e de porte médio, todas com iluminação natural e boa ventilação, sendo utilizadas unidades de ar-condicionado quando necessário. Os banheiros estão distribuídos em dois blocos, cada um com cinco divisões (masculino e feminino) para os alunos, além de dois individuais (masculino e feminino) destinados a professores e funcionários. A escola também conta com uma pequena biblioteca, dois almoxarifados e um espaço lateral utilizado, geralmente, para recreação.

A instituição funciona nos três turnos. Pela manhã, atende turmas do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), com um total de 414 alunos; à tarde, recebe as turmas do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), com 426 alunos; e, à noite, funciona com turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo cinco turmas da 1ª Fase, com 87 alunos, e cinco da 2ª Fase, também com 87 alunos.

O corpo docente é composto por um Diretor Geral, três Diretores Adjuntos, duas Supervisoras, um Coordenador e cinquenta e oito professores. Destes, 25 são graduados, 31 possuem especialização e dois estão cursando mestrado. A equipe de

apoio é formada por cinco auxiliares de serviços gerais, duas merendeiras, treze cuidadores, três vigias, cinco secretários e uma bibliotecária.

Do ponto de vista pedagógico, a escola apresenta um Projeto Político-Pedagógico (PPP) com vigência de 2022 a 2025, que contempla projetos como: Família e Escola, Estação Leitura, Meio Ambiente, Jornada da Alimentação Escolar e Cidadania. A proposta curricular busca o desenvolvimento sistemático de competências e habilidades, permitindo que o aluno se aproprie dos conhecimentos acadêmicos, aprimorando, assim, sua capacidade de aplicá-los na resolução de problemas do cotidiano. A escola incentiva o estudo e o trabalho autônomo, crítico e criativo, tanto de forma individual quanto coletiva.

Além disso, considerando os resultados das avaliações externas, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – doravante IDEB –, a escola apresentou os seguintes resultados relacionados ao componente curricular de Língua Portuguesa:

QUADRO 9: Resultados do IDEB da Escola

ANO	ANOS INICIAIS			ANOS FINAIS		
	PROFICIÊNCIA	IDEB	META	PROFICIÊNCIA	IDEB	META
2013	211,06	5,9	5,3	245,68	4,5	4,3
2015	232,67	6,7	5,6	253,9	4,6	4,7
2017	207,4	5,9	5,8	270,27	5,0	4,9
2019	226,38	6,6	6,1	278,52	5,3	5,2
2021	227,96	6,3	6,3	261,1	5,3	5,5
2023	240,24	7,0	6,3	257,41	5,1	5,5

Fonte: IDEB 2023, INEP.

Analisando o quadro de resultados do IDEB, observamos que, no período de 2013 a 2023, todas as metas estabelecidas para os Anos Iniciais foram alcançadas, embora tenha ocorrido uma queda nos índices nos anos de 2017 e 2021. Apesar disso, a proficiência evoluiu nas duas últimas edições da avaliação, retomando o avanço em 2023. Por outro lado, nos Anos Finais, as metas estabelecidas para 2015 e 2021 não foram atingidas, ainda que tenha havido um aumento na proficiência. Curiosamente, no ano de 2021, o IDEB manteve-se no mesmo patamar do resultado anterior, mesmo com a queda na proficiência em Língua Portuguesa. Por fim, no ano mais recente, 2023, a escola não atingiu a meta estabelecida e, além disso, apresentou diminuição na proficiência.

3.2. Colaboradores da Pesquisa

Para a realização desta pesquisa, foi imprescindível a participação dos colaboradores: uma turma do 8º Ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental de Esperança – PB, composta por vinte e nove alunos, sendo dezesseis meninos e treze meninas, com idades entre 12 e 14 anos. Os alunos residem na zona urbana do município e pertencem à classe média baixa da sociedade local. Embora apresentassem um desempenho acadêmico mediano, demonstraram interesse em adquirir conhecimento, participando ativamente das aulas e cumprindo as tarefas propostas.

Todos os envolvidos na pesquisa foram devidamente informados de que as informações coletadas, tanto por meio de questionários quanto durante a Sequência de Atividades, seriam utilizadas na construção de uma Dissertação de Mestrado. Considerando seu caráter acadêmico, a pesquisa respeitou e seguiu todas as exigências éticas previstas na Resolução nº 466/12 do CNS/MS, por envolver seres humanos como colaboradores – no caso, os alunos do 8º Ano da referida escola, bem como a própria instituição de ensino.

Os dados coletados foram utilizados exclusivamente neste estudo acadêmico, com o propósito de contribuir para a área de conhecimento, sendo analisados de forma a garantir a relevância de sua aplicação também para outros pesquisadores. Assim, a pesquisa manteve um compromisso ético com todos os acordos firmados e termos assinados, preservando, acima de tudo, a autonomia, a confidencialidade e a proteção dos colaboradores até a publicação final dos resultados.

3.3. Caracterização da Proposta de Intervenção

Essa proposta de intervenção foi estruturada para ser desenvolvida por meio de uma Sequência de Atividades com o gênero textual Seminário, objetivando proporcionar aos alunos do 8º Ano – Anos Finais uma nova experiência com o ensino-aprendizagem de LP e com seu processo avaliativo. A escolha por desenvolver esta pesquisa com o gênero Seminário ocorreu pelo fato de observarmos que, no cotidiano escolar, esse gênero é utilizado não apenas por LP, mas por todos os componentes curriculares, como recurso metodológico e estratégia pedagógica.

Sendo assim, com o intuito de aprofundar o conhecimento dos alunos a respeito do gênero, suas características e sua funcionalidade, construímos esta proposta com seis Sequências de Atividades que, após a devida autorização dos responsáveis, foram desenvolvidas na prática. A sequência inicial introduziu o gênero textual Seminário, suas características e funcionalidade. Em seguida, propusemos quatro sequências com foco individual nos eixos Leitura, Oralidade, Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica, com o objetivo de apresentar as especificidades de cada eixo no processo de ensino-aprendizagem, sobretudo em relação à avaliação a partir do gênero textual Seminário. Por fim, a última sequência integrou todos os eixos de LP, que foram abordados e avaliados com o mesmo grau de relevância.

Além disso, para melhor observação do desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos, propusemos que as atividades fossem realizadas em cinco equipes fixas, sendo quatro com seis alunos e uma com cinco, conforme organização decidida por eles. Os seminários abordaram os seguintes temas: Olimpíadas, Preconceito Racial, Aquecimento Global e Catástrofes Ambientais, Uso de Drogas entre Adolescentes e Inclusão, escolhidos com base nas respostas do Questionário Inicial (Apêndice 1).

As seis Sequências de Atividades foram organizadas de forma estruturada, com a apresentação de seus objetivos, justificativa, tempo de execução, recursos didáticos, desenvolvimento detalhado e ficha com os critérios avaliativos, utilizando conceitos (Regular, Bom, Ótimo, Excelente) e atribuição de notas para auxiliar na conclusão da avaliação.

3.3.1. SEQUÊNCIA 1 – Gênero Textual Seminário: teoria e reflexão

OBJETIVOS:

- Ampliar seu conhecimento sobre o gênero textual Seminário, suas características e funcionalidade;
- Refletir sobre suas experiências com o gênero;
- Conhecer a proposta metodológica contida no Livro Didático de Língua Portuguesa – doravante LDLP;
- Desenvolver habilidades de pesquisa, organização de informações, utilização de materiais audiovisuais, planejamento de apresentação e trabalho em equipe;

- Analisar criticamente a apresentação de um Seminário.

JUSTIFICATIVA:

Os gêneros textuais estão no centro do processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, sendo de extrema importância que o aluno os conheça em todos os seus aspectos. O gênero textual Seminário é um dos inúmeros gêneros existentes e abordados não apenas por professores de LP, mas também por docentes de todos os componentes curriculares no cotidiano escolar, como estratégia metodológica. Isso porque ele permite aos alunos conhecerem um tema, assunto ou conteúdo de forma mais aprofundada.

Sendo assim, proporcionar ao aluno a oportunidade de se aprofundar no conhecimento desse gênero possibilitou o desenvolvimento de competências e habilidades essenciais para a vida acadêmica, profissional e pessoal, nas quais a exposição clara e organizada de ideias é fundamental.

TEMPO DE EXECUÇÃO: Total: 8 aulas. (40min e 45 min cada)

RECURSOS DIDÁTICOS: Celulares com acesso à internet; Televisão; Computador e Datashow; Quadro e pincel; Caderneta, Canetas, Folhas de ofício; Material impresso; Vídeos; Livro Didático: Português Linguagens – 8º Ano; Ficha Avaliativa: Atividade 1.

DESENVOLVIMENTO:

1º e 2º Aulas: Seguidas (40 min cada: Total de 80min)

- Divisão da turma em grupos fixos;
- Formação das Equipes;
- Discussão em grupo sobre o gênero Seminário – conhecimento prévio de cada grupo;
- Exposição dos gráficos criados a partir do questionário inicial aplicado;
- Entrega e leitura compartilhada do texto *Exposição Oral: Compreendendo o Gênero Textual Seminário* (Texto adaptado do estudo realizado por Gomes-Santos, 2012);
- Apresentação do gênero Seminário, exposto no LDLP: Português Linguagens;

- Aplicação de Leitura individual, para casa, do texto apresentado no LDLP sobre o gênero textual Seminário.

3º Aula: (40 min)

- Formação das Equipes;
- Retomada das aulas anteriores com uma revisão do conteúdo do LDLP sobre o gênero Seminário, abordando as dúvidas e dificuldades dos alunos em relação à leitura realizada em casa;
- Apresentação e discussão do vídeo: *Criando slides completos usando apenas o celular de forma fácil!* (Escola e Trabalho) (07min06s). Disponível em: <https://youtu.be/TMzCto1E2Yw>. Acesso em: 25 jul. 2024;
- Entrega de material impresso, para leitura individual em casa:
 - 1- *5 dicas para tornar a pesquisa na internet mais eficiente;*
 - 2- *Fazer um cartaz escolar nota 10;*
 - 3- *Dicas para apresentação oral.*

4º e 5º Aulas: Seguidas (40 min cada: Total de 80min)

- Formação das Equipes;
- Retomada das aulas anteriores com uma revisão do material impresso entregue sobre pesquisas na internet, elaboração de cartazes e dicas para apresentação oral, abordando as dúvidas e dificuldades dos alunos em relação à leitura realizada em casa;
- Apresentação e discussão do vídeo: *Show de apresentação de Seminário Turma 1º Ano A – Tecnologia.* (15min55s). Disponível em: <https://youtu.be/XRa4hh4CQOg?si=ZOrh8gF49iPsQGtx>. Acesso em: 25 jul. 2024;
- Proposta de Atividade: Cada grupo deverá produzir um texto escrito para ser entregue, com base no material teórico abordado até o momento sobre o gênero textual Seminário e o vídeo *Show de apresentação de Seminário Turma 1º Ano A – Tecnologia*. O texto deve conter as seguintes informações:
 1. Compreensão sobre *O que é o gênero textual SEMINÁRIO*;
 2. Os elementos que compõem o gênero;
 3. Impressões do grupo sobre o seminário apresentado pelas alunas no vídeo;
 4. Não esqueça de colocar um título.

- Apresentação, discussão e entrega dos Critérios Avaliativos:

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	REGULAR 70	BOM 80	ÓTIMO 90	EXCELENTE 100
Observação das discussões no grupo				
Compreensão e apresentação dos elementos que compõem o gênero Seminário no texto escrito				
Compreensão do vídeo, a partir da apresentação das impressões do grupo, no texto escrito				
Organização das informações no texto escrito				
Apresentação do texto elaborado oralmente				
Trabalho em equipe				

Fonte: Elaborado pela autora, 09/2024.

6º e 7º Aulas: Seguidas (45 min cada: Total de 90min)

- Formação das Equipes;
- Elaboração do texto escrito;
- Refacção supervisionada do texto produzido.

8º Aula: (40 min)

- Formação das Equipes;
- Apresentação e entrega do texto elaborado;
- Feedback dos textos entregues, a partir de explanação oral.

3.3.2. SEQUÊNCIA 2 – Leitura no Gênero Seminário: o início de tudo

OBJETIVOS:

- Desenvolver habilidades de leitura, compreensão e interpretação, a partir do planejamento e apresentação do gênero Seminário;
- Incentivar a leitura crítica e reflexiva, pela busca de conhecimento de mundo, através do planejamento e apresentação de Seminário;
- Reconhecer a importância do estudo e aperfeiçoamento da leitura, no ambiente escolar, para seu desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal;

- Desenvolver e apresentar um Seminário com tema *Preconceito Racial*, para ser avaliado a partir do eixo Leitura.

JUSTIFICATIVA:

Em uma sociedade conectada como a que vivemos, é inadmissível que a leitura não seja considerada uma peça essencial para a sobrevivência social. Reconhecendo a essencialidade da leitura na formação do aluno como cidadão crítico e participativo, construímos esta sequência de atividades, utilizando o gênero textual Seminário como base. A produção do Seminário exige que o aluno seja protagonista da ação, planejando, lendo, refletindo e analisando criticamente o material selecionado, para, em seguida, apresentá-lo. Para o desenvolvimento dessa sequência de atividades, com foco na Leitura, o tema abordado foi o *Preconceito Racial*.

TEMPO DE EXECUÇÃO: Total: 6 aulas. (40min e 45 min cada)

RECURSOS DIDÁTICOS: Celulares com acesso à internet; Computador e Datashow; Quadro e pincel; Caderneta, Canetas, Folhas de ofício; Material impresso; Cronômetro: Para controlar o tempo de cada exposição; Vídeo; Ficha de critérios avaliativos propostos para sequência.

DESENVOLVIMENTO:

1º Aula: (40 min)

- Formação das Equipes;
- Discussão sobre a importância do estudo e aprimoramento da leitura para o desenvolvimento da vida quanto cidadão crítico e participativo;
- Introdução do tema *Preconceito Racial*;
- Entrega, leitura compartilhada e discussão do texto: *Preconceito racial: o que é e como combater o racismo*;
- Sorteio dos subtemas por cada grupo de alunos, pré-estabelecidos:
 1. *História do Preconceito Racial: Origens e evolução do racismo ao longo da história.*
 2. *Preconceito Racial nas Instituições: Racismo institucional e suas manifestações em setores como educação, saúde, justiça e emprego.*

3. *Educação e Consciência Racial: A importância da educação na promoção da igualdade racial e na desconstrução do racismo.*
4. *Legislação e Políticas Públicas: Leis e políticas destinadas a combater o preconceito racial e promover a igualdade.*
5. *Arte e Resistência Racial: Como a arte é usada como forma de resistência e expressão contra o racismo.*

2º e 3º Aulas: Seguidas (40 min cada: Total de 80min)

- Formação das Equipes;
- Explanação a respeito de cada subtema sorteado;
- Vídeo: *Vista a Minha Pele* (24min47s). Disponível em: <https://youtu.be/6Nlt-Q5iuYE>. Acesso em: 31 jul. 2024;
- Discussão sobre o vídeo apresentado;
- Reforço do conhecimento adquirido sobre os elementos que compõem o gênero textual Seminário e sua estrutura organizacional;
- Orientação para os grupos reverem o material impresso entregue sobre pesquisa na internet e criação de material visual para apoiar na apresentação oral;

4º Aula: (45 min)

- Formação das Equipes;
- Entrega e discussão da ficha dos critérios avaliativos, com foco na leitura;
- Orientação para ensaios da apresentação, com tempo estipulado de 15 minutos para cada equipe;
- Orientação sobre o material escrito para ser entregue.

5º e 6º Aulas: Seguidas (45 min cada: Total de 90min)

- Formação das Equipes;
- Atividades: Elaboração, apresentação e entrega de material escrito de Seminário sobre o subtema do tema gerador *Preconceito Racial*;
- Feedback dos seminários realizados.

AValiação:

A avaliação considerará os seguintes critérios expostos na Ficha Avaliativa, com foco no eixo da leitura que segue:

FICHA AVALIATIVA: Seminário Eixo Leitura

CRITÉRIOS	REGULAR 70	BOM 80	ÓTIMO 90	EXCELENTE 100
Conhecimento prévio sobre o tema				
Profundidade da pesquisa realizada				
Domínio na compreensão do tema e subtema apresentados				
Reconhecimento das características do gênero textual				
Vocabulário utilizado de acordo com o tema e o gênero abordado				
Leitura crítica do material pesquisado				
Organização textual				
Apresentação dos principais pontos relacionados ao subtema abordado				
Interpretação das imagens utilizadas para compor o material audiovisual				
Pontuação expressiva: utilizar a pontuação de forma adequada e expressiva				
Compreensão das perguntas realizadas na sessão de perguntas e respostas				

Fonte: Adaptação da teoria de Bezerra, 2007.

3.3.3. SEQUÊNCIA 3: O Protagonismo da Oralidade no Seminário

OBJETIVOS:

- Desenvolver habilidades de comunicação oral a partir do gênero Seminário;
- Estimular o pensamento crítico e a defesa de opinião de forma articulada e fundamentada;
- Reconhecer a importância do estudo da oralidade, no ambiente escolar, para seu desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal;
- Desenvolver e apresentar um Seminário com tema *Olímpiadas*, para ser avaliado a partir do eixo Oralidade.

JUSTIFICATIVA:

Em meio a tanta euforia tecnológica, observamos uma geração que ainda apresenta dificuldades para se expressar, argumentar sobre padrões estabelecidos

pela sociedade e até mesmo ser escutada. Tais dificuldades, muitas vezes, foram ocasionadas pela ausência de oportunidades adequadas para o desenvolvimento da competência oral durante o processo de aquisição do conhecimento teórico da modalidade.

A oralidade, por sua vez, constituiu uma habilidade essencial para o desenvolvimento do ser humano em sociedade, bem como no meio acadêmico e profissional. Trabalhar essa habilidade possibilitará aos alunos aprimorar sua competência comunicativa, estimular a autoconfiança, fortalecer a capacidade argumentativa e interagir de maneira eficaz em situações de exposição pública.

Para tanto, as Olimpíadas foram escolhidas como tema principal para o desenvolvimento da sequência de atividades com foco na Oralidade.

TEMPO DE EXECUÇÃO: Total: 6 aulas. (45 min cada)

RECURSOS DIDÁTICOS: Celulares com acesso à internet; Computador e Datashow; Quadro e pincel; Caderneta, Canetas, Folhas de ofício; Material impresso; Câmera de vídeo para gravar as falas dos alunos; Cronômetro: Para controlar o tempo de cada exposição; Ficha de critérios avaliativos propostos para a sequência.

DESENVOLVIMENTO:

1º Aula: (45 min)

- Formação das Equipes;
- Discussão sobre a importância do estudo da oralidade para o desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal, e a importância da comunicação oral;
- Retomada do vídeo exemplo da 1ª Sequência, para relembrar o seminário apresentado;
- Conversa informal sobre a última Olimpíada, Paris 2024;
- Sorteio dos subtemas por cada grupo de alunos, pré-estabelecidos:
 1. *História das Olimpíadas: Origem e evolução dos Jogos Olímpicos, desde a antiguidade até os tempos modernos.*
 2. *Olimpíadas e Mídia: Cobertura midiática, transmissão e impacto das redes sociais nos Jogos Olímpicos.*

3. *Esportes Olímpicos: Análise e evolução dos diferentes esportes incluídos nos Jogos Olímpicos.*
4. *Inclusão e Diversidade nos Jogos Olímpicos: Participação de mulheres, atletas paralímpicos e diversidade nas Olimpíadas.*
5. *Cerimônias Olímpicas: Análise das cerimônias de abertura e encerramento, o significado dos anéis olímpicos, tocha e mascote, tradições e rituais associados aos jogos.*

- Explicação a respeito de cada subtema sorteado;
- Orientação para os grupos se aprofundarem no subtema sorteado.

2º e 3º Aulas: Seguidas (45 min cada: Total de 90min)

- Formação das Equipes;
- Distribuição e leitura compartilhada do texto: *Olimpíadas (Jogos Olímpicos)*;
- Discussão em grupo e planejamento inicial do Seminário;
- Reforço do conhecimento adquirido sobre os elementos que compõem o gênero textual Seminário e sua estrutura organizacional;
- Orientação para os grupos reverem o material de apoio entregue anteriormente, principalmente o referente a apresentação oral;
- Orientação para ensaios da apresentação, com tempo estipulado de 15 minutos para cada equipe;
- Entrega e discussão da ficha dos critérios avaliativos, com foco na oralidade.

4º e 5º Aulas: Seguidas (45 min cada: Total de 90min)

- Formação das Equipes;
- Atividades: Elaboração, apresentação e entrega de material escrito de Seminário sobre o subtema do tema gerador *Olimpíadas*.

6º Aula: (45 min)

- Formação das Equipes;
- Conclusão das apresentações dos Seminários;
- Feedback dos seminários realizados.

AValiação:

A avaliação considerará os seguintes critérios expostos na Ficha Avaliativa, com foco no eixo da oralidade que segue:

FICHA AVALIATIVA: Seminário Eixo Oralidade

CRITÉRIOS	REGULAR 70	BOM 80	ÓTIMO 90	EXCELENTE 100
Grau de planejamento da apresentação				
Utilização dos recursos suprasegmentais (entonação, acentuação, ritmo, pausas)				
Atitudes corporais (postura, gestos, expressões)				
Uso de Marcadores conversacionais				
Repetições e paráfrases				
Correções				
Hesitações				
Adequação do vocabulário ao evento e público				
Clareza na exposição das informações				
Coerência e coesão das informações expostas				
Utilização e exposição dos recursos visuais				
Respeito a tomada de turno				
Habilidade para responder perguntas realizadas na sessão de perguntas e respostas				

Fonte: Adaptação dos quadros de Melo e Cavalcante, 2007.

3.3.4. SEQUÊNCIA 4 – A Produção Escrita no Gênero Seminário

OBJETIVOS:

- Desenvolver habilidades de produção escrita, a partir do planejamento e apresentação do gênero textual Seminário;
- Reconhecer a importância do estudo e aperfeiçoamento da produção escrita, no ambiente escolar, para seu desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal;
- Incentivar a produção escrita de textos, através do gênero textual Seminário;
- Desenvolver e apresentar um Seminário com tema *Aquecimento Global e As Catástrofes Ambientais*, para ser avaliado no eixo Produção Escrita.

JUSTIFICATIVA:

Não podemos negar que a prática da escrita foi beneficiada com o uso das novas tecnologias, pois percebemos que, atualmente, as pessoas estão interagindo

mais por meio da escrita. Dessa forma, como professores de LP, não podemos perder a oportunidade de mostrar ao aluno a importância da escrita no contexto atual e incentivá-lo a praticar, para aperfeiçoar suas habilidades de produção escrita, não apenas pensando em seu desenvolvimento acadêmico e profissional, mas também para o uso no convívio social.

Nessa perspectiva, desenvolvemos esta sequência de atividades com foco na produção escrita por meio do gênero textual Seminário, pois acreditamos que ele ajuda o aluno a aprimorar suas habilidades de organização de ideias, coesão e coerência textuais, na elaboração do texto em sua integralidade, proporcionadas pelo aprimoramento da habilidade de pesquisa.

Sendo assim, para abordarmos o gênero com foco na Produção Escrita, utilizamos o tema *Aquecimento Global e as Catástrofes Ambientais*.

TEMPO DE EXECUÇÃO: Total: 7 aulas. (45 min cada)

RECURSOS DIDÁTICOS: Celulares com acesso à internet; Computador e Datashow; Quadro e pincel; Caderneta, Canetas, Folhas de ofício; Material impresso; Cronômetro: Para controlar o tempo de cada exposição; Vídeo; Ficha de critérios avaliativos propostos para a sequência.

DESENVOLVIMENTO:

1º Aula: (45 min)

- Formação das Equipes;
- Discussão sobre a importância do estudo e aprimoramento da produção escrita para o desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal;
- Vídeo: *Aquecimento global: 4 afirmações sobre as mudanças climáticas que a ciência desmentiu* (8min26s). Disponível em: <https://www.youtube.com/@BBCNewsBrasil>. Acesso em: 31/07/2024;
- Discussão sobre o vídeo apresentado;
- Sorteio dos subtemas por cada grupo de alunos, pré-estabelecidos:
 1. *Causas e Impactos do Aquecimento Global: Emissões de gases de efeito estufa, desmatamento e outras atividades humanas que contribuem para o aquecimento global.*

2. *Desastres Naturais Intensificados pelo Aquecimento Global: Incidência e severidade aumentadas de furacões, inundações, secas e incêndios florestais.*
3. *Saúde Humana e Aquecimento Global: Doenças relacionadas ao clima, estresse térmico e impactos na saúde mental.*
4. *Políticas e Acordos Climáticos Globais: Acordo de Paris, Protocolo de Kyoto e outras iniciativas internacionais para mitigar o aquecimento global.*
5. *Educação e Conscientização Ambiental: Importância da educação ambiental e da conscientização pública sobre o aquecimento global.*

- Explicação a respeito de cada subtema sorteado;
- Orientação para os grupos se aprofundarem no subtema sorteado.

2º e 3º Aulas: Seguidas (45 min cada: Total de 90min)

- Formação das Equipes;
- Leitura compartilhada: *Ameaça ignorada: por que o aquecimento global ainda não é visto com seriedade?*;
- Discussão sobre a leitura realizada;
- Leitura e discussão do texto em grupos: *Aquecimento Global: Um Alerta à Humanidade*;
- Apresentação das impressões do grupo sobre o texto;
- Análise crítica e reflexiva dos textos, destacando a organização das informações e os elementos de coesão e coerência textuais.

4º e 5º Aulas: Seguidas (45 min cada: Total de 90min)

- Formação das Equipes;
- Orientação sobre a estrutura do texto escrito: Capa, Sumário, Introdução, Desenvolvimento, Considerações Finais e Referências;
- Entrega e discussão da ficha dos critérios avaliativos, com foco na produção escrita;
- Orientação para ensaios da apresentação, com tempo estipulado de 15 minutos para cada equipe;
- Orientação para criação do material visual, para apoiar a apresentação oral do Seminário.

6º e 7º Aulas: Seguidas (45 min cada: Total de 90min)

- Formação das Equipes;
- Atividades: Elaboração, apresentação e entrega de material escrito de Seminário sobre o subtema do tema gerador *Aquecimento Global e As Catástrofes Ambientais*;
- Feedback dos seminários realizados.

AVALIAÇÃO:

A avaliação considerará os seguintes critérios expostos na Ficha Avaliativa, com foco no eixo da Produção Escrita que segue:

FICHA AVALIATIVA: Seminário Produção Escrita

CRITÉRIOS	REGULAR 70	BOM 80	ÓTIMO 90	EXCELENTE 100
Estrutura e Organização textual				
Coesão textual (elementos linguísticos que conectam frases e parágrafos)				
Coerência textual (refere-se à lógica e à consistência das ideias no texto)				
Qualidade da linguagem (Escolha do vocabulário)				
Utilização de marcas de segmentação (título, subtítulos, listas numeradas, negrito e citações)				
Utilização dos padrões de escrita (concordâncias nominal e verbal, uso adequado dos tempos verbais e pontuação)				
Clareza e objetividade				
Utilização de recursos gráficos (quadros, tabelas, imagens e gráficos)				
Ortografia do texto produzido				
Diversidade de fontes				
Criatividade				

Fonte: Adaptação da teoria dos PCNs, 1998.

3.3.5. SEQUÊNCIA 5 – A Presença da Análise Linguística/Semiótica no Gênero Seminário

OBJETIVOS:

- Desenvolver habilidades de análise linguística/semiótica, a partir do planejamento e apresentação do gênero textual Seminário;
- Reconhecer a importância do estudo de análise linguística/semiótica, no ambiente escolar, para seu desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal;
- Analisar os recursos linguísticos e visuais empregados na construção do gênero textual Seminário;
- Incentivar a busca pelo aprimoramento das habilidades de compreensão, interpretação de signos, símbolos e linguagem em diferentes contextos;
- Desenvolver e apresentar um Seminário com tema *Uso de Drogas entre Adolescentes*, refletindo sobre a língua e seu funcionamento, para ser avaliado no eixo Análise Linguística/Semiótica.

JUSTIFICATIVA:

A maior dificuldade encontrada no ensino de LP é o aluno reconhecer a importância de estudar a língua em sua estrutura e funcionamento, talvez pelo fato de ainda persistir a prática de ensinar a língua de forma reduzida às questões de nomenclatura e classificação gramatical. A proposta dessa sequência de atividades foi proporcionar um novo olhar sobre o estudo da língua, incentivando o aluno à compreensão e interpretação de signos, símbolos e linguagem em diferentes contextos, sensibilizando-o de que a análise linguística/semiótica está interligada à leitura, oralidade e escrita, pois o texto é organizado de acordo com o sentido que se quer transmitir.

Acreditamos que podemos direcionar o aluno para esse novo olhar sobre o estudo da língua a partir do Seminário, por ser um gênero textual que agrega em sua construção a linguagem verbal e elementos visuais, ajudando o aluno a aprimorar suas habilidades de interpretação crítica, análise linguística e compreensão dos processos de significação.

Para abordarmos o gênero textual Seminário com foco na Análise Linguística/Semiótica, utilizamos o tema *Uso de Drogas entre Adolescentes*.

TEMPO DE EXECUÇÃO: Total: 6 aulas. (40 min e 45 min cada)

RECURSOS DIDÁTICOS: Celulares com acesso à internet; Computador e Datashow; Quadro e pincel; Caderneta, Canetas, Folhas de ofício; Cronômetro: Para controlar o tempo de cada exposição; Vídeo; Ficha de critérios avaliativos propostos para a sequência.

DESENVOLVIMENTO:

1º Aula: (45 min)

- Formação das Equipes;
- Discussão sobre a importância da análise linguística/semiótica para o desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal;
- Vídeo: *Entenda: Por que os jovens estão usando cada vez mais drogas?* (12min02s). Disponível em: <http://www.youtube.com/@campusitoUnB>. Acesso em: 01/08/2024;
- Discussão sobre o vídeo apresentado, destacando elementos linguísticos e semióticos (signos, símbolos, linguagem verbal e não verbal);
- Sorteio dos subtemas por cada grupo de alunos, pré-estabelecidos:
 1. *Causas do Uso de Drogas entre Adolescentes: Fatores psicológicos, sociais, familiares e ambientais que contribuem para o uso de substâncias.*
 2. *Tipos de Drogas Comumente Usadas por Adolescentes: Categorias de drogas, incluindo álcool, tabaco, maconha, drogas sintéticas e prescritas.*
 3. *Efeitos Físicos e Psicológicos do Uso de Drogas: Impactos no desenvolvimento cerebral, saúde mental e bem-estar físico dos adolescentes.*
 4. *Sinais e Sintomas do Uso de Drogas: Identificação de comportamentos e sinais físicos que podem indicar o uso de substâncias.*
 5. *Papel da Família e da escola na Prevenção e Intervenção: Estratégias para pais e cuidadores ajudarem a prevenir e abordar o uso de drogas.*
- Explicação a respeito de cada subtema sorteado;
- Orientação para os grupos se aprofundarem no subtema sorteado.

2º e 3º Aulas: Seguidas (40min cada: Total de 80 min)

- Formação das Equipes;
- Leitura da História em Quadrinhos *A Turma da Mônica: UMA HISTÓRIA QUE PRECISA TER FIM*;

- Discussão sobre o conteúdo da História em Quadrinhos – doravante HQ;
- Análise linguística e semiótica da HQ, oralmente, a partir da seguinte abordagem:
 - 1- *Tipo de vocabulário usado: formal, informal, técnico, coloquial, regional, publicitário, jornalístico, científico, literário;*
 - 2- *Significados das palavras: denotativos, conotativo;*
 - 3- *Frases simples ou compostas;*
 - 4- *Intenção do autor: persuadir, informar, entreter, educar, orientar, sensibilizar;*
 - 5- *Interpretação do texto esperada para o leitor;*
 - 6- *A relação estabelecida entre as imagens e o texto verbal;*
 - 7- *Análise das imagens, layout, cores;*
 - 8- *O texto dialoga com algum outro? Presença de intertextualidade;*
 - 9- *Estrutura textual;*
 - 10- *Análise de imagens, tipos e tamanhos de letras, espaçamentos, uso de marcações, negrito, itálico.*

4º Aula: (40min)

- Formação das Equipes;
- Entrega e discussão da ficha dos critérios avaliativos, com foco na análise linguística/semiótica;
- Orientação para ensaios da apresentação, com tempo estipulado de 15 minutos para cada equipe;
- Orientação para criação do material visual, para apoiar a apresentação oral do Seminário.

5º e 6º Aulas: Seguidas (45 min cada: Total de 90min)

- Formação das Equipes;
- Atividades:

Elaboração, apresentação e entrega de material escrito de Seminário sobre o subtema do tema gerador *Uso de Drogas entre Adolescentes*;
- Feedback dos seminários realizados, utilizando alguns procedimentos da refacção.

AValiação:

A avaliação considerará os seguintes critérios expostos na Ficha Avaliativa, com foco no eixo da Análise Linguística/Semiótica que segue:

FICHA AVALIATIVA: Análise Linguística/Semiótica

CRITÉRIOS	REGULAR 70	BOM 80	ÓTIMO 90	EXCELENTE 100
Domínio das características do gênero				
Coesão Textual (Utilização de elementos que garantam a ligação entre as ideias apresentadas)				
Coerência Textual (Apresentação de uma sequência lógica de ideias)				
Recursos do Padrão Escrito (Paragrafação e estrutura do texto escrito, pontuação)				
Regularidades Linguísticas (Concordância, Regência)				
Regularidades Ortográficas (Ortografia e acentuação das palavras)				
Uso e interpretação de imagens				
Relação texto-imagem (Integração do texto escrito/oral com os recursos visuais)				
Relevância dos recursos visuais utilizados				
Comunicação Multimodal (Habilidade da utilização de diferentes modos de comunicação – oral, escrito, visual)				

Fonte: Adaptação da teoria dos PCNs, 1998.

3.3.6. SEQUÊNCIA 6 – O Seminário e a Integração dos Eixos de LP

OBJETIVOS:

- Desenvolver habilidades de leitura, oralidade, produção escrita e análise linguística/semiótica, a partir do planejamento e apresentação do gênero textual Seminário;
- Compreender que o ensino-aprendizagem e avaliação de LP devem ser realizados de maneira holística, com mesmo grau de relevância entre os eixos;

- Desenvolver e apresentar um Seminário com tema *Inclusão*, com foco avaliativo do desempenho em todos os eixos de LP.

JUSTIFICATIVA:

Embora muitos avanços teóricos tenham sido feitos no processo de ensino-aprendizagem e avaliação de Língua Portuguesa, a aplicação dessas teorias na prática ainda enfrenta grandes desafios. Frequentemente, observamos que a LP continua sendo abordada de maneira fragmentada ou com ênfase excessiva em apenas um ou outro eixo. Com base nisso, organizamos uma sequência de atividades com o objetivo de trabalhar todos os eixos de LP de forma integrada, pois acreditamos que, para o desenvolvimento completo das competências linguísticas dos alunos, é essencial adotar uma abordagem integral e articulada, que contemple todos os eixos de maneira equilibrada.

Trabalhar com o gênero textual Seminário nos possibilita alcançar esse objetivo, pois é um gênero que ajuda no aprimoramento da capacidade de leitura crítica e reflexiva, produção escrita, comunicação oral e interpretação de textos e signos, além de preparar o aluno para situações diversas que possa vivenciar nos contextos acadêmico, profissional e pessoal.

Portanto, para abordarmos o gênero textual Seminário com foco em uma abordagem integral e articulada dos eixos, garantindo o mesmo grau de relevância entre eles, utilizamos o tema *Inclusão*.

TEMPO DE EXECUÇÃO: Total: 8 aulas. (40 min e 45 min cada)

RECURSOS DIDÁTICOS: Celulares com acesso à internet; Computador e Datashow; Quadro e pincel; Caderneta, Canetas, Folhas de ofício; Material impresso; Cronômetro: Para controlar o tempo de cada exposição; Vídeo; Ficha de critérios avaliativos propostos para a sequência.

DESENVOLVIMENTO:

1º e 2º Aulas: Seguidas (40 min cada: Total de 80 min)

- Formação das Equipes;

- Discussão sobre a importância de compreender que o ensino-aprendizagem de LP e sua avaliação deve ser realizada de maneira holística dos eixos e com mesmo grau de relevância entre eles;
- Vídeo: *Conscientização IGA29 – Inclusão* (7min57s). Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCgHI5tA6tdp_nSRTZdDdMpw. Acesso em: 05/08/2024;
- Discussão sobre o vídeo apresentado;
- Sorteio dos subtemas por cada grupo de alunos, pré-estabelecidos:
 1. *Inclusão Educacional: Estratégias e práticas para promover a inclusão de estudantes com necessidades especiais e diferentes origens culturais nas escolas.*
 2. *Inclusão de Pessoas com Deficiências: Acessibilidade física e atitudinal, e inclusão de pessoas com deficiências em diferentes aspectos da vida social.*
 3. *Inclusão Socioeconômica: Combate às desigualdades socioeconômicas e discutir formas de promover a equidade.*
 4. *Inclusão de Gênero: Igualdade de gênero e empoderamento das mulheres e da comunidade LGBTQIA+.*
 5. *Inclusão Digital: Promoção de igualdade, diversidade e participação ativa na sociedade.*
- Explicação a respeito de cada subtema sorteado;
- Orientação para os grupos se aprofundarem no subtema sorteado.

3º e 4º Aulas: Seguidas (40 min cada: Total de 80 min)

- Formação das Equipes;
- Entrega e leitura compartilhada do texto *A importância da inclusão: Construa uma sociedade mais justa e acolhedora*, traçando um paralelo com os subtemas;
- Entrega e discussão da ficha dos critérios avaliativos, com abordagem holística dos eixos;
- Orientação para, na próxima aula, trazer materiais já selecionados sobre os temas.

5º e 6º Aulas: Seguidas (45 min cada: Total de 90 min)

- Formação das Equipes;
- Feedback da aula anterior;

- Início da produção da Introdução dos seminários, com o objetivo de mostrar que toda escrita deve obedecer às etapas: primeira escrita, revisão e reescrita;
- Orientação para os grupos reverem material trabalhado e orientações feitas durante o processo do desenvolvimento das sequências de atividades;
- Orientação para ensaios da apresentação, com tempo estipulado de 15 minutos para cada equipe;
- Orientação para criação do material visual, para apoiar a apresentação oral do Seminário.

7º e 8º Aulas: Seguidas (45 min cada: Total de 90 min)

- Formação das Equipes;
- Atividades: Elaboração, apresentação e entrega de material escrito de Seminário sobre o subtema do tema gerador *Inclusão*;
- Feedback dos seminários realizados.

AVALIAÇÃO:

A avaliação considerará os seguintes critérios expostos na Ficha Avaliativa, com abordagem holística dos eixos que segue:

FICHA AVALIATIVA: Seminário com Abordagem Holística dos Eixos

CRITÉRIOS	REGULAR 70	BOM 80	ÓTIMO 90	EXCELENTE 100
Domínio das características do gênero				
Apresentação e Profundidade dos principais pontos relacionados ao subtema apresentado				
Qualidade da linguagem (escolha do vocabulário)				
Grau de planejamento da apresentação				
Clareza e objetividade na apresentação e exposição das informações				
Utilização dos recursos suprasegmentais (entonação, acentuação, ritmo, pausas)				
Atitudes corporais (postura, gestos, expressões)				
Uso de marcadores conversacionais				
Respeito a tomada de turno				
Coesão Textual				

(elementos linguístico que conectam frases e parágrafos)				
Coerência Textual (lógica e consistência das ideias no texto)				
Utilização de marcas de segmentação (títulos, subtítulos, listas numeradas, negrito e citações)				
Utilização de recursos gráficos e fontes (gráficos, tabelas, imagens, quadros)				
Recursos do Padrão Escrito (paragrafação, estrutura do texto escrito e pontuação)				
Regularidades Linguísticas (concordância e regência)				
Regularidades Ortográficas (ortografia e acentuação das palavras)				
Utilização, interpretação e exposição dos recursos visuais				
Relação texto-imagem (integração do texto escrito/oral com os recursos visuais)				
Comunicação Multimodal (habilidade da utilização de diferentes modos de comunicação – oral, escrito, visual)				
Compreensão e habilidade para responder perguntas realizadas na sessão de perguntas e respostas				

Fonte: Adaptação da autora com base nas teorias apresentadas, 09/2024.

3.4. Produto Final da Pesquisa

Ao concluir a pesquisa, nossa proposta como produto final foi a criação de um Módulo Educacional (Apêndice 3) em formato de e-book. Este material reuniu, de maneira organizada, todas as sequências de atividades desenvolvidas ao longo do estudo, os critérios avaliativos empregados e os materiais de apoio utilizados.

O objetivo foi que o módulo servisse como um recurso didático prático e acessível para alunos, professores de Língua Portuguesa e demais profissionais da educação interessados, oferecendo um material pedagógico rico e bem

fundamentado, tanto para o conhecimento quanto para a prática docente.

O e-book contemplou, de maneira integrada, os quatro eixos de LP – oralidade, leitura, produção escrita e análise linguística/semiótica –, bem como uma proposta de avaliação articulada, com igual grau de relevância entre os eixos, beneficiando o processo de ensino-aprendizagem da língua de forma eficiente e promovendo uma avaliação mais abrangente e significativa para alunos e professores.

Em resumo, o módulo educacional apresentou uma proposta de ensino-aprendizagem e avaliação de LP que atendeu aos objetivos do estudo da língua, favorecendo o desenvolvimento das competências comunicativas dos estudantes.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PROPOSTA DIDÁTICA

Este capítulo apresenta os dados e discute os resultados da proposta de intervenção realizada. Para isso, foi estruturado em dois subcapítulos. O primeiro abordando a análise do LDLP, destacando a proposta de ensino e avaliação de Língua Portuguesa. O segundo focando na análise da intervenção, iniciando com a discussão dos resultados do Questionário Inicial (Apêndice 1), aplicado para investigar as experiências e o conhecimento prévio dos alunos sobre o ensino e a avaliação de LP e o gênero Seminário.

Em seguida, são discutidos os resultados das seis sequências de atividades desenvolvidas com esse gênero textual. Por fim, analisamos o Questionário Final (Apêndice 2), que trouxe a percepção dos alunos sobre sua evolução após a participação nas atividades e sua compreensão do processo de ensino e avaliação de LP de forma integral e articulada.

4.1. Análise da Proposta do Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP)

O livro didático ainda constitui uma das ferramentas mais utilizadas pelos professores em sala de aula. Por essa razão, foi fundamental que, no período de escolha, os docentes analisassem as propostas disponíveis, mesmo cientes de que estas já haviam sido aprovadas pelo Ministério da Educação (MEC), a fim de verificar se correspondiam às necessidades de seus alunos.

No caso do Livro Didático de Língua Portuguesa (LDLP), essa análise exigiu um olhar ainda mais criterioso, considerando a forma como os autores abordaram o ensino e a avaliação nos quatro eixos: Oralidade, Leitura, Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica.

Diante do exposto, apresentamos, a seguir, a abordagem de ensino e avaliação do livro didático *Português: Linguagens*, de William Cereja e Carolina Dias Vianna (2022), escolhido pela maioria dos professores da Rede Municipal de Ensino de Esperança – PB para o período de 2024 a 2027, destinado aos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Os autores apresentam, inicialmente, a proposta de trabalho da coleção:

Esta obra apresenta uma proposta de trabalho consistente de leitura, fundamentada em nossas propostas pedagógicas e em uma seleção criteriosa de textos — que vão dos clássicos da literatura universal aos autores da literatura contemporânea brasileira —, que pode colaborar com a formação de leitores competentes de diversos gêneros em circulação social. Propõe uma abordagem de gramática que mantém o trabalho com conceitos da gramática normativa, essenciais ao exercício de um mínimo de metalinguagem — como substantivo, verbo, pronome, complementos, adjuntos —, e que procura ampliar o horizonte dos alunos, valendo-se dos estudos da linguagem, com apoio nos avanços da linguística e da análise do discurso. Desenvolve uma proposta de observação dos elementos composicionais de gêneros textuais e, assim, procura instrumentalizar os alunos para suas produções, apoiadas nessa observação, mas também em etapas definidas de desenvolvimento e em estudos da linguística textual (Cereja e Vianna, 2022).

Os autores propõem uma abordagem de ensino de Leitura e Gramática que visa ao desenvolvimento da competência leitora e da habilidade de produção de textos. A leitura é tratada com diversidade, contemplando gêneros e textos da literatura clássica e contemporânea, com o objetivo de ampliar o repertório cultural dos alunos e formar leitores proficientes.

A Gramática é abordada sob uma perspectiva intermediária entre a normativa e uma visão mais ampla, que incorpora os estudos da linguagem, buscando expandir o conhecimento do aluno por meio de análises linguísticas e do discurso. Tal abordagem objetiva auxiliar os estudantes na compreensão do funcionamento da língua em diferentes contextos e gêneros.

No que se refere ao ensino da Produção de Textos Orais e Escritos, Cereja e Vianna (2022) estruturaram a proposta pedagógica com base nos gêneros textuais/discursivos, procurando equilibrar e diversificar os gêneros trabalhados, de acordo com a faixa etária dos alunos e com aqueles que possam contribuir para sua formação pessoal e cidadã. Trata-se de uma proposta flexível, adaptada às necessidades dos estudantes, com o intuito de prepará-los para distintas situações de comunicação, bem como capacitá-los a se expressarem de maneira crítica, participativa e eficaz na sociedade.

Quanto ao ensino da Oralidade, a obra “visa ao desenvolvimento das capacidades de expressão oral e de escuta dos alunos e, para tal, propõe atividades relacionadas tanto com a oralidade em geral quanto com o trabalho com gêneros orais públicos” (Cereja e Vianna, 2022). Essa abordagem demonstra uma preocupação em aprimorar a comunicação oral e a escuta, promovendo o desenvolvimento das habilidades de interação dos alunos em diferentes contextos, especialmente em

situações que exigem competências formais, contribuindo, assim, para uma participação ativa, responsável e consciente na sociedade.

Segundo os autores, o LDLP está alinhado às perspectivas educacionais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com conteúdos diretamente relacionados aos objetos de conhecimento e às habilidades previstas para os Anos Finais do Ensino Fundamental:

uma vez que esta obra procura considerar o adolescente dos Anos Finais do Ensino Fundamental como uma pessoa que participa, em sua vida cotidiana, de situações de comunicação variadas e interage com interlocutores diversos, o que favorece tanto o aprofundamento dos conhecimentos já trabalhados desde os Anos Iniciais do Ensino Fundamental quanto a exploração de novos conhecimentos (Cereja e Vianna, 2022).

A obra, conforme os autores, reconhece o aluno como um sujeito ativo, que interage em diferentes contextos de comunicação e, por essa razão, necessita de uma formação continuada que aprofunde os conhecimentos adquiridos nos Anos Iniciais e possibilite a construção de novas habilidades de forma progressiva, a partir da incorporação de novos saberes.

Nessa perspectiva, para que o processo educativo se efetive, torna-se imprescindível o acompanhamento do desenvolvimento do aluno, por meio de uma avaliação que favoreça a formação de um educando reflexivo acerca de sua própria aprendizagem.

Em relação à avaliação, Cereja e Vianna (2022) a defendem como “um instrumento que integre o processo de ensino/aprendizagem e que, a cada realização, redirecione os objetivos, a metodologia de ensino utilizada e as estratégias desse processo”.

No caso do ensino de Língua Portuguesa, essa avaliação pode ser realizada por meio de diversos instrumentos avaliativos, que abrangem desde a compreensão até a produção de textos. Dessa forma, a avaliação deve ser compreendida como uma ferramenta que orienta e direciona o processo educativo, configurando-se como um processo contínuo, voltado à melhoria das metodologias e estratégias adotadas, com o intuito de alcançar os objetivos previstos para o ensino-aprendizagem.

Conforme os autores, o tópico *O que avaliar?* é abordado nas orientações do LDLP em três eixos: Leitura, Conhecimentos Gramaticais e Análise Linguística, e Produção de Texto. A Leitura, apresentada como eixo central da coleção, é avaliada

por meio do trabalho com textos verbais e não verbais presentes em todas as seções dos capítulos. Especificamente, a seção *Passando a limpo* propõe a aplicação de testes com questões que “permitem avaliar as habilidades que os alunos já desenvolveram e as que ainda precisam ser desenvolvidas” (Cereja e Vianna, 2022).

A proposta da obra para os Conhecimentos Gramaticais e a Análise Linguística considera a tradição do ensino de gramática, mas privilegia um enfoque pautado na análise linguística. Isso ocorre porque os autores reconhecem que, embora o aluno deva dominar a norma-padrão, esse domínio deve ser contextualizado e reflexivo, de modo que faça sentido para sua vida acadêmica e social. Assim, o processo avaliativo precisa “considerar, primeiramente, em que medida os alunos dominam as regras prescritas pela norma-padrão e, em segundo lugar, em que medida determinados recursos linguísticos contribuem para a construção dos sentidos do texto” (Cereja e Vianna, 2022).

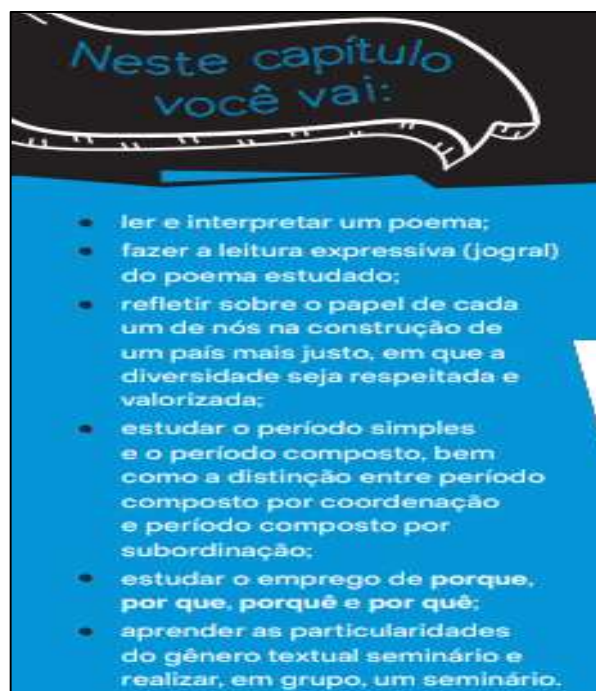
No trabalho com a Produção de Texto, a obra destaca que a avaliação deve levar em conta “a organização composicional do gênero e a situação comunicativa em que ele circula” (Cereja e Vianna, 2022). O aluno deve ser incentivado a refletir sobre seu texto como um produto, resultado de um processo de revisões e aprimoramento. Além disso, ele deve ser colocado tanto na posição de avaliado (por professor ou colega) quanto de avaliador (do colega), permitindo que o professor avalie o processo de desenvolvimento, tanto individual quanto coletivo, intervindo quando necessário.

Na obra, a oralidade não foi abordada sob uma ótica avaliativa, sendo tratada apenas como um eixo para promover a interação entre os alunos, desenvolver o trabalho colaborativo e a construção de valores, bem como estabelecer uma conexão entre leitura e escrita.

Após a análise da perspectiva de ensino e avaliação apresentada no LDLP: *Português Linguagens*, constatamos que a obra se mostrou alinhada à proposta da BNCC (2018). No entanto, não se revelou compatível com a nossa proposta, que consiste em abordar os eixos de Língua Portuguesa por meio de um único gênero textual, tanto no ensino quanto na avaliação.

Os autores propõem o ensino de LP com base nos gêneros textuais, desenvolvido a partir do trabalho com diferentes tipos de textos, como pode ser observado na figura abaixo, que apresenta a abertura de um dos capítulos.

Figura 1: Abertura do Capítulo



Fonte: Cereja e Vianna, 2022.

Nesta abertura de capítulo, observamos que todos os eixos da Língua Portuguesa – leitura, oralidade, análise linguística/semiótica e produção escrita – foram contemplados por meio de, pelo menos, três gêneros distintos: poema, jogral e seminário. A leitura foi abordada a partir do ato de ler e interpretar; a oralidade, por meio da leitura expressiva e da reflexão sobre valores; a análise linguística abrangeu aspectos sintáticos e semânticos do discurso; e a produção escrita envolveu a elaboração e apresentação coletiva de um seminário.

No processo avaliativo, constatamos a adoção da mesma estratégia metodológica, com os eixos sendo avaliados de forma desarticulada, por meio de uma diversidade de gêneros textuais. Contudo, como já exposto anteriormente, o eixo da oralidade não foi contemplado de forma efetivamente avaliativa, como demonstra a figura abaixo:

Figura 2: Oralidade em foco

ORALIDADE EM FOCO

▶ LEITURA EXPRESSIVA DO TEXTO: JOGRAL

Com a orientação do professor, participe com a turma de um jogral do poema "Vozes-mulheres". Observe a numeração dos versos do poema e a indicação do(s) aluno(s) que deve(m) ler cada parte:

[Todos] Vozes-mulheres [Aluno 1] A voz da minha bisavó ecoou criança nos porões do navio. [Aluno 2] Ecoou lamentos De uma infância perdida. [Aluno 3] A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo. [Aluno 4] A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta. [Aluno 5] No fundo das cozinhas alheias debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela.	[Aluno 6] A minha voz ainda ecoou versos perpêxos com rimas de sangue e fome. [Aluno 7] A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes [Aluno 8] recolhe em si as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas. [Aluno 9] A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato. [Todos] O ontem – o hoje – o agora. [Aluno 10] Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância [Todos] o eco da vida-liberdade.

Durante a leitura, procurem se concentrar no conteúdo dos versos e expressar, pela voz, o sentimento que deles emana. Deem atenção especial à voz:

- usem diferentes alturas de voz; empreguem um tom menos ou mais grave, de acordo com o contexto;
- enfatizem as palavras mais importantes; valorizem a pontuação;
- quando todos lerem juntos, deem ênfase, de modo a criar uma forte energia coletiva.



TROCANDO IDEIAS

1. De acordo com a primeira estrofe do poema, a voz da bisavó "ecoou criança / nos porões do navio". Coloque-se na posição dessa criança. Que sentimentos essa criança deve ter tido ao deixar seu povo e sua liberdade para tornar-se uma criança escravizada no Brasil? *Resposta pessoal.*
2. A escravização de milhões de negros na África e seu transporte para diversos continentes é uma violência terrível. Procure refletir sobre como vive alguém que passe por isso e, assim, estimar essa atrocidade. Compartilhe com os colegas: O que lhe parece mais terrível nessa situação? *Resposta pessoal.*
3. No último verso do poema, valoriza-se o "eco da vida-liberdade". Na sua opinião, o que pode ser feito para que consigamos viver em uma sociedade regida pela cultura da paz, pelo respeito às diferenças e pela solidariedade entre todos? *Resposta pessoal.*

Fonte: Cereja e Vianna, 2022.

A atividade foi planejada para “que o aluno vivencie a experiência de ouvir a própria voz e de ouvir a voz dos colegas, em uma atitude coletiva e colaborativa” (Cereja e Vianna, 2022), apresentando uma proposta direcionada ao eixo da oralidade, com caráter mais formativo do que propriamente avaliativo.

Observamos a valorização de aspectos essenciais da oralidade; entretanto, não identificamos indícios de critérios objetivos de avaliação que permitissem ao professor observar e registrar, de forma sistemática, o desempenho oral dos alunos, o que reforçou o caráter predominantemente formativo da atividade.

O *Livro Didático de Língua Portuguesa: Português: Linguagens* (Cereja e Vianna, 2022) propôs uma abordagem de ensino fundamentada nos gêneros textuais, considerando a progressividade na aquisição do conhecimento e o desenvolvimento das habilidades dos alunos. No entanto, observamos que tanto o ensino quanto a avaliação dos eixos que compõem o componente curricular foram realizados por meio de uma diversidade de gêneros textuais, o que não favoreceu a compreensão da integralidade e da articulação entre os diferentes eixos da linguagem, tampouco evidenciou sua complementaridade.

4.2. A Proposta de Intervenção para a Avaliação dos Eixos

A proposta de intervenção apresentou, inicialmente, a análise do Questionário Inicial (Apêndice 1), seguida pela análise das Sequências de Atividades, organizadas em seis etapas.

A primeira sequência foi destinada à análise dos resultados da atividade que abordou o gênero textual seminário. Da segunda à quinta sequência, foram examinados os resultados do trabalho com o mesmo gênero, considerando os eixos da Língua Portuguesa de forma desarticulada.

A sexta sequência trouxe a análise dos resultados obtidos com o gênero sendo abordado de maneira holística e integrada, contemplando a articulação entre os quatro eixos da disciplina.

Por fim, concluímos a análise da proposta com o Questionário Final (Apêndice 2), que teve como objetivo avaliar a perspectiva dos alunos após a conclusão do trabalho.

4.2.1. Questionário Inicial

O Questionário Inicial (Apêndice 1) teve como objetivo coletar informações sobre a experiência dos alunos com o componente curricular Língua Portuguesa e sobre o conhecimento prévio a respeito do gênero textual seminário. Para isso, o instrumento foi elaborado utilizando a ferramenta Google Formulários, e o link de acesso foi disponibilizado para que os alunos pudessem respondê-lo.

Os estudantes foram informados de que o formulário estaria disponível por um período de dois dias, após o qual o acesso seria bloqueado. Encerrado o prazo

estipulado, foi realizado o acesso às respostas, que geraram os gráficos apresentados a seguir, os quais serão analisados ao longo desta seção.

Para iniciar o questionário, optamos por uma pergunta simples, relacionada ao recebimento do Livro Didático (LD), cujo resultado foi representado no Gráfico 1.

Gráfico 1: Recebimento do Livro Didático



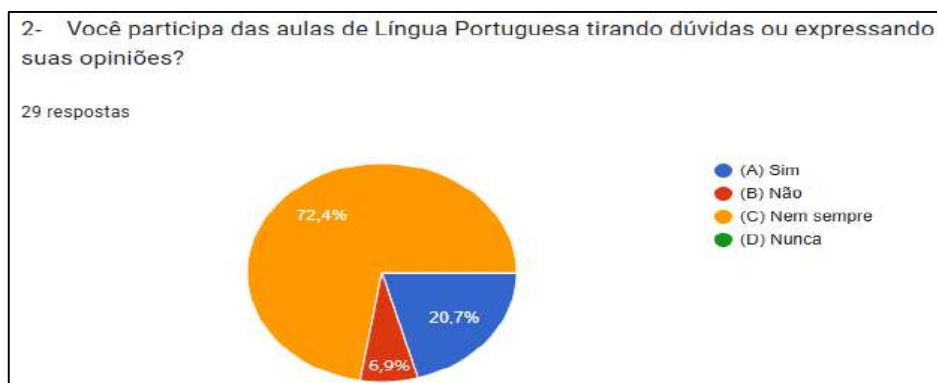
Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Podemos observar que a maioria dos alunos, 86,2%, respondeu “Sim”. Como professora da turma, posso garantir que todos os alunos receberam o LD no início do ano letivo, uma vez que uma das prioridades da escola é garantir que esse suporte pedagógico, tão significativo em sala de aula, seja entregue em tempo hábil para auxiliar o professor em seu planejamento.

Acreditamos que a resposta negativa dos 13,8% restantes possa ser atribuída à falta de atenção, conforme sinalizado nas falas durante a apresentação dos gráficos das respostas. Além disso, tal resultado pode refletir um viés comum, no qual tendemos a marcar automaticamente a primeira opção, sem analisar a pergunta com a devida atenção — algo semelhante ao que ocorre quando uma questão exige que o aluno marque a alternativa incorreta.

Em seguida, buscamos compreender a atitude dos alunos durante as aulas de Língua Portuguesa, especialmente se eles tiravam dúvidas ou expressavam suas opiniões durante as aulas, o que resultou no Gráfico 2:

Gráfico 2: Participação nas Aulas



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Ao investigarmos a participação dos alunos nas aulas de Língua Portuguesa, observamos um resultado positivo: apenas 6,9% afirmaram não participar, seja tirando dúvidas ou expressando suas opiniões. Isso não significa que esses alunos não mereçam atenção; ao contrário, indica que precisamos descobrir e compreender os motivos pelos quais eles não participam das aulas.

Por outro lado, os demais 93,1% demonstraram algum nível de participação — com maior ou menor intensidade e frequência —, mas ainda assim se envolvem nas atividades realizadas em sala de aula. Esse segundo resultado é bastante positivo, pois, por meio da participação dos alunos, o professor é capaz de reconhecer com maior precisão se a aprendizagem está, de fato, acontecendo.

A Questão 2 abriu uma nova perspectiva para as perguntas seguintes, pois nos direcionou ao estudo específico da disciplina de Língua Portuguesa. Nosso objetivo, com a Questão 3, foi descobrir se os alunos compreendiam que o ensino da disciplina é desenvolvido a partir de quatro eixos: oralidade, leitura, produção escrita e análise linguística/semiótica.

Gráfico 3: Abordagem dos Eixos



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Dos 29 alunos, 89,7% reconheceram que todos os eixos são abordados em sala de aula, enquanto 10,3% não souberam responder. Esses resultados refletem minhas intervenções como professora da turma, pois, desde o início do ano letivo, tenho esclarecido que a Língua Portuguesa é um componente curricular composto por quatro eixos: oralidade, leitura, produção escrita e análise linguística/semiótica.

Como destaca Antunes (2003, p. 111), “em termos muito gerais, as aulas de português seriam aulas de: falar, ouvir, ler e escrever textos em língua portuguesa”. Essa abordagem mostrou-se necessária, uma vez que, no início do ano letivo, os alunos demonstravam não estar familiarizados com os termos utilizados no contexto atual do ensino do componente curricular. Além disso, apresentavam desconhecimento em relação ao processo de ensino-aprendizagem do eixo oralidade no contexto escolar, bem como de sua avaliação, e também da avaliação no eixo leitura.

Acreditamos que os alunos que não souberam responder à questão sejam, possivelmente, aqueles que não participam ativamente das aulas, mantendo dúvidas internalizadas, o que poderá repercutir negativamente em sua aprendizagem a longo prazo.

Como estávamos investigando se todos os eixos eram de fato abordados, também se fez necessário compreender como esses eixos eram trabalhados em sala de aula — o que nos levou à análise dos resultados apresentados no Gráfico 4.

Gráfico 4: Trabalhando os Eixos



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

O Gráfico 4 mostrou que 72,4% dos alunos compreendiam que o estudo de LP ocorria de maneira integrada, com todos os eixos inter-relacionados. Por outro lado, 17,2% ainda percebiam o ensino de forma segmentada, enquanto 10,4% não

souberam responder. Esses resultados sugeriram que alguns alunos ainda apresentavam dificuldade em reconhecer que o ensino de Língua Portuguesa visava ao desenvolvimento de competências e habilidades que envolviam os quatro eixos de maneira holística e articulada — possivelmente por ainda estarem presos a metodologias tradicionais aplicadas ao ensino da disciplina.

No entanto, a maior parte dos alunos já demonstrava essa compreensão. Esse dado reforçou a necessidade, por parte da professora, de continuar esclarecendo aos alunos as orientações expressas nos documentos oficiais, como os PCNs (Brasil, 1998) e a BNCC (Brasil, 2018), os quais indicam que o ensino de LP só é possível de forma contextualizada e considerando o uso real da língua. Sendo assim, foi fundamental que os alunos compreendessem que o estudo do componente curricular se desenvolvia por meio de textos orais e escritos, criados no cotidiano, em um processo de interação humana.

Embora saibamos que a língua devesse ser estudada sem a hierarquização dos eixos — ou seja, sem o estabelecimento de prioridades ou graus de importância entre eles —, decidimos perguntar aos alunos se, na percepção deles, algum eixo recebia maior ênfase. Essa decisão foi baseada na observação feita pela professora de que, no início do ano letivo, os alunos não compreendiam a importância da oralidade, e de que esta também deveria ser aprimorada e avaliada no contexto escolar.

Os resultados foram expressos no gráfico a seguir:

Gráfico 5: Eixo de maior Importância na Aula de LP



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Observamos, no Gráfico 5, que o eixo de maior destaque foi o da Oralidade, com 37,9%, segundo a opinião dos alunos, seguido pela Análise Linguística/Semiótica, com 31%, pela Produção Escrita, com 27,6%, e pela Leitura, com 3,5%.

com 3,5%. Esse resultado sugeriu que as intervenções realizadas com foco na oralidade tiveram um efeito positivo, uma vez que os alunos já percebiam a oralidade como um aspecto importante no contexto escolar. Como afirma Antunes (2003, p. 99), a oralidade serve “à interação verbal, sob a forma de diferentes gêneros textuais, na diversidade dialetal e de registro que qualquer uso da linguagem implica”.

No entanto, o gráfico permitiu duas outras leituras: a primeira indicou que a maioria dos alunos já compreendia a inter-relação entre os eixos, refletida pelo equilíbrio percentual entre Oralidade, Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica; a segunda revelou que alguns alunos ainda apresentavam dificuldade em reconhecer essa inter-relação, como evidenciado pelo baixo percentual atribuído ao eixo Leitura — possivelmente um reflexo de vivências anteriores com práticas pedagógicas descontextualizadas no estudo da Língua Portuguesa.

Após a aplicação das perguntas relacionadas ao estudo da disciplina, passamos a abordar o processo avaliativo, conforme mostra o Gráfico 6 a seguir, pois nosso objetivo era verificar se a avaliação em Língua Portuguesa abrangia todos os eixos de ensino.

Gráfico 6: Avaliação em LP



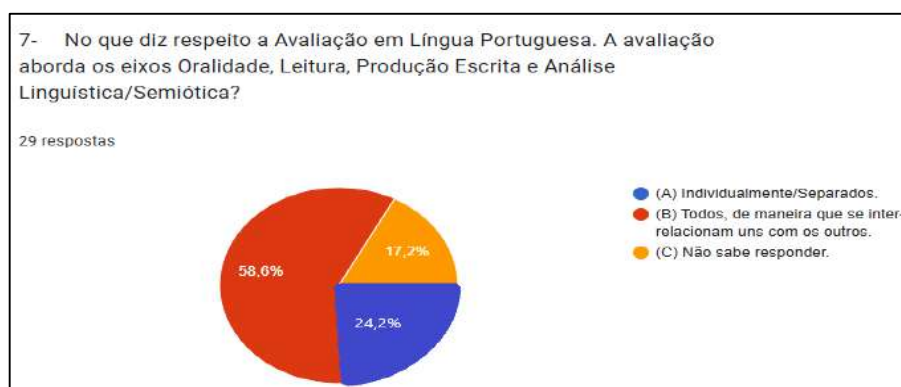
Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

De acordo com o Gráfico 6, 93,1% dos alunos responderam positivamente quando questionados se a avaliação ocorria em todos os eixos, enquanto 6,9% responderam negativamente. Esses dados revelaram que a grande maioria dos alunos reconhecia que o professor avaliava todos os eixos ao desenvolver o estudo de Língua Portuguesa, sugerindo que o processo avaliativo estava sendo conduzido de forma abrangente, buscando garantir a aprendizagem integral do componente curricular.

No entanto, evidenciamos que o trabalho pedagógico ainda precisava ser intensificado, para que os demais alunos — aqueles que não reconheceram a avaliação nos quatro eixos — passassem a compreender esse processo de maneira mais clara e efetiva.

Essa questão nos conduziu à questão 7, que teve como objetivo compreender como a Avaliação em Língua Portuguesa abordava os eixos Oralidade, Leitura, Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica, resultando no gráfico apresentado a seguir:

Gráfico 7: Abordagem Avaliativa dos Eixos da LP



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Esse gráfico apresenta a opinião dos alunos sobre como a Avaliação em LP abordava os eixos de ensino. De acordo com os dados, 58,6% dos alunos afirmaram que a avaliação contemplava todos os eixos de maneira inter-relacionada; 24,2% acreditavam que os eixos eram abordados de forma individual/separada; e 17,2% não souberam responder.

Com base nessas informações, foi possível identificar três grupos distintos: o primeiro, composto pela maioria dos alunos, percebia o ensino de Língua Portuguesa com os eixos trabalhados de forma integrada, o que sugeria uma avaliação de caráter integral e articulado; o segundo grupo compreendia os eixos como trabalhados de forma individualizada, indicando que, para esses alunos, a avaliação não promovia a integração dos eixos no ensino da língua; e o terceiro grupo, formado pelos que não souberam responder, sinalizava uma possível falta de clareza nos critérios avaliativos ou dificuldade em compreender como os eixos eram tratados no processo de avaliação.

Esses dados levaram à reflexão sobre o processo avaliativo e os instrumentos utilizados, pois, como afirma Suassuna (2007, p. 113), “a tarefa ou instrumento teria a função de mobilizar experiências e saberes prévios, acionar estratégias cognitivas, estimular a reflexão, o questionamento, o cotejo de conhecimentos”, possibilitando ao aluno compreender o processo avaliativo de forma abrangente.

Além disso, os dados evidenciaram a necessidade de maior clareza quanto aos critérios avaliativos apresentados aos alunos, reforçando a importância de fazê-los compreender a inter-relação entre os eixos no processo de ensino-aprendizagem da LP, para que a aprendizagem fosse desenvolvida em sua integralidade.

Os resultados do gráfico anterior nos levaram a refletir sobre os critérios de avaliação em LP, conforme descritos nos PCNs (Brasil, 1998), que muitas vezes eram desconhecidos ou incompreendidos pelos alunos. Assim, passamos à análise dos resultados obtidos no Gráfico 8, que apresentou as respostas dos alunos quando questionados sobre saberem quais critérios estavam sendo avaliados.

Gráfico 8: Critérios Avaliativos



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Neste gráfico, observamos que 41,4% dos alunos afirmaram saber quais critérios avaliativos estavam sendo utilizados durante a avaliação, enquanto o mesmo percentual respondeu que “Às vezes” compreendia esses critérios — o que sugeria que, em determinadas ocasiões, esses alunos tinham dificuldade em reconhecê-los com clareza. Já 17,2% dos alunos afirmaram não ter clareza sobre quais critérios eram utilizados no processo avaliativo.

Esses dados complementaram a análise feita a partir do Gráfico 7, reafirmando a importância de o professor explicitar previamente os critérios que seriam utilizados

no processo de avaliação, a fim de que os alunos compreendessem de forma clara como seriam avaliados.

O próximo gráfico marcou uma transição no foco do questionário aplicado, pois, a partir dele, voltamos nossa atenção para o gênero textual Seminário, buscando compreender a percepção dos alunos sobre esse gênero, amplamente utilizado em seu cotidiano escolar como estratégia metodológica por diversos professores de diferentes componentes curriculares.

Gráfico 9: Seminário



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

O Gráfico 9 indicou que 82,8% dos alunos responderam que Seminário era um tipo de apresentação oral sobre um tema específico, o que nos remete à definição de Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004), quando afirmaram que a exposição oral em sala de aula reúne o aluno, que produz uma apresentação, e o público, que a ouve com o objetivo de aprender sobre determinado tema e adquirir conhecimento.

Comparando as concepções apresentadas, percebemos que a maioria dos alunos demonstrou uma compreensão adequada do conceito que envolve o gênero. No entanto, houve um pequeno percentual que apresentou uma interpretação inadequada: 13,8% dos alunos associaram o seminário a um “encontro para discussão”, provavelmente influenciados pelas palavras “discussão” e “seminário” pertencerem ao mesmo campo semântico, ambas relacionadas à modalidade oral. Além disso, 3,4% dos alunos escolheram a alternativa “um evento de entretenimento”, o que sugeriu que esses alunos não deram a devida atenção à pergunta — especialmente se considerarmos que são estudantes do 8º Ano e já deveriam ter vivenciado a experiência de realizar um seminário em sua trajetória escolar.

Seguindo a sequência lógica das questões, a questão 10 nos permitiu avaliar se os alunos compreendiam qual era o objetivo de um Seminário. Os resultados dessa questão estão representados no gráfico a seguir:

Gráfico 10: Objetivo de um Seminário



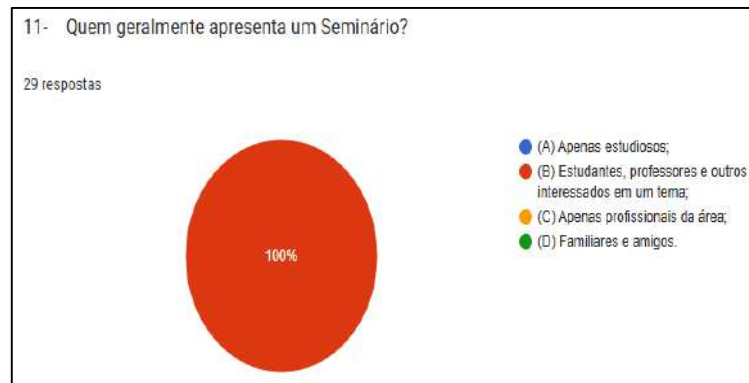
Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Observamos, no Gráfico 10, que 89,7% dos alunos compreendiam o objetivo do gênero textual Seminário, reconhecendo que este servia para apresentar e discutir um tema específico, enquanto apenas 10,3% demonstraram dificuldade em identificá-lo, associando-o à realização de experiências científicas.

As respostas destacadas sugeriram que os alunos associavam o Seminário às atividades desenvolvidas em um ambiente acadêmico. Isso pode ter ocorrido porque, como afirmou Gomes-Santos (2012), para o aluno, a exposição era uma tarefa realizada com a finalidade de estudar sobre determinado conteúdo e demonstrar ao público o que havia aprendido.

Além disso, o campo semântico dos verbos “apresentar”, “discutir” e da expressão “realizar experiências científicas” reforçou essa ligação do gênero com a área acadêmica — algo que se evidenciou ainda mais no gráfico seguinte, elaborado a partir da questão 11, que questionava quem apresentava o seminário.

Gráfico 11: Expositor (es) de um Seminário



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Como foi possível observar no gráfico, todos os alunos (100%) reconheciam que o gênero Seminário era apresentado por estudantes, professores e outros interessados em um determinado tema. Esse foi o momento oportuno para inserir e construir a noção de especialista, conforme defendida por Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004), que atribuíram ao especialista o papel de transmitir o conteúdo, informar, esclarecer e modificar o conhecimento dos ouvintes da melhor maneira possível.

Buscando verificar se os alunos reconheciam as características do Seminário de acordo com sua relevância, elaboramos a questão 12. A partir das respostas fornecidas pelos alunos, foi possível criar o gráfico a seguir:

Gráfico 12: Características Importantes de um Seminário



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Nesse gráfico, a maioria dos alunos (69%) reconhecia que incluir perguntas e respostas era uma característica importante em um seminário, o que sugeria uma valorização da participação do público e indicava que, ao se apresentar “algo a alguém”, era necessário desenvolver a interação entre os envolvidos. Essa interação

servia para que o expositor percebesse se houve compreensão da comunicação verbal exposta e, para o público, representava o momento de assumir uma atitude responsiva ativa, desenvolvida durante o processo de escuta do discurso, pois, como afirma Bakhtin (1997, p. 291), “toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor”.

Os demais alunos, 27,6% e 3,4%, ao escolherem as opções “Ser realizado ao ar livre” e “Incluir música”, respectivamente, podiam indicar o desejo de que o seminário proporcionasse um momento menos formal e mais descontraído, mesmo quando realizado em um ambiente acadêmico.

Chegava, então, o momento de verificar se os alunos reconheciam a melhor maneira de preparar um seminário, o que nos levou à análise do Gráfico 13 a seguir:

Gráfico 13: Maneira de Preparar um Seminário



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Ao perguntarmos qual seria a melhor maneira de se preparar um seminário, 86,2% dos alunos responderam que era fazendo uma pesquisa detalhada sobre o tema e organizando o conteúdo. De fato, essa foi a principal abordagem identificada, pois, como afirma Gomes-Santos (2012, p. 22), “o acesso às fontes de informações está entre as primeiras tarefas do expositor”. Entretanto, 10,4% optaram pela alternativa “Conversando com os colegas” e 3,4% por “Criando atividades”, o que sugeria que esses alunos haviam interpretado a questão a partir da perspectiva do planejamento em equipe, compreendendo que, para organizar um seminário, era necessário reunir o grupo e dividir as tarefas.

Além de reconhecermos a opinião dos alunos sobre a melhor forma de se preparar para o seminário, consideramos fundamental compreender suas atitudes

durante a apresentação. Para isso, elaboramos a questão 14, que nos permitiu chegar aos seguintes resultados:

Gráfico 14: Atitudes Durante Apresentação do Seminário



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

O gráfico mostra que 75,9% dos alunos afirmaram que “falar de maneira clara, objetiva e coerente com o conteúdo” era a atitude mais adequada a ser tomada, indicando que a grande maioria considerava importante transmitir informações de forma que o interlocutor compreendesse a mensagem e reconhecesse a coerência na organização das ideias apresentadas. Os 17,2% dos alunos que escolheram a opção “Manter a confiança e a calma” possivelmente eram alunos que se sentiam nervosos ou ansiosos em situações de exposição em público. Por outro lado, os 6,2% que optaram por “Ler todo o conteúdo utilizando anotações” representavam, provavelmente, aqueles que se sentiam inseguros e preferiam se apoiar nas anotações para garantir a transmissão completa das informações.

De acordo com Damásio (2000, p.14), “as emoções e os sentimentos podem provocar distúrbios destrutivos nos processos de raciocínio em determinadas circunstâncias”, sendo possível considerar essas emoções como influenciadoras diretas na capacidade de concentração, de tomada de decisão e de comportamento dos alunos no momento da exposição oral.

Outro aspecto importante em relação às atitudes do apresentador durante a apresentação foi a interação com o público, pois compreender como os alunos percebiam esse processo nos permitiu entender seu comportamento na hora da exposição. A seguir, no Gráfico 15, examinamos as respostas relacionadas à interação entre apresentador e público durante o seminário.

Gráfico 15: Interação Durante o Seminário



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Segundo Bakhtin (1997, p.295), “o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes”. Nessa perspectiva, o Gráfico 15 mostra que a grande maioria dos alunos (82,8%) compreendia que deveria haver uma interação respeitosa e dinâmica entre os envolvidos. Isso sugeriu que os alunos reconheciam a importância de um contexto que propiciasse a troca de conhecimentos, tanto adquiridos quanto novos, estimulando a reflexão e o debate sobre o tema.

Os resultados obtidos nesse gráfico complementaram a análise do Gráfico 14, já que o número de alunos (6,9%) que assinalaram que o apresentador deveria conversar apenas com um grupo de pessoas refletia um fator emocional, por ser mais fácil direcionar a exposição a um grupo com o qual se tinha afinidade. Já os 10,3% que optaram por o apresentador manter o público em silêncio talvez associassem o seminário a um momento formal acadêmico, em que o silêncio era visto como uma forma de respeito e atenção ao apresentador.

Um momento de suma importância na apresentação do seminário foi o espaço cedido para perguntas e respostas, pois era quando ocorria a interação entre apresentador e público. O Gráfico 16 ilustrou a opinião dos alunos sobre esse espaço.

Gráfico 16: Perguntas e Respostas



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

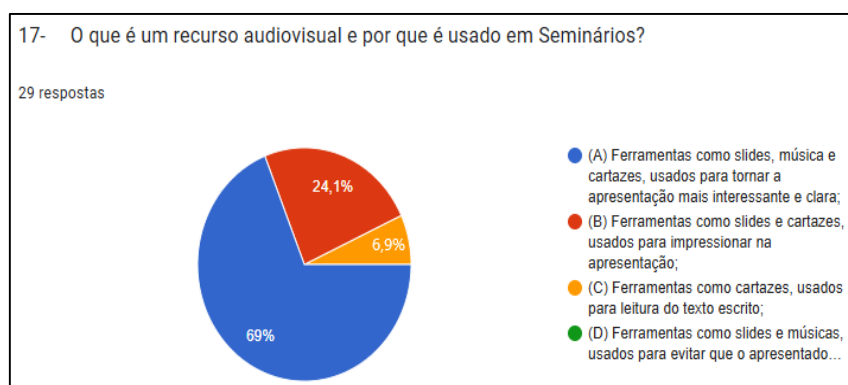
No que diz respeito a essa etapa, o gráfico mostrou que 75,9% dos alunos a reconheciam como o momento para esclarecer dúvidas e aprofundar o conhecimento. Esse espaço permitia ao público expressar sua compreensão sobre o tema apresentado e ao apresentador avaliar como a informação havia sido recebida.

Gomes-Santos (2012) descreve esse momento como “altamente interativo, que supõe, por parte do expositor, a reformulação de passagens da exposição realizada ou a abordagem de aspectos não tratados” e, para o público, “é franqueada a possibilidade de pedir esclarecimentos complementares sobre o tema da exposição, além de avaliar a performance do expositor” (p. 134).

Além disso, 17,2% dos alunos afirmaram que esse era o momento em que o apresentador fazia perguntas ao público, evidenciando a necessidade de verificar se o conteúdo havia sido bem assimilado. Por fim, 6,9% dos alunos consideravam que esse espaço servia para aumentar o tempo da apresentação, o que indicava que o tempo de exposição ainda não era plenamente compreendido e que a preocupação dos alunos recaía sobre o cumprimento do tempo previsto para a apresentação propriamente dita.

Uma forma de garantir a compreensão do tema exposto foi a utilização de recursos audiovisuais, os quais auxiliavam na ilustração e reforço do conteúdo apresentado, além de facilitarem a interação. A seguir, foram analisados os resultados obtidos ao se questionar os alunos sobre o que entendiam por recursos audiovisuais e por que utilizá-los durante o seminário.

Gráfico 17: Recurso Audiovisual



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Ao abordarmos a questão do material de suporte para a exposição oral, 69% dos alunos reconheceram que ferramentas como slides, música e cartazes são essenciais para tornar a apresentação mais interessante e clara. No entanto, 24,1% afirmaram que esses recursos são usados para impressionar o público no momento da apresentação, e 6,9% os viam como ferramentas utilizadas para a leitura do texto escrito.

Embora os suportes possam, de fato, impressionar, chamar a atenção do público e auxiliar na leitura, os alunos que apresentaram esse entendimento precisam compreender que o uso desses recursos vai além dessas funções, pois são fundamentais para facilitar a compreensão do conteúdo e garantir uma comunicação mais eficaz durante a apresentação.

Quando se trata de compreensão, é fundamental que o apresentador desenvolva as informações do seminário seguindo uma sequência lógica, o que nos remete à sugestão de ordenação das fases da exposição oral expressa pelos autores Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004), as quais são: uma fase de abertura, introdução do tema, apresentação do plano de exposição, desenvolvimento e encadeamento dos diferentes temas, recapitulação e síntese, conclusão e encerramento.

Essa sequência possibilita uma apresentação com estrutura organizada e coerente, permitindo ao público acompanhar as informações de maneira eficaz. O objetivo da questão 18 foi avaliar se os alunos reconheciam a importância de seguir uma sequência lógica durante a apresentação do seminário. Com isso, obtivemos o Gráfico 18.

Gráfico 18: Sequência Lógica



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

O gráfico ilustrou que a grande maioria, 93,1% dos alunos, afirmou que seguir uma sequência ajuda o público a entender e acompanhar o conteúdo de forma organizada, evidenciando que eles compreendiam a necessidade de seguir uma estrutura de apresentação com início, meio e fim, garantindo coerência e clareza na exposição das ideias.

Por outro lado, os 6,9% dos alunos que afirmaram que a sequência lógica serve para impressionar sugerem que valorizavam a demonstração de domínio sobre o conteúdo, utilizando a sequência como uma forma de destacar seu conhecimento e habilidade de apresentação.

Por fim, elaboramos a questão 19 com o objetivo de selecionar os cinco (5) temas para as apresentações dos seminários, que serão desenvolvidos nas sequências de atividades da pesquisa. É importante destacar que a escolha dos temas considerou o contexto atual em que os alunos estão inseridos.

Gráfico 19: Tema



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Com base nas escolhas assinaladas pelos alunos, os temas definidos para os seminários foram: Olimpíadas (27,6%), Preconceito Racial (20,7%), Aquecimento Global e as Catástrofes Ambientais (17,2%), Uso de Drogas entre Adolescentes (13,8%) e Inclusão (6,9%). O último tema, “Inclusão”, foi escolhido, mesmo apresentando o mesmo percentual que o tema “Direitos e Deveres do Adolescente” (6,9%), em razão de uma discussão realizada em sala de aula, na qual a maioria dos alunos optou por sua seleção. Ressaltamos ainda que, para cada tema, foram previamente estabelecidos cinco (05) subtemas, que foram sorteados entre as equipes.

A análise do Questionário Inicial (Apêndice 1) permitiu inferir que a maioria dos alunos respondeu à maior parte das questões com a atenção devida. No entanto, foi necessário reforçar a importância da leitura e da compreensão dos enunciados antes de respondê-los, visto que, conforme os PCNs (Brasil, 1998), a leitura é uma atividade que envolve estratégias que possibilitam a tomada de decisão, auxiliando na interpretação adequada e na escolha das respostas.

Observamos que a participação dos alunos nas aulas foi positiva, o que indicou que as estratégias pedagógicas utilizadas até então mostraram-se eficazes. Contudo, foi necessário continuar insistindo para alcançar aqueles que ainda não se sentiam à vontade para participar das atividades em sala.

No que se refere ao ensino de LP, constatamos que uma significativa maioria dos alunos compreendeu que a disciplina envolve eixos distintos que se inter-relacionam. Esse entendimento refletiu diretamente as intervenções realizadas desde o início do ano letivo. Tal compreensão está alinhada à perspectiva de Antunes (2003, p. 108), para quem “a mudança no ensino de português está na escolha do objeto de ensino, daquilo que fundamentalmente constitui o ponto sobre o qual lançamos nossos olhares”. A autora destaca a importância de refletirmos sobre o que ensinamos e como esse ensino impacta a formação dos alunos. Ainda assim, observamos a necessidade de garantir a igualdade de importância entre os eixos, uma vez que se complementam e contribuem de forma interdependente para o desenvolvimento das competências dos estudantes. Quando os alunos compreendem que o ensino é desenvolvido de maneira holística, tendem a reconhecer que a avaliação também deve ser abordada sob essa mesma perspectiva. No entanto, constatou-se que os critérios avaliativos ainda precisam ser melhor esclarecidos, de modo que todos compreendam como estão sendo avaliados.

Quando o questionário abordou especificidades do gênero textual seminário, percebeu-se que a maioria dos alunos entendeu seu conceito, seus objetivos e os principais passos para sua preparação. Além disso, reconheceram a importância do material de apoio durante a exposição oral, bem como a necessidade de seguir uma sequência lógica, a fim de garantir a clareza e a compreensão por parte do público. Esses aspectos estão alinhados aos elementos essenciais para a produção do gênero citados por Dolz, Schneuwly, Pietro e Zanhnd (2004). Contudo, ficou evidente a necessidade de continuidade na orientação do trabalho com o gênero, tendo em vista que os alunos se encontram em processo de aquisição de conhecimento e ainda precisam de reforço em determinados aspectos, a fim de aprimorar as habilidades já desenvolvidas e superar aquelas que ainda representam desafios.

Dessa forma, será possível promover o desenvolvimento eficaz das competências relacionadas ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

4.2.2. Análise da Sequência 1

A primeira sequência de atividades, intitulada “*Gênero Textual Seminário: teoria e reflexão*”, foi elaborada com foco na teoria do gênero textual seminário, considerando seu conteúdo, estilo e composição, com embasamento na teoria de Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004) e no estudo de Gomes-Santos (2012). Nesta etapa, realizou-se o levantamento da proposta de trabalho com o gênero no livro didático (Anexos 2) e elaborou-se um resumo auxiliar sobre o gênero, intitulado *Exposição Oral: Compreendendo o Gênero Textual Seminário*, adaptado de Gomes-Santos (2012).

Além disso, foram acrescentados três textos de apoio – “*5 dicas para tornar a pesquisa na internet mais eficiente*”, “*Fazer um cartaz nota 10*” e “*Dicas para apresentação oral*” (Anexos 2) – por apresentarem conteúdos intrinsecamente relacionados à elaboração do gênero em questão. Todo o material de apoio necessário ao desenvolvimento da sequência foi entregue impresso aos alunos, uma vez que serviria de base para todas as sequências previstas nesta pesquisa.

A sequência de atividades foi desenvolvida conforme planejado e descrito anteriormente na caracterização da proposta de intervenção, com duração total de 5h30min. Iniciamos realizando o levantamento do conhecimento prévio dos alunos

sobre o gênero, e obtivemos, como conceito geral, que o seminário seria “uma apresentação de um trabalho em grupo sobre um conteúdo em sala de aula”.

Na sequência, apresentamos os resultados obtidos por meio do Questionário Inicial, momento em que os alunos perceberam que algumas respostas haviam sido dadas por “falta de atenção” – a exemplo da questão referente à entrega do livro didático – e outras por “associação de atitudes” – como nas questões relacionadas à preparação para o seminário e às atitudes durante a apresentação.

Em seguida, foi entregue o texto *“Exposição Oral: Compreendendo o Gênero Textual Seminário”*, utilizado para uma leitura compartilhada com o objetivo de ampliar o conhecimento dos alunos. Após essa etapa, procedemos à leitura do material apresentado no livro didático, reforçando o que havia sido estudado até aquele momento. Contudo, devido ao término da aula, os alunos foram orientados a concluir a leitura em casa e trazer as dúvidas na aula seguinte.

Na aula seguinte, iniciamos com a discussão sobre as dúvidas relacionadas à leitura realizada em casa, percebendo que estas estavam associadas à falta de maturidade vocabular, e não ao conteúdo abordado. Diante desse fato, direcionamos nosso discurso para a necessidade de ampliação vocabular e, para isso, orientamos os alunos a utilizarem, como suporte, os celulares – ferramentas já tão presentes em seu cotidiano. Essa orientação serviu como introdução para o vídeo *“Criando slides completos usando apenas o celular de forma fácil!”*, com o intuito de ensiná-los a criar slides e exemplificar como o celular pode ser uma ferramenta eficaz para a aquisição de conhecimentos. Para finalizar esse dia, entregamos os três textos de apoio previstos, orientando que fossem lidos em casa, com posterior sinalização das dúvidas.

No dia seguinte, iniciamos as aulas com o suporte do Datashow, realizando a explanação dos textos entregues anteriormente. À medida que os textos eram apresentados, os alunos tiveram a oportunidade de esclarecer suas dúvidas, dessa vez um pouco mais voltadas ao conteúdo dos textos, principalmente em relação ao material *“5 dicas para tornar a pesquisa na internet mais eficiente”*, que continha informações novas para eles. Também exibimos o vídeo *“Show de apresentação de seminário – Turma 1º Ano A – Tecnologia”* como exemplificação do gênero seminário, e reconhecemos, juntamente com os alunos, as fases que compõem a ordenação da exposição oral propostas por Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004), caracterizando

a organização global do gênero. Após a exibição, discutimos as impressões dos alunos sobre a apresentação.

Em seguida, com os alunos organizados em equipes, apresentamos e discutimos a proposta de atividade e os critérios avaliativos, ambos entregues impressos. Aos critérios avaliativos foram atribuídos conceitos (Regular, Bom, Ótimo e Excelente) e respectivas notas (70, 80, 90 e 100), com o objetivo de facilitar a compreensão dos alunos sobre o resultado final da equipe ao término da atividade. Os alunos iniciaram, então, a produção do texto, que foi concluída no dia seguinte, juntamente com o processo de refacção supervisionado. Por fim, os alunos apresentaram seus textos oralmente e os entregaram de acordo com o tempo previsto para a conclusão da sequência.

Durante o período da atividade, iniciamos a análise do desenvolvimento da sequência, considerando o primeiro critério avaliativo: “*Observação das discussões no grupo*”. Percebemos que três (03) equipes desenvolveram a atividade de forma colaborativa, o que lhes garantiu desempenho classificado como Excelente, pois todos os integrantes participaram ativamente, expressando suas opiniões. No entanto, em duas (02) equipes, alguns alunos não se envolveram como o esperado, deixando que os demais membros realizassem a atividade sozinhos, o que resultou em um desempenho classificado como Regular.

Essa situação acionou o critério “Trabalho em equipe”, no qual as mesmas equipes, respectivamente, obtiveram desempenho classificado como Ótimo – por apresentarem momentos de dispersão e relativo desentendimento entre os integrantes – e Bom – por evidenciarem falta de colaboração de alguns membros, intenso desentendimento e ausência de respeito à opinião do outro, o que nos direcionou à análise do critério seguinte.

A “Apresentação do texto elaborado oralmente” foi o critério em que todas as equipes obtiveram desempenho classificado como Bom, pois apresentaram o texto demonstrando que não haviam realizado um planejamento prévio, restringindo-se à leitura oral do material. Além disso, não respeitaram o momento de escuta, que, segundo Antunes (2003, p. 112), “constitui parte da competência comunicativa dos falantes, uma vez que ela implica um exercício de ativa interpretação, tal como acontece com o leitor em relação à escrita”.

Acreditamos que as atitudes comportamentais apresentadas pelos alunos durante a atividade refletem a importância da ampliação de práticas pedagógicas

dessa natureza, para que possam desenvolver as competências necessárias relacionadas ao falar e ao ouvir, bem como o respeito à opinião expressa pelo colega – especialmente quando essa opinião se apresenta de forma divergente.

Contudo, ao término da atividade, obtivemos as seguintes produções escritas transcritas abaixo:

Quadro 10: Transcrição dos textos

Transcrição do texto da Equipe 1: O Estudo Sobre Seminário

O seminário é um gênero que apresenta um tema no qual a pessoa pesquisa, faz anotação e cria um plano para apresentar em grupo ou individualmente. Na apresentação pode ser utilizado ilustrações explicativas, legendas e gráficos, ou slides onde pode ser o que está escrito acrescentando detalhes sem ler.

Observando o vídeo show de apresentação podemos observar alguns erros que impactaram um pouco a qualidade geral. Uma das meninas repetiu várias palavras desnecessárias, o que acabou distraindo um pouco do conteúdo. O título da apresentação estava adequado, mas no final houve um erro importante, faltou a bibliografia. No entanto apesar desses problemas, a apresentação foi muito boa.

Transcrição do texto da Equipe 2: Seminário

O seminário é uma apresentação explicativa sobre um tema. A organização de um seminário começa a partir de um planejamento, seguido por pesquisas, seleção de informações, produção de um roteiro, recursos materiais e um ensaio.

O seminário é feito em equipe ou individual. O seminário pode usar recursos audiovisuais como slides, mas também pode ter cartazes.

O vídeo apresentado em sala de aula “Show de apresentação de seminário – Turma 1º ano A – Tecnologia” foi um trabalho bem elaborado, as alunas fizeram essa seguinte forma no trabalho: Se apresentaram, apresentaram o título, falaram uma pauta, aparentavam dominar o conteúdo, optaram por apresentar um slide e um vídeo mostrando as futuras tecnologias. Porém, o trabalho delas, teve alguns erros, exemplo: não falar as referências dos textos pesquisados e, além disso, não dividir a apresentação entre elas de forma igual.

Transcrição do texto da Equipe 3: O Seminário

Um seminário é uma apresentação ou discussão em grupo geralmente realizada em ambiente acadêmico ou profissional sobre um tema específico, onde o foco é a fala com a plateia/estudantes. O seminário também é focado nas falas do plural e o trabalho em equipe apresentado nas aulas. No vídeo exposto em sala de aula “Show de apresentação de um seminário, 1º A, Tecnologia, as alunas se apresentaram, o tema, cada uma apresentou sua fala, preferiram apresentar seu trabalho em slide e no final jogaram a pergunta para o público. Em algumas partes a apresentação deixou a desejar, pois a apresentação ficou um pouco desorganizada, apenas a “cabeça” do grupo permaneceu sempre na parte explicativa, tanto a parte dela quanto a das outras meninas. As meninas também esqueceram de referência bibliográfica e a maioria das meninas ficaram nervosas.

Transcrição do texto da Equipe 4:

O seminário é uma apresentação de um determinado assunto que pode ser apresentado oralmente.

É composto por uma estrutura específica que pode ser utilizado slide ou cartazes.

De acordo com o vídeo passado em sala de aula com o tema “Tecnologia” fala sobre um seminário do vídeo “Show de apresentação” da turma 1º ano A – Tecnologia.

A tecnologia no futuro e os benefícios para a humanidade, como no ambiente escolar, ambiente de saúde e até mesmo em casa.

As meninas se dividiram em etapas cada uma ficou com uma responsabilidade de falar a sua parte de fala.

Transcrição do texto da Equipe 5: Seminário em Partes e a Abordagem da Tecnologia

O Seminário é um tipo de apresentação oral, que surge através de pesquisas, ensaios e rascunhos sobre um tema específico onde as alunas podem apresentar em grupo ou individual e pode ser representados em slides ou cartazes, depois abrem espaço para o público tirar dúvidas e expressar suas opiniões.

O vídeo “Show de Apresentação de Seminário – Turma 1º Ano A – Tecnologia” apresentado em sala aborda o tema da tecnologia, com um grupo de garotas que tentam repassar para a turma o que a tecnologia mudou em nossas vidas e o que ainda poderá mudar.

Com isso percebemos que as meninas do grupo conseguiram explicar bem o assunto e usaram uma linguagem adequada o único defeito foi a falta da fonte de pesquisa.

Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

As transcrições representam as produções das equipes identificadas numericamente, conforme a numeração utilizada para a identificação dos grupos até

o final da pesquisa. Ao analisarmos a produção escrita, é possível observar que a atividade orientava que as equipes redigissem um texto contendo a compreensão sobre o gênero textual *Seminário*, os elementos que o compõem, as impressões a respeito do vídeo assistido, além da obrigatoriedade de um título.

Dessa forma, a primeira situação percebida foi que todas as equipes apresentaram dificuldades ao tentar consolidar as discussões em um único texto. Isso resultou em pedidos constantes de intervenção, desentendimentos entre os integrantes, dispersão durante a execução da atividade, solicitações para que a produção fosse feita de forma individual, além de muitos rabiscos, rascunhos e folhas rasgadas.

Com o corpus em mãos, iniciamos a análise pelo título, um dos elementos previstos na orientação, além de ser parte essencial da composição do tipo de texto proposto. Observamos que apenas a Equipe 4 não atendeu a essa exigência, o que nos levou a inferir que, ou os alunos não compreendem a importância de atribuir um título ao texto, ou ainda não possuem as habilidades necessárias para fazê-lo de maneira adequada. Contudo, acreditamos que a ausência do título se deve à falta de habilidade, uma vez que, embora as demais equipes tenham incluído títulos, estes permaneceram no plano temático genérico, como “SEMINÁRIO” (Equipe 2) e “O Seminário” (Equipe 3), ou foram expressos de forma inadequada, como em “O Estudo Sobre Seminário” (Equipe 1) e “Seminário em Partes e a Abordagem da Tecnologia” (Equipe 5). Com base em Menegassi e Chaves (2000), entendemos que “o título¹¹ é uma síntese precisa do texto”, sendo, portanto, um elemento que exige mais elaboração e intencionalidade.

Na sequência, analisamos as produções com base no critério compreensão e apresentação dos elementos que compõem o gênero Seminário no texto escrito. Nesse aspecto, observamos que as Equipes 2 e 5 atribuíram um conceito coerente ao gênero, demonstrando que compreenderam suas características e apresentaram os principais elementos que o estruturam.

As informações nos textos dessas equipes seguiram uma organização estrutural adequada, com encadeamento lógico das ideias, o que revelou que

¹¹ é uma síntese precisa do texto, cuja função é estratégica na sua articulação: ele nomeia o texto após sua produção, sugere o sentido do mesmo, desperta o interesse do leitor para o tema, estabelece vínculos com informações textuais e extratextuais, e contribui para a orientação da conclusão à que o leitor deverá chegar. (Menegassi e Chaves, 2000).

compreenderam não apenas a natureza do gênero, mas também as ações necessárias para sua construção. Destacou-se ainda o uso de recursos visuais, característicos da configuração dos seminários escolares, conforme descrito por Gomes-Santos (2012), que define o seminário como uma “ação conjunta, o que supõe as habilidades de negociação de papéis, de atenção focada, de tomada e manutenção da fala, entre outras”.

Além disso, podemos afirmar que os textos se complementaram: o texto da Equipe 2 enfocou a preparação e o uso de recursos visuais, enquanto o da Equipe 5 destacou a participação do público, uma característica essencial do gênero, que reforçou a noção de interação entre os participantes e a audiência.

As Equipes 1 e 4 refletiram diferentes níveis de compreensão sobre o gênero. A Equipe 4 apresentou uma visão básica e incompleta, não mencionando os elementos que o caracterizam, e enfatizou apenas a parte visual e estrutural, sem detalhar o que se espera em uma apresentação. Já a Equipe 1 demonstrou uma compreensão mais ampla a respeito do gênero, destacando a importância da preparação e da oralidade. No entanto, chamou a atenção a organização das informações no texto, que apresentou uma linguagem muito próxima da oralidade.

Em relação à escrita da Equipe 1, observamos que ela se assemelhava a uma primeira versão textual, na qual as ideias foram inicialmente registradas de maneira espontânea, para depois serem organizadas e adequadas à norma da língua escrita. Exemplo disso são passagens como: “a pessoa pesquisa fáz, anotação e cria um plano” e “onde pode ser é que está escrito acrescentando detalhes sem ler”, que remetem ao processo de refacção textual, citado pelos PCNs (1998) como procedimento importante para o desenvolvimento do estudo da análise linguística.

O texto da Equipe 3 apresentou ideias aparentemente construídas a partir de fragmentos, não consolidando um conceito claro do gênero, que foi definido de forma genérica como “uma apresentação ou discussão em grupo”. Além disso, afirmou que “o foco é a fala com a plateia/estudantes” e que o seminário é “focado nas falas do plural”, o que sugere a fragmentação das informações pesquisadas, evidenciada pela forma como foram estruturadas no texto.

Quando mudamos o foco para o critério referente à compreensão do vídeo, a partir da apresentação das impressões do grupo, observamos que todas as equipes compreenderam a ideia geral e expuseram suas críticas. Entretanto, a Equipe 2 se destacou por ter sido mais específica: além de compreender o conteúdo, percebeu os

elementos e a organização estrutural da apresentação oral do seminário exposta pelas alunas no vídeo.

Com exceção da Equipe 4, as demais equipes apresentaram críticas negativas à apresentação oral exibida no vídeo. As observações, embora semelhantes, se diferenciaram: “repetição de palavras” (Equipe 1) e “não dividir adequadamente a apresentação entre o grupo” (Equipes 2 e 3). Um aspecto interessante foi a percepção, por parte dos alunos, da ausência da Referência Bibliográfica no seminário apresentado, elemento que foi mencionado nos textos.

Por fim, o critério Organização das Informações no texto escrito nos direcionou à análise de como as ideias foram dispostas no texto. Observamos que todas as equipes seguiram a mesma estrutura — gênero, elementos e vídeo — organizada em três parágrafos. Entretanto, as informações não apresentaram elementos coesivos, configurando textos construídos a partir de parágrafos independentes e desconectados. Além disso, verificamos a necessidade de aprofundamento no estudo de aspectos relacionados à produção escrita e à análise linguística/semiótica, uma vez que as dificuldades dos alunos se tornaram evidentes a partir dessa produção.

Considerando os critérios avaliativos estabelecidos para essa sequência inicial, constatamos que, no contexto geral, as Equipes 2 e 5 obtiveram um excelente desempenho no desenvolvimento da atividade. Ambas compreenderam as informações às quais foram expostas, reconheceram os elementos que compõem o gênero seminário, souberam trabalhar de forma colaborativa em grupo e tomaram decisões pertinentes sobre as informações que deveriam constar no texto, de modo a alcançar o objetivo proposto pela atividade.

As Equipes 1 e 3 obtiveram um bom desempenho, principalmente pelas atitudes apresentadas durante as discussões. Contudo, demonstraram pouca compreensão sobre o gênero no texto produzido e não conseguiram organizar adequadamente as informações.

Já a Equipe 4 obteve um desempenho regular, por ter apresentado maiores dificuldades no desenvolvimento da atividade. A equipe não seguiu as orientações iniciais da proposta, revelando não ter absorvido adequadamente o conceito do gênero, ao apresentar o seminário com uma definição superficial e sem detalhamento dos elementos que o compõem. Embora tenha mencionado recursos que podem ser utilizados, como “slides ou cartazes”, não lhes atribuiu importância significativa. Com relação ao vídeo, a equipe limitou-se a apresentar um resumo do conteúdo exposto,

sem estabelecer relação com o estudo teórico sobre o gênero. Foi o único grupo que mencionou, na exposição oral, a presença da troca de turnos entre os participantes.

É necessário ressaltar que todas as equipes obtiveram um bom desempenho na apresentação oral do texto produzido para a atividade, o que evidencia a importância de continuar abordando as habilidades da modalidade oral de forma mais aprofundada. Para tanto, é fundamental proporcionar mais momentos de exposição oral aos alunos e, paralelamente, trabalhar questões emocionais, uma vez que estas interferem diretamente na clareza da comunicação no momento da apresentação.

4.2.3. Análise da Sequência 2

A Sequência 2 introduziu o trabalho com os eixos de LP, a partir do gênero Seminário, com ênfase no eixo da Leitura, por compreendermos que é por meio da leitura que o ensino da disciplina se inicia, seja através de textos verbais ou não verbais, servindo como ponto de partida para o desenvolvimento dos demais eixos – oralidade, produção escrita e análise linguística/semiótica – justificando, assim, o título da sequência: *“Leitura no Gênero Seminário: o início de tudo”*. Essa sequência, com duração de 4h15min, seguiu todas as etapas planejadas para cada aula e, diferentemente da primeira, sua aplicação ocorreu de maneira mais simples, pois o conteúdo teórico sobre o gênero já havia sido previamente abordado.

Iniciamos a primeira aula destacando a Leitura no contexto social e a importância do seu aprimoramento para o desenvolvimento do aluno enquanto cidadão crítico e participativo. Em seguida, introduzimos o tema *Preconceito Racial* com uma pergunta direta: *“O que é preconceito racial?”*, com o objetivo de avaliar a compreensão dos alunos sobre o assunto. Obtivemos a seguinte resposta: *“Preconceito racial é, por exemplo, você julgar uma pessoa por causa dela ser de uma etnia diferente, uma cor de pele diferente, de uma raça diferente.”*

A partir da resposta dos alunos, apresentamos o conceito de preconceito racial, conforme definido pela Universidade Estadual Paulista (UNESP): *“Preconceito racial é uma opinião ou julgamento negativo previamente concebido a respeito de um*

determinado grupo racial, podendo ou não resultar em discriminação”.¹² Tal definição serviu para reforçar e complementar a compreensão dos alunos sobre o tema.

Na sequência, distribuímos o texto “*Preconceito racial: o que é e como combater o racismo*” (Anexo 3), o qual foi lido de forma compartilhada e comentado paralelamente. Nesse momento, os alunos demonstraram-se dispostos a realizar a leitura espontaneamente, sem que fosse necessário indicar possíveis leitores, o que nos levou a inferir que haviam compreendido o objetivo da sequência proposta.

Após a leitura do texto, realizamos o sorteio dos subtemas para cada equipe. Vale ressaltar que a identificação das equipes se manteve a mesma em todas as sequências, embora a ordem de apresentação tenha variado de acordo com os subtemas definidos por meio dos sorteios.

Dessa forma, apresentamos a seguir a ordem de exposição dos seminários, com foco no eixo da Leitura:

- *Equipe 4: História do Preconceito Racial;*
- *Equipe 1: Preconceito Racial nas Instituições;*
- *Equipe 3: Educação e Consciência Racial;*
- *Equipe 2: Legislação e Políticas Públicas;*
- *Equipe 5: Arte e Resistência Racial.*

Nas duas aulas do dia seguinte, discutimos os subtemas sorteados, definindo a abordagem que cada equipe deveria adotar. Assistimos ao vídeo “*Vista a Minha Pele*”, que utilizou uma paródia para discutir o racismo e o preconceito, possibilitando, assim, a abertura para outra discussão: o *bullying* na escola, uma vez que a história se passava no ambiente escolar. Finalizamos o dia reforçando os conhecimentos adquiridos na sequência anterior sobre o gênero Seminário e seus elementos constitutivos, além de orientar os alunos a revisar constantemente o material de apoio entregue.

A quarta aula dessa sequência foi dedicada à discussão dos critérios avaliativos do Seminário, com foco na Leitura. Distribuímos a Ficha de Avaliação, que foi lida ponto a ponto juntamente com os alunos, os quais demonstraram interesse no formato

¹² UNESP. Guia de Reconhecimento, Orientação e Enfrentamento aos Racismos. Disponível em: <https://educadiversidade.unesp.br/guia-de-reconhecimento-orientação-e-enfrentamento-aos-racismos>. Acesso: 2024.

proposto, comentando que “não sabiam que poderia ser feita uma avaliação dessa maneira”. Os alunos compreenderam cada critério e concordaram com o que estava estabelecido para a avaliação. Em seguida, definimos o tempo de apresentação destinado a cada equipe — quinze minutos —, enfatizando a importância da realização de ensaios e da constante revisão do material de apoio.

A atividade proposta para essa sequência foi a “Elaboração e apresentação oral – Seminário – e entrega de material escrito sobre o subtema do tema gerador *Preconceito Racial*”, sendo estabelecido o prazo de oito (08) dias para a produção da atividade. Essa culminou nas duas últimas aulas da sequência, com a realização dos seminários e a entrega dos trabalhos escritos, seguidos pelo momento de feedback das apresentações.

Tomamos a decisão de que, para cada seminário produzido, independentemente do eixo avaliado, as equipes entregariam um material por escrito, com o objetivo de registrar a evolução delas ao longo do processo. Essa decisão foi fundamentada na teoria de Bruner (1973, *apud* SIPEC, 2017), que destaca a importância das sequências como um passo a passo estruturado, apresentando os conteúdos de maneira progressiva, visando ampliar a capacidade de aprendizagem e compreensão dos alunos.

Nessa perspectiva, e considerando a definição de Gomes-Santos (2012), de que o seminário é um gênero produzido a partir da coleta e do confronto de informações disponibilizadas em diferentes textos e da organização dessas informações, inferimos que os alunos ainda não haviam desenvolvido plenamente as habilidades necessárias para sua elaboração. Por esse motivo, orientamos, inicialmente, que tanto as Introduções quanto as Considerações Finais de todo material escrito produzido nas sequências fossem redigidas de forma pessoal. Na Introdução, as equipes deveriam contextualizar o subtema, explicando brevemente o assunto e sua relevância, além de fornecer uma visão geral da organização do trabalho. Já nas Considerações Finais, deveriam refletir sobre os principais pontos abordados e sobre como o trabalho contribuiu para o desenvolvimento pessoal e cidadão dos integrantes.

Após a realização dos seminários focados na Leitura, iniciamos a análise dos dados, considerando o material elaborado pelas equipes e os critérios avaliativos previamente definidos para o eixo. Essa análise foi embasada na perspectiva de Antunes (2003, p. 70), segundo a qual “a leitura é uma atividade de acesso ao

conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita”.

A apresentação dos seminários foi iniciada pela Equipe 4, com o subtema “*História do Preconceito Racial*”, cuja proposta era apresentar as origens e a evolução do racismo ao longo da história. Diferentemente das demais equipes, essa não entregou o material escrito, mas elaborou um material de suporte para a apresentação oral — *slides* —, o qual foi utilizado para a análise do desempenho da equipe.

Figura 3: Slides de Apresentação

No Brasil, em relação aos negros, o racismo estrutural se perpetua desde os tempos da escravidão, no início do século XVI

O racismo é o ato de discriminar, isto é, fazer distinção de uma pessoa ou grupo por associar suas características físicas e étnicas a estigmas, estereótipos.

Acontecimentos

Tráfico negreiro

O tráfico negreiro foi o processo de transferência de pessoas da África para o Brasil, visando a mão de obra escrava para a produção de açúcar e ouro.

Racismo científico

Foi usado para justificar a superioridade racial dos brancos e a inferioridade dos negros, servindo de base para a segregação racial.

Lei da Injúria racial

Em 2003, foi incluída no Código Penal a injúria racial, com pena de reclusão de um a três anos e multa.

primeira lei da Educação

Em 1937, foi promulgada uma lei que proibia a entrada de negros e negras nas escolas públicas.

Um dos grandes exemplos na história negra

Em 2013, no aniversário de 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil, foi instituído o Dia da Consciência Negra. A data, instituída oficialmente em 2011, é um símbolo do combate ao racismo e da luta contra a opressão de negros e negras na sociedade brasileira. Trata-se de uma importante conquista da organização do movimento negro no país, que toma como referência a morte de Zumbi dos Palmares, ícone da resistência contra a opressão e escravidão no século XVII.



O racismo é um preconceito contra pessoas que são vistas como inferiores e desvalorizadas por conta de sua raça, ou seja, de seu tom de pele e traços físicos. Ele se baseia na ideia equivocada de que existem diferenças corporais e externas entre os seres humanos, que determinam a superioridade ou inferioridade de alguns grupos em relação a outros.

O racismo pode ter um impacto negativo na vida das pessoas, dificultando ou impedindo o acesso a direitos e espaços. Ele também pode causar problemas psicológicos, como baixa autoestima e autonegação.

Tipos de racismo

Racismo individual: Atitude, interesse ou pensamento pessoal que pode incluir estereótipos.

Racismo cultural: Defende que uma cultura é superior a outra, e aceita amplamente estereótipos sobre diferentes grupos étnicos.

Racismo religioso: Uma das manifestações mais fortes do racismo estrutural, que se expressa na Lei nº 7.716, que trata de crimes resultantes do preconceito de raça e de cor.

Racismo ecológico: Prática de discriminação contra a natureza, afetando grupos e comunidades.

Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Os slides elaborados demonstraram que a equipe possuía conhecimento sobre o tema e compreendeu o que foi proposto, pois, inicialmente, apresentou uma informação histórica contextualizada, alinhada a um conceito geral sobre racismo —

131

palavra-chave para a pesquisa — e, em seguida, organizou uma linha histórica da evolução do racismo, incluindo tópicos que reforçaram a compreensão do subtema.

Entretanto, observamos que não houve um aprofundamento na pesquisa, evidenciado pela ausência de informações a respeito do impacto desses eventos ao longo do tempo, o que refletiu uma leitura crítica limitada do material consultado. Apesar de a equipe mencionar Zumbi dos Palmares, símbolo de resistência, a abordagem manteve-se no nível informativo. As informações estavam organizadas de forma coerente, com pontos relevantes relacionados ao subtema e com vocabulário claro e adequado ao gênero, proporcionando uma leitura fluida e objetiva. No que se refere ao uso de imagens, a equipe as utilizou de forma pertinente, mas deixou de indicar as Fontes¹³, apesar das orientações fornecidas nesse sentido.

Os dois últimos slides — não apresentados na imagem — demonstravam que a equipe compreendia que o seminário é um gênero que favorece uma leitura ativa, a troca de ideias e os questionamentos. Ainda que esse momento de interação não tenha sido efetivado, foi possível identificar a compreensão da importância de um encerramento educado e bem estruturado.

O segundo seminário foi apresentado pela Equipe 1, com o subtema *“Preconceito Racial nas Instituições”*. A equipe seguiu as orientações de elaborar e organizar o material escrito, bem como realizar a exposição oral, abordando o racismo institucional e suas manifestações em setores como a educação, a saúde, a justiça e o emprego.

A Equipe 1 optou por realizar a exposição oral utilizando o cartaz abaixo:

Figura 4: Preconceito Racial nas Instituições



Fonte: Dados da Autora, 10/2024

¹³ Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) – A **NBR 6023:2018** e a **NBR 10520:2023** tratam das normas para referências e citações, incluindo imagens. Ela orienta que toda imagem extraída de outra fonte deve ser acompanhada de sua devida referência.

Apesar de a equipe ter recebido suporte teórico para a elaboração de cartazes, observamos, pela Figura 4, algumas inadequações no planejamento do material apresentado, como o título do seminário grafado de forma incorreta: “*PRECONCEITO RACIAL NAS INTITUIÇÕES*”, em vez de “*INSTITUIÇÕES*”. Esse erro refletiu a ausência de uma etapa de revisão, a qual, conforme destaca Koch (2021), é fundamental no processo de escrita.

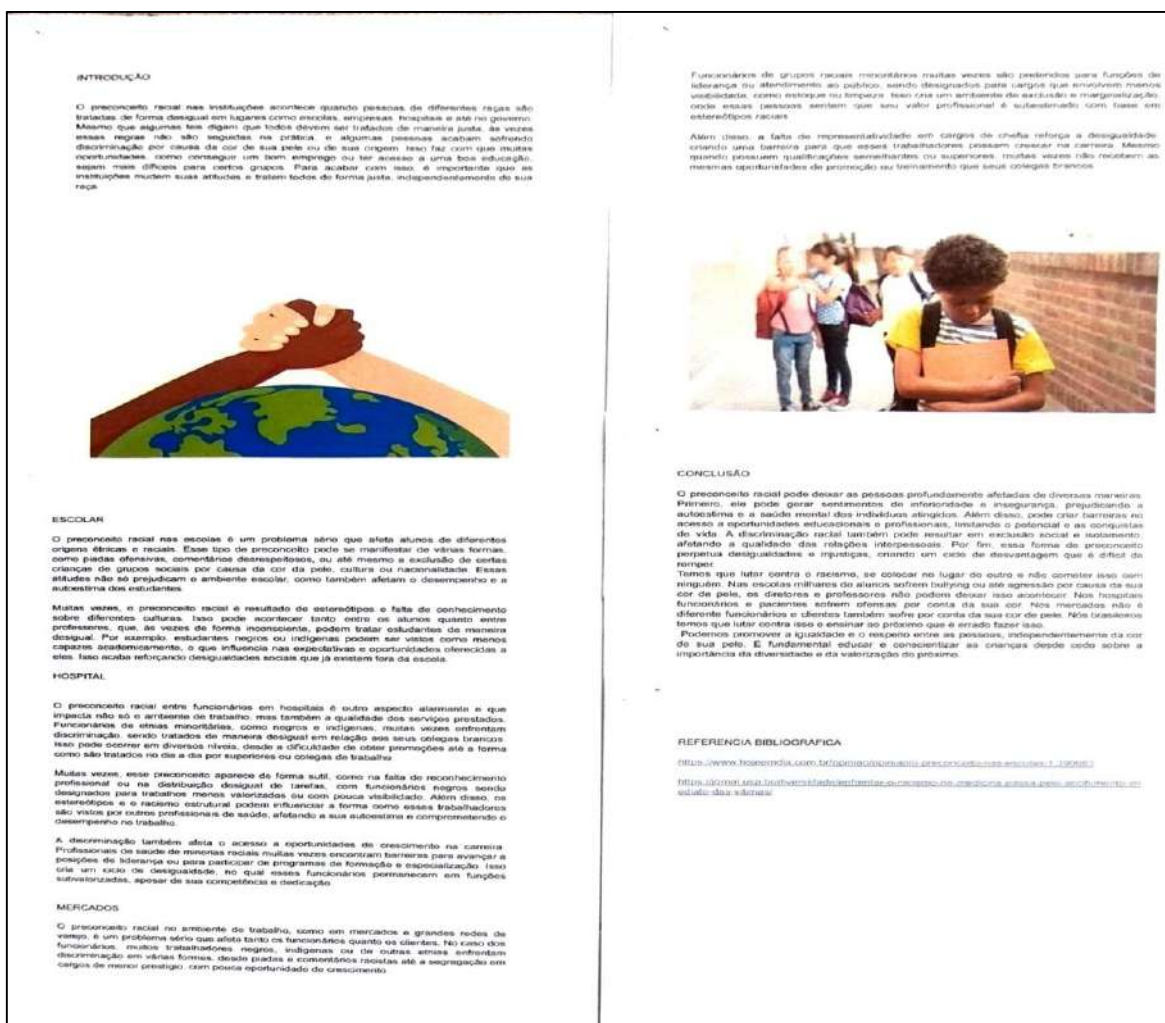
Além disso, embora a escolha das imagens esteja relacionada ao tema gerador *Preconceito Racial*, elas não se mostraram suficientes para representar especificamente o subtema “*Preconceito Racial nas Instituições*”. Outro ponto a ser considerado é a ausência da indicação das fontes das imagens utilizadas — situação semelhante à da equipe anterior.

Durante a exposição oral, a equipe não fez uso do cartaz como apoio para direcionar sua fala, o que comprometeu a funcionalidade do material visual no contexto da apresentação.

A Equipe 1 realizou sua exposição por meio da leitura oral do material escrito, o que, segundo Goffman (1987, *apud* Gomes-Santos, 2012), constitui uma das três formas de animar as palavras. Com essa escolha, a equipe apresentou bom desempenho quanto à pontuação expressiva e ao vocabulário utilizado.

O desempenho da equipe nos demais critérios avaliativos do eixo Leitura pode ser analisado a partir do material escrito entregue, representado na Figura 5.

Figura 5: Material Escrito – Preconceito Racial nas Instituições



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

A análise da Figura 5 evidenciou que a equipe demonstrou conhecimento prévio sobre o tema, bem como compreendeu o subtema de maneira adequada, ao contextualizar o problema do preconceito racial nas instituições — empresas, hospitais e escolas — e mencionar as dificuldades enfrentadas pelas pessoas de raças diferentes no cotidiano. Esse aspecto caracterizou o início de uma leitura crítica, ao identificar e detalhar as formas de preconceito presentes nesses espaços institucionais.

Todas as ideias foram apresentadas em seções, evidenciando que a leitura realizada seguiu uma organização lógica das prioridades informacionais, incluindo causas e consequências, o que caracteriza uma leitura relativamente aprofundada. Esse processo está alinhado à perspectiva de Antunes (2003, p. 81), para quem “a leitura se torna plena quando o leitor chega à interpretação dos aspectos ideológicos do texto, das concepções que, às vezes sutilmente, estão embutidas nas entrelinhas”.

Dessa forma, percebemos que a equipe não apenas compreendeu o conteúdo apresentado, mas desenvolveu um olhar crítico sobre as questões raciais que envolvem instituições.

A conclusão do trabalho retomou a problemática abordada e reforçou a importância de combater o racismo e promover a equidade. O material escrito elaborado complementou a leitura da equipe no que diz respeito ao reconhecimento das características do gênero, pois foi estruturado de maneira expositiva, clara e organizada.

No entanto, embora as imagens utilizadas reforçassem o tema gerador *Preconceito Racial*, nem todas cumpriram integralmente esse papel ao restringirmos a abordagem ao preconceito nas instituições, com exceção da última imagem, que retratava uma criança em ambiente escolar. Esse mesmo problema foi identificado nas imagens do cartaz apresentado. Além disso, nenhuma das imagens continha a indicação da fonte, elemento essencial conforme as orientações previamente repassadas.

Por outro lado, o uso de referências bibliográficas ao final do texto demonstrou a preocupação da equipe em fundamentar suas afirmações com base em fontes externas, o que reforça a profundidade da leitura realizada.

Quanto à compreensão e participação na etapa de perguntas e respostas, foi realizada apenas uma pergunta: *“Em qual instituição vocês acham que existe mais preconceito racial?”* A equipe respondeu com segurança à questão e finalizou sua apresentação.

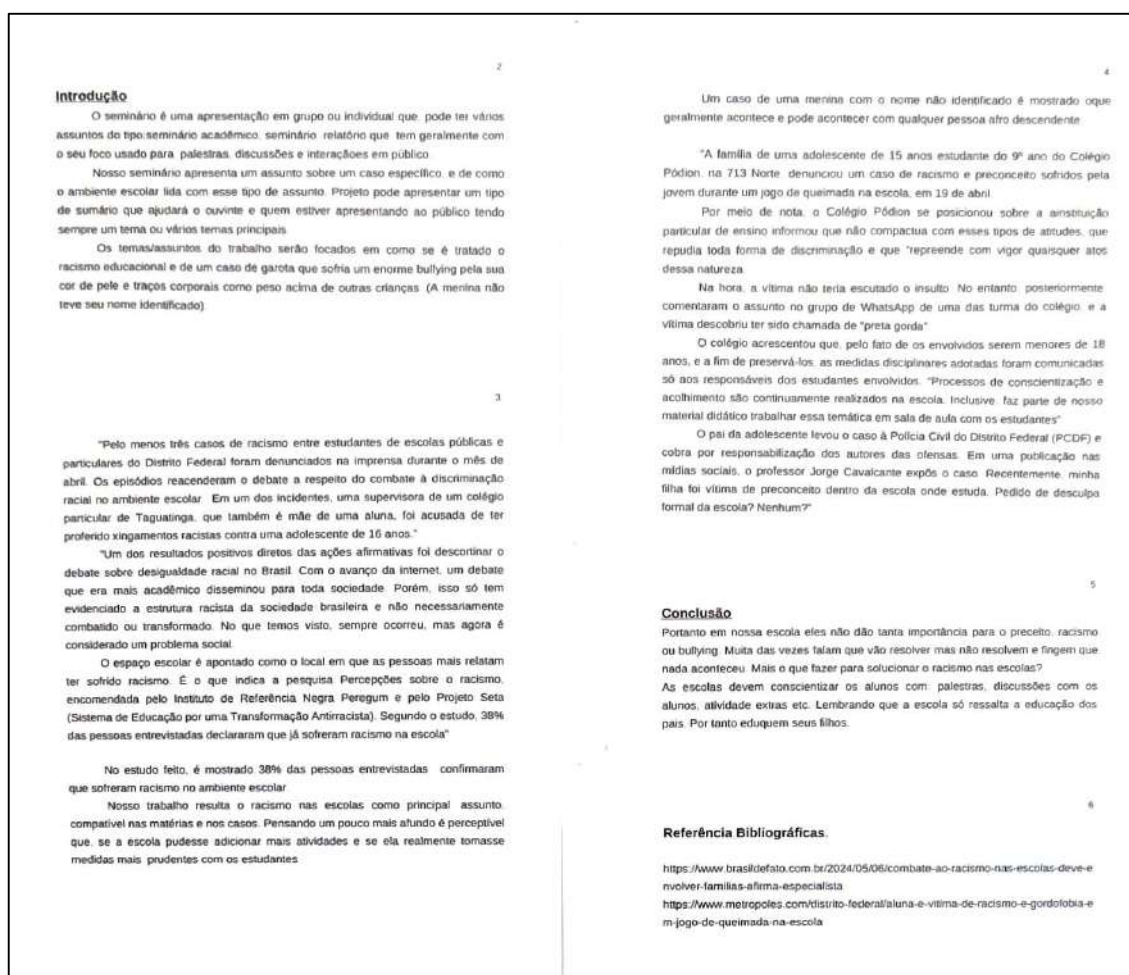
Outro subtema abordado foi “Educação e Consciência Racial”, apresentado pela Equipe 3, que recebeu a orientação de expor sobre a importância da educação na promoção da igualdade racial e na desconstrução do racismo. Para cumprir esse objetivo, a equipe estruturou sua apresentação utilizando slides, o vídeo *“Vamos enfrentar o preconceito na escola?”*, além da entrega de material escrito, o que evidencia o reconhecimento das características do gênero seminário, refletido no planejamento, na organização e na execução da atividade.

Durante a apresentação, a equipe utilizou as três formas de animar as palavras, conforme proposto por Goffman (1987, *apud* Gomes-Santos, 2012): a memorização, a leitura oral e a fala espontânea. Essa escolha variou de acordo com a habilidade individual de cada integrante, resultando em uma exposição oral que manteve um

vocabulário geralmente adequado ao tema e ao gênero, ainda que apresentasse momentos de informalidade na fala espontânea.

Todo o material visual foi organizado e estruturado com coerência lógica. No entanto, não houve uma reflexão crítica a respeito do vídeo apresentado, o que comprometeu a profundidade da abordagem. Além disso, o material escrito entregue pela equipe se apresentou como uma transcrição direta dos slides utilizados, estruturado em uma tentativa de organização das ideias, porém com falhas de clareza e coesão no desenvolvimento textual, como pode ser observado na Figura 6, a seguir:

Figura 6: Educação e Consciência Racial



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

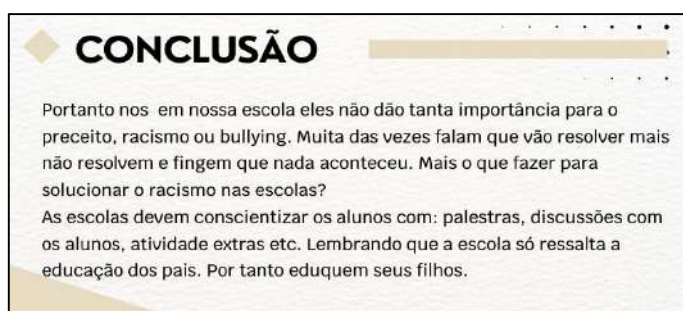
A análise do material entregue, conforme indicado na Figura 6, permitiu afirmar que a Equipe 3 apresentou um desempenho regular nos critérios *Conhecimento Prévio* e *Domínio na Compreensão* sobre o subtema "Educação e Consciência Racial". Na introdução do texto, a equipe definiu o gênero Seminário e indicou que o trabalho abordaria "como se é tratado o racismo educacional e de um caso específico,

e de como o ambiente escolar lida com esse tipo de assunto”. Essa formulação revela que os alunos não compreenderam com clareza a proposta apresentada para o desenvolvimento do subtema. Nesse sentido, conforme destaca Antunes (2003), a leitura não se configurou como uma atividade de interação entre sujeitos – leitor e escritor –, elemento essencial para uma leitura significativa.

Apesar de a equipe ter identificado e descrito episódios de racismo, apresentando dados e exemplos concretos ocorridos em contextos escolares, não conseguiu demonstrar profundidade na pesquisa. A abordagem limitou-se à exposição de fatos, sem evidências de uma leitura crítica ou reflexiva, restringindo o potencial do tema proposto.

A conclusão do material, ilustrada na Figura 7, reforçou essa limitação, ao revelar que a equipe não compreendeu plenamente a proposta do subtema, resultando em um encerramento frágil e desconectado da reflexão esperada sobre o papel da educação na promoção da consciência racial.

Figura 7: Conclusão



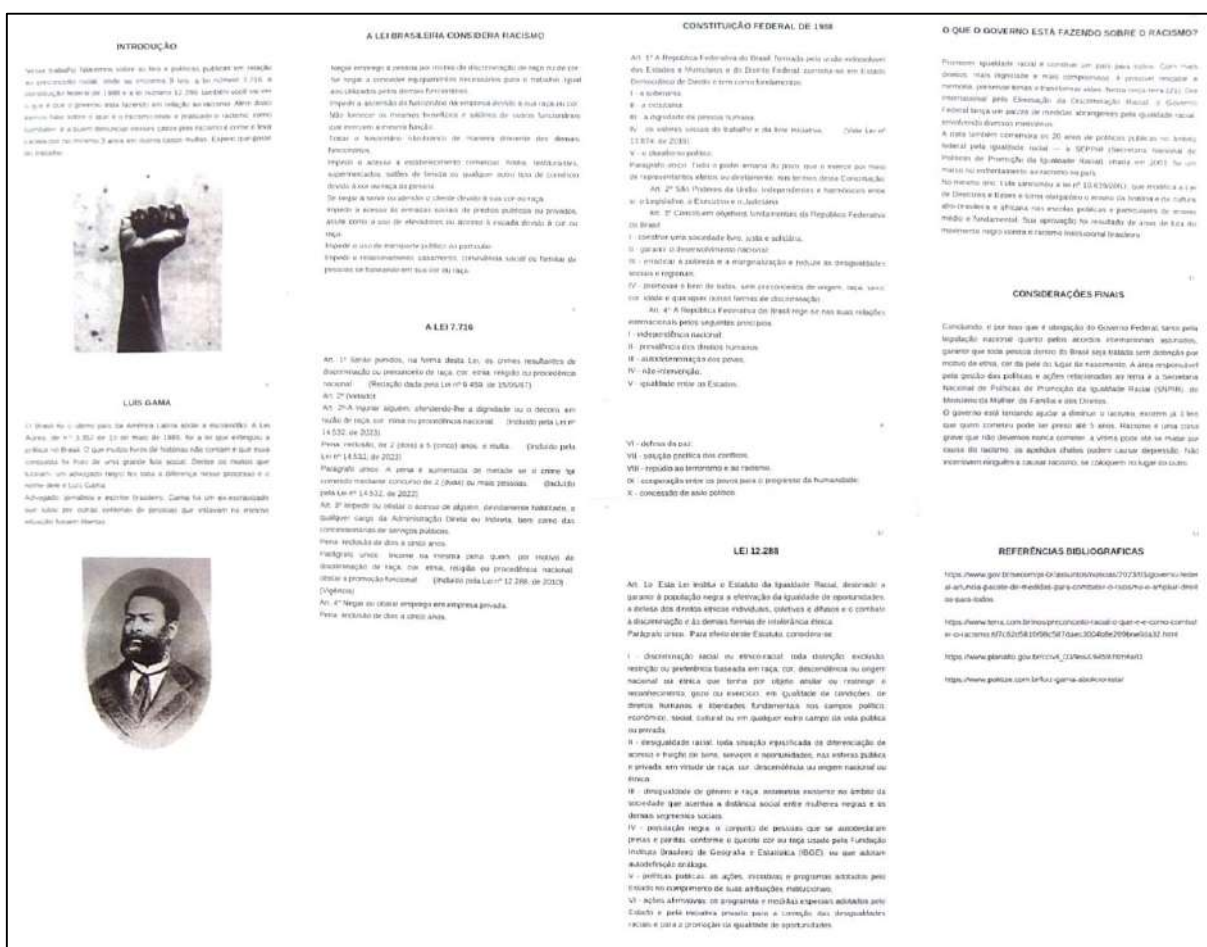
Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

É possível afirmar que a conclusão elaborada pela Equipe 3 se configurou como uma crítica ao posicionamento da escola diante de questões como preconceito, racismo e bullying, ao mesmo tempo em que propôs alternativas para solucioná-las. No entanto, o texto também permitiu uma segunda leitura, sugerindo que a escola, por si só, não seria capaz de resolver essas questões, uma vez que a educação em valores é, inicialmente, responsabilidade da família, cabendo à escola apenas reforçar tais ensinamentos.

Diferentemente das equipes anteriores, não foram realizadas perguntas ao final da apresentação da Equipe 3, o que impossibilitou a avaliação desse aspecto específico relacionado à compreensão de perguntas e respostas.

Na sequência, a Equipe 2 apresentou o seminário com o subtema “Legislação e Políticas Públicas”, sendo orientada a abordar as leis e políticas destinadas a combater o preconceito racial e promover a igualdade. Tal como a equipe anterior, a Equipe 2 demonstrou planejamento e organização em sua apresentação oral, utilizando slides como recurso visual e entregando o material escrito impresso (Figura 8), o qual serviu de base para a avaliação da equipe, conforme os critérios estabelecidos para o eixo da leitura.

Figura 8: Legislações e Políticas Públicas



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

A Figura 8 revelou que a Equipe 2 reconheceu as características do gênero seminário, demonstrando conhecimento prévio sobre o tema e domínio na compreensão das informações apresentadas. Esse domínio ficou evidente na seleção dos principais pontos relacionados ao subtema, como as leis que tratam do racismo e as ações governamentais voltadas ao seu combate. A equipe organizou as informações de maneira lógica e demonstrou profundidade na pesquisa ao mencionar

a figura histórica de Luís Gama, utilizar a imagem do “Punho Fechado” – símbolo da resistência negra – na introdução, e apresentar exemplos concretos extraídos de seu repertório sociocultural, como o seguinte trecho:

“Como todo mundo sabe, os jogadores brasileiros Viní Júnior e Daniel Alves são vítimas de racismo, no caso vítimas de injúria racial, onde aconteceu de torcedores, numa partida de futebol, fazerem gestos imitando macaco e jogar banana dentro do campo”.

Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

A escolha da Equipe 2 estava em consonância com a perspectiva de Antunes (2003), segundo a qual a leitura não se limita ao conhecimento linguístico, mas também envolve saberes socioculturais e de mundo. Ao articular informações históricas e atuais, a equipe promoveu uma leitura significativa, conectando o subtema à realidade vivenciada.

Durante a apresentação oral, a equipe optou pela leitura fluente do material escrito. No entanto, essa leitura não foi expressiva, tampouco demonstrou uma abordagem crítica ou reflexiva em relação às imagens utilizadas e ao conteúdo pesquisado, apesar de evidenciar compreensão dos meios legais disponíveis para o combate ao preconceito racial.

Quanto ao critério de compreensão de perguntas e respostas, nenhuma pergunta foi direcionada à equipe, o que inviabiliza a avaliação desse aspecto.

Encerrando as apresentações dos seminários voltados para os critérios do eixo leitura, a Equipe 5 ficou responsável pelo subtema “Arte e Resistência Racial”, com o objetivo de abordar como a arte é utilizada como forma de resistência e expressão frente ao racismo. A equipe organizou a exposição por meio de cartazes (Figura 9), do vídeoclipe da música *Negro Drama*, do grupo Racionais MC's, e da entrega do material escrito após a apresentação, demonstrando, assim, domínio das características do gênero. A análise iniciou a partir do material visual produzido.

Figura 9: Painel de Cartazes



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

O painel produzido pela Equipe 5 evidenciou um excelente conhecimento prévio sobre o tema, ao selecionar figuras representativas de diferentes vertentes artísticas que utilizam a arte como instrumento de expressão e resistência frente ao racismo. Essa escolha demonstrou não apenas familiaridade com o assunto, mas também sensibilidade em destacar personalidades que dialogam com a temática central do seminário.

A organização dos cartazes foi realizada de forma coerente, com a disposição de imagens, títulos e textos que deram unidade e consistência à mensagem transmitida. O material visual está adequado ao gênero seminário, por apresentar clareza e estrutura bem definida. No entanto, a equipe poderia ter aproveitado de maneira mais eficaz os recursos visuais disponíveis, como o videoclipe da música *Negro Drama*, do grupo Racionais MC's. Apesar de ter engajado os colegas de turma, que acompanharam a música cantando, o vídeo não foi comentado pela equipe, o que comprometeu seu papel na construção da apresentação e sua relevância no contexto do subtema.

Quanto aos textos utilizados nos cartazes, estes foram os mesmos presentes no material escrito, com exceção da introdução, que aparece apenas no material entregue, conforme ilustrado na figura a seguir.

Figura 10: Arte e Resistência Racial

Introdução Preconceito Racial Arte e resistência racial A arte tem a capacidade de educar, sensibilizar e inspirar mudanças profundas. Através dela, muitos artistas brasileiros têm se destacado na luta contra a discriminação racial, utilizando suas obras como ferramentas de resistência. A importância desse tema reside no fato em que, a arte tem sido uma forma de dar voz aos oprimidos, preservando essas culturas e tradições marginalizadas que tiveram narrativas racistas que até hoje tentam silenciá-las. Além de trazer visibilidade à luta contra o racismo, a arte inspira novas gerações e engajam nessa causa, promovendo uma reflexão crítica sobre o papel da cultura em transformações sociais. Abdias do Nascimento Abdias do Nascimento foi um homem negro muito importante na dramaturgia brasileira que dedicou sua vida na luta contra o racismo e na valorização da cultura negra. Ele fundou o teatro Experimental do Negro em 1944. Abdias escreveu importantes peças de teatro como "Sortilégio", "Rapsódia Negra" e "O Imperador Jones".	Cida Bento Cida bento é uma pesquisadora e escritora muito importante quando o assunto é raça e desigualdade ela fez um livro chamado "pacto da branquitude" que fala sobre os brancos ter mais privilégio do que os negros por exemplo os brancos conseguem entrar em empregos com mais facilidade já os negros tem uma certa dificuldade por conta da cor da pele ela também conta que crianças negras sofrem racismo por ter a cor da pele mais escura ela tbm escreveu várias outras obras sobre o racismo como "A Resistência da Memória" e "Artigo e Ensaios". Kara Walker Kara Walker é uma artista norte-americana, conhecida por suas obras que exploram temas relacionados à raça, gênero, violência e identidade. Nascida em 1969, em Stockton, Califórnia, Walker ganhou destaque nos anos 90 com suas grandes instalações feitas de silhuetas em papel recortado, que retratam o período de escravidão nos Estados Unidos. Seu trabalho provoca debates sobre a história racial e as relações de poder, utilizando imagens que são explícitas de violência e opressão, mas que servem para questionar a narrativa história oficial. Ao abordar temas como o racismo, a sexualidade e a brutalidade, Walker utiliza um estilo visual minimalista que contrasta com a intensidade de seus temas.	Racionais MC's A música "Negro Drama" do grupo de rap Racionais MC's que são um símbolo poderoso da resistência racial no Brasil, e suas letras abordam essa luta de maneira contundente e impactante. A resistência racial, para eles, é uma resposta às injustiças e desigualdades enfrentadas pela população negra, especialmente nas periferias urbanas. Considerações Finais Para nós, a Arte tem muita influência no mundo e atualmente é muito utilizada tanto em, músicas, peças de teatro, novelas, fotografias, pinturas, livros e etc. Para a luta contra o preconceito racial, espalhando esses ensinamentos para diversas gerações, aumentando de pouco em pouco o respeito entre as raças e tentando transformar o mundo em lugar melhor e mais justo. A arte está em todos os lugares e todo mundo pode fazer sua parte.

Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

O texto escrito confirmou que a Equipe 5 demonstrou boa compreensão do subtema ao apresentar, na introdução, uma contextualização consistente e destacar a importância da arte como forma de resistência. No entanto, apesar de afirmarem que “a arte inspira novas gerações”, não explicitaram como esse processo ocorre, o que resultou na ausência de aspectos fundamentais ligados ao subtema.

O vocabulário e o uso da pontuação mostraram-se adequados ao gênero, com a organização das informações biográficas em seções bem definidas, evidenciando figuras ilustres e o impacto de suas obras na luta contra o racismo. Esses elementos revelam uma leitura aprofundada. Contudo, o texto poderia ser ainda mais eficaz. Conforme Antunes (2003, p. 70), “a primeira atividade que a leitura favorece é a ampliação dos repertórios de informação do leitor”. A ausência de detalhes sobre as produções artísticas mencionadas e a estrutura textual ainda pouco articulada limitam o potencial do texto em atingir os objetivos do gênero. Essa lacuna evidencia que a equipe não realizou uma leitura verdadeiramente crítica e reflexiva, comprometendo a análise de como as manifestações artísticas impulsionam mudanças sociais e se consolidam como ferramentas essenciais no combate ao racismo.

Assim como ocorreu com a equipe anterior, a Equipe 5 não foi questionada durante a sessão de perguntas e respostas, o que impossibilitou a avaliação no critério “Compreensão das perguntas realizadas”.

Encerrada a análise dos seminários e dos materiais escritos entregues, à luz dos critérios avaliativos definidos para o eixo *Leitura*, é possível afirmar que todas as equipes obtiveram desempenho Excelente nos critérios “Conhecimento prévio sobre o tema”, “Reconhecimento das características do gênero textual” e “Organização textual”. As apresentações foram planejadas, organizadas e estruturadas com base nas orientações sobre a Organização Global da Exposição Oral, conforme enfatizado por Gomes-Santos (2012).

No que se refere aos critérios “Vocabulário adequado ao gênero” e “Domínio da compreensão do tema”, o desempenho da maioria das equipes foi Ótimo, embora alguns grupos ainda precisem aprimorar a compreensão das orientações quanto ao foco do subtema, de modo a conduzir abordagens mais coerentes.

Já nos critérios “Profundidade da pesquisa”, “Apresentação dos principais pontos relacionados ao subtema”, “Interpretação das imagens” e “Pontuação expressiva”, o desempenho foi Bom, sinalizando a necessidade de maior aprofundamento da leitura, melhor seleção e análise das imagens e um uso mais reflexivo dos vídeos, para que as apresentações deixem de ser meramente informativas e passem a ser expressivas e críticas.

Por outro lado, o critério “Leitura crítica do material pesquisado” foi aquele em que a maioria das equipes apresentou desempenho Regular, revelando um ponto frágil nas exposições. Faltou explorar implicações, impactos e consequências dos temas abordados, o que evidencia a importância de fomentar uma leitura crítica e reflexiva. Também se faz necessário revisar os estudos sobre uso e interpretação de imagens, bem como investir no aprimoramento da fluência e expressividade na leitura.

Por fim, no critério “Compreensão das perguntas realizadas”, entre as equipes que foram questionadas, o desempenho foi Excelente, com respostas seguras e coerentes, demonstrando domínio e clareza sobre os temas abordados.

4.2.4. Análise da Sequência 3

A Sequência de Atividade 3 deu continuidade ao trabalho com o gênero Seminário, desta vez com foco no eixo Oralidade. Intitulada “O Protagonismo da Oralidade no Seminário”, a sequência seguiu a mesma estrutura da anterior e teve duração de 4h30min.

Para o início dessa sequência de atividades, a turma foi organizada em equipes previamente estabelecidas e, em seguida, abordou-se a importância do estudo da oralidade para o desenvolvimento acadêmico, profissional e, principalmente, pessoal, enfatizando-se que é por meio da oralidade que nos comunicamos e interagimos como seres sociais, o que justifica a necessidade de aprimorar nossas competências e habilidades orais por meio do estudo da língua no ambiente escolar.

A discussão prosseguiu com a retomada oral do vídeo-exemplo exibido na Sequência 1, com o objetivo de revisar os estudos sobre o gênero Seminário e introduzir o novo tema, “Olimpíadas”. A abordagem foi realizada por meio de uma conversa informal, com troca de conhecimentos, considerando-se a recente experiência com as Olimpíadas de Paris 2024.

Logo após, realizamos o sorteio dos subtemas, definindo-se a ordem de apresentação das equipes:

- *Equipe 3: História das Olimpíadas;*
- *Equipe 4: Olimpíadas e mídia;*
- *Equipe 1: Esportes Olímpicos;*
- *Equipe 2: Inclusão e Diversidade nos Jogos Olímpicos;*
- *Equipe 5: Cerimônias Olímpicas.*

Encerramos a primeira aula programada com a explicação de cada subtema e com orientações para que as equipes iniciassem suas pesquisas e trouxessem, na aula seguinte, algum material selecionado.

No dia seguinte, demos continuidade à Sequência 3 em duas aulas consecutivas. Com as equipes já formadas, realizamos a leitura compartilhada e a discussão do texto “*Olimpíadas (Jogos Olímpicos)*” (Anexo 4). Em seguida, as equipes iniciaram o planejamento de seus seminários, compartilhando o material selecionado nas pesquisas realizadas individualmente e definindo os próximos passos.

O Seminário é um gênero que exige tempo para pesquisa, análise e organização das informações antes da apresentação, podendo ser desenvolvido também fora da sala de aula, pois, de acordo com Gomes-Santos (2012), envolve a interação com diferentes textos, mídias e suportes, os quais precisam ser

decompostos e, posteriormente, recompostos para a construção do conhecimento e a realização da exposição oral.

Para evitar que os alunos perdessem o foco com conversas paralelas, chamamos a atenção para os elementos que compõem o gênero, considerando as perspectivas de Dolz, Schneuwly, Pietro e Zanhd (2004) e Gomes-Santos (2012). Além disso, orientamos as equipes a utilizarem como referência o material de apoio estudado no início das atividades relacionadas ao gênero e propusemos a seguinte reflexão voltada para o eixo:

“Já discutimos o que o ensino de LP abrange: Leitura, Produção Escrita, Análise Linguística/Semiótica e Oralidade. Também exploramos as possibilidades de avaliação quando o foco é Leitura. Agora, alguém poderia dizer o que pode ser avaliado no eixo Oralidade?”

Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Como resultado, obtivemos a seguinte resposta de um aluno: *“Professora, a senhora avalia se a gente fala certo, se a gente fala direito.”*

Essa resposta sugere que o aluno ainda percebe a avaliação da oralidade como uma correção do “falar certo” ou “falar direito”, reforçando a visão tradicional do professor, citada por Antunes (2003), como um especialista em identificar e corrigir falhas.

Embora os alunos soubessem que eram avaliados na oralidade, não tinham clareza sobre os aspectos específicos considerados no processo avaliativo, o que evidencia a necessidade de esclarecermos que, assim como no eixo Leitura, o eixo Oralidade também possui uma série de critérios avaliativos — fato que gerou surpresa entre eles. Nesse momento, apresentamos e explicamos os critérios avaliativos que seriam utilizados no eixo Oralidade durante a apresentação dos seminários.

Concluimos as aulas informando que, embora a avaliação fosse focada na oralidade, as equipes não poderiam negligenciar a estrutura exigida pelo gênero Seminário. Reforçamos que era necessário planejar adequadamente os seminários e preparar um material escrito a ser entregue no momento da apresentação. Esclarecemos também que as apresentações aconteceriam na semana seguinte, em dois dias consecutivos, durante três aulas programadas, com tempo estipulado de 15 minutos para cada equipe, e que finalizaríamos as apresentações com o momento de feedback.

Após a conclusão das apresentações dos seminários, realizamos um momento de feedback com todas as equipes. Destacamos que o trabalho com o gênero Seminário, com o objetivo de compreender o processo avaliativo dos eixos da Língua Portuguesa de forma integrada, representava uma experiência nova para os alunos, que estavam adquirindo conhecimento de forma gradativa, como base para ser aplicada de maneira mais eficaz na última sequência de atividades — a qual traria uma proposta dos eixos abordados de maneira holística e integral.

Com todas as informações necessárias para a análise do eixo Oralidade no contexto do gênero Seminário, e considerando os critérios avaliativos estabelecidos, constatamos comportamentos similares entre as equipes que realizaram a atividade, com exceção da Equipe 4, que não desenvolveu o trabalho.

Em relação ao conceito de “*animar as palavras*”, definido por Goffman (1987, apud Gomes-Santos, 2012), observamos que as equipes recorreram a uma combinação de memorização, fala espontânea e leitura oral, prevalecendo esta última forma. Esse dado nos levou à análise dos critérios *Grau de Planejamento e Utilização dos Recursos Suprasegmentais*, nos quais constatamos que os alunos que optaram pela leitura conseguiram manter um padrão consistente de entonação, ritmo e pausas, como demonstram os exemplos transcritos a seguir:

Equipe 3: “ – O renascimento das Olimpíadas modernas. Após um hiato de mais de mil anos, as Olimpíadas foram revitalizadas no final do século XIX, graças ao esforço do varão Pierre Coubertin, um educador francês”.

Equipe 1: “ – Explorar os esportes olímpicos nos permite entender melhor a importância dessas modalidades na sociedade. Cada esporte traz consigo uma história e um conjunto de valores que enriquecem a experiência dos jogos. O legado olímpico continua a inspirar futuras gerações e fãs ao redor do mundo”.

Equipe 2: “ – O evento surgiu em 1948, na pequena cidade indiana de Stoke Mandeville, quando o médico alemão Ludwig Guttmann, diretor do Centro de Educação Nacional Britânico de Traumatismo, que reabilitava soldados feridos da Segunda Guerra Mundial, decidiu criar um evento esportivo exclusivamente voltado a deficientes físicos.

Em 1960, pela primeira vez, a competição foi organizada em outro país. Foi assim que Roma, na Itália, também cedeu Olimpíada naquele ano, hospedou o que viriam a ser os primeiros jogos Paralímpicos, com 400 atletas de 23 países diferentes.

E a partir dali, a competição passaria a ocorrer a cada 4 anos”.

Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Nesses trechos transcritos, observamos que os interlocutores planejaram seus discursos, buscando adequar a linguagem ao gênero proposto, e que a escolha pela

leitura oral permitiu a manutenção de um ritmo consistente e de fluidez nas falas, contribuindo para o alcance do objetivo de transmitir as informações com clareza durante a exposição — critério avaliado no processo.

Por outro lado, os alunos que optaram pela memorização em seus discursos apresentaram pausas, correções, hesitações e repetições. Apesar disso, tais aspectos não comprometeram a compreensão das informações transmitidas, pois os alunos mantiveram um desempenho considerado ótimo, como evidenciam as transcrições a seguir, que ilustram essas características:

Equipe 3: “ – As Olimpíadas de 2024 em Paris as Olimpíadas de 2024 deixou um legado profundo. O sucesso da organização e a experiência positiva proporcionada tanto para atletas quanto eh (Pausa) para espectadores, reforçando o papel dos Jogos Olímpicos como um evento que celebra não apenas o esporte, mas também a união e a diversidade cultural”.

Equipe 1: “ – Bom dia, meu nome é X. Eu e meu grupo vamos apresentar um pouco sobre o Esporte Olímpico. Resumidamente, meu grupo é eu, Y, W, Z, T e M. O Esporte Olímpico é nada mais do que a variação de várias modalidades juntos que acontece a cada 4 em 4 anos que (Pausa) que acontece em 4 em 4 anos que é considerado um dos maiores eventos olímpicos do mundo. E daqui a pouco eu vou falar mais um pouco sobre as categorias de verão e de inverno”.

Equipe 5: “ – A ideia inicial dos mascotes era representar a cultura em que cada país faz sede e traz a imaginação para as crianças. O primeiro mascote foi o Waldi, criado em 1972 em Munique. Já em 2016, no Rio de Janeiro, foram criados Vinicius, o mascote Olímpico, e o Tom, o mascote das Paralimpíadas. E esse ano foram as Phryge, o mascote tanto das Olimpíadas quanto das Paralimpíadas. Os anéis olímpicos começaram a ser usados a partir do ano de 1913, após as Olimpíadas de Estocolmo. eh São cinco anéis, cada cor de cada anel representa um continente. A cor azul representa a Europa, a cor amarela representa a Ásia, a cor preta representa a África, a cor verde representa a Oceania e a cor vermelha representa as Américas”.

Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Pelas transcrições, notamos que a mensagem transmitida foi compreendida, mesmo com a presença dos aspectos mencionados. As ocorrências de pausas e hesitações refletem, em grande parte, a tentativa do interlocutor de organizar as ideias durante a fala, enquanto as correções e repetições funcionaram como indicativos de nervosismo e até de esforço para retomar o discurso. Tais ocorrências são naturais em situações que envolvem a memorização.

Além dos alunos que optaram pela leitura oral ou pela memorização, houve aqueles que realizaram a exposição por meio da fala espontânea. Essa escolha fez com que alguns discursos se destacassem no critério *Grau de Planejamento*, evidenciando diferentes níveis de dificuldade na utilização dos recursos

suprasegmentais, bem como na ocorrência de repetições, correções, hesitações, clareza, coerência e coesão na exposição das informações. Em alguns casos, tais dificuldades comprometeram o entendimento das informações apresentadas, como demonstram os fragmentos a seguir:

Equipe 3: “ – Bom dia a todos, nós viemos apresentar o nosso trabalho sobre ... (Pausa) as Olimpíadas. A história das Olimpíadas. E o nosso grupo é composto por A, B, C, D, E e F. O nosso trabalho, No nosso trabalho, vamos abordar o assunto Olimpíadas, que irá falar sobre desde onde as Olimpíadas começou e todos todos os os esportes que desde aquela época, de 1896, até os dias de hoje. Os primeiros eh (Pausa) Jogos Olímpicos modernos modenos foram realizados em Atenas, Atena, Atenas na Grécia, em 1896”.

Equipe 1:” – eh Agora iremos falar de alguns esportes olímpicos. Eu fiquei da Antiguidade. ah O que é o pancrácio? Ele envolve como se fosse uma luta de boxe que você tem que para ganhar você estrangular a pessoa não sendo a pessoa fazer a morte com a pessoa, fazendo a maldade. Quando você quiser parar ou o juiz vê que você não consegue mais conseguir competir com o oponente, você deverá bater três tapinhas no ombro da pessoa para terminar a partida”.

Equipe 5: “ – A tocha olímpica é um dos principais símbolos dos Jogos Olímpicos e ela deve ser desenvolvida e feita de acordo com o país em que os jogos vão acontecer. Além disso, ah a tocha representa eh vários significados que remetem à Grécia Antiga. Eh O fogo que é ateado na pira olímpica, do da abertura dos Jogos, eh é aceso 100 anos antes, eh 100 anos antes dos Jogos começarem, em Olímpia, na Grécia, a partir da luz solar”.

Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Os três fragmentos apresentados demonstraram as dificuldades dos interlocutores em organizar as ideias e manter a clareza e a coesão, o que comprometeu a compreensão das informações devido ao excesso de repetições. Essa limitação prejudicou a principal característica da oralização, segundo Dolz, Scheneuwly, Pietro e Zanhed (2004), que é favorecer uma boa compreensão por parte do público.

As hesitações observadas nos discursos indicaram falta de planejamento, o que prejudicou a fluidez da exposição, já comprometida pelo uso inadequado dos recursos suprasegmentais. Além disso, problemas de coerência e de organização das ideias ficaram evidentes no fragmento da Equipe 1, que apresentou uma definição confusa do termo “pancrácio”. No fragmento da Equipe 5, a ausência de revisão do conteúdo comprometeu a credibilidade da exposição.

Contudo, alguns alunos realizaram suas exposições de forma espontânea, destacando-se pelo uso de marcadores conversacionais, conforme ilustrado nos fragmentos a seguir:

Equipe 1: “ – Eu vou falar sobre o surf porque foi um esporte radical adicionado em 2020 nas olimpíadas. O surf também é um esporte que possui uma conexão profunda com a natureza. Surfistas competem em ondas naturais, o que traz uma dimensão única aos jogos olímpicos, combinando habilidades atléticas com respeito ao meio ambiente. O surf está crescendo rapidamente, especialmente em países como o Brasil, Japão e os Estados Unidos”.

Equipe 2: “ – Então eh, as mulheres, como nós sabemos eh, na nossa sociedade, sempre teve menos direitos que os homens. E isso não é justo. E nas Olimpíadas não era diferente. Antes eh, as mulheres antes de 1900 não podiam assistir ao jogo e nem torcer. Só os homens poderiam jogar, torcer e assistir. A partir de 1900, as mulheres disputaram a sua primeira Olimpíada. Maria Lenk foi a primeira nadadora brasileira a participar das Olimpíadas. Ela foi uma grande nadadora. Ela quebrou até recordes dos homens. Na corrida peito de 400 metros, ela foi impressionante, pois quebrou o recorde do homem que era de 2 minutos e 59 segundos, ela fez 2 minutos e 56 segundos”.

Equipe 2: “ – Bom, vocês já se perguntaram como os LGBTs começaram a participar das Olimpíadas? Então, os LGBTs começaram primeiro por um caso que foi, eles sofriam com o preconceito por eles serem homens, serem homossexuais, e mulheres serem lésbicas. Mas, hoje em dia, isso já é possível em Olimpíadas normais, diferente das Paralímpicas. Então, um exemplo que eu posso trazer de uma pessoa LGBT que participou das Olimpíadas foi Ana Marcela Cunha. Ela, essa mulher aqui, ela foi a primeira brasileira LGBT a participar das Olimpíadas. Bom, ela é uma nadadora e participou, e hoje em dia, ela ainda participa de vez em quando nas Olimpíadas”.

Equipe 5: “ – Agora nós vamos ficar com um pouco da cerimônia de abertura”.

Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

De acordo com Melo e Cavalcante (2007, p. 87), os marcadores conversacionais “são unidades típicas da fala que ajudam a construir, dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional”. No caso da fala espontânea dos interlocutores, esses marcadores contribuíram para a estruturação da fala, facilitaram a introdução dos temas, o direcionamento da audiência e serviram como pausa para a organização das ideias.

Embora o uso dos marcadores conversacionais tenha se destacado nas apresentações, é importante ressaltar que, apesar de demonstrarem ótima capacidade de expressão espontânea, os interlocutores precisam aprimorar a organização das ideias, reduzir as hesitações e melhorar a fluidez, a clareza e a coerência de suas apresentações.

Outro critério avaliativo estabelecido foi Atitudes Corporais, definido por Melo e Cavalcante (2007) como de aspecto cinésico, por estar relacionado aos movimentos do corpo durante a exposição. Nesse critério, observamos que, em geral, o desempenho dos alunos foi considerado Regular. O posicionamento corporal dos

interlocutores apresentou-se recuado e retraído, com pouca movimentação gestual e mínima interação visual com o público durante as apresentações. Isso nos leva a inferir que essa postura mais fechada e a dificuldade em manter uma entonação vocal clara e consistente foram ocasionadas por fatores emocionais, como a insegurança e o nervosismo.

Em seguida, analisamos os critérios Respeito à Tomada de Turno e Habilidade para Responder Perguntas Realizadas na Sessão. No primeiro critério, observamos que todas as equipes estavam bem preparadas para realizar as trocas de fala entre os interlocutores. Esse aspecto se relaciona com o segundo critério, que avalia a capacidade de responder às perguntas realizadas na sessão. Para isso, é essencial respeitar o término da fala de quem está perguntando e de quem está respondendo. Nesse contexto, os alunos demonstraram atenção e consciência sobre a importância desse momento de interação, alcançando um desempenho Excelente, pois, mesmo quando o público não se mobilizou para formular perguntas, os membros das equipes tomaram a iniciativa, incentivando-o a interagir, como ilustram as transcrições a seguir.

Equipe 3: “ – Vocês tem alguma pergunta como por exemplo: Alguma modalidade que foi adicionada na história antiga como por exemplo o remo, o boxe, o polo. São esportes que foram adicionados aos jogos. Justamente de algum jogo que vocês conhecem, que vocês querem saber sobre esse jogo?”

Equipe 1: “ – Alguém, algum de vocês que gostaria de tirar alguma dúvida? Pode falar”.

Equipe 2: “ – Entre Maria Lenk, Clodoaldo Silva e Ana Carolina, qual história vocês se inspiram mais? Vocês, no caso”.

Equipe 5: “ – E, se vocês quiserem fazer alguma pergunta, pode fazer”.

Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

As transcrições evidenciam que as equipes reconheceram a importância do momento de interação com o público, buscando engajá-lo na discussão. No entanto, considerando a definição de Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004), de que a exposição oral é um gênero textual relativamente formal — ou seja, o Seminário deve primar por uma linguagem formal —, observamos que, tanto nessas transcrições quanto em outras anteriormente apresentadas, as equipes empregaram uma linguagem mais informal. Esse fato sugere uma dificuldade dos alunos em adequar o vocabulário às exigências do gênero textual, refletindo em um desempenho

classificado como Bom, pois, apesar dessa dificuldade, os alunos conseguiram se expressar de maneira satisfatória. No entanto, essa questão precisa ser trabalhada, considerando que a adequação é um critério avaliativo dentro do eixo Oralidade.

Por fim, no critério Utilização e Exposição dos Recursos Visuais, as equipes procuraram seguir a estrutura exigida pelo gênero textual. A Equipe 5 utilizou cartazes; as Equipes 1 e 2 optaram por slides; e a Equipe 3 combinou slides com a exibição de um vídeo. As três primeiras equipes demonstraram um desempenho Ótimo na utilização e exposição dos recursos, destacando e interpretando os elementos apresentados. Já a Equipe 3 apresentou dificuldades, pois os slides — limitados a imagens de apenas um esporte — não estabeleceram relação entre os elementos verbais e não verbais, nem foram mencionados durante a exposição. Além disso, o vídeo exibido não foi devidamente aprofundado em termos de conteúdo, tornando-se pouco funcional e evidenciando a dificuldade da equipe na utilização e exposição dos suportes escolhidos.

A partir das transcrições apresentadas, percebemos que o Grau de Planejamento da apresentação dos seminários é um aspecto extralinguístico que interferiu diretamente na exposição oral. Por meio desse planejamento, o interlocutor define como “animar as palavras” e utiliza os recursos de caráter linguístico que, conforme Melo e Cavalcante (2007), são responsáveis pela organização gramatical do texto, garantindo clareza, coerência e coesão das informações, além de assegurar estratégias eficazes de interação com o público.

Além disso, a análise desse eixo revelou que os alunos já compreendem a importância de incluir elementos essenciais do eixo no seminário, reconhecendo que o ato de expor exige uma organização estruturada das fases constitutivas. Essa perspectiva está em consonância com Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004), que destacam a necessidade de uma exposição clara, coesa e articulada. No entanto, a análise também evidenciou que ainda há lacunas a serem trabalhadas nas competências e habilidades relacionadas à oralidade, especialmente no uso da fala espontânea, momento em que os alunos enfrentaram maiores dificuldades — tanto para manter a adequação do vocabulário exigido pelo gênero, quanto para garantir clareza, coesão, coerência e organização das ideias. Além disso, é essencial desenvolver as habilidades relacionadas aos aspectos cinésicos e direcionar um olhar cuidadoso sobre as questões emocionais e comportamentais envolvidas, permitindo que os alunos aprimorem sua desenvoltura atitudinal durante as exposições orais.

4.2.5. Análise da Sequência 4

O gênero textual Seminário pertence à modalidade oral, mas seu planejamento exige a integração da modalidade escrita. Considerando essa necessidade, desenvolvemos a Sequência 4, intitulada *“A Produção Escrita no Gênero Seminário”*, com duração total de 5h25min. Essa sequência foi estruturada conforme descrito na caracterização das Sequências de Atividades, com foco no desenvolvimento das habilidades de Produção Escrita e a avaliação com base nos critérios avaliativos previamente estabelecidos para o eixo.

Assim como na sequência anterior, iniciamos a primeira aula com a formação dos grupos e uma discussão sobre a importância do estudo e do aprimoramento da produção escrita para a vida no ambiente escolar. Em seguida, exibimos o vídeo *“Aquecimento Global: 4 afirmações sobre as mudanças climáticas que a ciência desmentiu”*, para introduzir o tema gerador *“Aquecimento Global e As Catástrofes Ambientais”*. Nosso objetivo foi identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o assunto e ressaltar que, para escrever sobre algo de forma significativa, é essencial, como destaca Antunes (2003), que o escritor tenha o que dizer, e isso só é possível ao se adquirir conhecimento sobre o tema a ser redigido. Após essa etapa, realizamos o sorteio dos subtemas, ficando definida a seguinte ordem de apresentação das equipes:

- *Equipe 4: Causas e Impactos do Aquecimento Global;*
- *Equipe 3: Desastres Naturais Intensificados pelo Aquecimento Global;*
- *Equipe 1: Saúde Humana e Aquecimento Global;*
- *Equipe 5: Políticas e Acordos Climáticos Globais;*
- *Equipe 2: Educação e Conscientização Ambiental.*

Finalizamos a aula com orientações para que as equipes se aprofundassem em seus subtemas, reafirmando que, para escrever de forma significativa, é essencial adquirir conhecimento sobre o assunto. Nesse processo de busca pelo conhecimento, acionamos o eixo Leitura, fundamental para o planejamento do Seminário.

Nas duas aulas seguintes, formamos as equipes e realizamos a leitura compartilhada do texto *“Ameaça ignorada: por que o aquecimento global ainda não é*

visto com seriedade?” (Anexo 5). Vale destacar que, por iniciativa própria, os alunos se voluntariaram para realizar a leitura em voz alta, o que representa um avanço positivo, considerando que inicialmente essa prática era mediada pela professora. No entanto, quanto à discussão do texto, os alunos ainda demonstraram dificuldade em expor sua compreensão, com a participação restrita a apenas dois ou três alunos.

Após essa etapa, realizamos a leitura do texto “Aquecimento Global: Um alerta à Humanidade” (Anexo 5), agora realizada nas equipes, com o objetivo de que apresentassem oralmente as impressões da equipe. Aproveitamos essa atividade para retomar a importância do eixo Oralidade, esclarecendo que ele também contribui diretamente para a construção do texto escrito, evidenciando a inter-relação entre os eixos estudados até o momento.

Encerramos as aulas com foco na escrita, analisando a organização das informações presentes nos textos lidos, bem como os elementos de coesão e coerência textuais, essenciais para a produção de um texto claro e consistente.

Nas quarta e quinta aulas, orientamos as equipes sobre a estrutura do texto escrito, composta por: Capa, Sumário, Introdução, Desenvolvimento, Considerações Finais e Referências. Esses elementos estruturais, adotados desde o início dos Seminários, foram aprimorados pelas equipes à medida que entregavam os materiais escritos e recebiam feedbacks orais, permitindo-lhes acumular conhecimentos ao longo do processo e se prepararem para a Sequência de Atividades 4.

É importante destacar que todos os alunos tinham acesso à tecnologia, celulares e internet, conforme evidenciado na Figura 11, o que facilitou o planejamento, elaboração, produção escrita e exposição dos Seminários.

Figura 11: Uso da Tecnologia



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

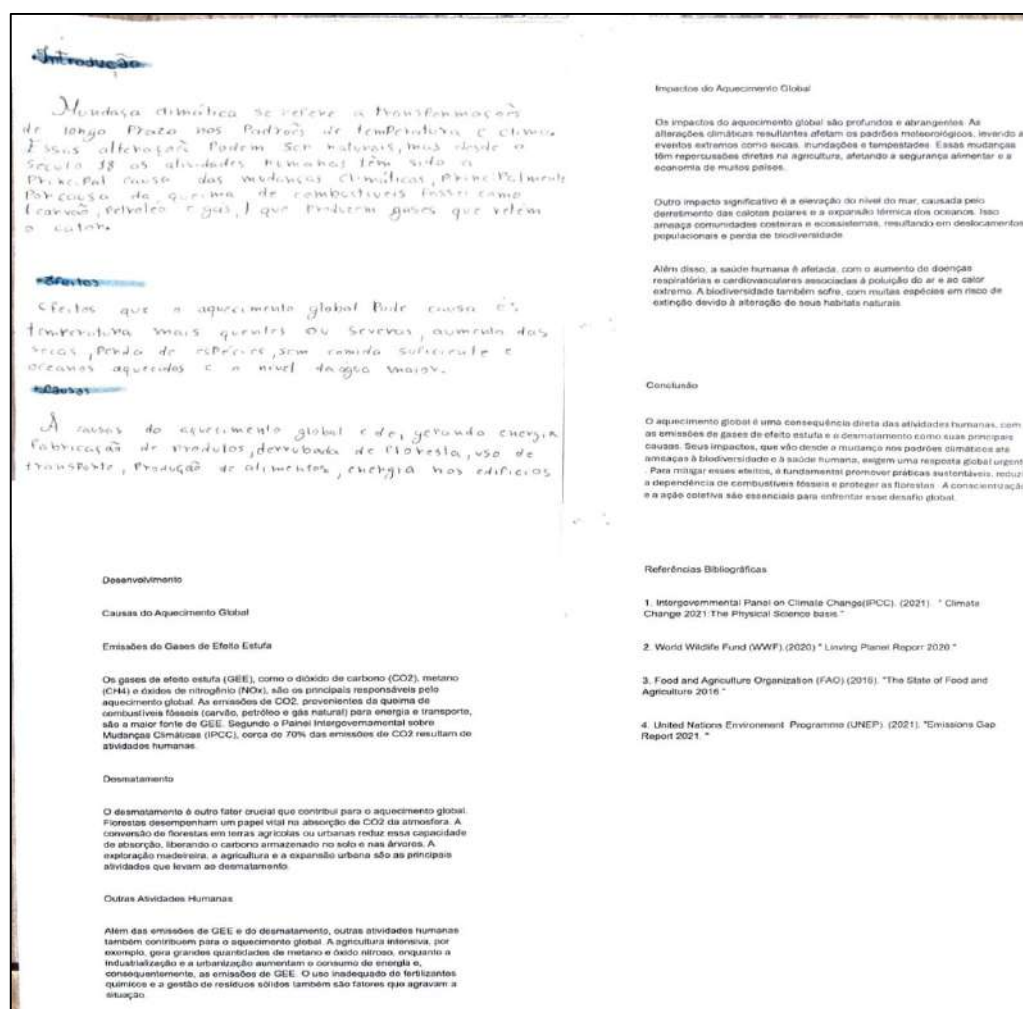
A Figura evidencia o envolvimento dos alunos durante as atividades propostas no gênero Seminário e reafirma o uso do celular como principal ferramenta utilizada por eles para desenvolver suas atividades escolares. Essa constatação reflete a importância de integrar a tecnologia no dia a dia da sala de aula, conforme orientado pelos PCNs (1998), que destacam ser tarefa da escola educar crianças e jovens para o uso das tecnologias. No entanto, também serve como um alerta para a necessidade de monitorar se os alunos estão fazendo uso adequado dos celulares, a fim de garantir que a tecnologia seja utilizada de maneira produtiva e responsável. Por esse motivo, desde o início, as equipes foram orientadas a se concentrar nas atividades e a elaborar o material escrito com cuidado, garantindo que a Introdução e as Considerações Finais fossem construídas de forma autoral. Sabemos que, embora as facilidades tecnológicas sejam valiosas, elas também podem interferir em um aprendizado consistente.

Após o momento dedicado à estruturação do texto escrito, entregamos a ficha com os critérios avaliativos específicos para o eixo Produção Escrita e a explicamos detalhadamente para assegurar a compreensão dos alunos. As aulas do dia foram concluídas com o relembrar das orientações sobre a elaboração do material de apoio e o momento da apresentação oral, programada para a semana seguinte, durante as aulas seis e sete, marcando o encerramento da Sequência de Atividades 4, com o devido feedback.

Com o material escrito em mãos, iniciamos a análise dos trabalhos de forma individualizada, por equipe, considerando a ordem de apresentação definida pelo sorteio dos subtemas e seguindo os critérios avaliativos estabelecidos para o eixo Produção Escrita.

A primeira equipe analisada foi a Equipe 4, responsável pelo subtema “Causas e Impactos do Aquecimento Global”, com a orientação de abordar aspectos como emissões de gases de efeito estufa, desmatamento e outras atividades humanas que contribuem para o aquecimento global, resultando na produção escrita apresentada na Figura 12 a seguir.

Figura 18: Causas e Impactos do Aquecimento Global



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

O primeiro critério analisado foi Estrutura e Organização textual. A Equipe 4 foi a única que não apresentou a estrutura completa solicitada, composta por Capa, Sumário, Introdução, Desenvolvimento, Considerações Finais e Referências, deixando o Sumário ausente. Ressaltamos que as Capas dos trabalhos de todas as equipes não foram incluídas nas análises para preservar o sigilo dos nomes dos alunos.

Em relação à Organização textual, observamos que o trabalho apresentou uma boa organização, com Introdução, Desenvolvimento, Conclusão e Referências claramente definidos, embora precise de melhorias em alguns aspectos de formatação. Além disso, a Introdução foi escrita à mão, enquanto o restante do trabalho foi digitado, sugerindo algum contratempo ou alteração de última hora no planejamento ou na execução do trabalho. Segundo Koch (2021), os alunos

demonstraram saber utilizar as estratégias de escrita, mas a estratégia de revisão poderia ter sido mais bem explorada, permitindo que o aluno corrigisse as falhas apresentadas no trabalho, garantindo maior coerência e clareza no resultado final.

Prosseguimos com a análise dos critérios de Coesão e Coerência Textuais, identificando que a equipe utilizou elementos linguísticos de conexão simples (como "mas", "que", "e", "ou") e elementos referenciais. Entretanto, observamos a ausência de elementos que garantem a progressão das ideias, impactando negativamente na coerência textual. Embora as informações apresentadas estivessem coerentes com o subtema, faltou profundidade na escrita, não abordando o tema de forma mais abrangente e consistente. Esse critério avaliativo está diretamente ligado às etapas do processo de escrita, que se inicia no planejamento, passa pela escrita propriamente dita e se consolida com a revisão e a reescrita, conforme destaca Antunes (2003).

A linguagem utilizada foi clara, simples e de fácil compreensão. No entanto, a repetição de informações em alguns trechos comprometeu a objetividade e a formalidade exigidas em um texto acadêmico. Além disso, falhas gramaticais, de pontuação, erros ortográficos e de digitação também afetaram essa formalidade, sendo que o último pode estar relacionado à falta de prática no uso do celular como ferramenta de escrita. Esses aspectos evidenciam a necessidade de desenvolver os conhecimentos interacionais dos alunos, pois, segundo Koch (2021), eles auxiliam na seleção da variante linguística mais adequada à situação de interação, contribuindo para o uso de uma linguagem mais precisa e formal.

O critério Criatividade ficou ausente, uma vez que o texto segue um formato tradicional na configuração das ideias, sem apresentar elementos gráficos, embora sua ótima segmentação, com parágrafos bem definidos e separação de subtítulos adequados, auxilie na leitura.

Por fim, no critério Diversidade de Fontes, a equipe apresentou exclusivamente referências internacionais, oferecendo uma visão geral do subtema abordado. Contudo, não explorou o potencial das informações coletadas, o que comprometeu uma escrita mais aprofundada do tema.

A equipe seguinte a ser analisada foi a Equipe 3, que sorteou o subtema “Desastres Naturais Intensificados pelo Aquecimento Global”, com a orientação de abordar os aspectos relacionados à incidência e severidade aumentadas de furacões,

inundações, secas e incêndios florestais. A equipe entregou a produção escrita representada na Figura 13.

Figura 13: Desastres Naturais Intensificados pelo Aquecimento Global

Introdução Regiões frias, tal como a Flórida, não são apenas as regiões, mas também as regiões que recebem o impacto do aquecimento global. A Flórida, com o seu clima quente e húmido, é uma das regiões mais vulneráveis ​​ao aquecimento global. A Flórida, com o seu clima quente e húmido, é uma das regiões mais vulneráveis ​​ao aquecimento global. A Flórida, com o seu clima quente e húmido, é uma das regiões mais vulneráveis ​​ao aquecimento global.	Muito em um estado acostumado a períodos de mais tempo, enfrentando o risco de inundações e secas. Um aumento de precipitação de longo prazo e o risco de inundações e secas. Um aumento de precipitação de longo prazo e o risco de inundações e secas. Um aumento de precipitação de longo prazo e o risco de inundações e secas.	Conclusão Como não vemos anteriormente no futuro, não podemos dizer se as inundações e secas serão mais frequentes ou se as inundações e secas serão mais frequentes. Como não vemos anteriormente no futuro, não podemos dizer se as inundações e secas serão mais frequentes ou se as inundações e secas serão mais frequentes.
Introdução Regiões frias, tal como a Flórida, não são apenas as regiões, mas também as regiões que recebem o impacto do aquecimento global. A Flórida, com o seu clima quente e húmido, é uma das regiões mais vulneráveis ​​ao aquecimento global. A Flórida, com o seu clima quente e húmido, é uma das regiões mais vulneráveis ​​ao aquecimento global. A Flórida, com o seu clima quente e húmido, é uma das regiões mais vulneráveis ​​ao aquecimento global.	Brazil registra a pior seca da história em 2024 O Brasil enfrenta a pior seca desde o início dos registros da série histórica, em 1950. Segundo o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), a seca já afetou mais de 10 milhões de pessoas em 2024. A seca já afetou mais de 10 milhões de pessoas em 2024. A seca já afetou mais de 10 milhões de pessoas em 2024.	Referência Bibliográfica: Cemaden. "Entenda como está a situação na Flórida após o passageiro de Mito." Disponível em: https://www.cemaden.gov.br/informacoes/entenda-como-esta-a-situacao-na-florida-apos-o-passageiro-de-mito. Acesso: 12/10/2024.
Introdução Regiões frias, tal como a Flórida, não são apenas as regiões, mas também as regiões que recebem o impacto do aquecimento global. A Flórida, com o seu clima quente e húmido, é uma das regiões mais vulneráveis ​​ao aquecimento global. A Flórida, com o seu clima quente e húmido, é uma das regiões mais vulneráveis ​​ao aquecimento global. A Flórida, com o seu clima quente e húmido, é uma das regiões mais vulneráveis ​​ao aquecimento global.	Novo A cada 10 terras indígenas enfrentam a seca, levando à falta de alimentos e água Em julho de 2024, 308 terras indígenas estavam em situação de seca, o que representa 92% dos territórios da região. Em julho de 2024, 308 terras indígenas estavam em situação de seca, o que representa 92% dos territórios da região. Em julho de 2024, 308 terras indígenas estavam em situação de seca, o que representa 92% dos territórios da região.	Referência Bibliográfica: Cemaden. "Entenda como está a situação na Flórida após o passageiro de Mito." Disponível em: https://www.cemaden.gov.br/informacoes/entenda-como-esta-a-situacao-na-florida-apos-o-passageiro-de-mito. Acesso: 12/10/2024.
Introdução Regiões frias, tal como a Flórida, não são apenas as regiões, mas também as regiões que recebem o impacto do aquecimento global. A Flórida, com o seu clima quente e húmido, é uma das regiões mais vulneráveis ​​ao aquecimento global. A Flórida, com o seu clima quente e húmido, é uma das regiões mais vulneráveis ​​ao aquecimento global. A Flórida, com o seu clima quente e húmido, é uma das regiões mais vulneráveis ​​ao aquecimento global.	Incêndios florestais Atualmente, os incêndios florestais são considerados uma das maiores ameaças à biodiversidade e conservação ambiental. Causando a morte de grandes árvores, prejudicando a vegetação, aumentando a poluição do ar, diminuindo a fertilidade do solo, além de ameaçar a vida das populações. Esses incêndios também afetam a saúde das populações. Esses incêndios também afetam a saúde das populações. Esses incêndios também afetam a saúde das populações.	Referência Bibliográfica: Cemaden. "Entenda como está a situação na Flórida após o passageiro de Mito." Disponível em: https://www.cemaden.gov.br/informacoes/entenda-como-esta-a-situacao-na-florida-apos-o-passageiro-de-mito. Acesso: 12/10/2024.
Introdução Regiões frias, tal como a Flórida, não são apenas as regiões, mas também as regiões que recebem o impacto do aquecimento global. A Flórida, com o seu clima quente e húmido, é uma das regiões mais vulneráveis ​​ao aquecimento global. A Flórida, com o seu clima quente e húmido, é uma das regiões mais vulneráveis ​​ao aquecimento global. A Flórida, com o seu clima quente e húmido, é uma das regiões mais vulneráveis ​​ao aquecimento global.	Incêndios florestais Atualmente, os incêndios florestais são considerados uma das maiores ameaças à biodiversidade e conservação ambiental. Causando a morte de grandes árvores, prejudicando a vegetação, aumentando a poluição do ar, diminuindo a fertilidade do solo, além de ameaçar a vida das populações. Esses incêndios também afetam a saúde das populações. Esses incêndios também afetam a saúde das populações. Esses incêndios também afetam a saúde das populações.	Referência Bibliográfica: Cemaden. "Entenda como está a situação na Flórida após o passageiro de Mito." Disponível em: https://www.cemaden.gov.br/informacoes/entenda-como-esta-a-situacao-na-florida-apos-o-passageiro-de-mito. Acesso: 12/10/2024.

Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Como observamos na Figura acima, o texto seguiu a estrutura solicitada, mas apresentou uma inversão na ordem entre a Introdução e o Sumário. Embora essa inversão seja um erro de estrutura, ela não comprometeu significativamente a organização geral do trabalho. Contudo, é necessário fazer melhorias relacionadas ao layout e design de formatação para garantir uma apresentação mais clara de toda a produção escrita.

Do ponto de vista da Coesão Textual, a equipe utilizou elementos de conexão simples e complexos, o que promoveu a ligação entre as ideias e os parágrafos. No entanto, são necessários ajustes para garantir a fluidez do texto, como no parágrafo inicial, presente tanto na Introdução quanto na Conclusão, que precisa de conectores adicionais para melhorar o encadeamento lógico entre as informações.

Ao citarmos a lógica, estamos nos referindo ao critério Coerência Textual. Nesse aspecto, observamos que as ideias estão alinhadas ao subtema proposto, mas foram apresentadas a partir de situações vivenciadas, derivadas dos eventos mencionados. Isso resultou na ausência de informações importantes que garantiriam o encadeamento adequado do tema, o que demonstrou superficialidade no tratamento do conteúdo e indicou problemas no planejamento e na seleção das informações para a construção do texto. Como resultado, o tema principal ficou em segundo plano, com a equipe se concentrando apenas no direcionamento da pesquisa.

Tanto a Coesão quanto a Coerência Textuais são aspectos fundamentais no ensino da produção escrita, pois, como destaca Antunes (2003), é essencial que os alunos desenvolvam a habilidade de escrever com clareza e precisão, transmitindo informações que façam sentido dentro do contexto em que estão inseridos. Dessa forma, o aprimoramento desses critérios contribui significativamente para uma escrita mais estruturada e eficiente.

A linguagem empregada no texto é clara e, em grande parte, formal, uma vez que seu desenvolvimento se baseia nos textos pesquisados, atendendo às expectativas do gênero. Contudo, a Introdução e a Conclusão apresentam traços de informalidade, como o uso do termo ‘BOM’, que reflete marcas de oralidade. Apesar da clareza das informações e da segmentação bem definida que auxilia na estrutura do texto, alguns trechos apresentam redundâncias e excessos desnecessários que comprometem a objetividade. Mesmo assim, a equipe demonstrou um bom desempenho nos critérios de utilização dos padrões de escrita e ortografia do texto, mantendo-se em conformidade com a norma padrão, apesar de alguns pequenos deslizes gramaticais, de pontuação e poucos erros ortográficos.

O texto adota um formato tradicional, sem uso de imagens, o que evidencia a necessidade de uma abordagem mais criativa. Entretanto, o suporte elaborado contém imagens, embora apresentadas de forma pouco criativa e tradicional. Mesmo assim, as marcas de segmentação bem definidas ajudam na compreensão do conteúdo.

No último critério, Diversidade de Fontes, a equipe concentrou sua pesquisa em reportagens e artigos, mas poderia ter enriquecido o trabalho com fontes que abordassem, por exemplo, as causas dos desastres naturais. Isso ampliaria a escrita, tornando o texto mais coerente e justificando melhor o título do trabalho: “Desastres Naturais Intensificados pelo Aquecimento Global”.

Seguindo a ordem de apresentação, passamos a analisar a Equipe 1, que desenvolveu o subtema “Saúde Humana e Aquecimento Global”. A equipe foi orientada a explorar aspectos que envolvem as doenças relacionadas ao clima, estresse térmico e os impactos na saúde mental. Ela entregou a produção escrita apresentada na Figura 14 abaixo:

Figura 14: Saúde Humana e Aquecimento Global

Tópicos

- Introdução
- Impacto humano no aquecimento global
- Como combater o aquecimento global
- Aquecimento global no planeta
- Desidratação
- Dengue
- Exaustão térmica
- Condições climáticas
- Intervenções climáticas
- Referências Bibliográficas

Introdução

Nesse trabalho iremos falar de dois assuntos importantes: Saúde Humana e Aquecimento Global. Pode parecer que eles não têm muito a ver um com o outro, mas na verdade estão muito conectados. O Aquecimento Global faz a temperatura da Terra subir e isso pode gerar muitos problemas de saúde humana, aumentando doenças e piorando a qualidade do ar. Vamos entender melhor sobre esse assunto e o que podemos fazer para melhorar.

Saúde Humana e Aquecimento Global

O aquecimento global está impactando a saúde humana de forma alarmante e severa. O aumento das temperaturas globais tem intensificado as ondas de calor, resultando em mais casos de doenças associadas ao calor, como desidratação, exaustão térmica e até mortes prematuras, especialmente entre os mais vulneráveis, como idosos e pessoas com problemas de saúde preexistentes. Essas ondas de calor também afetam a capacidade de trabalho, aumentam a pressão sobre os sistemas de saúde e exigem medidas de adaptação, como a criação de centros de resfriamento e redução de emissões.

Outro efeito crucial do aquecimento global é a proliferação de doenças transmitidas por vetores, como a dengue, a malária e o Zika vírus. Com o aumento das temperaturas, regiões antes frias da temperatura passaram a se tornar habitats para mosquitos, transmissores, ampliando a distribuição geográfica dessas doenças e dificultando o controle.

A qualidade do ar também está se deteriorando com o aumento das emissões de gases poluentes e de partículas finas, causadas principalmente pela queima de combustíveis fósseis. Esse fator contribui diretamente para o aumento de doenças respiratórias e cardiovasculares, além de agravar condições já existentes, como a asma.

Eventos climáticos extremos, como enchentes, secas e furacões, estão se tornando mais frequentes e severos. Esses desastres não apenas causam mortes e ferimentos, mas também aumentam a disseminação de doenças transmitidas pela água, como a cólera, devido à contaminação de fontes hídricas. Além disso, as mudanças climáticas impactam negativamente a produção agrícola, resultando em insegurança alimentar e maior vulnerabilidade nutricional em várias partes do mundo.

Diante desses desafios, é essencial que os sistemas de saúde se adaptem rapidamente às novas condições climáticas, e que políticas públicas priorizem a redução dos riscos associados às mudanças climáticas. Investimentos em infraestrutura de saúde resiliente, alertas climáticos e ações de mitigação, como a transição para energias limpas, são fundamentais para proteger a saúde global.

Dengue

Uma pesquisa feita na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) em 2013 já mostrava como o dengue se comportava em diferentes condições do ambiente e como a crise climática contribui para a infestação do mosquito transmissor da doença. O aquecimento global e o aumento de enchentes também influenciam no aumento de casos.

Com a temperatura média do planeta aumentando ano após ano, a tendência é que doenças transmitidas por vetores como a dengue, cresçam cada vez mais. Isso acontece porque a capacidade de reprodução do mosquito que transmite a doença aumenta à medida que o clima fica mais quente. Além disso, o aumento da temperatura faz com que os vetores vivam mais, resultando em uma transmissão ainda mais acelerada.

Já as chuvas fortes e enchentes influenciam diretamente no desenvolvimento das larvas do Aedes aegypti. Uma vez que essas condições favorecem o acúmulo de água parada, que são os seus criatórios, facilitando a infestação do mosquito em novas áreas.

Desidratação

A desidratação ocorre quando o corpo perde mais líquidos do que ingere, e isso se soma especialmente quando o corpo superaquece. Em condições de calor intenso, a sudorese aumenta, resultando na perda de água e eletrólitos essenciais. Os sintomas da desidratação incluem sede intensa, boca seca, fadiga, tontura e até confusão mental. A desidratação leve pode ser tratada com a ingestão de líquidos, mas casos mais severos podem exigir cuidados médicos. Com o aquecimento global, a frequência e a intensidade das ondas de calor aumentam, elevando o risco de desidratação, especialmente entre populações vulneráveis, como idosos e crianças.

Exaustão térmica

O aquecimento global pode causar a morte por causa da exaustão térmica, que acontece quando o corpo superaquece, geralmente em ambientes quentes, e a medida que o corpo fica mais quente, os vasos sanguíneos se dilatam, levando a uma pressão arterial baixa e fadiga, com que o coração trabalha mais para conseguir bombear o sangue através dos vasos sanguíneos.

Com as altas temperaturas que vêm sendo registradas em Salvador e as aglomerações que são registradas durante as festas carnavalescas, provocando aumento ainda maior da temperatura, é necessária a adoção de cuidados que evitem os casos de exaustão térmica, que podem levar até a morte.

Nos casos de exaustão pelo calor é normal uma sudorese abundante e as frequências cardíaca e respiratória podem se tornar mais rápidas. Os sintomas podem também incluir a transpiração, fadiga, tontura, náuseas, dor de cabeça, câimbras musculares e diarreia. Caso a exposição ao calor persista e os sintomas não foram tratados adequadamente, a exaustão térmica pode evoluir para um estado mais grave e até para óbito.

Considerações Finais

O aquecimento global faz o aumento das temperaturas que trazem grandes consequências como enchentes e montanhas derretendo. Essas coisas causam mortes e doenças, mas também aumentam a chance de doenças. É importante observar como as mudanças climáticas estão afetando diretamente a saúde humana, aumentando a transmissão de doenças transmitidas por vetores e aumentando a incidência de condições relacionadas ao calor extremo.



Disponível em: <https://images.api.geo.gl/07f8mD1G0Byp3A>. Acesso em: 18 de outubro de 2024.

Referências Bibliográficas:

ESTADO DE MINAS. Atlas tecnologia previstão climática sobre asteroide. Estado de Minas, 09 ago. 2021. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2011/08/09/tecnologia,244157amp.html>. Acesso em: 18 out. 2024.

SECRETARIA DA SAÚDE DO ESTADO DA BAHIA. Durante o carnaval, é importante evitar a exaustão térmica provocada pelo calor. Secretaria de Saúde do Estado da Bahia, 31 jan. 2024. Disponível em: <https://www.saude.ba.gov.br/2024/01/31/durante-carnaval-e-importante-evitar-a-exaustao-termica-provocado-pelo-calor/>. Acesso em: 18 out. 2024.

Organização Mundial da Saúde. Mudanças climáticas e saúde. Disponível em: <https://www.who.int>. Acesso em: 18 out. 2024.

GlobalChange.gov. Mudanças Climáticas e Saúde. Disponível em: <https://www.globalchange.gov>. Acesso em: 18 out. 2024.

Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

Ao analisar a produção escrita da Equipe 1, com base no critério avaliativo Estrutura e Organização Textual, constatamos que ela atende às exigências estruturais propostas. Contudo, a equipe demonstrou dificuldade na estruturação do Sumário, não diferenciando o título dos subtítulos. Apesar disso, essa dificuldade não comprometeu a organização das informações nem a compreensão geral do texto.

Os elementos de Coesão Textual utilizados no texto contribuíram para conectar as ideias dentro dos parágrafos de maneira efetiva. No entanto, a ausência de

informações introdutórias para contextualizar os subtítulos, aspecto fundamental segundo Koch (2021), aliada à falta de integração das imagens, comprometeu a coesão geral e a fluidez do texto. Apesar dessas dificuldades, a equipe conseguiu apresentar as ideias de forma lógica e alinhada ao subtema proposto, garantindo a compreensão do conteúdo, o que evidenciou um excelente desempenho em relação ao critério Coerência Textual.

Nos critérios Qualidade da Linguagem, Clareza e Objetividade, observamos que o texto apresenta uma linguagem clara e, em grande parte, formal. Contudo, tanto na Introdução quanto na Conclusão, há uma tendência à informalidade, possivelmente devido ao tom mais pessoal e subjetivo desses trechos, o que pode ter contribuído para a presença de informações redundantes, prejudicando a objetividade do texto. Essa situação sugere a necessidade de expor os alunos a textos mais formais, pois, conforme Antunes (2003), a familiaridade com esse tipo de material possibilita a apreensão e o desenvolvimento da escrita formal.

Quanto ao critério Utilização de Marcas de Segmentação, constatamos que a Equipe 1 demonstrou um excelente desempenho, visto que a segmentação utilizada contribuiu para a organização e compreensão do texto.

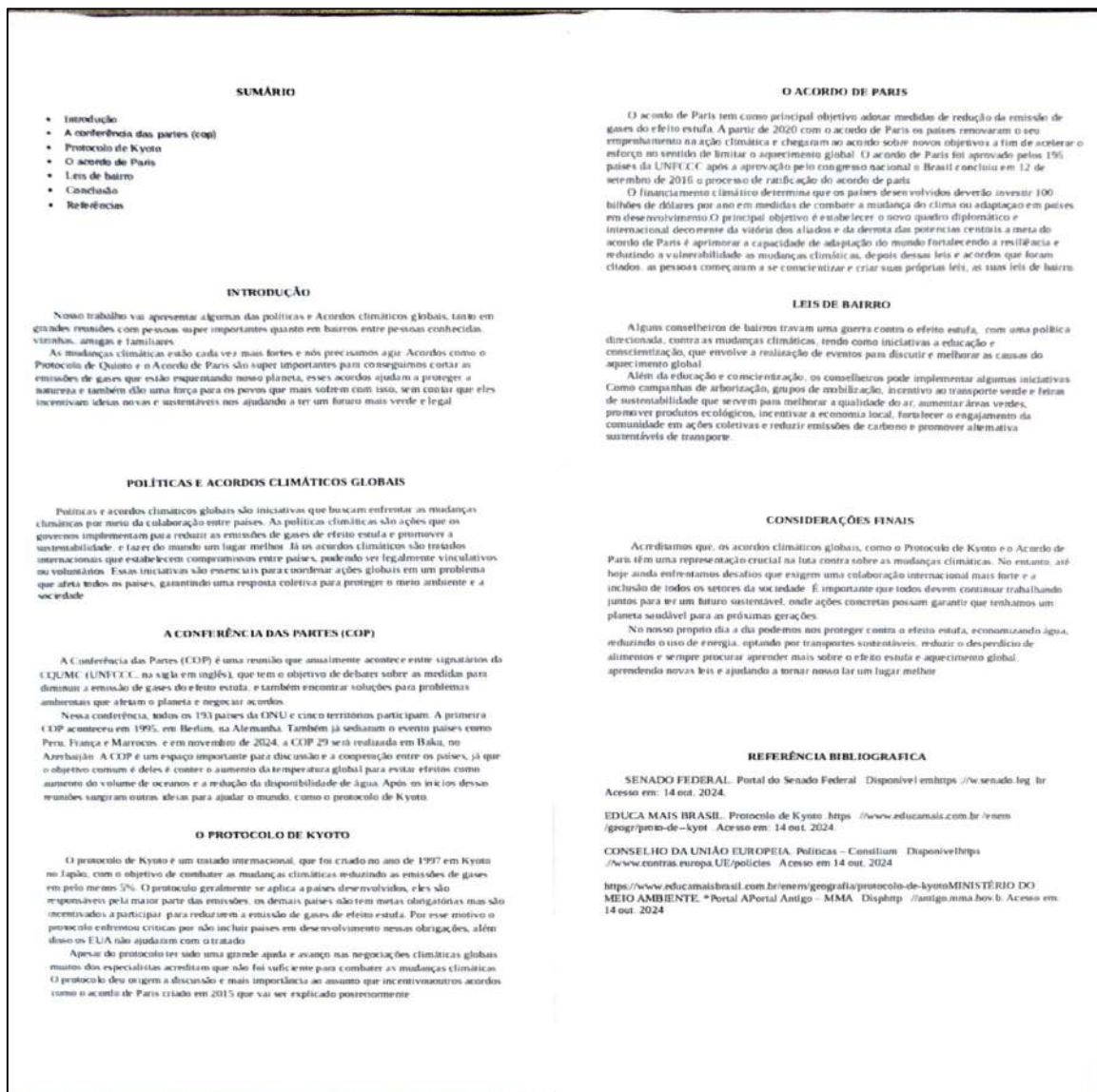
Nos critérios Utilização dos Padrões de Escrita e Ortografia, a produção escrita seguiu a norma padrão da Língua Portuguesa, com uma sutil inadequação na pontuação, mas sem ocorrências de erros ortográficos, contribuindo para a efetividade da compreensão e fluidez do texto.

A Criatividade na elaboração do texto segue um formato tradicional, com pouca exploração de recursos criativos e utilização de poucas imagens. Estas foram apresentadas de forma isolada, sem integração ao texto, o que resultou em desempenho Regular nesses aspectos.

Encerramos a análise do material da Equipe 1 avaliando o critério Diversidade de Fontes, que revelou o uso exclusivo de artigos com alta credibilidade e relevância para o tema, provenientes de órgãos governamentais, garantindo a confiabilidade das informações. No entanto, a equipe poderia ter ampliado a diversidade das fontes de pesquisa para proporcionar diferentes perspectivas sobre o tema, uma vez que a ampliação dos repertórios de informação, como aponta Antunes (2003), permite ao escritor ter o que dizer, a partir do conhecimento aprofundado do objeto sobre o qual vai discorrer.

A Equipe 5 foi a penúltima a ter sua produção escrita analisada. Responsável pelo subtema “Políticas e Acordos Climáticos Globais”, a equipe recebeu a orientação de abordar o Acordo de Paris, o Protocolo de Kyoto e outras iniciativas internacionais para mitigar o aquecimento global. O resultado desse trabalho pode ser conferido na Figura 15, que segue abaixo.

Figura 15: Políticas e Acordos Climáticos Globais



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

A produção escrita da Equipe 5 apresentou estrutura e organização textual bem definidas e organizadas, com informações pertinentes que seguiram uma sequência coerente, favorecendo a compreensão integral do texto. Embora precisasse de ajustes na formatação, o desempenho da equipe nesses critérios avaliativos pode ser considerado excelente.

No entanto, em relação à coesão textual, embora o uso de conectores adequados e eficientes tenha garantido a ligação entre os parágrafos e as ideias dentro de cada seção, há uma ausência de elementos que integrem as informações apresentadas nas diferentes seções do desenvolvimento, resultando em um texto composto por fragmentos que, embora cumprissem o objetivo da abordagem orientada, carecem de uma maior articulação entre si.

Ao analisar a qualidade da linguagem, observamos que a linguagem foi clara e, em grande parte, prevaleceu o registro formal. No entanto, o registro informal se fez presente na introdução, com o uso do termo "super" em "pessoas superimportantes", o que pode ser considerado um desvio do padrão formal, uma vez que estava associado à fala espontânea. Essa mudança na linguagem não se repetiu na conclusão, que foi orientada para ser construída de forma autoral, sem que houvesse quebra do padrão esperado para o texto.

As ideias foram apresentadas com clareza, seguindo a sequência da orientação para a abordagem, o que garantiu a coesão geral do texto. Porém, quanto ao aspecto da objetividade, houve um excesso de explicações que poderia ter sido reduzido, a fim de preservar o caráter objetivo da informação.

Considerando os critérios avaliativos analisados até o momento, é possível relacionar as situações apresentadas à perspectiva de Antunes (2003), que destaca não apenas a importância de cumprir as etapas do processo de escrita, mas também a necessidade de o professor proporcionar momentos para que os alunos planejem e revejam seus textos, buscando aperfeiçoá-los.

Em relação aos critérios utilização de marcas de segmentação, utilização dos padrões de escrita e ortografia, constatamos que a Equipe 5 demonstrou um excelente desempenho. A segmentação foi utilizada de forma eficaz, contribuindo para a organização e fluidez da leitura do texto, tanto no formato escrito quanto no suporte utilizado. A norma padrão da língua foi seguida corretamente, sem ocorrências de erros gramaticais ou de pontuação, e o texto não apresentou erros ortográficos.

Nos critérios criatividade e utilização de recursos gráficos, podemos atribuir um desempenho ótimo à equipe, considerando o suporte utilizado na exposição oral (Figura 16, abaixo), uma vez que o texto escrito seguiu uma estrutura tradicional.

FIGURA 22: Uso dos Recursos Visuais



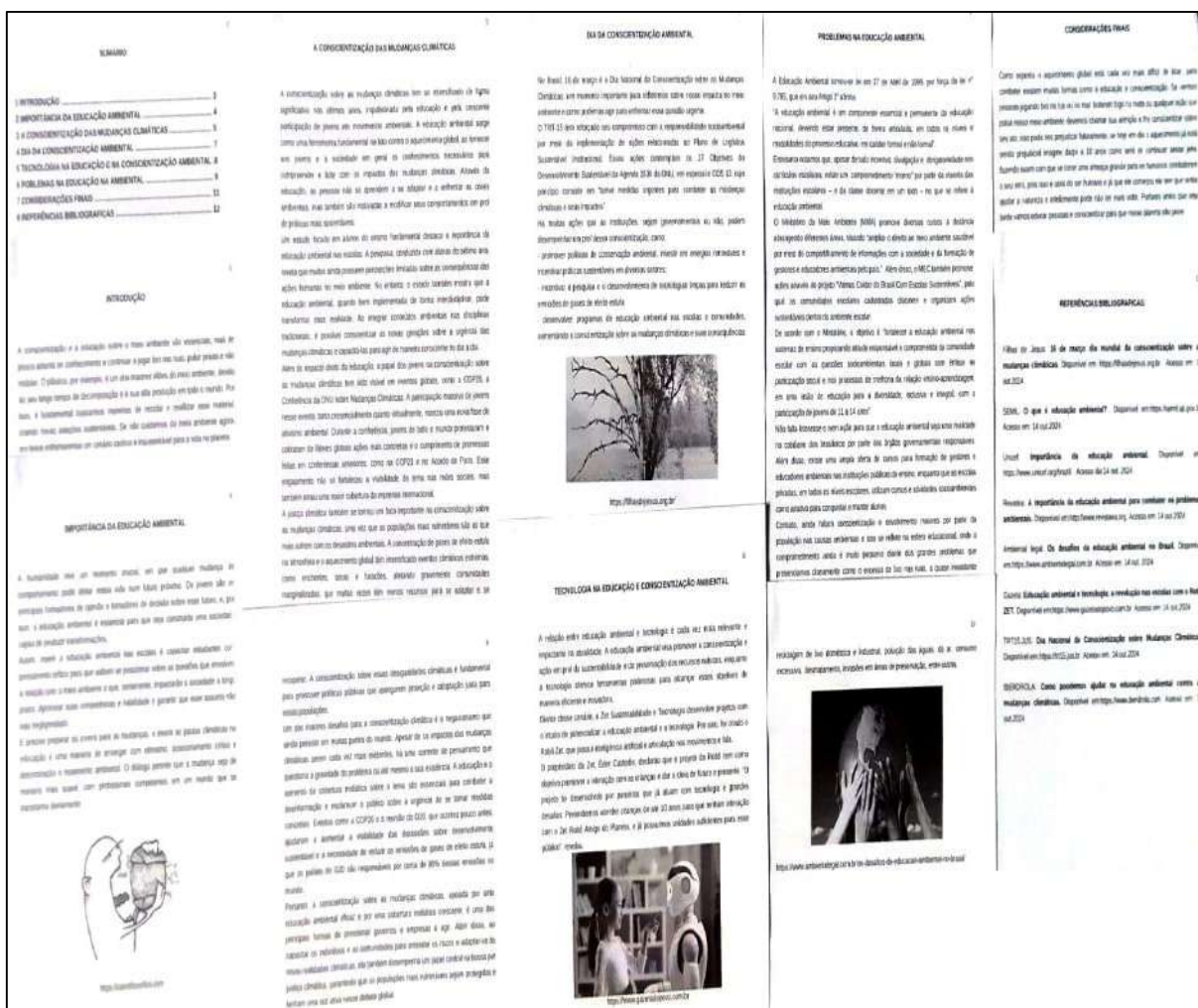
Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

A equipe apresentou um painel de cartazes bem elaborado, com títulos escritos de forma artística e com variação de tipografia. As imagens utilizadas estavam relacionadas ao tema e foram organizadas de forma que sugeriam um esforço para tornar o conteúdo mais atrativo e interessante, além de complementar a mensagem do texto, contextualizando cada temática de maneira eficiente.

Quanto ao critério diversidade de fontes, assim como a equipe anterior, a Equipe 5 utilizou artigos com alta credibilidade e relevância para o tema, fortalecendo a qualidade da pesquisa, mas poderia ter ampliado essa diversidade, proporcionando outras perspectivas a respeito do tema.

Seguindo a mesma abordagem, analisamos a produção escrita da última equipe, a Equipe 2, responsável pelo subtema “Educação e Conscientização Ambiental”. A equipe recebeu a orientação de destacar a importância da educação ambiental e da conscientização pública sobre o aquecimento global. Assim como as demais, podemos observar a produção ilustrada na Figura 17 a seguir.

Figura 17: Educação e Conscientização Ambiental



Fonte: Dados da Autora, 10/2024.

A Equipe 2 demonstrou um excelente desempenho, apresentando uma produção escrita que, no critério Estrutura e Organização Textual, não evidenciou dificuldades. O trabalho teve uma estrutura completa e uma organização das informações que proporcionaram a leitura e a compreensão do conteúdo.

Nos critérios Coesão Textual e Coerência Textual, a equipe apresentou um trabalho que utilizou uma diversidade de conectores, simples e complexos, estruturou as ideias de forma lógica, garantindo a compreensão clara do subtema proposto. No entanto, a falta de informações na Introdução comprometeu a conexão fluida entre as partes do trabalho; mesmo assim, esse ponto não comprometeu significativamente a compreensão geral do texto, caracterizando um ótimo desempenho.

Considerando os critérios Qualidade da Linguagem, Clareza e Objetividade, observamos o predomínio de uma linguagem formal, com informações claras e objetivas na maior parte do texto, demonstrando um ótimo desempenho da equipe.

Contudo, na Introdução e na Conclusão, a equipe adotou uma postura diferente, utilizando linguagem informal e recorrendo a exemplificações que sugerem uma tentativa de sensibilizar e aproximar o leitor do tema principal, "Aquecimento Global". Essa abordagem, embora bem-intencionada, comprometeu a objetividade nesses trechos e fugiu do padrão de linguagem exigido para o texto.

Em relação aos critérios avaliativos Uso de Marcas de Segmentação, Utilização de Padrões de Escrita e Ortografia, a equipe apresentou um ótimo desempenho. Utilizou as marcas de segmentação que contribuíram para a organização e a compreensão geral do texto, seguiu a norma padrão da LP com poucos desvios gramaticais e de pontuação e não apresentou erros ortográficos.

A Equipe 2 demonstrou um bom desempenho na elaboração da produção escrita, seguindo o formato tradicional e apresentando texto e imagens, mas faltaram recursos criativos. As imagens utilizadas foram apropriadas para o tema, embora a primeira e a segunda não estivessem plenamente integradas ao texto apresentado nas seções.

Concluimos a análise da produção escrita da Equipe 2 com a avaliação do critério Diversidade de Fontes, que revelou o excelente desempenho da equipe ao se aprofundar na pesquisa, utilizando referências diversificadas, incluindo artigos, reportagens e fontes de órgãos governamentais e da justiça, todas pertinentes e confiáveis, reforçando a credibilidade da apresentação.

Após a análise das produções, é necessário tecer algumas considerações sobre o desempenho das equipes em relação aos critérios avaliativos, iniciando pelo critério Estrutura e Organização Textual. Em relação à Estrutura, a Equipe 4 demonstrou maior dificuldade, o que pode ser atribuído à falta de atenção durante as orientações em sala de aula, reforçando a declaração de Ferreira e Leal (2007, p. 14), que afirmam que “a avaliação deve ser pensada como estratégia para regular e adaptar a prática pedagógica às necessidades dos alunos”.

Quanto à Organização, embora as equipes precisem aprimorar o conhecimento sobre as ferramentas e aplicativos empregados na produção, não demonstraram dificuldades significativas. Contudo, é importante ressaltar que, apesar das falhas, nenhum erro comprometeu a compreensão do conteúdo apresentado.

Nos critérios Coesão Textual e Coerência Textual, observamos diferenças significativas no desempenho das equipes. Em relação à Coesão, as principais dificuldades estavam no uso de elementos que conectam os parágrafos para evitar

repetições e redundâncias, e na falta de articulação entre as subseções do trabalho escrito, o que comprometeu tanto a progressão lógica quanto a fluidez do texto. Acreditamos que essas dificuldades de coesão podem estar associadas à falta de maturidade na escrita dos alunos, visto que estão no 8º Ano, ou até à escassez de oportunidades de prática escrita que exijam esse tipo de estrutura textual, o que nos remete à reflexão de Antunes (2003), que destaca a importância de experiências práticas para o desenvolvimento da escrita. Por outro lado, no critério de Coerência, a maioria das equipes conseguiu manter uma sequência lógica e a consistência das ideias ao apresentar as informações, mesmo as equipes que apresentaram dificuldades, como a Equipe 3 e Equipe 4.

Quanto aos critérios avaliativos Qualidade da Linguagem, Clareza e Objetividade, constatamos o predomínio da linguagem formal. No entanto, na maioria das equipes, a Introdução e a Conclusão apresentaram traços de linguagem informal, seja pelo uso de termos próprios da língua oral, seja pela tentativa de aproximação com o leitor. Embora todas as produções tenham conseguido apresentar as informações de forma clara e manter a objetividade em grande parte do texto, a mudança para uma linguagem informal comprometeu a objetividade exigida pelo gênero, principalmente devido às repetições e redundâncias criadas por essa escolha. Esse aspecto remete à perspectiva de Antunes (2003), que orienta o professor a promover o desenvolvimento de uma escrita funcionalmente diversificada, capaz de se adaptar às exigências de diferentes gêneros e contextos comunicativos.

Não evidenciamos dificuldades significativas em relação ao Uso de Marcas de Segmentação, ao Uso dos Padrões da Escrita e à Ortografia dos textos produzidos, uma vez que os trabalhos apresentaram segmentações bem definidas e os alunos utilizaram suportes tecnológicos na elaboração dos textos, o que facilitou a organização e as correções de escrita durante as produções.

O critério avaliativo de Criatividade foi o mais penalizado pelas equipes, pois todas apresentaram suas produções em um formato tradicional, sem explorar de forma significativa os recursos gráficos disponíveis, com a exceção da Equipe 5.

Para finalizarmos, no critério Diversidade de Fontes, todas as pesquisas foram realizadas em sites na internet. Embora essa ferramenta facilite o acesso às informações e a diversidade de fontes, algumas equipes não aprofundaram suas pesquisas, limitando a abrangência do conteúdo.

A partir da análise das produções escritas com base nos critérios avaliativos estabelecidos para este eixo, constatamos que as Equipes 2 e 5 obtiveram um Ótimo desempenho, enquanto as Equipes 1, 3 e 4 apresentaram um Bom desempenho. Além disso, observamos que os aspectos que demandam maior empenho para superar as dificuldades na escrita são a Criatividade, a Qualidade da Linguagem (que está relacionada ao uso adequado de vocabulário, gramática e estilo) e a Coesão Textual (que trata das conexões lógicas entre as ideias), pois são aspectos que interferem diretamente na construção, leitura e compreensão do texto.

4.2.6. Análise da Sequência 5

A penúltima sequência que elaboramos, Sequência 5, intitulada "A presença da Análise Linguística/Semiótica no Gênero Seminário", com duração de 4h15min, teve como foco o Eixo Análise Linguística/Semiótica. Trabalhar com esse eixo representa um desafio, que começa pela transição da nomenclatura tradicional "Gramática" para "Análise Linguística/Semiótica". Essa mudança é essencial para demonstrar aos alunos, conforme Campus (2014), que o ensino desse eixo possui objetivos de ordem prática, voltados para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das competências comunicativas.

Dessa forma, após a formação das equipes, iniciamos a primeira aula com uma discussão sobre a importância da Análise Linguística/Semiótica, explicando aos alunos que esse eixo está intimamente relacionado aos eixos oralidade, leitura e produção escrita, pois contribui diretamente para o processo interativo, assegurando que a informação construída seja comunicada e compreendida de maneira clara e eficaz. Em seguida, para contextualizar o tema dos seminários da sequência, "Uso de Drogas entre Adolescentes", exibimos o vídeo "Entenda: Por que os jovens estão usando cada vez mais drogas?" e prosseguimos com uma discussão, destacando os elementos linguísticos e semióticos presentes no vídeo. Concluída a análise do vídeo, realizamos o sorteio dos subtemas, definindo a seguinte sequência de apresentação das equipes:

- *Equipe 5: Causas do Uso de Drogas entre Adolescentes;*
- *Equipe 3: Tipos de Drogas comumente usadas por Adolescentes;*
- *Equipe 1: Efeitos Físicos e Psicológicos do Uso de Drogas;*

- *Equipe 2: Sinais e Sintomas do Uso de Drogas;*
- *Equipe 4: Papel da Família e da Escola na Prevenção e Intervenção.*

Com as equipes informadas sobre seus subtemas, realizamos uma explanação sobre cada abordagem e finalizamos a aula incentivando os alunos a se aprofundarem em suas pesquisas, ressaltando que as apresentações ocorreriam na semana seguinte. No entanto, até lá, continuaríamos a trabalhar com o eixo de Análise Linguística/Semiótica e apresentaríamos os critérios avaliativos estabelecidos para o eixo.

No dia seguinte, durante duas aulas consecutivas, reunimos as equipes para a leitura da HQ "A turma da Mônica: Uma História que Precisa Ter Fim" (Anexo 6). É importante ressaltar que, nesse caso específico, o texto foi enviado previamente pelo grupo de WhatsApp da sala. A leitura foi realizada de forma colaborativa, o que é uma das sugestões dos PCNs (Brasil, 1998), com diferentes alunos personificando a fala dos personagens da história. Após a leitura, promovemos uma discussão sobre o conteúdo da HQ, na qual os alunos compartilharam relatos de experiências tristes vivenciadas por familiares e conhecidos. Passado esse momento, utilizando a oralidade, analisamos a HQ considerando os aspectos linguísticos e semióticos presentes no texto, seguindo a proposta descrita na caracterização da proposta de intervenção, marcando o encerramento das aulas.

Na quarta aula, utilizamos o tempo para a apresentação e explicação dos critérios avaliativos estabelecidos para o eixo Análise Linguística/Semiótica, que foram expostos e esclarecidas as dúvidas apresentadas pelos alunos. Além disso, orientamos as equipes quanto à elaboração do material de apoio para a apresentação e reforçamos a necessidade de realização de ensaios, já que, no momento da exposição oral, como destaca Gomes-Santos (2012), "a elocução é emoldurada por um conjunto de recursos semióticos que subsidiam em sua performance", tornando essencial o preparo prévio, considerando que teriam o limite de 15min para a apresentação. Durante o restante do tempo da aula, nos colocamos à disposição para revisar os materiais produzidos pelas equipes, enfatizando a importância de seguirem as etapas do processo de escrita, considerando a percepção de Antunes (2003), que destaca a necessidade de um percurso estruturado por planejamento, operação e revisão para alcançar uma produção escrita eficaz.

Para facilitar essa compreensão, apresentamos trechos elaborados para a Introdução e as Considerações Finais dos seminários desenvolvidos na Sequência 4 e aplicamos os Procedimentos para Refacção propostos por Brasil (1998), de forma oral e coletiva, para que os alunos reconhecessem a relevância do estudo da língua, identificassem possíveis melhorias nos seus textos e ouvissem as contribuições dos colegas de sala.

Finalizamos a aula, confirmando que as apresentações dos seminários ocorreriam durante duas aulas consecutivas na semana seguinte, momento em que os alunos também receberiam o feedback sobre os seus trabalhos.

Ao analisarmos o material produzido, com base nos critérios avaliativos propostos para este eixo, constatamos um excelente desempenho da maioria das equipes no critério Domínio das Características do Gênero. Os conteúdos foram organizados de acordo com a estrutura formal exigida para trabalhos acadêmicos, utilizando subtítulos e tópicos para apresentar as informações de maneira sequenciada. Embora as Equipes 3 e 4 não tenham incluído o Sumário, conforme orientado no início das sequências, essa lacuna não comprometeu significativamente o desenvolvimento do conteúdo. Todas as equipes elaboraram materiais visuais, elementos necessários para facilitar a compreensão do conteúdo e estimular a interação com o público. No que se refere à exposição oral, as apresentações seguiram a ordenação constitutiva mencionada por Gomes-Santos (2012), resultando em seminários bem estruturados e logicamente articulados.

Os critérios Regularidades Linguísticas e Ortográficas foram avaliados simultaneamente em todas as cinco equipes. Como já mencionamos anteriormente, os alunos utilizaram os aplicativos disponíveis nos celulares para a escrita dos textos, o que contribuiu significativamente para um Excelente desempenho nesses critérios, permitindo que entregassem trabalhos sem erros gramaticais e com apenas sutis erros ortográficos. Esses pequenos deslizes podem ser atribuídos até mesmo ao corretor automático do aplicativo utilizado para a digitação, mas isso não exime as equipes da responsabilidade pela revisão textual.

No critério Recurso do Padrão Escrito, observamos que todas as equipes elaboraram textos utilizando uma linguagem formal e objetiva, estruturada de maneira clara e legível, com margens e espaçamentos adequados, o que favoreceu a leitura e a compreensão do conteúdo. No entanto, ainda é necessário aprimorar aspectos

relacionados à Pontuação e à Paragrafação, como ilustram os fragmentos transcritos abaixo.

Equipe 5: “Diante disso, para os pais também não é tão fácil compreender o pensamento dos filhos mas eles poderiam se esforçar mais nessa questão, os filhos também devem fazer sua parte, tentando entender a preocupação dos pais e colaborando para resolver os problemas. Para uma convivência boa e em paz as pessoas devem se entender umas com as outras e isso pode ser resolvido através de conversas e um bom tempo de qualidade juntos”.

Equipe 1: “As drogas são substancias que causam vários danos no corpo humano e podem danificar sua corrente sanguínea como a cocaína que possui curto e longo prazo, no organismo da pessoa que está usando”.

Fonte: Dados da Autora, 11/2024.

O fragmento transcrito da Equipe 5 apresentou a ausência de vírgula entre os termos ‘filhos’ e ‘mas’, que é necessária para a introdução de uma ideia adversativa. Também há uma vírgula depois de ‘questão’, que deveria ser substituída por um ponto, pois ocorre uma mudança de foco de ‘pais’ para ‘filhos’. A primeira frase está longa e pode ser dividida em duas, o que facilitaria a compreensão. Além disso, a paragrafação poderia ser ajustada, com o primeiro parágrafo abordando a dificuldade dos pais em entender os filhos e o segundo tratando da convivência saudável.

No fragmento da Equipe 1, observamos a ausência de ponto após ‘sanguínea’, o que seria necessário para separar as ideias e melhorar a compreensão do texto. Com essa mudança, surgiria um novo parágrafo, detalhando os efeitos da cocaína, enquanto o primeiro apresentaria as informações gerais sobre as drogas.

Essas observações remetem à perspectiva de Antunes (2003), que enfatiza a necessidade de um ensino de análise linguística contextualizado e funcional, permitindo que os alunos compreendam a língua em seu uso real e desenvolvam uma abordagem reflexiva e significativa da escrita. Considerando esses aspectos, as equipes demonstraram um Bom desempenho nos critérios avaliados, uma vez que os ajustes sugeridos são pontuais e não comprometem a coerência geral dos textos.

Na análise do critério Coerência Textual, observamos que todas as equipes seguiram as orientações para abordar seus subtemas, assegurando que mantivessem a unidade temática dos textos. As ideias foram apresentadas de forma lógica, com estrutura bem organizada, evidenciando um aprofundamento dos conteúdos, como ilustrado na figura abaixo.

Figura 18: Coerência Textual na Análise Linguística/Semiótica

Introdução A prevenção ao uso de drogas é um tema que desperta grande preocupação na sociedade contemporânea, dada a crescente exposição de jovens a substâncias psicoativas. Nesse contexto, a família e a escola são consideradas pilares fundamentais para a formação de cidadãos conscientes e responsáveis, desempenhando papéis essenciais na orientação e educação dos jovens. Este trabalho busca explorar a importância da atuação conjunta desses dois agentes na prevenção ao uso de drogas, abordando as principais estratégias e práticas que podem ser adotadas para mitigar esse problema social. Desenvolvimento 1. A Importância da Família na Prevenção ao Uso de Drogas A família é o primeiro núcleo social onde o indivíduo desenvolve seus valores, atitudes e comportamentos. Um ambiente familiar saudável, onde prevalecem o diálogo, a confiança e o apoio emocional, é um fator protetivo contra o uso de drogas. Alguns aspectos importantes do papel da família incluem: Educação e Orientação: Pais e responsáveis devem educar seus filhos sobre os riscos e as consequências do uso de drogas desde a infância. Informações claras e objetivas podem reduzir a curiosidade dos jovens e prepará-los para resistir à pressão de colegas. Exemplo e Modelagem de Comportamento: O comportamento dos pais é uma referência direta para os filhos. Quando os pais mantêm hábitos saudáveis e demonstram um comportamento responsável, eles influenciam positivamente seus filhos. Supervisão e Acompanhamento: Manter uma supervisão ativa sobre as atividades dos filhos, suas amizades e comportamento nas redes sociais ajuda a identificar sinais precoces de envolvimento com drogas. 2. O Papel da Escola na Prevenção ao Uso de Drogas	A escola é o segundo ambiente de maior influência na vida dos jovens, sendo um espaço propício para a disseminação de informações e práticas educativas. Algumas estratégias eficazes que as escolas podem implementar incluem: Programas Educativos de Prevenção: A implementação de programas específicos sobre prevenção ao uso de drogas, que incluem palestras, atividades lúdicas e debates, ajuda a conscientizar os alunos sobre os perigos do uso de substâncias psicoativas. Apoio Psicológico e Acompanhamento: A presença de psicólogos e orientadores educacionais na escola permite o acompanhamento dos alunos em situação de vulnerabilidade, oferecendo suporte emocional e aconselhamento. Promção de Atividades Extracurriculares: Atividades como esportes, artes e música podem ajudar a ocupar o tempo dos jovens de forma saudável, reduzindo as chances de envolvimento com drogas. 3. A Importância da Parceria entre Família e Escola A colaboração entre família e escola é crucial para um programa de prevenção eficaz. A comunicação constante entre pais e educadores permite a identificação precoce de comportamentos de risco e a implementação de estratégias conjuntas para abordar o problema. Além disso, a participação dos pais nas atividades escolares promove um ambiente de confiança e apoio, incentivando os jovens a tomar decisões mais conscientes. 4. Desafios e Barreiras na Prevenção ao Uso de Drogas Acesso à Informação: Apesar da importância da prevenção, existem barreiras que podem dificultar o trabalho conjunto da família e da escola, tais como: Falta de Conhecimento: Muitos pais e educadores não possuem informações adequadas sobre os sinais de uso de drogas e as melhores práticas de prevenção. Desigualdade Social: Em comunidades com menor acesso a recursos, a prevenção ao uso de drogas pode ser mais desafiadora devido à falta de apoio estrutural, como a ausência de programas de assistência social e psicológica. Pressão dos Pares e Influência Social: A influência de amigos e a pressão para se encaixar em grupos podem aumentar a vulnerabilidade dos jovens ao uso de drogas, especialmente	Conclusão A prevenção ao uso de drogas é uma responsabilidade compartilhada entre família e escola. Enquanto a família desempenha um papel crucial na formação dos valores e comportamentos dos jovens, a escola complementa esse trabalho por meio da educação e conscientização. O diálogo aberto, a supervisão ativa e a promoção de atividades saudáveis são estratégias fundamentais que podem ser implementadas para mitigar o risco do uso de drogas. Além disso, a colaboração entre esses dois agentes é essencial para criar um ambiente seguro e de apoio, contribuindo para o desenvolvimento saudável e equilibrado dos jovens. Referências Bibliográficas: - BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. "Prevenção ao uso de drogas nas escolas: fundamentos e estratégias." Brasília: Ministério da Saúde, 2018. - CARVALHO, M. C. et al. "Família, Escola e Prevenção ao Uso de Drogas: Um Estudo de Intervenção." Revista de Saúde Pública, 2015. - SILVA, A. L.; SOUZA, P. A. "Prevenção ao Uso de Drogas: Estratégias na Escola e na Família." Editora Clínica & Vida, 2021. - SOUZA, M. R. "A Influência da Família e da Escola na Prevenção do Uso de Drogas entre Adolescentes." Revista Brasileira de Educação 2020.

Fonte: Dados da Autora, 11/2024.

A imagem representou o trabalho escrito da Equipe 4. Assim como nas produções das demais equipes, constatamos uma estrutura bem organizada das informações. O texto iniciou com a apresentação do tema central, “a prevenção ao uso de drogas”, destacando os pilares que sustentaram seus argumentos: “família e escola”. Em seguida, desenvolveu o conteúdo abordando a parceria entre esses dois agentes na prevenção, os desafios e barreiras enfrentados, e finalizou com estratégias para lidar com o problema. A estrutura manteve uma coerência textual apresentada desde a introdução, facilitando a compreensão do conteúdo e evidenciando a profundidade das informações adicionais.

O trabalho escrito da Equipe 4 também pode ser utilizado como referência para analisar o critério avaliativo Coesão Textual, pois percebemos que as equipes mantiveram uma lógica interna, organizaram as ideias de maneira clara e ordenada, além de utilizarem adequadamente elementos coesivos, como podemos observar nos trechos transcritos a seguir.

Introdução: “A prevenção ao uso de drogas é um tema que desperta grande preocupação na sociedade contemporânea, dada a crescente exposição de jovens a substâncias psicoativas. Nesse contexto, a família e a escola são consideradas pilares fundamentais para a formação de cidadãos conscientes e responsáveis, desempenhando papéis essenciais na orientação e educação dos jovens. Este trabalho busca explorar a importância da atuação conjunta desses dois agentes na prevenção ao uso de drogas, abordando as principais estratégias e práticas que podem ser adotadas para mitigar esse problema social”.

Conclusão: “A prevenção ao uso de drogas é uma responsabilidade compartilhada entre família e escola. Enquanto a família desempenha um papel crucial na formação dos valores e comportamentos dos jovens, a escola complementa esse trabalho por meio da educação e conscientização. O diálogo aberto, a supervisão ativa e a promoção de atividades saudáveis são estratégias fundamentais que podem ser implementadas para mitigar o risco do uso de drogas. Além disso, a colaboração entre esses dois agentes é essencial para criar um ambiente seguro e de apoio, contribuindo para o desenvolvimento saudável e equilibrado dos jovens”.

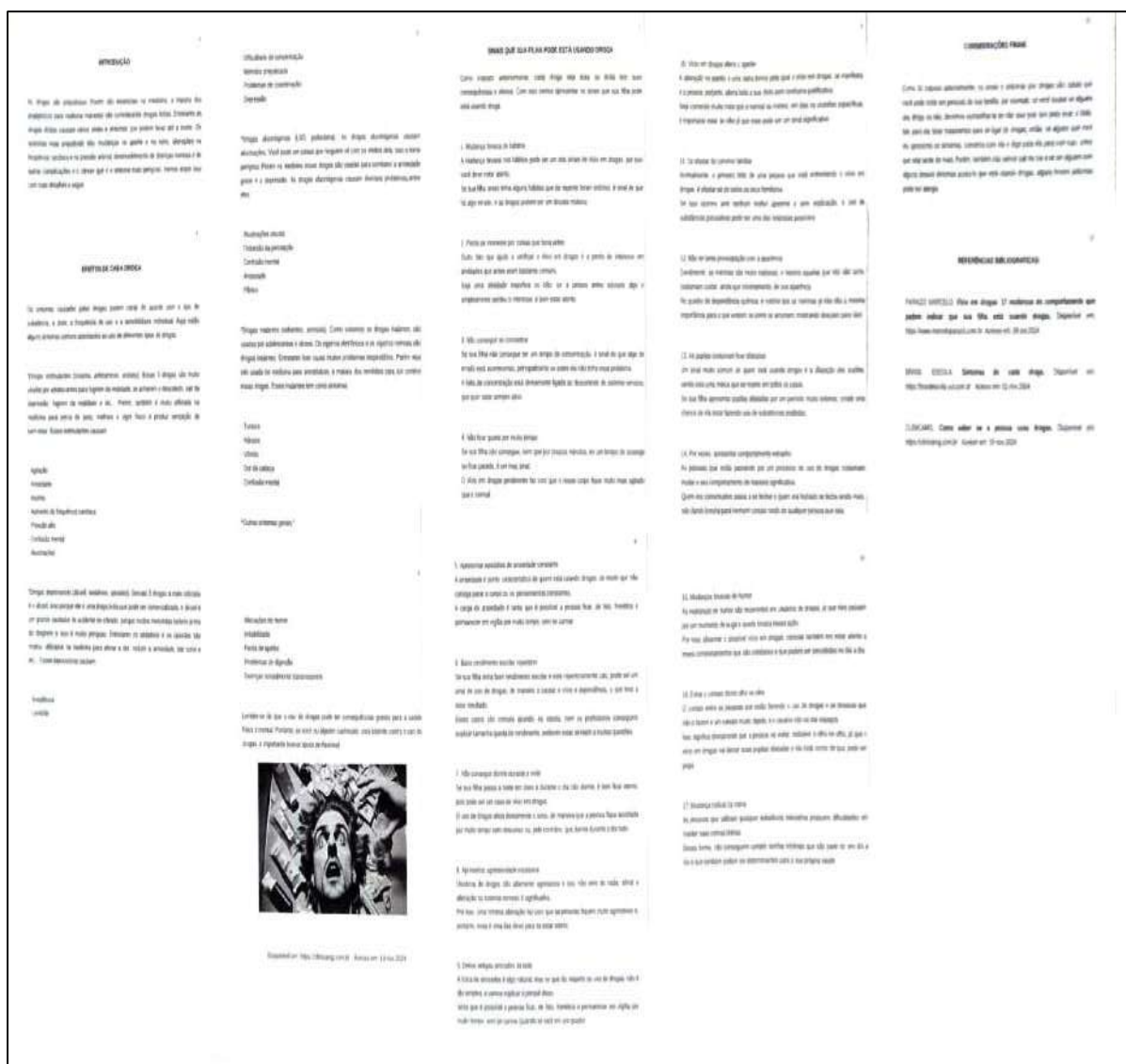
Fonte: Dados da Autora, 11/2024.

Os trechos transcritos da produção escrita da Equipe 4 correspondem à Introdução e à Conclusão do trabalho. Neles, identificamos exemplos de elementos coesivos que estabeleceram conexões lógicas e textuais, como conjunções, locuções conjuntivas e conectores (‘dada’, ‘nesse contexto’, ‘e’, ‘enquanto’, ‘além disso’, ‘para’), além de repetição de palavras-chave (‘família e escola’, ‘prevenção ao uso de drogas’) e o uso de expressões referenciais (‘dois agentes’, ‘esses dois agentes’), recursos que, segundo Koch (2021), contribuem para a clareza e progressão textual.

No entanto, ao analisarmos as transições entre as seções, notamos que, embora a conexão entre a Introdução e o Desenvolvimento tenha sido bem estabelecida, a passagem do Desenvolvimento para a Conclusão apresentou lacunas. Ademais, no interior do Desenvolvimento, constatamos a ausência de conectores que articulem as seções, comprometendo a fluidez e a coesão global do texto.

Por outro lado, o trabalho da Equipe 2 não se enquadrou nessa avaliação, pois foi a única equipe que conseguiu estabelecer uma transição adequada entre todas as seções do texto, como observamos na figura abaixo:

Figura 19: Transição entre seções



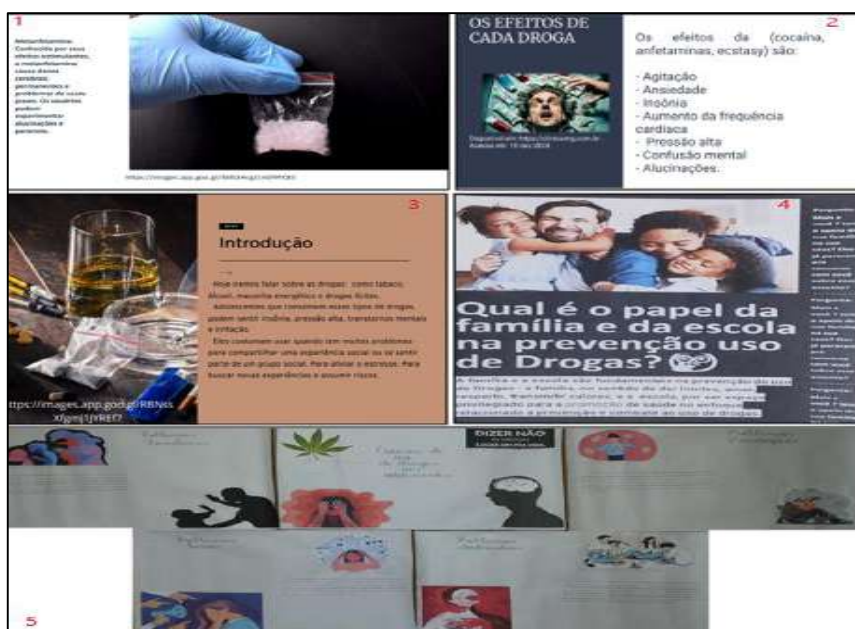
Fonte: Dados da Autora, 11/2024.

A transição entre a Introdução e o Desenvolvimento foi estabelecida pela frase “Iremos expor isso com mais detalhes a seguir”, orientando o leitor sobre o aprofundamento do tema. O Desenvolvimento do conteúdo foi organizado em duas seções: EFEITOS DE CADA DROGA e SINAIS QUE SUA FILHA PODE ESTÁ USANDO DROGA, interligadas pela expressão “Como exposto anteriormente”, que introduziu a segunda seção e assegurou, segundo Koch (2021), a progressão temática, essencial para garantir a continuidade e a coerência do texto. Por fim, as Considerações Finais foram integradas às ideias apresentadas, usando novamente a expressão “Como foi exposto anteriormente”, o que contribuiu para a coesão global do texto. No entanto, essa repetição evidenciou a necessidade de aprimorar o uso dos

elementos de Coesão Textual, visando a diversidade de conectores, para que os alunos desenvolvam a habilidade de utilizá-los adequadamente.

Antes de analisar os critérios avaliativos relacionados ao uso de imagens, é importante fazer uma ressalva. No material escrito entregue, as Equipes 1, 3, 4 e 5 não incluíram imagens. Esse recurso foi utilizado apenas nos slides pelas Equipes 1 e 3, no folder pela Equipe 4 e nos cartazes pela Equipe 5. Já a Equipe 2 utilizou a mesma imagem tanto na produção escrita quanto nos slides elaborados para a apresentação. A seguir, apresentamos uma figura com imagens utilizadas pelas equipes.

Figura 20: Imagens utilizadas como recurso visual



Fonte: Dados da Autora, 11/2024.

A Figura 20 apresentou um conjunto de imagens numeradas de acordo com a equipe que a utilizou nos seminários. Essas imagens representam as ideias, a compreensão e interpretação pessoal das equipes em relação ao seu subtema. Considerando isso, no critério de Uso e Interpretação da Imagem, Relação Texto-Imagem e Relevância dos Recursos Visuais, que estão diretamente ligados à Semiótica e, conforme a BNCC (Brasil, 2018), são essenciais para o desenvolvimento da capacidade de interpretar e empregar imagens de forma significativa, constatamos que todas as equipes obtiveram um Excelente desempenho. As imagens escolhidas são relevantes e estão diretamente relacionadas aos subtemas trabalhados por cada equipe, sendo utilizadas de maneira estratégica.

- Imagem 1: Extraída dos slides elaborados pela Equipe 1, apresenta uma mão segurando um pacote de Metanfetamina, ao lado de uma descrição dos efeitos que seu uso pode causar. Esta imagem chama a atenção do público e proporciona um conhecimento visual para aqueles que desconhecem a aparência da substância.
- Imagem 2: Utilizada pela Equipe 2, mostra uma pessoa sob os efeitos de drogas, acompanhada de um texto que lista alguns efeitos causados pelo uso de substâncias ilícitas, reforçando a ideia transmitida pela equipe.
- Imagem 3: Extraída dos slides da Equipe 3, traz diversos itens associados ao consumo de drogas, sejam lícitas ou ilícitas, acompanhada de um texto que explica os sintomas e as razões pelas quais os adolescentes recorrem às drogas, apresentando um caráter educativo em sua mensagem.
- Imagem 4: Utilizada no folder entregue ao público pela Equipe 4, mostra a imagem de uma família feliz, sugerindo a proteção dos pais em relação aos filhos. A imagem é complementada por uma pergunta central envolvendo o papel da família e da escola na prevenção ao uso de drogas, seguida de uma resposta e outra pergunta lateral que reforça a mensagem transmitida na exposição do conteúdo.
- Imagem 5: Composta por cartazes elaborados pela Equipe 5, combina desenhos, títulos e informações sobre o subtema de forma criativa. Os elementos verbais e não verbais se complementam, formando uma unidade coesa que impacta e emociona o público.

No último critério avaliativo, Comunicação Multimodal, as equipes apresentaram um Bom desempenho, demonstrando habilidade na integração de diferentes recursos semióticos durante a exposição, como a oralidade, o escrito, o visual, o paraverbal e o gestual. Como afirma Gomes-Santos (2012, p. 120), "a realização da exposição por meio da fala do expositor é imersa em um campo em que se conjugam diferentes semioses e combinam diferentes recursos semióticos". Esses dois últimos modos, o paraverbal e o gestual, foram fundamentais para a conclusão do desempenho das equipes, pois permitiram identificar, individualmente, os membros com habilidades mais desenvolvidas nesse aspecto. No que se refere ao uso de recursos visuais, foi em grande parte adequado, exceto pela Equipe 5, que utilizou fontes ilegíveis em seus cartazes. Além disso, o público foi encorajado a participar em todas as apresentações,

seja por meio de perguntas realizadas durante ou ao final das exposições, o que contribuiu para o processo de interação nos seminários.

Concluída a análise desta sequência, constatamos que, de um modo geral, as equipes apresentaram um Ótimo desempenho. Elas demonstraram domínio das características do gênero Seminário, planejando, organizando e estruturando seus trabalhos conforme as recomendações sobre a organização global de uma exposição, de Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004). Usaram ferramentas tecnológicas e aplicativos que contribuíram para a redução de erros gramaticais e ortográficos. No entanto, em termos de coesão, o uso dessas ferramentas não contribuiu para a coesão global do texto, evidenciando a importância de reforçar que, como afirmam os PCNs (Brasil, 1998), o uso dessas ferramentas não isenta da responsabilidade pela revisão da produção escrita. Além disso, é necessário continuar reforçando o trabalho com os elementos de progressão sequencial para aprimorar a produção escrita. Por fim, algumas habilidades específicas da Comunicação Multimodal ainda precisam ser aprimoradas, principalmente o paraverbal e o gestual.

4.2.7. Análise da Sequência 6

A proposta de intervenção foi construída com base na perspectiva de Bruner (1973, apud SIPEC, 2017), que enfatiza a importância de uma Sequência de Atividades estruturada para promover uma aprendizagem gradativa. Essa progressão foi refletida nas oficinas anteriores, que serviram como suporte teórico e prático para a elaboração desta Sequência 6.

Intitulada “O Seminário e a Integração dos Eixos de LP”, a Sequência 6 teve duração de 5h40min e propôs uma avaliação integrada e articulada dos eixos Oralidade, Leitura, Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica, conferindo a todos o mesmo grau de relevância, a partir do gênero textual Seminário, no processo avaliativo de LP. Assim como nas sequências anteriores, seu desenvolvimento seguiu as etapas e o cronograma previamente detalhados na caracterização da proposta interventiva.

Iniciamos as aulas com a formação das equipes e, em seguida, promovemos uma discussão sobre a importância de compreender que o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa deve ocorrer de maneira integrada e articulada. Como afirma Antunes (2003), o ensino deve ser integrado, abordando todos os aspectos da

comunicação de forma interdependente, a fim de promover o desenvolvimento global do aluno. Seguindo essa perspectiva, a avaliação também deve ser contínua e reflexiva, como destaca Luckesi (2011), sendo uma prática que acompanha o aluno ao longo de seu processo evolutivo.

Para refletirmos, perguntamos aos alunos: “Com as atividades realizadas até o momento, vocês percebem que o ensino de LP precisa acontecer de maneira que os eixos estejam integrados?” As respostas foram unânimes: “Com as atividades, professora, deu para perceber melhor que uma coisa precisa da outra, assim, uma está junto da outra”, “Quando eu leio, sempre uso a voz mesmo que seja baixinho”, “Os textos são escritos para que a gente leia e entenda”. Nesse momento, aproveitamos as falas dos alunos para destacar que, ao ler, utilizamos habilidades diretamente relacionadas aos outros eixos. Explicamos que, para lermos, é necessário que algo esteja escrito; para escrevermos, é fundamental compreender como a língua funciona para que a mensagem seja clara; e, para falarmos, precisamos adquirir conhecimento sobre o que falar, seja por meio da leitura, da oralidade ou da escrita. Assim, um eixo complementa o outro, reforçando a proposta de ensino prevista nos documentos PCNs (Brasil, 1998) e BNCC (Brasil, 2018), que defendem um ensino integrado e articulado, por meio de uma avaliação formativa.

Uma outra questão para reflexão foi: “Se o ensino acontece integrado, vocês concordam que a avaliação deve seguir essa mesma perspectiva?” A resposta foi unânime: “Sim”. No entanto, os alunos complementaram: “Deve sim, professora, mas nem sempre acontece”, “É, as provas sempre vêm com questões de interpretação e gramática ou redação, esse ano é que está sendo diferente”, “Essa última avaliação que veio do CAED foi uma prova para leitura e outra de escrita”. Mais uma vez, intervimos, destacando que, em parte, eles tinham razão, pois ainda existiam avaliações de LP que abordavam os eixos desarticulados, mas que essa didática estava sendo modificada. Destacamos que, embora eles ainda não conseguissem perceber claramente a presença do eixo Análise Linguística/Semiótica no processo avaliativo, em articulação com os eixos Leitura e Escrita, especialmente quando o texto era utilizado como objeto, ele estava sendo abordado, como afirma Mendonça (2007), o foco da avaliação da análise linguística é a reflexão sobre o uso da língua. Por fim, com relação à avaliação citada, constatamos que ela contemplava os eixos Leitura, Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica, mas não incluía o eixo Oralidade no processo avaliativo. Esse é um aspecto que precisa ser revisto pelo

sistema educacional, uma vez que, conforme destacam Melo e Cavalcante (2007), a oralidade ainda não é plenamente compreendida como um objeto autônomo de ensino e avaliação.

Encerrado esse primeiro momento, exibimos o vídeo “Conscientização IGA29 – Inclusão” para introduzir o tema gerador do último Seminário, “Inclusão”, deixando espaço aberto para que os alunos compartilhassem suas impressões pessoais sobre o conteúdo apresentado.

Logo após, realizamos o sorteio dos subtemas entre as equipes, estabelecendo a seguinte ordem de apresentação:

- *Equipe 4: Inclusão Educacional;*
- *Equipe 3: Inclusão de Pessoas Com Deficiência;*
- *Equipe 2: Inclusão Socioeconômica;*
- *Equipe 5: Inclusão de Gênero;*
- *Equipe 1: Inclusão Digital.*

Concluimos as aulas com a exposição geral dos conteúdos relacionados aos subtemas e com a orientação para que as equipes se aprofundassem nas temáticas sorteadas.

Nas aulas do dia seguinte, com as equipes formadas, entregamos e realizamos a leitura compartilhada do texto “A importância da inclusão: Construa uma sociedade mais justa e acolhedora” (Anexo 7), traçando um paralelo com os subtemas selecionados. Em seguida, entregamos e discutimos os critérios avaliativos, abordando de forma integrada e articulada os eixos, que já eram conhecidos dos alunos, pois havíamos trabalhado de forma segmentada nas sequências anteriores. Finalizamos as aulas, solicitando que, na aula seguinte, trouxessem materiais selecionados sobre seus subtemas.

As quinta e sexta aulas programadas, após a formação das equipes, foram destinadas à realização de um feedback, reforçando a discussão sobre os critérios avaliativos previstos para esta sequência, fundamentada nos estudos de Beserra (2007), Melo e Cavalcante (2007), PCNs (Brasil, 1998) e BNCC (Brasil, 2018). Em seguida, propusemos a escrita da Introdução dos Seminários, com o objetivo de proporcionar um momento de refacção, processo previsto nos PCNs (Brasil, 2018),

por equipes. Dessa forma, os alunos puderam perceber que, no processo de escrita, para que a língua funcione adequadamente, é fundamental passar pelas etapas de escrita, revisão e reescrita, a fim de assegurar a qualidade e a clareza do conteúdo. Paralelamente, em momentos oportunos, reforçamos a importância de revisarem todo material trabalhado, considerarem os feedbacks recebidos, realizarem ensaios para otimizar o tempo e elaborarem o material necessário para a apresentação prevista para as últimas aulas da semana seguinte, pois o foco desta Sequência 6 estava na avaliação dos eixos articulados e integrados, em conformidade com as características do gênero textual Seminário.

Na semana seguinte, com as equipes formadas, os alunos realizaram suas apresentações orais e entregaram o material escrito. Após as apresentações, realizamos o feedback e encerramos as atividades do dia.

Com base nas informações coletadas, avaliamos os Seminários de cada equipe, seguindo a ordem das apresentações e considerando os critérios previamente estabelecidos para esta última sequência de atividades.

A primeira equipe a apresentar seu seminário foi a Equipe 4, que desenvolveu o subtema “Inclusão Educacional”, conforme a orientação de abordar estratégias e práticas para promover a inclusão de estudantes com necessidades especiais e diferentes origens culturais nas escolas, como observamos na Figura 21.

Figura 21: Inclusão Educacional

Introdução	Desenvolvimento	Conclusão
A inclusão educacional é um tema que tem ganhado destaque nas últimas décadas, impulsionado por movimentos sociais, legislações nacionais e internacionais que reconhecem a educação como um direito humano fundamental. O princípio da inclusão vai além de apenas garantir o acesso físico à escola, abrangendo também a permanência e o sucesso escolar de todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais ou culturais. Esse processo busca transformar o ambiente escolar em um espaço democrático, que respeite as diferenças, promova a igualdade de oportunidades e ofereça suporte adequado para atender às necessidades educacionais de cada estudante. No Brasil, a inclusão educacional tem sido norteador por políticas públicas como a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que estabelecem diretrizes para a adaptação das instituições de ensino e a formação de profissionais capacitados. No entanto, apesar dos avanços legais e sociais, a inclusão ainda enfrenta desafios significativos, como a falta de infraestrutura adequada, a carência de formação específica para educadores e a resistência cultural de parte da comunidade escolar. Este trabalho tem como objetivo explorar a importância da inclusão educacional, os benefícios para a formação dos alunos, os desafios enfrentados pelas escolas, e as estratégias que podem ser adotadas para tornar o ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor.	A inclusão educacional é fundamental para garantir que todos os indivíduos tenham acesso a uma educação de qualidade, independentemente de suas características físicas, cognitivas ou sociais. Ela vai além da simples inserção de alunos com deficiência nas escolas, exigindo a criação de ambientes que promovam a equidade, respeitando as diferenças e proporcionando oportunidades de aprendizado para todos. Entre os principais desafios estão as barreiras físicas, como a falta de acessibilidade nas escolas, e as pedagógicas, quando o currículo e as práticas de ensino não são adaptados às necessidades específicas dos alunos. Nesse sentido, é essencial que os professores sejam capacitados para utilizar metodologias inclusivas, que valorizem as potencialidades de cada estudante e promovam a convivência e a cooperação entre todos. A parceria entre escola, família e comunidade também desempenha um papel crucial, pois contribui para o desenvolvimento integral dos alunos e para a criação de uma cultura de respeito e valorização da diversidade. Além disso, o investimento em políticas públicas que garantam infraestrutura adequada, materiais didáticos adaptados e professores de apoio é indispensável para a efetivação da inclusão. Portanto, a inclusão educacional é um processo que exige esforços conjuntos para transformar a escola em um espaço democrático e acessível, onde todos os estudantes possam aprender, se desenvolver e participar ativamente da sociedade.	A inclusão escolar é um conceito que está relacionado com o acesso e permanência dos cidadãos nas escolas. O principal objetivo é tornar a educação mais inclusiva e acessível a todos, respeitando suas diferenças, particularidades e especificidades. Nesse caso, deficiências físicas ou motoras, altas habilidades, déficits cognitivos, autismo e outras condições sociais, emocionais e psíquicas devem ser levadas em consideração. Fonte: www.todamateria.com.br

Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

A Figura 27 mostrou um bom desempenho da equipe na utilização dos elementos característicos do gênero proposto, apresentando um trabalho organizado e estruturado, com Capa, Introdução, Desenvolvimento e Conclusão. No entanto, a ausência do Sumário comprometeu a organização global da apresentação oral, uma vez que, no momento da exposição, ele se configura como a apresentação do plano de exposição, conforme Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004). A estruturação clara e a progressão temática são fundamentais para a coerência comunicativa. Além disso, a falta das Referências Bibliográficas afetou a credibilidade das informações, já que elas fortalecem os argumentos e ampliam a legitimidade do discurso. As informações presentes foram relevantes, como benefícios, desafios e algumas estratégias para a Inclusão Educacional, evidenciando a compreensão da temática. Contudo, a abordagem das informações permaneceu superficial, sem profundidade na pesquisa.

A equipe elaborou materiais de suporte para a apresentação oral, incluindo slides e um folder (Figura 22) para interação com o público. No entanto, a falta de um roteiro claro e estruturado nos slides, reflexo da ausência do Sumário, pode ter interferido na compreensão do público.

Figura 28: Slide Inclusão Escolar



Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

A partir desse material, a equipe realizou a apresentação oral, respeitando a tomada de turno e utilizando uma linguagem predominantemente formal, tanto no material escrito produzido quanto na apresentação oral, o que é esperado para esse tipo de evento. No material escrito, essa formalidade foi mantida devido ao processo de escrita, além do uso de ferramentas digitais que favoreceram a adequação à norma culta. Na oralidade, o seminário também exige uma linguagem formal, pois, conforme Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004), trata-se de um gênero textual público. Esse aspecto foi mantido principalmente porque a equipe optou por animar as palavras por meio da leitura do conteúdo, utilizando devidamente os recursos suprasegmentais e adotando atitudes corporais adequadas, o que demonstrou planejamento na execução da apresentação.

Contudo, essa formalidade foi rompida quando os integrantes recorreram à fala espontânea para interpretar o conteúdo ou as imagens apresentadas, como exemplifica o seguinte fragmento, expresso por um dos membros da equipe durante sua exposição:

“A Inclusão Educacional é... uma prática recente que busca incluir é... pessoas com deficiência é... tentam incluir as pessoas com deficiência que passam a ter acesso ao que todos temos. Então... é... cada experiência que a escola é... recebe é... em ter uma criança deficiente, com com mentalidade ou autista é... ela pode ter a mesma experiência com todos, isso ajuda tanto ao aluno quanto na escola.”

Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

Ao optarem pela fala espontânea, tanto a clareza quanto a objetividade foram comprometidas, evidenciando, segundo Melo e Cavalcante (2007), a importância do desenvolvimento de práticas orais formais no ambiente escolar. Isso ocorreu devido ao uso excessivo de marcadores conversacionais como pausas preenchidas, que prejudicaram a fluidez do discurso, sugeriram hesitação, falta de planejamento prévio e insegurança na exposição. Além disso, embora o termo “Então...” tenha sido utilizado para marcar uma tentativa de continuidade do discurso, a presença de repetições, reformulações e trechos truncados dificultaram a compreensão da mensagem.

Analisando os critérios da Coerência e Coesão Textuais, do Seminário, evidenciamos que as ideias foram apresentadas de forma clara e seguiram uma sequência lógica, contribuindo para o desenvolvimento progressivo do tema. As informações foram conectadas por elementos coesivos, tanto simples quanto

complexos, como ‘e’, ‘para’, ‘No entanto’, ‘O princípio da inclusão’, ‘Este trabalho’, ‘Ela’, ‘que’, ‘Portanto’, ‘Nesse caso’, que estabeleceram a articulação entre as frases e parágrafos, enriquecendo a coesão global do texto e garantindo sua fluidez.

Sob a perspectiva dos Recursos do Padrão Escrito, Regularidades Linguísticas e Ortográficas, percebemos um desempenho Excelente da equipe. A produção apresentou uma organização clara, com paragrafação bem definida, pontuação funcional e adequada, domínio da concordância e regência, além de uma escrita correta, exceto por dois deslizos nos slides 4 e 6, onde a equipe não revisou e utilizou letra minúscula em ‘inclusão’ e ‘obrigado’, quando deveriam estar maiúsculas, já que estavam iniciando parágrafo e frase, respectivamente. Esse desempenho positivo pareceu estar relacionado ao uso de ferramentas digitais que auxiliaram no processo de escrita. No entanto, os deslizos ortográficos observados remeteram aos PCNs (Brasil, 1998), que destacam que o uso dessas ferramentas não isenta a necessidade de revisão textual.

Ao analisarmos a Utilização das marcas de segmentação, constatamos que a equipe empregou apenas a segmentação macroestrutural (Introdução, Desenvolvimento e Conclusão), na produção escrita. Por outro lado, no material elaborado para a exposição oral, nos slides, as marcas de segmentação não foram utilizadas, o que pode ter dificultado a compreensão do encadeamento das informações, tornando a apresentação menos fluida e coesa.

A utilização de imagens ficou restrita aos slides, sendo adequadas e relevantes ao tema proposto, estabelecendo uma ligação com o conteúdo textual e reforçando visualmente a mensagem, porém não apresentaram a indicação da referência pesquisada, essencial em um trabalho acadêmico. As fontes escolhidas foram legíveis, mas o excesso de texto em alguns slides comprometeu a leitura e a dinamicidade da apresentação, exceto o slide 5 que apresentou uma abordagem diferente, sendo entregue ao público para iniciar a interação, que pôde expressar sua opinião sobre o tema e a pergunta contida no folder.

A equipe demonstrou um Bom desempenho na Comunicação Multimodal, integrando, conforme Gomes-Santos (2012), diferentes semioses e combinando recursos visuais e textuais tanto na produção escrita quanto durante a apresentação oral. Isso se evidenciou nas interpretações das imagens, nas atitudes corporais adotadas e na busca de interação com o público, seja por meio de perguntas realizadas pela equipe ou pela abertura para que o público as fizesse.

A segunda equipe avaliada, a Equipe 3, apresentou o subtema “Inclusão de Pessoas com Deficiência”, abordando a acessibilidade física e atitudinal, e inclusão de pessoas com deficiências em diferentes aspectos da vida social. A equipe demonstrou domínio das características do gênero, estruturando tanto a produção escrita quanto a exposição oral com os elementos essenciais: Introdução, Desenvolvimento, Considerações Finais e as Referências Bibliográficas. O material de suporte incluiu o roteiro, suprimindo a ausência desse elemento na produção escrita, garantindo a Organização Global da Apresentação Oral. Além disso, o trabalho foi intitulado ‘Inclusão: Diferentes Aspectos de Vida Social e Acessibilidade Inclusiva’, sintetizando de forma autoral e criativa a ideia central do tema. Esse aspecto diferenciou a equipe das demais, que mantiveram os subtemas como títulos de seus Seminários. Conforme Koch (2021), o título exerce uma função prospectiva de contextualização, orientando a leitura e antecipando informações essenciais sobre o conteúdo abordado. Essas características podem ser observadas na figura abaixo, composta por fragmentos do suporte elaborado para a exposição oral da equipe.

Figura 23: Domínio das características do gênero



Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

A estrutura do material de suporte evidenciou a preocupação da equipe em organizar o trabalho de forma coerente, apresentando informações relevantes e diversificadas. Isso demonstrou a compreensão da leitura realizada e a profundidade da pesquisa, bem como o compromisso em trazer novas informações sobre a diversidade de acessibilidades para o público. A equipe, ainda, incluiu exemplos com casos reais e uma reportagem denunciando situações enfrentadas por pessoas com deficiência no transporte público, enriquecendo e dando credibilidade às informações apresentadas.

A linguagem predominante foi a formal, tanto na escrita quanto na apresentação oral. A formalidade na apresentação oral foi sustentada pela escolha da apresentação por meio da memorização parcial com apoio de suporte e leitura oral, o que favoreceu a clareza e a objetividade das informações, estas organizadas de forma lógica e coesa. Observamos que a utilização de recursos suprasegmentais e atitudes corporais foram adequadas, buscando deixar a apresentação mais dinâmica e manter a atenção do público. No entanto, ao apresentarem os casos para exemplificar o conteúdo, recorreram à linguagem informal, como podemos observar no fragmento transcrito a seguir:

*“Agora eu vou falar sobre o caso da Natália. Bom, a Natália é uma advogada de 30 anos. É...
Ela tem (pausa) problemas no cérebro e não consegue andar.
Aqui ela estava com uma cadeira elétrica e ela tinha ido a uma uma amostra de arquitetura.
Quando ela estava em um dos andares, ela (pausa) ela estava olhando. aí
Quando ela foi subir no elevador, o elevador estava com pouca energia e não conseguiu subir.
Aí ela perguntou para as pessoas que trabalhavam lá como ela podia acessar os próximos andares.
Aí os agentes falaram que ela só podia acessar mais um andar e era pelo elevador de cargas.
Aí ela ficou com raiva e foi reclamar por falta de acessibilidade.”*

Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

O fragmento evidenciou uma situação característica da oralidade espontânea, na qual se apresenta um relato real com linguagem acessível, compreensível e menos formal. Inicialmente, o orador utilizou os marcadores conversacionais ‘Agora’, marcando a tomada de turno – já que outro membro havia acabado de apresentar um caso – e a transição de assunto, e ‘Bom’, para introduzir a fala e chamar a atenção do público. Em seguida, pausas e repetições indicam hesitação, comprometendo a fluidez do discurso, destacando-se a repetição do termo ‘aí’, que funciona como um

marcador de continuidade, típico da oralidade informal, indicando a sequência dos fatos. Essa situação evidencia a necessidade de trabalhar com gêneros públicos formais, conforme Melo e Cavalcante (2007), pois é fundamental que o aluno saiba se adequar ao contexto, diferenciando quando utilizar uma fala mais informal ou formal.

Na escrita, uma linguagem menos formal aparece nas “Considerações Finais” como podemos verificar na transcrição do material a seguir.

Considerações Finais: "Como exposto anteriormente, as acessibilidades, muitas vezes são vistas como coisas fáceis e acessíveis porém, muitos lugares não tem um acesso disponível, um exemplo seria nossa escola que não tem uma funcionalidade para pessoas com problemas visuais. Pelo o que vemos, é raro lugares ou escolas com uma boa funcionalidade, para pessoas cegas e pessoas com certas deficiências. Pelo menos em Esperança, não temos escolas que possam ter uma boa acessibilidade instrumental."

Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

O texto produzido para compor as Considerações Finais perdeu a formalidade devido a inconsistências em sua construção. Embora essa seção permita uma exposição mais pessoal sobre o conteúdo, segundo Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004), é essencial que a linguagem formal seja mantida, uma vez que se trata de um texto acadêmico. Por mais que as informações apresentem coerência, as ideias poderiam ser melhor organizadas e estruturadas em parágrafos específicos, com a pontuação adequada, a fim de facilitar a compreensão da mensagem. Além disso, o texto apresentou irregularidades linguísticas, como erros de concordância (Muitos lugares não tem), regência (Pelo o que vemos) e, conseqüentemente, erros ortográficos.

Em relação à coesão textual, há elementos que conectam esta seção ao restante da produção escrita, como ‘Como exposto anteriormente’. Já, em sua estrutura interna, o uso de conectores como ‘muitas vezes’, ‘e’, ‘porém’, ‘pelo menos’, ‘que’, ‘para’, ajudaram na continuidade das ideias, mas a equipe poderia ter utilizado outros conectores que possibilitassem manter a formalidade esperada para este tipo de trabalho. Esses aspectos, relacionados às questões linguísticas, evidenciam, segundo Antunes (2003), a necessidade de seguir as etapas do processo de produção textual, bem como o trabalho com os procedimentos de refacção previstos pelos PCNs (Brasil, 1998).

Ao avaliar a coesão textual com foco na coesão geral do texto, verificamos que, embora a equipe tenha utilizado elementos que conectassem a Introdução, o

Desenvolvimento e as Considerações Finais, essa prática não foi aplicada na seção do Desenvolvimento, como podemos observar na Figura 24.

Figura 24: Coesão na seção Desenvolvimento

Acessibilidades 1- Acedibilidade atitudinal A acessibilidade atitudinal depende da sensibilização e conscientização das pessoas e da convivência em um ambiente inclusivo de diversidade humana. Em geral, é nas situações do cotidiano que temos oportunidade de aprender como agir de forma a diminuir as barreiras e obstáculos de pessoas com deficiência. Devido às dificuldades de acesso das pessoas com deficiência aos ambientes de trabalho, estudo, lazer e espaços da cidade em geral, a maioria da população tem pouco convívio com suas realidades e necessidades. Quantas pessoas com deficiência você conhece no ambiente de trabalho ou estudo? Quem são artistas ou profissionais que você admira e que são PcD? Como abordar uma pessoa em cadeira de rodas que precisa passar por um pequeno degrau? Como abordar uma pessoa cega que precisa pegar ônibus para chegar a uma audiência em um fórum? A forma mais adequada e respeitosa de agir, especialmente quando não sabemos o que fazer, é dirigir-se diretamente à pessoa com deficiência e perguntar. Além de proporcionar a oportunidade de conhecê-la para além de estereótipos e estigmas, evita constrangimentos e acidentes. Ter uma atitude que promova acessibilidade está ao alcance de todas as pessoas! 2- Acessibilidade Metodológica A Acessibilidade Metodológica é a inexistência de barreiras nos métodos, teorias e técnicas de ensino-aprendizagem, de trabalho, de ação comunitária. A UNIPAM, com vistas a eliminar as barreiras pedagógicas, promove a inclusão por meio de um processo de ensino-aprendizagem que envolve, a diversificação de métodos e de técnicas de ensino, a flexibilização do tempo e a utilização de recursos para viabilizar a formação de estudantes com deficiência. A instituição conta com o Núcleo de Apoio Psicopedagógico (NAP), que interage diretamente com os órgãos do UNIPAM para viabilizar as ações necessárias para o atendimento especializado aos estudantes, além de ações que garantam a inclusão e a acessibilidade arquitetônica, atitudinal, comunicacional e social, etc. 5- Acedibilidade em transportes Acessibilidade em transporte é um conceito que visa garantir que todas as pessoas possam se deslocar com segurança e autonomia, independentemente de suas condições físicas ou cognitivas. Para isso, é necessário eliminar barreiras arquitetônicas, adaptar veículos e implementar serviços que atendam às necessidades de todos os usuários. A acessibilidade é um direito humano e um aspecto fundamental para a construção de cidades mais justas e acessíveis. No Brasil, a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) estabelece diretrizes para promover a acessibilidade em todos os ambientes, incluindo o transporte. Algumas das determinações da legislação brasileira são: A. Garantir o direito ao transporte e a mobilidade sem barreiras ao seu acesso. B. Informar gratuitamente e de forma acessível os usuários do transporte coletivo sobre itinerários, horários, entre outros. C. Obrigar as empresas de transporte de fretamento e de turismo a cumprirem determinadas normas na renovação de suas frotas. D. Obrigar as frotas de empresas de táxi a reservar 10% de seus veículos acessíveis à pessoa com deficiência. E. Proibir a cobrança diferenciada de tarifas ou de valores adicionais pelo serviço de táxi prestado à pessoa com deficiência. Alguns exemplos de equipamentos acessíveis para ônibus são: F. Plataforma para embarque e desembarque em nível com o veículo. G. Plataforma elevatória instalada no veículo. H. Rampa (com acionamento motorizado ou manual) em veículo de piso baixo. Casos 1- Caso de Nathalia Blagevitch Nathalia Blagevitch chamou a polícia após ter sido ofendida por funcionária. Exposição tem sete andares, e elevador não estava funcionando. Casacor informou que "repudia qualquer ato discriminatório" e que "em nenhum momento a visitante foi expulsa do local". A advogada Nathalia Blagevitch, de 30 anos, disse que foi expulsa da mostra de arquitetura e decoração da Casacor em São Paulo, após reclamar da falta de acessibilidade do local e pedir seu dinheiro de volta. Nathalia tem paralisia cerebral e	estava em uma cadeira de rodas motorizada. Nathalia foi à mostra, localizada em um anexo do Allianz Parque, na Zona Oeste de São Paulo, na tarde deste sábado (23). Ela e uma acompanhante haviam comprado o ingresso pela internet - R\$ 50 cada um. Após ver a exposição do primeiro andar, Nathalia perguntou como poderia acessar os próximos, já que a mostra ia até o sétimo andar do edifício. A organização do evento respondeu que, por um problema de energia, o elevador principal não estava funcionando, e que ela poderia usar o elevador de carga para acessar apenas mais um andar. Sem poder ver nem um terço da exposição, a advogada chegou a perguntar se alguém poderia carregá-la para acessar os outros andares. Essa opção foi negada. A advogada pediu, então, seu dinheiro de volta, o que não foi autorizado. A advogada registrou um B.O. online e disse que, nesta segunda-feira (24), irá à Delegacia de Polícia da Pessoa com Deficiência, no Centro da capital, para reforçar a denúncia. 2- Caso do Arthur Felipe Mãe de criança com autismo denuncia ter sido impedida de matricular filho em escola. "Nem me deixou entrar". A mãe de uma criança com autismo denunciou ter sido impedida de matricular o filho em uma escola particular em Jaboatão dos Guararapes, no Grande Recife. Segundo a promotora de vendas Nice Barros, o Colégio Bom Jesus Candeias permitiu que o menino, de 4 anos, participasse de uma aula experimental na terça-feira (24), mas, na quarta-feira (25), a gestora da escola negou a matrícula dele. A transferência de escola, aguardada por mais de um ano, aconteceria nesta penúltima semana de agosto. O Colégio Bom Jesus Candeias foi escolhido após indicações de pessoas que, segundo a mãe do garoto, conheciam outras pessoas com deficiência que frequentam a instituição de ensino. "Me indicaram essa escola porque me disseram que lá havia outras crianças com autismo. Eu percebi que elas são um pouco mais funcionais que meu filho [...] mas nada que seja o absurdo que ela [gestora da escola] falou para mim: 'Fui lá, conversei, ela falou para eu levar ele, fazer uma experiência, porque ele já estava há mais de um ano sem ir à escola, então, com certeza, estava bem atrasadinho', mas isso não impedia que eu pudesse levar ele", contou a mãe de Arthur ao G1. A gestora da escola foi identificada como Taciara Araújo. Segundo Nice Barros, a diretora e a professora que conduziu a aula experimental foram solicitadas na terça-feira (24), dia em que mãe e filho passaram a tarde na escola. 3- Discriminação contra deficiente em ônibus Um caso de discriminação contra um passageiro de ônibus que tinha carteira de deficiente físico, que concede gratuidade nos transportes públicos e preferência em assentos preferenciais, foi parar na justiça no Estado de Goiás. As imagens do momento em que Claudio foi retirado a força do veículo pelo motorista e um fiscal foram registradas na câmera de segurança do ônibus. Além dele, um outro homem idoso, que também possui direito à gratuidade e assentos preferenciais, também estava presente no momento, mas não teve seus direitos questionados. Claudio voltava para casa em um domingo e pegou o ônibus como de costume. O caso foi parar na polícia. A vítima disse que apresentou a carteira de passe livre, mas não convenceu o motorista e o fiscal. Claudio nunca conseguiu resposta da empresa que opera a linha de ônibus para saber o que houve. O melhor residencial azul não. "O motorista não quis que eu ficasse sentado ali. Ele ficou incomodado. Ele ficou meio criticando. Eu liguei para o COFOM, a Polícia Militar já anunciando o que estava acontecendo dentro desse ônibus fiscal não satisfeito com o que ele estava falando, só falando, pegou e me jogou pra fora do ônibus. O fiscal não satisfeito com o que estava falando, me jogou para fora do ônibus", relatou Claudio.

Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

A imagem apresentada foi um recorte da seção Desenvolvimento do material escrito. A partir da avaliação, evidenciamos que, embora haja coesão interna em cada subseção, essa coesão não se mantém entre as partes que a compõem. Dessa forma, a seção acabou sendo estruturada por blocos conectados pelas ideias, mas

desconectados na organização textual, podendo ser observado no início da seção, com o uso do termo 'Acessibilidades' seguido por uma sequência com cinco tipos de acessibilidade, limitando-se à explicação de cada um. A mesma dinâmica foi mantida ao apresentar os 'Casos', sem estabelecer uma progressão sequencial que conectasse as informações anteriores e entre elas, conforme destaca Koch (2021), que defende a importância de uma estrutura que permita a continuidade lógica.

Além da Figura 24 possibilitar que avaliássemos a coesão, tanto ela quanto a Figura 23 nos possibilitaram analisar a utilização de marcas de segmentação, de recursos gráficos e fontes. Com isso, podemos considerar que todo material produzido apresentou uma segmentação clara e objetiva, com títulos e subtítulos marcados em negrito que facilitaram a identificação das informações, além da utilização de fontes legíveis.

A utilização de imagens estava presente apenas no suporte para a apresentação oral. São imagens relevantes que reforçaram o conteúdo apresentado e auxiliaram na compreensão dos textos que as acompanharam, estabelecendo uma relação funcional entre texto-imagem. No entanto, algumas imagens não trouxeram informações adicionais relevantes, o que auxiliaria na leitura e interpretação do público. Segundo Gomes-Santos, o não verbal e o verbal se complementam para construir o significado completo da mensagem. Embora essas imagens tenham sido fornecidas durante a apresentação oral, por meio da interação orador e recursos visuais, elas deveriam estar presentes no material escrito, a fim de garantir a interpretação adequada pelos leitores e reforçar a credibilidade do trabalho.

Para concluir a avaliação dessa equipe, que apresentou um 'Bom' desempenho no contexto geral, também conseguiu manter esse desempenho no critério Comunicação Multimodal. A equipe utilizou diferentes modos de comunicação, como a produção escrita, a elaboração dos slides, a utilização e interpretação de vídeo e imagens, além de demonstrar desenvoltura na comunicação oral durante a exposição oral e ao responder adequadamente as perguntas, complementando com uma postura corporal de acordo com o contexto, mantendo a atenção do público.

A terceira equipe a apresentar o seminário foi a Equipe 2, com o subtema "Inclusão Socioeconômica", discutindo o combate às desigualdades e as formas de promoção da equidade. A equipe demonstrou domínio das características do gênero, estruturando o material conforme as exigências formais: Capa, Sumário, Introdução, Desenvolvimento, Considerações Finais e as Referências Bibliográficas, tanto na

produção escrita entregue quanto no suporte (slides), refletindo planejamento e garantindo a organização global e coesão da exposição oral. Podemos acrescentar, ainda, que a leitura e interpretação realizadas para elaboração do material foram coerentes com a proposta do subtema, evidenciadas nas informações apresentadas e na profundidade da pesquisa, por meio do uso de citações, conceitos, dados estatísticos e gráficos, expressos em um vocabulário adequado e na linguagem formal clara e objetiva exigida pelo gênero, o que reforça a qualidade do material.

Ao analisarmos a linguagem formal, percebemos que ela predominou também na exposição oral por meio da leitura, porém durante a fala espontânea, na interação com o público quanto na abordagem do conteúdo apresentado nos slides, a formalidade cedeu espaço para uma linguagem informal, evidenciando, a afirmação dos PCNs (Brasil, 1998), que destacam que a escola deve proporcionar o acesso ao uso da língua formal, capacitando o aluno a se adequar aos diferentes contextos comunicativos. Vale destacar que a equipe buscou interagir em vários momentos da apresentação, utilizando perguntas para iniciar as falas ou para enfatizar informações que consideravam importantes. Essa estratégia evidenciou o domínio ao respeito da tomada de turno, tanto entre os membros da equipe quanto entre o expositor e o público, além da mudança de entonação, como podemos observar na cena transcrita a seguir:

Figura 25: Cena de exposição

Expositor: E para vocês,



Aluno X: É no trabalho, quando envolve um ambiente de trabalho?

Expositor: (PAUSA) Alguém mais? Apresenta o slide com o conceito:

Inclusão socioeconômica é o processo de eliminar a exclusão social e as desigualdades, além de promover o acesso a recursos econômicos. O resultado do sucesso dessas ações é considerado inclusão socioeconômica.

Em seguida apresenta um exemplo com a fala espontânea:

Expositor: Então, Inclusão Socioeconômica. Existe projeto que empresas, não obrigatoriamente, incluam pessoas como mulheres, deficientes, LGBTs e idosos em mercado de trabalho e assim a lei promove a essas pessoas, essas classes, tenham acesso a recursos econômicos e financeiros.

Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

Como foi possível observar na cena transcrita na Figura 25, o expositor iniciou sua fala buscando interagir com o público, ao perguntar ‘E para vocês’ e apresentou a questão no slide. Ele ouviu o público e utilizou a expressão ‘Alguém mais’ para encorajar a participação de mais pessoas no processo, expôs o conceito e seguiu com um exemplo espontâneo de inclusão socioeconômica, utilizando outro marcador

conversacional ‘Então’ e uma linguagem acessível. Contudo, a presença de trechos mal estruturados, como ‘projeto que empresas, não obrigatoriamente, incluíam pessoas’, dificultou a clareza na compreensão do público e marcou a quebra na formalidade. Essa situação esteve diretamente ligada aos critérios de coesão e coerência textuais e remeteu à reflexão de Antunes (2003), que defendeu um trabalho com a oralidade orientada para a variedade de tipos e de gêneros de discursos orais e para a coerência global. Nessa cena, também foi possível perceber o uso de recursos suprasegmentais, como a pausa, que ajudou no processo de interação, a mudança da entonação no momento da apresentação do exemplo de forma espontânea e a ênfase quando citou os envolvidos no processo de inclusão socioeconômica: ‘mulheres, deficientes, LGBTQTs e idosos’.

Ao avaliarmos a produção escrita nos critérios de Coesão e Coerência, percebemos a necessidade de adequações e melhorias para aperfeiçoar a escrita, como foi possível observar na Figura 26.

Figura 26: Coesão e Coerência na Produção Escrita.



Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

A Figura 26 foi um fragmento da produção escrita da Equipe 2, composta por 16 laudas. O material escrito não apresentou problemas relacionados a regularidades linguísticas, ortográficas ou ao uso de recursos do padrão escrito, possivelmente devido ao apoio de ferramentas tecnológicas. A equipe organizou a produção de forma coerente e estruturada, seguindo uma sequência lógica das informações, apresentando o conteúdo de maneira clara e compreensível, com a utilização de títulos, subtítulos, citações, negrito, fontes legíveis e gráficos para a sustentação dos argumentos, o que enriqueceu e tornou a produção escrita mais atrativa e fluida para a leitura.

Em relação à coesão textual, observamos uma clara tentativa de estabelecer conexões entre as informações apresentadas, tanto na macroestrutura – composta por Introdução, Desenvolvimento e Considerações Finais – quanto na microestrutura de cada seção elaborada, como destacou Koch (2021), que ressaltou a importância da articulação fluida das ideias para garantir a clareza do texto.

Na macroestrutura, a Introdução apresentou o tema por meio de conceitos e termos que foram retomados e expandidos no Desenvolvimento. Já as Considerações Finais retomaram o Desenvolvimento com a expressão ‘Como foi mencionado’, além de repetirem termos recorrentes ao longo do trabalho, como ‘inclusão socioeconômica’, ‘pessoas com deficiência’, ‘mulheres’, ‘idosos’ e ‘comunidade LGBTQIA+’, e utilizarem elementos coesivos como ‘Apesar de’, ‘e’, ‘mas’ e ‘Só assim’, para articulação lógica e continuidade entre as ideias. No entanto, na microestrutura, embora houvesse a presença de conectores e termos referenciais, seria necessária uma melhor abordagem, com maior variação dos elementos coesivos para evitar repetições. Além disso, como o corpo do texto foi organizado por temas, as seções precisariam de frases de transição que articulassem melhor os conteúdos, garantindo a unidade textual.

Ao analisarmos as imagens utilizadas, evidenciamos que a equipe optou por apresentar gráficos para comprovar as informações expostas. Durante a apresentação, os expositores fizeram a leitura dos gráficos, interagiram com o público e estabeleceram uma relação adequada entre o texto escrito e a imagem exibida. Outrossim, demonstraram segurança e credibilidade por meio da postura corporal e do contato visual com o público. Essa postura foi mantida mesmo durante a participação do público, por meio das perguntas realizadas e pela segurança nas respostas dadas.

Por fim, constatamos que a equipe fez uso eficaz da comunicação multimodal, integrando recursos da escrita, do visual e semióticos, conforme apresentados por Gomes-Santos (2012), o que tornou a exposição mais dinâmica, acessível e compreensível.

A penúltima equipe a apresentar o seminário, a Equipe 5, abordou o subtema “Inclusão de Gênero”, explorando os tópicos Igualdade de Gênero e Empoderamento das mulheres e da Comunidade LGBTQIA+. O trabalho destacou-se pela estrutura bem organizada e coerente, atendendo às exigências do gênero, e foi enriquecido com um suporte composto por entrevistas com três professores da escola (Ensino Religioso, Ciências e História), que contribuíram com suas perspectivas sobre o tópico, além de cartazes, como foi mostrado na figura seguinte.

Figura 27: Entrevistas e Cartazes



Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

A Figura 27 apresentou o material de suporte elaborado pela Equipe 5 para o seminário. Nas entrevistas, observamos uma organização que garantiu a participação de todos os membros, evidenciando o grau de planejamento da equipe, o que esteve diretamente relacionado aos Aspectos Extralinguísticos, conforme citado por Melo e Cavalcante (2007). Nos cartazes, a equipe destacou o tema “Inclusão de Gênero” e, por meio de imagens representativas, permitiu que o público, a partir da leitura do não verbal, inferisse os tópicos a serem abordados. Em seguida, os demais cartazes

No entanto, em relação à tipografia e ao gráfico utilizados, notamos que a equipe ainda demonstrou certa dificuldade, evidenciada pelo tamanho da letra, do gráfico e pelo excesso de texto verbal. Porém, essa limitação foi compensada durante a exposição oral, por meio da interpretação e da integração do texto escrito com a apresentação oral.

Figura 28: Linguagem e Estrutura da Produção Escrita

Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

Na Figura 28, observamos a segmentação da produção escrita bem demarcada por meio dos títulos, do uso adequado de fontes e negrito, além de uma organização coerente, que condisse com um trabalho acadêmico, mas que precisou de ajustes relacionados aos aspectos do padrão escrito, como paragrafação e pontuação, bem como na formatação, cuja dificuldade pôde estar relacionada ao uso da ferramenta tecnológica utilizada, o celular.

Outro critério observado nessa figura foi a coesão textual, presente de forma adequada na macroestrutura do texto, garantindo a conexão entre Introdução, Desenvolvimento e Considerações Finais. No entanto, essa conexão não se manteve entre os tópicos que compuseram o Desenvolvimento, pois, embora estivessem relacionados ao tema central, apresentaram-se desconectados entre si. Além disso, na estrutura interna de cada tópico, identificamos a ausência e inadequações de elementos coesivos, a exemplo de excesso no emprego de pronomes, repetições de palavras e expressões, resultando em problemas de concordância e erros ortográficos — aspectos que, conforme Koch (2021), foram fundamentais para garantir a fluidez e a consistência do texto.

Na exposição oral, a linguagem formal predominou na apresentação, tanto na fala espontânea quanto na leitura do material de suporte, caracterizando-se pela clareza, objetividade, coesão e coerência, conforme observado no fragmento transcrito que segue.

Fragmento: “O empoderamento feminino não se limita somente ao âmbito individual, mas também ele impulsiona mudanças estruturais que beneficiam toda a sociedade. Ele ajuda a fortalecer economias, reduzir a pobreza e também (pausa) ele garante que mulheres tenham voz e representação tanto na esfera pública quanto na privada.

Concluindo (Pausa) criar políticas e iniciativas que visam promover o empoderamento feminino é essencial para criarmos um mundo mais justo e inclusivo para todos.

Agora é... aqui tem quatro exemplos de mulheres empoderadas e eu vou contar um pouco sobre elas para vocês”.

Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

Neste fragmento, o expositor manteve entonação e ritmo fluidos e adequados, utilizou pausas estratégicas para marcar transições e dar ênfase. Apresentou duas repetições simples que contribuíram para a organização do discurso e o reforço da ideia principal, sem prejudicarem significativamente sua fluidez. Utilizou os marcadores conversacionais ‘Concluindo’ e ‘Agora’, sinalizando a continuidade e a progressão do discurso, conforme Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004). No último

parágrafo, foi evidenciada uma mudança do registro formal para um tom mais próximo do público, direcionando sua atenção para o cartaz, próximo foco da apresentação, o que destacou a multimodalidade da comunicação, como também abordado por Gomes-Santos (2012). Essa estratégia de articular teoria, exibição de entrevista e apresentação do cartaz dinamizou ainda mais a exposição oral, permitindo à equipe demonstrar controle sobre o conteúdo, planejamento na tomada de turnos e uma comunicação multimodal eficaz, integrando diferentes recursos e garantindo uma apresentação envolvente e acessível ao público.

A última equipe, Equipe 1, desenvolveu o Seminário sobre “Inclusão Digital”, abordando a promoção de igualdade, diversidade e participação ativa na sociedade. O trabalho apresentou uma estrutura organizada, coesa e coerente com o tema proposto, trouxe informações relevantes e imagens que complementaram o texto verbal, evidenciando o planejamento, o domínio e a profundidade da pesquisa realizada, como ilustrado na figura abaixo.

Figura 29: Inclusão Digital



Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

A Figura 29 apresentou um fragmento dos slides da Equipe 1, evidenciando a organização e a profundidade da leitura realizada para a elaboração do seminário. As

informações foram apresentadas em uma sequência lógica, coesa e coerente, com ideias claras, objetivas e bem demarcadas estruturalmente. Os títulos em negrito destacaram os tópicos principais, enquanto as citações acrescentaram credibilidade ao conteúdo exposto. As imagens, acompanhadas das informações de pesquisa, e as fontes escolhidas complementaram as informações e auxiliaram na distinção dos dados apresentados, demonstrando um planejamento cuidadoso que facilitou a compreensão do público. Observamos, também, o uso de um vocabulário preciso e de uma linguagem formal nos slides. No entanto, na produção escrita entregue, houve momentos em que a linguagem se apresentou de forma informal, como ilustrado na Figura 30.

Figura 30: A Linguagem Formal na Produção Escrita

Introdução

A inclusão digital "é um processo que visa democratizar o acesso às tecnologias de informação e comunicação", conforme destacado por Senque (2019). Mais do que proporcionar acesso à internet e a dispositivos, a inclusão digital é uma ferramenta essencial para promover igualdade de oportunidades em diversos âmbitos da sociedade. Ela possibilita a criação de empregos, aumenta a produtividade e competitividade das empresas e desempenha um papel significativo na redução da pobreza. Dada sua importância, discutir inclusão digital significa abordar não apenas o acesso à tecnologia, mas também sua integração como instrumento de transformação social e econômica.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/dnA3Pl0F0tE3X5c7>

Sabemos que a Inclusão Digital é o processo de democratização do acesso às tecnologias da informação, ela pode impactar tanto no ambiente escolar quanto no ambiente de trabalho, então hoje iremos apresentar esses temas abordados.

Impacto da Inclusão Digital na Educação

Nas instituições escolares pode proporcionar um ambiente de aprendizagem lúdico e dinâmico com participação ativa dos alunos. Esse engajamento é essencial para o desenvolvimento do senso crítico e do aprendizado do conteúdo. A inclusão digital nas escolas permite quebrar as barreiras físicas para que os estudantes tenham contato com outras culturas. Isso é possível pelo contato com outras pessoas via redes sociais ou com filmes e séries sobre assuntos relevantes para a disciplina. Essa oportunidade de conhecer novos hábitos, crenças e tradições é enriquecedor para a formação pessoal e educacional das crianças. Além disso, pode ser uma fonte para despertar a criatividade dos estudantes. A inclusão digital nas escolas pode proporcionar um espaço de aprendizagem lúdico e dinâmico com participação ativa dos alunos.



Fonte: Disponível em: <https://images.app.goo.gl/3nTzZvBHWHKD3KC89>

Inclusão Digital no Mercado de Trabalho

No ambiente de trabalho, a inclusão digital pode proporcionar grandes oportunidades para que as pessoas possam trabalhar, pois com os cursos de capacitação e qualificação profissional online, ampliam suas chances de conseguir empregos melhores e mais bem remunerados.

A inclusão digital desempenha um papel essencial na capacitação profissional e no acesso ao mercado de trabalho. Com o avanço da tecnologia, o domínio de ferramentas digitais tornou-se uma habilidade básica exigida por empregadores em diversos setores. Plataformas de ensino online, por exemplo, democratizam o acesso à qualificação, permitindo que profissionais de diferentes regiões ou classes sociais adquiram conhecimentos específicos. Além disso, a tecnologia facilita o trabalho remoto, ampliando as oportunidades para pessoas em locais distantes ou com mobilidade reduzida. Porém, a verdadeira inclusão digital exige políticas públicas que reduzam as barreiras ao acesso à internet e a dispositivos de qualidade.



Fonte: Disponível em: <https://images.app.goo.gl/F8tqKUXVnpuDz9aA>

Barreiras Para a Inclusão Digital no Brasil

Como visto sobre a educação e mercado de trabalho iremos apresentar as barreiras que o Brasil enfrenta inclusão digital no Brasil enfrenta diversas barreiras. Para superar esses desafios, é importante que governos, empresas e instituições de ensino trabalhem em conjunto. O governo brasileiro já tem algumas iniciativas públicas para aumentar o acesso à banda larga e infraestrutura.

No Brasil, a inclusão digital enfrenta obstáculos como a falta de infraestrutura tecnológica em áreas rurais e periferias urbanas. Muitos municípios não possuem redes de internet de alta velocidade, e a distribuição de equipamentos como computadores e smartphones é desigual. O custo elevado dos dispositivos e dos pacotes de dados também limita o acesso para famílias de baixa renda. Além disso, a desigualdade regional agrava o problema: enquanto grandes cidades possuem ampla conectividade, comunidades no Norte e Nordeste ainda enfrentam dificuldades básicas de acesso. Esse cenário reflete a necessidade de investimentos governamentais e parcerias privadas para reduzir a exclusão digital.



Fonte: Disponível em: <https://images.app.goo.gl/g70pKaFNCSuUHuFW99>

Considerações Finais

A inclusão digital é fundamental para garantir que todos tenham acesso aos mesmos recursos e oportunidades que os demais.

Já a o acesso digital, por meio de tecnologias acessíveis e aplicativos específicos, desempenha um papel crucial nesse processo de inclusão a vários aplicativos como o Wheelmap, o Signa e o Be My Eyes são exemplos de como a tecnologia pode ser uma ferramenta tão poderosa para promover a inclusão digital e social.

É importante ressaltar que, apesar dos avanços tecnológicos, ainda há muito a ser feito em termos de inclusão e acessibilidade para todos. É necessário que haja um esforço contínuo para garantir a igualdade de acesso e oportunidades para todos, independentemente de qualquer obstáculo.

Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

Na Figura 30, constatamos o uso de linguagem formal por meio de termos técnicos como *‘instrumento de transformação social e econômica’*, *‘democratização do acesso às tecnologias’*, *‘Wheelmap’*¹⁴, *‘Signa’*¹⁵, *‘Be My Eyes’*¹⁶ além de frases diretas organizadas em parágrafos bem estruturados e pontuados, sem problemas de concordância e regência, ortografia ou acentuação.

Quando observamos o texto, em relação à coesão, há uma macroestrutura bem delineada, composta por Introdução, Desenvolvimento e Considerações Finais. Na microestrutura, utilizou de forma adequada elementos coesivos que articularam as informações nas seções como o uso de pronomes demonstrativo e relativos (*‘essa’*, *‘isso’*, *‘dessa forma’*, *‘que’*), repetições de palavras e conectores simples e complexos (*‘e’*, *‘com’*, *‘além disso’*, *‘no entanto’*, *‘porém’*, *‘para’*, *‘mais do que’*) assegurando a fluidez das informações. Entretanto, ao analisar a articulação entre as seções, notamos que, embora houvesse continuidade temática, essa transição foi realizada por meio de frases introdutórias em linguagem informal, marcadas por traços da língua falada, como evidenciadas nos fragmentos transcritos a seguir, conforme Antunes (2003), que destaca a importância da articulação adequada no discurso, e Koch (2021) que sugere a necessidade de manter coesão e coerência nas produções escritas.

Fragmentos: “Sabemos que a Inclusão Digital é o processo de democratização do acesso às tecnologias da Informação, ela pode impactar tanto no ambiente escolar quanto no ambiente de trabalho então hoje iremos apresentar esses temas abordados”.

“Como visto sobre a educação e mercado de trabalho iremos apresentar as barreiras que o Brasil enfrenta”.

“Agora vamos falar sobre o papel cidadania e democracia”.

¹⁴ Mapa online que permite aos usuários encontrar, pesquisar e marcar locais acessíveis para cadeirantes, como bares, restaurantes, cinemas e supermercados. Disponível em: https://wheelmap.org/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 19 mar. 2025.

¹⁵ Aplicativo que permite a tradução de textos e imagens para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), facilitando a comunicação entre surdos e ouvintes. Disponível em: <https://www.signa.com.br/>. Acesso em: 19 mar. 2025.

¹⁶ Aplicativo gratuito que conecta pessoas cegas ou com baixa visão a voluntários sighted ou representantes de empresas, permitindo que eles recebam assistência visual por meio de videochamadas ao vivo. Disponível em: https://www.bemyeyes.com/language/english?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 19 mar. 2025.

“Depois do papel cidadania e democracia vamos ver um pouco sobre tecnologia como ferramenta na inclusão”.

Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

Nos fragmentos transcritos acima, observamos a informalidade marcada pelo uso de expressões típicas da oralidade, como ‘sabemos que’, ‘então hoje iremos apresentar’, ‘agora vamos falar sobre’, ‘vamos ver um pouco sobre’, que acrescentaram um tom conversacional ao texto, o qual, segundo Koch (2021), contradisse as expectativas de uma produção escrita acadêmica. Por outro lado, o emprego das expressões ‘Como visto’ e ‘Depois do papel’, elementos coesivos característicos da escrita formal, indicou que a equipe possuía conhecimento sobre mecanismos de coesão e continuidade de raciocínio, mas ainda precisava aprimorar a distinção entre oralidade e escrita, linguagem formal e informal.

A exposição oral da equipe seguiu uma linha coesa e coerente, com linguagem predominantemente formal. Isso ocorreu devido à escolha de animar as palavras por meio da leitura dos slides, o que contribuiu para manter um padrão adequado de entonação, ritmo, acentuação e pausas. Acrescentaram-se a isso atitudes corporais estratégicas, como gestos, caminhadas, direcionamento corporal para as imagens e troca de turnos de fala bem definidas, o que favoreceu a emissão de confiança e evidenciou o bom planejamento do trabalho, alinhando-se à perspectiva de Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004) sobre a construção da oralidade formal em contextos acadêmicos.

No entanto, ao integrar a exposição oral com a interpretação das imagens, o discurso formal foi substituído por uma linguagem informal, como mostraram os fragmentos transcritos abaixo.

Transcrições de falas: “Nessa imagem aqui, vocês conseguem ver desde estudantes, que aparentam ser, né, estudando pelo computador”.

“Aqui na imagem mostra é... (pausa) pessoas pesquisando alguma doença, alguma coisa, utilizando a tecnologia”.

“Aqui a imagem é a representação de uma zona rural, onde várias pessoas se juntam a internet aprendendo a usar ela”.

“Aqui na imagem, mostra a pessoa se comunicando com amigos e parentes”.

Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

As falas transcritas demonstraram a utilização da linguagem informal, refletindo o estilo coloquial da oralidade, com o emprego de expressões como ‘né’ e ‘alguma

coisa', que não foram adequados a um discurso formal acadêmico. Ainda, notamos o uso de marcadores conversacionais como 'nessa imagem aqui', 'aqui', 'né' e 'é' que, conforme Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004), desempenharam a função de direcionar a atenção do público para a imagem, além de promoverem interação e validação das informações apresentadas. Evidenciamos, também, que a relação entre texto e imagem foi realizada por meio de uma interpretação meramente descritiva, concentrada apenas nas informações explícitas, sem aprofundamento ou reflexão sobre as ideias implícitas. Além disso, a repetição do termo 'aqui' sugeriu a quebra da coesão textual do discurso.

Para concluirmos a análise da Equipe 1 com base nos critérios avaliativos de comunicação multimodal e compreensão e habilidade para responder perguntas, constatamos que a equipe demonstrou um bom planejamento e organização na apresentação do seminário. Na comunicação verbal, predominou o uso de linguagem formal, embora tenha havido variação para a informalidade em momentos de fala espontânea, como ressaltaram Melo e Cavalcante (2007), que destacaram a necessidade de trabalhar a oralidade em situações de formalidade no ambiente escolar. Na comunicação visual, apesar do uso adequado dos slides, a interpretação das imagens ficou restrita à descrição literal. Já na comunicação corporal, as estratégias utilizadas foram eficazes para manter o contato visual, interagir com o público e transmitir confiança, como apontou Gomes-Santos (2012) ao tratar da multimodalidade. Contudo, essas constatações confirmaram a necessidade de aprimorar o discurso em situações formais e de desenvolver uma leitura reflexiva dos recursos visuais.

Finalizada a análise dos seminários produzidos pelas cinco equipes, revelou-se um bom desempenho no contexto geral de uma avaliação holística e articulada dos eixos de LP. No entanto, identificamos a necessidade de aprimorar critérios específicos nos eixos leitura, oralidade e produção escrita. No eixo da leitura, foi fundamental aprofundar a interpretação e a reflexão sobre as imagens apresentadas, pois, como destacou Antunes (2003), a leitura não se limitou ao texto escrito, mas também envolveu a análise e compreensão de diferentes formas de representação, como as imagens, que precisaram ser interpretadas de maneira crítica e contextualizada. No eixo da oralidade, foi importante adequar a fala espontânea para um estilo mais formal e acadêmico, conforme afirmaram Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004). Quanto à produção escrita, destacou-se a necessidade de empregar

elementos coesivos mais diversificados, a fim de evitar repetições e redundâncias, além de articular as seções no corpo do trabalho, como afirmou Koch (2021), que enfatizou a importância de utilizar uma diversidade de elementos coesivos para garantir clareza e fluidez textual. A melhoria desses aspectos contribuiu para o aprimoramento do eixo de análise linguística/semiótica, uma vez que os problemas linguísticos detectados estiveram, em sua maioria, relacionados ao emprego inadequado de elementos coesivos e à interpretação limitada das imagens, pois, como destacou Mendonça (2007), foi fundamental trabalhar a análise linguística/semiótica de maneira integrada.

Ao compararmos os resultados obtidos nas seis sequências de atividades, percebemos uma evolução significativa das equipes ao longo do processo, tanto em relação ao gênero quanto aos eixos de LP.

Nas sequências iniciais, algumas equipes demonstraram dificuldades em reconhecer e utilizar os elementos característicos do gênero Seminário, além de enfrentarem desafios na organização das informações. No entanto, ao longo das atividades, essas dificuldades foram sendo superadas, de modo que, na Sequência 5, todas as equipes já dominavam as características do gênero, planejando e organizando as exposições orais com maior precisão, conforme previram Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004).

No eixo da Oralidade, inicialmente, as equipes demonstraram grande dificuldade em realizar a apresentação do texto oral, pois não haviam realizado um planejamento prévio, o que destacou a necessidade de aprofundar as habilidades orais e de proporcionar mais momentos de exposição. Esse aprimoramento ocorreu na Sequência 3, com a abordagem das habilidades específicas do eixo, o que resultou em melhorias na organização e no planejamento das apresentações. Entretanto, ainda havia dificuldades na fala espontânea e na clareza da comunicação. Quando chegaram na Sequência 6, vimos que, apesar da necessidade de ajustes da fala espontânea para um estilo mais formal e acadêmico, as equipes demonstraram maior segurança, interação com o público e postura adequada na exposição oral.

No eixo da Leitura, percebemos que a principal dificuldade esteve relacionada ao conhecimento vocabular limitado, o que impactava a compreensão textual. Ao direcionarmos o trabalho para o eixo, observamos a fragilidade com relação à leitura crítica, já que as equipes apresentaram abordagens iniciais dos temas de maneira superficial. No entanto, na última sequência, notamos uma evolução na capacidade

de compreensão e argumentação, embora ainda fosse necessário aprofundar a interpretação e a reflexão sobre as imagens, conforme destacou Antunes (2003), que ressaltou a importância da leitura para a ampliação de repertórios e para o desenvolvimento da leitura crítica e reflexiva.

Nos eixos Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica, na primeira sequência, todas as equipes enfrentaram dificuldades em consolidar as discussões em um único texto escrito. Na Sequência 4, ao abordarmos a Produção Escrita, percebemos que os desafios estiveram relacionados à Qualidade da Linguagem, especialmente na manutenção de um registro adequado ao contexto acadêmico, e à Coesão Textual, com dificuldades no uso de conectores e na progressão lógica das ideias. Já na Sequência 5, com a abordagem da Análise Linguística/Semiótica, as equipes demonstraram avanços no uso dos elementos coesivos, mas ainda precisaram diversificar os conectores e aprimorar a fluidez do texto. A análise da Sequência 6 evidenciou que o uso adequado dos elementos coesivos exigiu atenção e trabalho contínuo para superar as dificuldades, como ressaltou Koch (2021).

Vale ressaltarmos que, desde as primeiras sequências, as equipes utilizaram ferramentas tecnológicas, o que contribuiu para o aprimoramento do uso do Padrão Escrito da língua e das Regularidades Linguísticas e Ortográficas.

A comparação das sequências demonstrou que as equipes alcançaram um nível satisfatório no aprendizado da língua em vários aspectos: fortaleceram a oralidade, melhoraram a leitura crítica e desenvolveram uma escrita mais coerente e significativa. Porém, considerando que estiveram em processo de aquisição e aperfeiçoamento de suas competências e habilidades, ainda houve espaço para progressos contínuos.

Acreditamos que um fator determinante para essa evolução foi o conhecimento dos alunos sobre os critérios avaliativos, como afirmaram os PCNs (1998), que lhes permitiu direcionar suas atitudes para alcançar melhores resultados. No entanto, a Sequência 6 reforçou a necessidade de continuar promovendo práticas que estimularam a reflexão crítica, a diversificação do vocabulário, a criatividade e a compreensão dos elementos linguísticos que conferiram significado ao uso da linguagem.

Além disso, destacou que foi possível a integração dos eixos de Língua Portuguesa por meio de um mesmo gênero textual ao longo do processo de ensino e avaliação. E, para garantirmos uma avaliação significativa, devemos ter por base

critérios bem definidos, assegurando a compreensão dos alunos sobre os aspectos fundamentais do gênero e seu papel no desenvolvimento das competências comunicativas.

4.3. Questionário Final

O Questionário Final (Apêndice 2) teve como objetivo coletar informações sobre a percepção dos alunos em relação ao próprio aprendizado e progresso. Buscamos avaliar se as atividades e os critérios avaliativos propostos contribuíram para a compreensão do gênero Seminário e, principalmente, para o entendimento do processo de ensino-aprendizagem dos eixos — leitura, oralidade, produção escrita e análise linguística/semiótica — de maneira integrada e articulada.

Assim como o Questionário Inicial, o Questionário Final foi elaborado utilizando a ferramenta Google Formulários, cujo link foi disponibilizado aos alunos com as mesmas orientações: acessível por um período de dois dias, sendo bloqueado após esse prazo. Todos os 29 alunos participantes da pesquisa responderam ao questionário, gerando os resultados apresentados individualmente nos gráficos a seguir.

Gráfico 20: Compreensão dos Eixos de LP a partir do Gênero Seminário



Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

O Gráfico 20 revelou que 69% dos alunos acreditaram que as atividades realizadas com o gênero Seminário ajudaram na compreensão dos quatro eixos de Língua Portuguesa. Esse resultado confirmou o argumento de Marcuschi (2008), que defende que o ensino da língua deve ocorrer por meio de textos produzidos em algum gênero textual. No entanto, embora a maioria tenha compreendido os elementos que compõem a LP por meio dessas atividades, 31% dos alunos responderam “Sim, em

partes”, indicando que ainda houve um percentual significativo de estudantes que apresentou dificuldade em perceber o processo de ensino-aprendizagem e a avaliação de forma holística e articulada. Esse cenário pode ter estado relacionado à influência de metodologias tradicionais, que abordaram os eixos de maneira fragmentada e desarticulada, dificultando a compreensão integrada da língua, como apontou Mendonça (2007).

Outra questão que precisávamos verificar era se os alunos haviam percebido mudanças em suas competências e habilidades em LP após a realização das atividades. Os resultados obtidos foram apresentados a seguir.

Gráfico 21: Evolução nas Competências e Habilidades de LP



Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

Após a realização das atividades com o gênero Seminário, a maioria dos alunos, 69%, percebeu uma evolução significativa no desenvolvimento de suas competências e habilidades, enquanto 31% notaram apenas uma evolução parcial. Acreditamos que esses resultados estiveram relacionados a diferenças individuais, ritmos de aprendizagem e questões emocionais e comportamentais, uma vez que o gênero Seminário exigiu que os alunos utilizassem plenamente suas habilidades comunicativas, integrando-as de maneira articulada e coerente, como ressaltaram Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004), ao destacarem que o trabalho com gêneros orais e escritos promove o desenvolvimento das competências linguísticas, por envolver a articulação de diferentes habilidades comunicativas.

O terceiro questionamento buscou identificar a percepção dos alunos sobre a importância de se trabalhar os eixos de forma integrada e articulada durante as aulas. Os resultados foram ilustrados no gráfico a seguir.

Gráfico 22: A importância do trabalho integrado com os Eixos de LP



Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

O gráfico mostrou que 96,6% dos alunos perceberam a importância de trabalhar os eixos de forma integrada e articulada, conforme Antunes (2003), que destacou um ensino de Língua Portuguesa integrado para garantir uma aprendizagem eficiente da língua. Enquanto isso, 3,4% – o equivalente a apenas um aluno – não teve essa percepção.

Mesmo que o resultado tenha sido positivo no contexto geral, pois indicou que os alunos compreenderam que a língua é uma unidade, é importante considerar o aluno que não compartilhou da mesma percepção e buscar sanar essa dificuldade, que pode ter estado associada a uma aprendizagem não consolidada anteriormente.

O foco das perguntas mudou na Questão 4, quando direcionamos a análise para o gênero Seminário, conforme apresentado no gráfico a seguir.

Gráfico 23: Montar um Seminário



Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

Diferentemente dos gráficos anteriores, o Gráfico 23 apresentou três opções de resposta, revelando que: 58,6% dos alunos afirmaram que “Sim, em partes” conseguiram planejar, organizar melhor o conteúdo de um seminário e incluir adequadamente recursos audiovisuais; 37,9% responderam que “Sim, completamente”; e 3,5% disseram que “Não perceberam mudança”.

Esses percentuais foram considerados positivos, pois, mesmo os alunos que responderam “Sim, em partes” demonstraram compreensão sobre o processo de planejamento, organização e inclusão de recursos audiovisuais, conforme previsto por Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004).

Acreditamos que as possíveis dificuldades estiveram relacionadas à falta de prática no uso dos recursos tecnológicos, uma vez que os alunos utilizaram apenas o celular para produzir o material escrito e os slides. Esse argumento pôde ser sustentado pelo exemplo da Equipe 5, que optou por confeccionar cartazes em todos os seminários.

Já o percentual de 3,5% – equivalente a um aluno – pode ter estado relacionado a questões individuais de aprendizagem, fatores emocionais ou comportamentais, como ressaltou Luckesi (2011), ao enfatizar a importância de buscar estratégias para atender às possíveis dificuldades ou expectativas desse aluno.

Em seguida, perguntamos se a prática do seminário contribuiu para que o aluno se sentisse mais confortável ao falar em público, considerando que a maioria dos alunos demonstrava dificuldade em se expor oralmente. Os resultados foram expressos no gráfico a seguir.

Gráfico 24: Contribuição da prática de Seminários



Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

Nessa questão, obtivemos percentuais em todas as opções de resposta: 41,4% para “Sim, muito mais confortável” e “Sim, um pouco mais confortável”; 13,8% para “Não, ainda sinto muito desconforto”; e 3,4% para “Não fez diferença”.

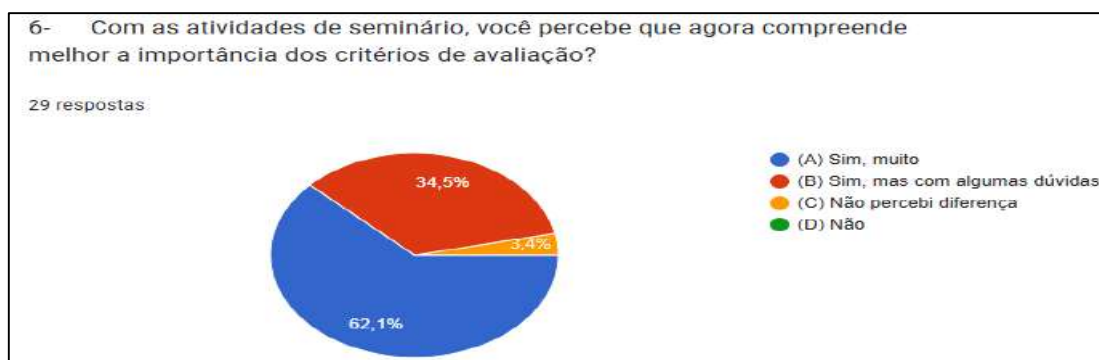
Os resultados revelaram que a prática do seminário surtiu um efeito positivo na maioria dos alunos, que perceberam evolução na habilidade de falar em público. Por outro lado, os alunos que ainda se sentiam desconfortáveis demonstraram a

necessidade de um trabalho mais efetivo, com estratégias que os auxiliassem a superar as dificuldades e a desenvolver o controle emocional ao se expor oralmente.

Por fim, o percentual de 3,4% pode ter estado relacionado a questões de aprendizagem ou comportamentais, as quais, de acordo com Damásio (2000), “podem provocar distúrbios destrutivos nos processos de raciocínio em determinadas circunstâncias”, o que exigiu um acompanhamento mais individualizado.

A Questão 6 foi direcionada à Avaliação e à identificação da percepção dos alunos sobre a importância de compreender os Critérios de Avaliação. Nessa questão, obtivemos os resultados expressos no Gráfico 25.

Gráfico 25: A importância dos Critérios de Avaliação



Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

O Gráfico 25 apresentou resultados significativos ao mostrar que, após a realização das atividades com o gênero Seminário, 62,1% dos alunos compreenderam a importância dos critérios avaliativos; 34,5% compreenderam, mas tinham algumas dúvidas; e 3,4% não perceberam diferença.

Esses dados revelaram que 96,6% dos alunos reconheceram a importância de conhecer os critérios avaliativos na avaliação de Língua Portuguesa, indicando que essa compreensão pôde contribuir para a melhoria do desempenho e da aprendizagem, conforme previsto nos PCNs (1998) e por Luckesi (2011), que destacaram que a avaliação deve ser vista pelo aluno como um meio de reconhecer seus avanços, dificuldades e oportunidades de aprimoramento. Assim, com a compreensão dos critérios, esse processo tornou-se mais claro e acessível.

No entanto, os 34,5% que ainda apresentaram dúvidas demonstraram a necessidade de esclarecimentos adicionais para compreender melhor o processo avaliativo. Já o percentual de 3,4% pode ter indicado dificuldades de compreensão ou

questões comportamentais que interferiram na percepção da importância do conhecimento dos critérios avaliativos.

Considerando ainda os critérios avaliativos, perguntamos aos alunos se se sentiram mais conscientes sobre os critérios e se sabiam como melhorar seus resultados. As respostas foram apresentadas no gráfico a seguir.

Gráfico 26: Conscientização dos Critérios Avaliativo



Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

Nesse gráfico, constatamos que 58,6% dos alunos tinham consciência dos critérios, mas ainda possuíam dúvidas em alguns aspectos; 37,9% tinham plena consciência e sabiam como melhorar seus resultados; e 3,5% não perceberam diferença significativa.

Esses resultados confirmaram a análise do gráfico anterior (Gráfico 25), pois 96,6% dos alunos compreenderam melhor os aspectos do processo avaliativo por meio dos critérios, conforme destacou Antunes (2003), o que influenciou diretamente suas escolhas e a mudança de comportamento para alcançar melhores resultados. Desses, 37,9% já sabiam como aprimorar seus resultados com base nesse entendimento.

O percentual de 58,6% revelou a necessidade de uma abordagem mais aprofundada a respeito dos critérios, a fim de esclarecer as dúvidas persistentes e aumentar a confiança dos alunos, como ressaltou Luckesi (2011), que defendeu a importância de proporcionar um feedback contínuo, possibilitando que o aluno identificasse seus avanços e dificuldades.

Por fim, o percentual de 3,5% pode ter estado associado a dificuldades de aprendizagem ou comportamentais, indicando a necessidade de uma abordagem mais individualizada para compreender e buscar superar os obstáculos que dificultaram a compreensão desse aluno.

Como havíamos desenvolvido várias Sequências de Atividades, seguindo a concepção de Bruner (1973, *apud* SIPEC, 2017), que defendeu uma aprendizagem significativa por meio de atividades bem estruturadas que permitissem uma aprendizagem gradual, buscamos saber a percepção dos alunos quanto à contribuição dessas atividades para a compreensão da importância de organizar o conteúdo de maneira lógica em uma apresentação. O resultado que obtivemos foi positivo, como mostrado no gráfico a seguir.

Gráfico 27: Importância da Organização dos Conteúdos



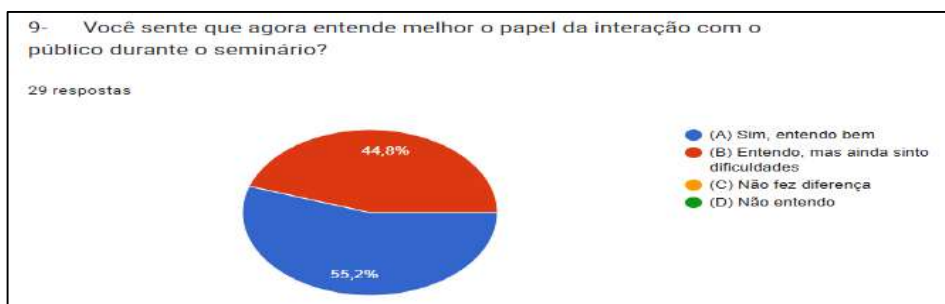
Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

O Gráfico 27 comprovou que 100% dos alunos reconheceram que as atividades ajudaram na compreensão da importância de organizar o conteúdo de maneira lógica em uma apresentação, conforme destacou Koch (2021). No entanto, 55,2% dos alunos ainda sentiam dificuldade nesse aspecto e reconheceram a necessidade de aprimoramento, como ressaltou Antunes (2003).

Esse resultado sugeriu que, embora os alunos tenham compreendido teoricamente a organização de um seminário, a aplicação prática desse conhecimento continuou sendo um desafio. Essa dificuldade pôde ser atribuída à escassez de oportunidades práticas, o que limitou a internalização e o domínio da habilidade, além de possíveis dificuldades cognitivas.

Sabemos que o seminário vai além do planejamento e da organização do conteúdo para uma apresentação, pois envolve também o processo de interação. Por isso, perguntamos aos alunos se eles entenderam o papel da interação com o público durante o seminário. O resultado foi positivo, como mostra o gráfico a seguir.

Gráfico 28: O papel da Interação



Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

Como observamos, 55,2% dos alunos entenderam o papel da interação com o público durante o seminário, enquanto 44,8% reconheceram sua importância, mas ainda sentiam dificuldade em colocá-la em prática. Esses resultados indicaram a necessidade de desenvolver mais intensamente esse processo durante as aulas, não apenas no trabalho com o gênero Seminário, mas também com todos os gêneros textuais e situações contextuais, conforme previsto na BNCC (Brasil, 2018).

As dificuldades enfrentadas pelos alunos puderam estar relacionadas à insegurança em falar em público, à falta de experiência em lidar com perguntas inesperadas, ao medo de críticas pelas respostas e ao receio de expressar suas ideias e convicções.

Para encerrar o Questionário Final, perguntamos ao aluno se, após a realização das Sequências de Atividades com o gênero Seminário, ele percebeu que são mais eficazes o ensino e a avaliação de Língua Portuguesa quando todos os eixos estão interligados. Além disso, solicitamos que justificasse sua resposta. Com essa questão aberta, obtivemos o seguinte quadro.

Quadro 11: Respostas e Justificativas

Sim para você se esforçar em várias partes e trabalhar em vários maneira como a oralidade, escrita e outras coisas.
Sim. Porque dá para entender melhor um assunto.
Sim, por quê percebi que no seminário, não é só ler e sim aprender aquele assunto para poder apresentá-lo de forma certa com todos os eixos ligados.
Sim, porque entende melhor os eixos da linguagem portuguesa.
Sim e muito, pois aprendi a entender o assunto de forma um pouco que mais clara em relação ao começo que não estava compreendendo no que estava sendo abordado mas melhorei de uma forma excepcional como confeccionar um slide de uma forma correta, aprendendo a fazer um trabalho escrito e na apresentação e fala em público que de certa forma melhorei e muito dando umas falhas, mas melhorando a cada apresentação.
Sim. Com todos os eixos interligados a linguagem fica mais fácil de aprender e mais complexa.
Sim, aprender mais sobre o conteúdo seminário.
Sim.

Sim, é muito mais fácil aprender com tudo junto ao invés de tudo separado.
Sim é muito mais fácil de aprender.
Sim, achei que facilitou bastante no desempenho de oralidade e principalmente escrita
Sim, porquê é melhor.
Sim, pois ajuda o aluno a entender mais sobre o assunto.
Sim. Porque faz mais sentido.
Sim, pois eu trabalho todos os eixos em uma coisa só.
Sim, é mais eficaz porque o seminário integra leitura, escrita e oralidade, promovendo um aprendizado mais completo.
Sim, porque podemos aprender bem.
Sim, para a compreensão de dúvidas de pessoas com dificuldade de aprendizagem.
Sim, porque os eixos se completam. No seminário, a gente lê, escreve, fala e organiza as ideias, aprendendo tudo junto de forma mais clara.
Sim, por que faz mais sentido ver todos os eixos ao mesmo tempo.
Sim, pois aprendemos e melhoramos mais, para que no futuro quando precisarmos que fazer um seminário, nós já entendemos do assunto.
Sim, por que nós temos mais possibilidades de aprender.
Sim, por que sinto que consegui entender melhor o assunto.
Sim, me ajudou bastante, consigo interagir mais com as aulas e ficou mais interessante.
Sim, porque me ajudou a passa meus conhecimentos através das apresentações dos trabalhos na forma de apresenta falando ao público.
Sim. O seminário me ajudou com vários critérios, sendo uns a minha escrita e fala, o seminário me mostrou formas diferentes de pensar de como uma apresentação deve ser concluída. O seminário me ajudou a compreender melhor outras pessoas e de como se deve trabalhar em grupo. Antes eu ficava totalmente nervoso com apresentações, agora consigo me manter confiante e com uma fala em pé. Que meu próximo ano eu possa mostrar minhas habilidades com tudo que aprendi.
Sim, porque ajuda no melhor desempenho dos alunos e ajuda a ter menos dificuldades em apresentar temas importantes em público.
Sim, por que sinto que entendi melhor os quatro eixos trabalhados juntos.
Sim, porque fica mais fácil de entender tanto o público tanto a própria pessoa.

Fonte: Dados da Autora, 12/2024.

Conforme verificamos no Quadro 11, todos os alunos responderam que “Sim”, afirmando que o ensino e a avaliação de Língua Portuguesa foram mais eficientes quando os eixos estiveram interligados. As justificativas variaram de respostas curtas a mais complexas. De modo geral, ficou evidente que os alunos perceberam que trabalhar os eixos de forma integrada facilitou a aprendizagem, pois, além de assimilarem com mais facilidade os conteúdos abordados sobre o gênero, conseguiram atribuir sentido aos conteúdos aplicados na prática social, conforme defendeu Antunes (2003), ao afirmar que a língua deve ser trabalhada como uma unidade.

Nos depoimentos, os alunos reconheceram que as Sequências de Atividades contribuíram positivamente não apenas para o trabalho com o gênero Seminário, mas que a metodologia empregada proporcionou o desenvolvimento gradativo de diversas

habilidades, como a elaboração de slides, a produção de trabalhos escritos, a organização de ideias e a fala em público. Também destacaram melhorias na confiança e na capacidade de interação, conforme propôs Bruner (1973, *apud* SIPEC, 2017).

Os resultados do Questionário Final indicaram que os alunos compreenderam que o trabalho com o gênero textual Seminário contribuiu para a compreensão do ensino e da avaliação de Língua Portuguesa como uma unidade, além de auxiliar no desenvolvimento de suas competências e habilidades, como ressaltado nos PCNs (Brasil, 1998) e na BNCC (Brasil, 2018). Embora esse reconhecimento tenha demonstrado que as Sequências de Atividades atingiram o objetivo proposto, ainda se fez necessário desenvolver estratégias para diminuir as dificuldades existentes, sejam elas relacionadas à compreensão dos eixos e dos critérios avaliativos, sejam ligadas a questões de aprendizagem ou comportamentais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação é um processo inevitável e esteve sempre associada às ideias de aprovação ou reprovação, pois vivemos em uma sociedade que a praticou constantemente em diferentes âmbitos da vida cotidiana. Seja na análise de produtos, situações, resultados ou, principalmente, no julgamento de pessoas, a avaliação foi acionada para atribuir rótulos de qualidade e desempenho.

No âmbito educacional, não foi diferente, pois a avaliação funcionou como um termômetro da qualidade do ensino, diagnosticando dificuldades e avanços, orientando para o aprimoramento da aprendizagem, regulando projetos políticos pedagógicos, monitorando o processo de ensino-aprendizagem e classificando o desempenho de professores – ainda que indiretamente – e de alunos.

Assim como o processo educacional, a avaliação também passou por transformações significativas. Novas teorias surgiram constantemente, buscando não apenas aprimorar a qualidade do ensino, mas também atender às demandas e perspectivas sociais. Inicialmente, a avaliação seguiu uma abordagem tradicional, focada na medição do desempenho do aluno por meio de provas e testes programados. Nesse modelo, a responsabilidade pela aprendizagem recaiu exclusivamente sobre o aluno, cujo principal objetivo foi alcançar a nota necessária para sua promoção à série seguinte, muitas vezes sem garantir uma aprendizagem efetiva, porque a avaliação não assegurava que o aluno realmente tivesse aprendido, já que era limitada à classificação e não atuava como um processo interventivo.

Atualmente, a avaliação é concebida como um processo reflexivo, contínuo e formativo, que considerou as individualidades, o contexto educacional e os fatores externos que influenciaram diretamente o ensino-aprendizagem. Nesse novo cenário, tanto o professor, enquanto mediador, foi responsável direto pelo processo avaliativo, quanto o aluno teve responsabilidade pelo aprendizado. Assim, a avaliação não se limitou a notas e conceitos, mas se tornou um instrumento diagnóstico capaz de identificar dificuldades e pontos fortes, promover intervenções pedagógicas e ajustes.

A avaliação foi um instrumento pedagógico essencial, que atuou de forma dinâmica para garantir um aprendizado significativo e efetivo, comprometido com a formação integral dos alunos, para que estes pudessem atuar como cidadãos críticos e participativos.

Nesse contexto, ao direcionarmos nosso foco para o ensino e avaliação de Língua Portuguesa, percebemos que mudanças significativas ocorreram, com o objetivo de responder às demandas educacionais contemporâneas e acompanhar o avanço das tecnologias, buscando desenvolver as competências comunicativas dos alunos, aprimorando suas habilidades orais e escritas, assim como a compreensão e interpretação de diferentes formas de linguagens.

Foi sabido que, anteriormente, o ensino de Língua Portuguesa foi desenvolvido de forma fragmentada, centrado em uma abordagem de gramática tradicional, que visava à memorização de nomenclaturas e à análise de frases descontextualizadas, sem relação com o uso real da língua e sem funcionalidade. Nesse modelo, a leitura foi tratada como uma habilidade de decodificação de palavras, atestando apenas o caráter da fluência, sem relacioná-la à leitura de mundo. A escrita, por sua vez, esteve voltada para a correção ortográfica, na elaboração de redações que seguiram regras mecânicas, sem funcionalidade prática, limitando-se a frases prontas, ditados com palavras soltas e cópias. Quanto à oralidade, esta foi vista como uma habilidade natural, não sendo explorada adequadamente em sala de aula, utilizada apenas em conversas informais ou para tirar dúvidas.

Nessa perspectiva, a avaliação refletiu a mesma lógica fragmentada, centrada em provas e testes que mediram o desempenho dos alunos, sem considerar o desenvolvimento integrado dos eixos de Língua Portuguesa. Além disso, não avaliou de forma contínua a aprendizagem dos alunos, nem acompanhou sua evolução real ao longo de sua formação.

No entanto, nos últimos anos, presenciamos teóricos destacando a importância de uma abordagem significativa para o ensino da língua, que fez sentido para o aluno e o motivou a estudá-la. Uma abordagem centrada no texto, capaz de integrar os eixos da língua – oralidade, leitura, produção escrita e análise linguística/semiótica – promoveu a construção do conhecimento por meio de práticas contextualizadas. Assim, os alunos tornaram-se protagonistas do seu aprendizado, interagindo com diferentes gêneros textuais e domínios discursivos. Nessa realidade, o professor assumiu o papel de mediador, proporcionando situações que permitiram ao aluno explorar a língua em diversos usos sociais.

Com essa nova concepção, a avaliação de Língua Portuguesa deixou de ter um caráter punitivo e classificatório para assumir uma função diagnóstica e formativa, voltada para acompanhar o desenvolvimento das competências comunicativas dos

alunos. Tornou-se, assim, uma prática contínua e reflexiva, que promoveu a capacidade de expressão em diferentes contextos de uso da língua e incentivou a autonomia na construção do conhecimento.

Considerando as proposições teóricas atuais, os eixos de Língua Portuguesa – oralidade, leitura, produção escrita e análise linguística/semiótica – devem ser avaliados de maneira integrada, respeitando as demandas da sociedade e promovendo o desenvolvimento das competências comunicativas dos alunos. Sendo assim:

- A avaliação da Oralidade deve contemplar aspectos de natureza extralinguística, paralinguística e cinésica, além dos aspectos linguísticos, para possibilitar que o aluno reconheça a língua falada como variável e como um mecanismo de controle social e poder, tornando-se capaz de interagir de maneira eficaz;
- A avaliação da Leitura deve considerar a capacidade de compreensão, interpretação e análise crítica, por meio de instrumentos avaliativos que possibilitem verificar o conhecimento prévio do aluno, a organização textual, as propriedades do gênero, os aspectos semânticos, a pontuação expressiva e a inferência textual e semântico-lexical, favorecendo ao aluno uma reflexão crítica sobre a leitura e proporcionando contato com o conhecimento;
- A avaliação da Produção Escrita deve levar em conta as condições de produção, a utilização de procedimentos específicos para a elaboração do texto, a aplicação de mecanismos discursivos e linguísticos para garantir a coerência e coesão textuais, o emprego de marcas de segmentação em função do projeto textual, o uso de recursos gráficos que orientem a interpretação do interlocutor, e a observância dos padrões da escrita conforme o projeto textual e as condições de produção, garantindo que o aluno desenvolva a competência de produzir textos coesos, coerentes e adequados ao contexto e à situação comunicativa. Além disso, é essencial considerar a escrita como um processo composto por etapas – planejamento, escrita e reescrita – que também devem ser avaliadas;

- A avaliação da Análise Linguística/Semiótica deve verificar a capacidade do aluno de produzir textos orais e escritos nos gêneros previstos para o ciclo, coesos e coerentes, de acordo com as especificidades das condições de produção e as restrições impostas pelo gênero. Além disso, deve considerar o uso adequado do padrão escrito, a aplicação das regularidades linguísticas e ortográficas, a revisão textual como estratégia de aprimoramento e a utilização de conceitos e procedimentos constituídos na prática de análise linguística, para desenvolver um domínio consciente do funcionamento da língua.

A teoria atual propõe uma avaliação integral e articulada dos eixos de Língua Portuguesa. No entanto, a realidade das salas de aula é diferente e ainda apresenta desafios, especialmente na avaliação, que tende a priorizar a leitura, a escrita e a análise linguística/semiótica, excluindo a oralidade. Um exemplo dessa situação é o Livro Didático, que propõe um ensino com base nos gêneros textuais, mas trabalha os eixos de forma desarticulada, utilizando diferentes gêneros dentro de um mesmo capítulo para contemplá-los, dificultando a compreensão do aluno da inter-relação entre os eixos. Quanto à avaliação, a abordagem se torna mais problemática, pelo fato de o eixo Oralidade não ser contemplado, sugerindo uma falta de reconhecimento de sua importância dentro do ambiente escolar.

A avaliação de Língua Portuguesa deve abranger os quatro eixos de forma contínua, garantindo que o aluno reflita sobre seu aprendizado e desenvolva suas competências de maneira significativa e integrada. Para isso, é essencial adotar uma abordagem centrada em um único gênero textual, utilizando instrumentos adequados e critérios bem definidos, de modo que o aluno compreenda a inter-relação entre os eixos e sua articulação.

Considerando esse contexto, elaboramos uma proposta de ensino e avaliação que contemplou e articulou os quatro eixos de Língua Portuguesa por meio de Sequências de Atividades, desenvolvidas no contexto do gênero textual Seminário. Essa escolha se justificou pelo fato de que, desde o planejamento até a execução, o trabalho com esse gênero exige que os alunos mobilizem habilidades relacionadas a todos os eixos, favorecendo uma compreensão mais clara de sua inter-relação e articulação, além de possibilitar uma visão mais ampla do processo avaliativo e de seus critérios, proporcionando uma aprendizagem significativa.

Ao longo da aplicação das Sequências de Atividades, ficou evidente que a abordagem integrada e holística adotada foi eficaz para o desenvolvimento das competências e habilidades comunicativas dos alunos. Eles compreenderam as especificidades de cada assunto abordado e os critérios avaliativos, percebendo que o ensino de Língua Portuguesa só faz sentido quando trabalhado de forma articulada, interligando os eixos de leitura, oralidade, produção escrita e análise linguística.

A análise do processo avaliativo também demonstrou que ele deve seguir essa mesma abordagem, para ser significativo e coerente com a aprendizagem. Os alunos reconheceram que a avaliação de Língua Portuguesa não deve ser tratada de forma isolada, mas sim no contexto de um mesmo gênero textual, garantindo a integração entre os eixos.

Entretanto, a experiência trouxe à tona a necessidade de aprofundar alguns aspectos específicos de cada eixo. Na leitura, foi essencial fortalecer a capacidade dos alunos de realizar uma leitura crítica e reflexiva de imagens. Na oralidade, foi necessário trabalhar a linguagem espontânea com maior formalidade, devido à escolha do gênero Seminário. Na produção escrita e na análise linguística/semiótica, é preciso diversificar o uso de elementos coesivos, visando garantir uma maior coesão textual. Além disso, foi possível perceber a importância de desenvolver estratégias pedagógicas diferenciadas, que atendam às necessidades individuais dos alunos, promovendo a integração dos eixos no ensino e na avaliação.

Com base nas análises realizadas, as questões-problema levantadas no início da pesquisa foram, em grande parte, respondidas. A maioria dos alunos reconheceu que a avaliação é inter-relacionada entre os eixos, embora os critérios avaliativos precisem ser melhor compreendidos. Observamos que, ao trabalhar com o gênero textual Seminário, foi possível avaliar a Língua Portuguesa de forma integrada, garantindo a articulação entre todos os eixos.

A proposta didática baseada no gênero Seminário foi um meio eficaz para o desenvolvimento das competências essenciais para a comunicação oral e escrita, interpretação crítica de textos e compreensão dos mecanismos linguísticos. Reforçou também a importância de os alunos conhecerem e compreenderem os critérios avaliativos, possibilitando uma tomada de decisões mais consciente e direcionada aos seus objetivos.

Dessa forma, a pesquisa realizada deixa sua contribuição tanto para a comunidade escolar – alunos, professores e escola – quanto para as pesquisas do PROFLETRAS.

Inicialmente, destacamos os benefícios para os alunos. A proposta possibilitou o desenvolvimento das competências comunicativas ao aprimorar habilidades de leitura, oralidade, produção escrita e análise linguística/semiótica. O trabalho com o gênero textual Seminário incentivou uma leitura mais reflexiva e crítica, além de promover uma expressão oral mais formal. Além disso, os alunos passaram a compreender e reconhecer a inter-relação entre os eixos de Língua Portuguesa, entendendo que tanto o ensino quanto a avaliação devem ser abordados de forma integral, articulada e contextualizada. No que se refere à avaliação, perceberam a diferença entre instrumentos e critérios avaliativos e, ao compreenderem esses critérios adequadamente, podem tomar decisões mais assertivas para alcançar seus objetivos educacionais.

A pesquisa também beneficiou a escola e os professores de todas as áreas do conhecimento, uma vez que o gênero Seminário é utilizado como prática pedagógica. Para a escola, a abordagem integrada e holística contribui para o aprimoramento do ensino e da avaliação de Língua Portuguesa, promovendo práticas mais eficazes e favorecendo o desenvolvimento integral dos alunos. Além disso, incentiva a adoção de estratégias que proporcionem situações de comunicação formal. Já para os professores, a proposta estimula a reflexão sobre o ensino e, principalmente, sobre a avaliação, incentivando-a a ocorrer de maneira integrada e articulada, considerando as necessidades dos alunos e buscando uma aprendizagem mais significativa.

No campo da pesquisa, especialmente no PROFLETRAS, a investigação reforçou a importância de uma avaliação de Língua Portuguesa que articule os eixos, reconhecendo sua interdependência. Além disso, apresenta um modelo de prática pedagógica concretizado no Manual Pedagógico, que pode ser explorado e adaptado por outros professores e pesquisadores. Também forneceu dados concretos que comprovam os impactos positivos da proposta, ao mesmo tempo que evidencia aspectos a serem aperfeiçoados, servindo como material para futuras pesquisas.

Por fim, a pesquisa evidenciou a necessidade de articular ensino e avaliação de Língua Portuguesa a partir de uma mesma perspectiva, embasados no texto e em um único gênero textual, garantindo um processo de ensino-aprendizagem eficiente, significativo e contínuo. Fica claro que essa abordagem deve ser conduzida de

maneira contextualizada, destacando a interdependência entre os eixos e a relevância de um processo avaliativo formativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação** / Irandé Antunes. – São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal** / Mikhail Bakhtin [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2º ed. — São Paulo: Martins Fontes, 1997. — (Coleção Ensino Superior)
- BESERRA, Normanda da Silva. **Avaliação da compreensão leitora: em busca de relevância**. In: MARCUSCHI, Beth; SUASSUNA, Livia (orgs.). **Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica** / 1º Ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa** / Stella Maris Bortoni-Ricardo. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (Inep). Disponível em: < <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/saeb> > Atualizado: 21/ 08/2023. Acesso: 11/01/2024.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAMPOS, Elísia Paixão de. **Por um novo ensino de gramática: orientações didáticas e sugestões de atividades** / Elísia Paixão de Campus. – Goiânia: Cânone Editorial, 2014.
- CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias. **Português: linguagens: 9º ano** / William Cereja e Carolina Dias Vianna. – 11. ed. – São Paulo: Saraiva Educação S.A., 2022.
- CRESWELL, John W.; CLARK, Vicki L. **Pesquisa de métodos mistos**. Porto Alegre: Penso, 2007.
- DAMÁSIO, António R. **O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano**. 20ªed. Portugal: Fórum da Ciência, 2000.

- DICIONÁRIO MICHAELIS. Comunicação. **Michaelis On-line**, 2019. Disponível em: < <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues> >. Acesso: 15 de setembro de 2023.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; PIETRO, Jean-François de; ZAHND, Gabrielle. **A exposição oral**. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- FERREIRA, Andrea Tereza Brito & LEAL, Telma Ferraz. **Avaliação na escola e ensino da língua portuguesa: introdução ao tema**. In: MARCUSCHI, Beth; SUASSUNA, Livia (orgs.). **Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica** / 1º Ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- GERHARDT, Tatiane Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa** / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES-SANTOS, Sandoval Nonato. **A exposição oral: nos anos iniciais do ensino fundamental** / Sandoval Nonato Gomes-Santos. – 1ª ed. – São Paulo: Cortez, 2012.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista** / Jussara Maria Lerch Hoffmann – 20º ed. – Porto Alegre: Mediação, 1991.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade** / Jussara Maria Lerch Hoffmann – 32º ed. – Porto Alegre: Mediação, 2012.
- HOFFMANN, Jussara. **Avaliação formativa ou avaliação mediadora**. Disponível em: < <https://mídiasstoragesec.blob.core.windows.net> >. Atualizado em: 01/08/2018. Acesso: 16/02/2024.
- KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e escrever: estratégias de produção textual** / Ingedore Villaça Koch, Vanda Maria Elias. 2. ed., 6º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2021.

- LOUSADA, Eliane Gouvêa e ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **Planejar gêneros acadêmicos** / coordenado por Ana Raquel Machado – São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições** / Cipriano Carlos Luckesi. – 22º. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico** / Cipriano Carlos Luckesi. – 1º. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.
- MARCUSCHI, Beth. **GLOSSÁRIO CEALE** (UFMG.BR). Disponível em: < <https://www.caele.fae.ufmg.br/glossariocaele/verbetes/oralidade> >. Acesso em: 13 de outubro de 2023.
- MARCUSCHI, Beth; SUASSUNA, Livia (orgs.). **Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica** / 1º Ed., 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão** / Luiz Antônio Marcuschi. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MELO, Cristina Teixeira Vieira de & CAVALCANTE, Marianne Bezerra. **Superando os obstáculos de avaliar a oralidade**. In: MARCUSCHI, Beth; SUASSUNA, Livia (orgs.). **Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica** / 1º Ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MENDONÇA, Márcia. **Análise linguística: por que e como avaliar**. In: MARCUSCHI, Beth; SUASSUNA, Livia (orgs.). **Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica** / 1º Ed., 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MENEGASSI, Renilson José; CHAVES, Maria Izabel Afonso. **O título e sua função estratégica na articulação do texto**. Linguagem & Ensino, v. 3, n. 1, p. 27-44, 2000.
- MOREIRA, M. A. **O que é afinal aprendizagem significativa?** Revista cultural La Laguna Espanha, 2012. Disponível em: < <http://moreira.if.ufrgs.br/oqueeafinal.pdf> >. Acesso em: 19/01/2024.
- PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas** / Philippe Perrenoud; tradução Patrícia Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Artmed, 1999.
- SIPEC, I. **A Teoria de Aprendizagem de Bruner e o Ensino de Ciências**. Arquivos do Mudi, v. 21, n. 3, p. 13-25, 12 dez. 2017.

- SUASSUNA, Livia. **Instrumentos de avaliação em língua portuguesa: Limites e possibilidades.** In: MARCUSCHI, Beth; SUASSUNA, Livia (orgs.). **Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica** / 1º Ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação** / Michel Thiollent. - São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. (Coleção temas básicos de pesquisa-ação).
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Teoria linguística e ensino: da necessidade de trabalhar com a significação no sentido da língua materna.** In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). **Língua Portuguesa em calidoscópico.** São Paulo: EDUC, 2004. P. 207-218.
- VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar.** / Celso dos Santos Vasconcellos. – 11º ed. – São Paulo: Libertad, 2000.

ANEXOS

ANEXO 1: Termo de Aprovação do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - UEPB / PRPGP		
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP		
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA		
Título da Pesquisa: SEMINÁRIO: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA A ARTICULAÇÃO DOS EIXOS NO PROCESSO AVALIATIVO EM LÍNGUA PORTUGUESA.		
Pesquisador: JOSELICE DINIZ MAIA E BARBOSA		
Área Temática:		
Versão: 2		
CAAE: 82490924.2.0000.5187		
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA		
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio		
DADOS DO PARECER		
Número do Parecer: 7.118.494		
Apresentação do Projeto:		
Assim está escrito: "Mesmo com todos os avanços educacionais, a Avaliação permanece nos palcos das discussões por ser essencial no processo de ensino-aprendizagem e ainda ser realizada, muitas vezes, numa perspectiva tradicional e pouco produtiva. E com o ensino da Língua Portuguesa (LP), não é diferente, pois apesar de ser um componente curricular composto por quatro eixos: Oralidade, Leitura, Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica, ainda percebemos no cotidiano das salas de aula, um ensino individualizado, desarticulado entre os eixos, desencadeando um processo avaliativo de mesma natureza, em que é possível haver o privilégio ou mesmo a exclusão de algum eixo no processo avaliativo. Considerando esse contexto, questionamos: Como os alunos veem o processo avaliativo em LP? É possível, que a avaliação no ensino da LP se realize através do gênero textual Seminário, de maneira que todos os eixos sejam contemplados e estejam articulados entre si? De que forma uma proposta didática pode contribuir para melhorar a avaliação dos eixos da LP? Buscando responder a essas questões, elaboramos esta pesquisa, que tem por objetivo desenvolver uma proposta didática de avaliação para articulação dos eixos oralidade, leitura, produção textual e análise-linguística/semiótica no		
Endereço: Av. dos Barões, 351 - Campus Universitário		
Bairro: Bodocongó CEP: 58.106-753		
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE		
Telefone: (83)3215-3373 Fax: (83)3215-3373 E-mail: cep@reitoria.uepb.edu.br		

Página 01 de 08

processo avaliativo da LP, com mesmo grau de relevância, a partir do gênero textual Seminário. Para isso, consideraremos os documentos norteadores da educação nacional, Brasil (1998) e Brasil (2018); os estudos de Luckesi (2010), Hoffmann (2012), Both Marcuschi e Livia Suessuna (2007) sobre avaliação e avaliação em LP; Antunes (2003) sobre as principais dificuldades no estudo da LP; Marcuschi (2008) sobre gêneros textuais e Gomes-Santos (2012) sobre o gênero textual Seminário, entre outros. Do ponto de vista metodológico, nossa pesquisa se caracteriza como exploratória e descritiva, com abordagens bibliográfica, quanti-qualitativa e pesquisa-ação, apresentará como colaboradores uma (01) turma do 8º Ano da Rede Municipal, do município de Esperança, PB. A proposta iniciará pela aplicação de um (01) questionário e depois uma sequência de atividades, abordando todos os eixos da LP e depois um (01) questionário final. Como resultados, esperamos que os alunos, a partir do estudo do gênero seminário, compreendam que para o ensino e a avaliação da LP exercerem seus propósitos, todos os eixos devem ser contemplados e estar articulados entre si. Já como produto, pretendemos criar um módulo educacional com todas as atividades desenvolvidas sobre o gênero seminário, para ser utilizado como recurso didático, por outros professores, em suas salas de aula."

Objetivo da Pesquisa:

Assim está escrito: "3.1. OBJETIVO GERAL

Objetivamos desenvolver uma proposta didática de avaliação para articulação dos eixos oralidade, leitura, produção textual e análise-linguística/semiótica no processo avaliativo de LP, com mesmo grau de relevância, a partir do gênero textual Seminário. Objetivos específicos: Apresentar abordagens teóricas sobre Avaliação;

- ✓ Analisar o papel da avaliação no contexto escolar e em LP;
- ✓ Definir o tratamento dos Eixos da LP: Leitura, Produção Escrita, Oralidade e Análise Linguística/Semiótica, nos documentos oficiais;
- ✓ Apresentar e analisar dados sobre o conhecimento prévio dos alunos do 8º Ano sobre o gênero textual Seminário;
- ✓ Desenvolver uma proposta de Sequência de Atividades com foco na avaliação holística dos eixos, através do gênero textual Seminário;
- ✓ Criar um módulo educacional com todas as atividades desenvolvidas sobre o gênero

Endereço: Av. das Bananeiras, 351 - Campus Universitário
Bairro: Rodocão CEP: 58.106-753
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
Telefone: (33)3215-3373 Fax: (33)3215-3373 E-mail: cap@uepb.unpb.edu.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA - UEPB / PRPGP



Continuação do Parecer: T.110.488

seminário, para ser utilizado como recurso didático, por outros professores, em suas salas de aula.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Assim está escrito: "Sabemos que toda pesquisa que envolve pessoas apresenta algum risco, no entanto em

conformidade com a resolução CNS 466/12, esta pesquisa apresentará risco mínimo para os colaboradores (alunos), pois é uma pesquisa de cunho acadêmico e em nenhum momento haverá identificação, exposição de dados pessoais ou imagens. Além disso, as atividades e materiais utilizados, que envolverão a prática de leitura, produção escrita, oralidade e análise linguística/semiótica estarão adequados ao ambiente escolar e público-alvo da proposta. Como benefícios, proporcionará a comunidade escolar e aos alunos uma nova possibilidade de aperfeiçoar as competências e habilidades no processo de ensino-aprendizagem e avaliação da Língua Portuguesa a partir de uma abordagem holística dos eixos utilizando gênero textual seminário."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não há

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados segundo os critérios do CEP

Recomendações:

não há

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

não há

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_2403610.pdf	15/09/2024 20:23:38		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	15/09/2024 20:20:58	JOSELICE DINIZ MAIA E BARBOSA	Aceito

Endereço: Av. das Bananeiras, 351- Campus Universitário
Bairro: Bodocongó CEP: 58.109-753
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 Fax: (83)3315-3373 E-mail: cep@proar.unpb.edu.br

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA
PARAÍBA - PRÓ-REITORIA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA - UEPB / PRPGP**



Continuação do Parecer: T. 110.436

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	15/09/2024 20:18:34	JOSELICE DINIZ MAIA E BARBOSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.pdf	15/09/2024 20:16:08	JOSELICE DINIZ MAIA E BARBOSA	Aceito
Declaração de concordância	Documento_2.pdf	20/08/2024 14:04:28	JOSELICE DINIZ MAIA E BARBOSA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Documento1.pdf	20/08/2024 14:02:40	JOSELICE DINIZ MAIA E BARBOSA	Aceito
Folha de Rosto	Documento.pdf	20/08/2024 13:57:09	JOSELICE DINIZ MAIA E BARBOSA	Aceito
Outros	IBP.pdf	19/08/2024 11:43:01	JOSELICE DINIZ MAIA E BARBOSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TAICDA.pdf	19/08/2024 11:36:59	JOSELICE DINIZ MAIA E BARBOSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TAI.pdf	19/08/2024 11:36:16	JOSELICE DINIZ MAIA E BARBOSA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	19/08/2024 11:32:57	JOSELICE DINIZ MAIA E BARBOSA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 02 de Outubro de 2024

Assinado por:
Gabriela Maria Cavalcanti Costa
(Coordenador(a))

Endereço: Av. das Bananeiras, 355 - Campus Universitário
Bairro: Bodocongó CEP: 58.106-753
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)3315-3373 Fax: (83)3315-3373 E-mail: cnp@reitoria.uepb.edu.br

Página 04 de 16

ANEXOS 2: Sequência 1

Texto 1: Exposição Oral: Compreendendo o Gênero Textual Seminário

O Seminário é um gênero textual da modalidade discursiva oral, muito utilizado pelos professores de todas as áreas, mas é conhecido pelos estudiosos como Exposição Oral. Seu objetivo é transmitir, descrever ou explicar um tema, conteúdo ou assunto de forma clara e organizada.

Geralmente, para sua realização a turma é dividida em grupos, que ficará responsável por desenvolver o trabalho com o tema ou subtemas propostos. Cada grupo atua como especialista que compartilham as informações com os demais colegas. Entretanto, para que as informações sejam compartilhadas, existe um processo a ser seguido, que se inicia pela pesquisa das informações, passando pelo planejamento e organização, para finalizar na exposição oral. O grupo de expositores precisam buscar informações em várias fontes e suportes, selecionar as mais relevantes e organizá-las de maneira que façam sentido, estejam claras e interligadas.

Para isso, os expositores podem utilizar estratégias **de gestão interacional da exposição** que incide sobre a distribuição das tarefas entre a equipe e a ordenação das intervenções pelos expositores e sobre o contato com os ouvintes; **de progressão do tema de exposição** que incide sobre o desenvolvimento ou no modo como o conteúdo está contextualizado para chamar a atenção dos ouvintes e topicalizado (com uso de exemplificação, reformulação, narrativização e comentário). Além disso, os expositores podem utilizar recursos audiovisuais, recursos paralinguísticos (qualidade de voz, elocução, pausas, risos, suspiros) e cinésicos (atitudes corporais, gestos, trocas de olhares, mímicas faciais) para enriquecer a apresentação, tornando o conteúdo para os ouvintes mais interessante e de fácil compreensão.

No entanto, na prática, uma Exposição Oral segue algumas etapas de organização:

1. **Abertura:** O aluno se apresenta como expositor e inicia o diálogo com seus colegas.
2. **Introdução ao Tema:** Ele anuncia o tema e explica sua importância.
3. **Apresentação do Plano:** O expositor mostra como a apresentação será estruturada.
4. **Desenvolvimento:** Ele explana os conteúdos, seguindo o roteiro planejado.

5. **Recapitulação:** O aluno faz uma síntese do que foi apresentado.
6. **Conclusão:** Finaliza a apresentação, agradece ao público e se dispõe a responder perguntas.

Essas fases ajudam os expositores a organizar a apresentação do tema, garantindo que o conteúdo seja apresentado de maneira coerente facilitando a compreensão pelo público.

Fonte: Adaptação do estudo realizado por GOMES-SANTOS, Sandoval Nonato. **A exposição oral: nos anos iniciais do ensino fundamental** / Sandoval Nonato Gomes-Santos. – 1ª ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

Texto 2: Seminário



PRODUÇÃO

Não escreva no livro.

de texto

SEMINÁRIO:
CONSTRUÇÃO E RECURSOS EXPRESSIVOS

O seminário é um gênero oral público que pertence à família dos gêneros expositivos, que circulam no campo das práticas de estudo e pesquisa, como o artigo de divulgação científica, o relatório, o verbete de enciclopédia, o texto didático.

Comum na esfera escolar, acadêmica e profissional, o seminário pode ser realizado individualmente ou em grupo. Seu papel é compartilhar conhecimentos específicos – técnicos ou científicos – a respeito de um assunto relacionado a determinada área do conhecimento.

Neste capítulo, você vai aprender a realizar um seminário.

► **PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO DE UM SEMINÁRIO**

Os seminários têm como objetivo a transmissão de conhecimentos, por isso é fundamental que o apresentador conheça bem o tema a ser abordado. Para isso, é preciso planejar o seminário, preparar-se para ele, conforme indicam as etapas sugeridas a seguir.

Pesquisa

Para organizar um seminário, é preciso pesquisar em livrarias, bibliotecas e na internet para encontrar livros, enciclopédias, jornais, revistas, sites, blogues e vídeos que possam servir como fontes de informação sobre o tema.

Tomada de notas

Durante a pesquisa, é importante grifar as ideias principais dos textos lidos, tomar notas, resumir ou reproduzir textos verbais e não verbais que possam ser úteis para a exposição. Esse trabalho deve ter em vista a produção de um roteiro para ser utilizado no momento da apresentação. Por isso, é essencial anotar tudo o que for útil para enriquecer o texto: dados históricos ou estatísticos, citações, comparações, exemplos, etc.

Seleção e organização de informações e recursos materiais

Para essa tarefa, considere os seguintes aspectos da exposição:

- como introduzir, desenvolver e concluir a exposição;
- quais subtemas serão abordados no desenvolvimento;
- que exemplos ou apoios (como gráficos) serão usados para fundamentar a exposição;
- que materiais e recursos audiovisuais serão necessários.

Nesse planejamento, considere ainda as características do público-alvo, como faixa etária, tipos de interesse, expectativas e conhecimentos prévios. Para dar à exposição um encaminhamento agradável, é importante intercalar o uso da voz com o uso de recursos audiovisuais.

||≡|| 264

Produção de roteiro e esquema

Primeiramente, é importante redigir um roteiro que permita visualizar não apenas o conjunto das informações que serão apresentadas como também a sequência em que isso vai ocorrer. Esse roteiro deve conter: informações-chave que orientarão seu pensamento durante a exposição; indicação de recursos audiovisuais (se for o caso); textos de autoridades ou especialistas que serão citados, etc.

Posteriormente, costuma-se redigir um esquema, isto é, um conjunto de anotações breves que servirão como apoio à fala durante a exposição. Se necessário, é possível olhar rapidamente o esquema, a fim de se lembrar de algum tópico ou da sequência da exposição.

Ensaio

É fundamental ensaiar a apresentação. Para isso, a pessoa deve ter à mão um gravador (celular, *smartphone*) e o esquema. Com o aparelho ligado, pode começar a exposição como se estivesse falando para a turma. É importante procurar falar com segurança e fluência, com boa altura de voz, evitando consultar o roteiro. Deve-se fazer isso apenas em último caso. Ao final, valerá ouvir a gravação e avaliar o resultado. Se julgar necessário, será importante ensaiar outras vezes e, se possível, na presença de outras pessoas.

➤ APRESENTAÇÃO DO SEMINÁRIO

Durante a exposição podem ocorrer fatos não previstos. Por isso, é preciso estar atento a vários aspectos simultaneamente e, de acordo com a necessidade, introduzir modificações e improvisar soluções, a fim de alcançar o melhor resultado possível.

A seguir, relacionamos alguns dos aspectos que devem ser observados na apresentação de um seminário.

Sequência e andamento da exposição

1. **Abertura:** o professor (ou um colega) dá a palavra ao apresentador. Isso é feito com palavras como "Vocês agora vão assistir ao seminário preparado por fulano..."
2. **Tomada da palavra e cumprimentos:** o apresentador coloca-se à frente da plateia, cumprimenta-a e dá início ao seminário.
3. **Apresentação do tema:** o apresentador diz qual é o tema, fala da importância de abordá-lo e esclarece o ponto de vista a partir do qual vai abordá-lo. Se o tema for amplo, delimita-o, isto é, indica qual aspecto dele será focado. Por exemplo, se o tema é a poluição do meio ambiente, o apresentador pode delimitá-lo e tratar apenas da poluição dos rios. Esse momento do seminário tem em vista despertar na plateia curiosidade sobre o tema abordado. Se fizer uma citação de algum especialista, deve indicar claramente quem é o autor fazendo uso de expressões como "**De acordo** com fulano, em seu texto..."
4. **Exposição:** o apresentador segue o roteiro traçado, expondo cada uma das partes, com clareza e sem atropelos. Ao final de cada parte, deve perguntar ao público se quer fazer alguma pergunta.

5. **Conclusão e encerramento:** o apresentador retoma os principais pontos abordados, fazendo uma síntese deles; se quiser, pode mencionar aspectos do tema que merecem ser aprofundados em outro seminário; pode também deixar uma mensagem final, algo que traduza seu pensamento ou o pensamento do grupo ou de um autor especial. No final, agradece a atenção do público e passa a palavra a outra pessoa.
6. **Tempo:** o apresentador deve estar atento ao tempo previsto e, de acordo com o andamento do seminário, ser capaz de introduzir ou eliminar exemplos e aspectos secundários, caso haja necessidade.

Enriquecendo o seminário com o uso de recursos audiovisuais

A principal linguagem de um seminário é a verbal. Contudo, o uso de recursos audiovisuais, como *datashow* e retroprojektor, cartazes, filmes, músicas, etc., pode tornar o evento mais agradável ou facilitar a transmissão de um volume maior de informações. O uso desses recursos exige, porém, certos cuidados.

- O equipamento deve ser testado previamente, para prevenir a ocorrência de falhas técnicas durante a exposição.
- O apresentador deve lembrar que tais recursos têm a finalidade de servir de apoio à exposição oral e, portanto, não a substituem. Ao fazer uso de um *slide*, por exemplo, deve aproveitá-lo para reunir ou esquematizar as informações que vem apresentando, em vez de simplesmente ler o que está escrito nele.

A alternância da exposição oral com o uso de recursos audiovisuais geralmente dá leveza a um seminário.

Postura do apresentador

1. **Posição:** o apresentador deve, preferencialmente, falar em pé, com o esquema nas mãos, olhando para o público como um todo. Não deve ficar com braços e pernas cruzados. Deve evitar esfregar os olhos e gesticular excessivamente. Deve permanecer sempre de frente para a plateia, mesmo quando usar a lousa ou o retroprojektor; nessas situações, é possível ficar de lado e falar com a cabeça virada na direção do público, a fim de que sua voz seja ouvida por todos.
2. **Voz, tom e ritmo:** a fala do apresentador deve ser alta, clara, bem articulada, com palavras bem pronunciadas e variações de entonação, de ritmo e de altura de voz, a fim de que a exposição não fique monótona.
3. **Textos de apoio:** ao consultar o roteiro, o apresentador deve fazê-lo de modo rápido e sutil, sem interromper o fluxo da fala. Se precisar ler uma citação, não deve abaixar demasiadamente a cabeça, a fim de que a voz não se volte para o chão.
4. **Relacionamento:** o apresentador deve se mostrar simpático e receptivo a participações da plateia, mas estar atento para evitar polêmicas com uma única pessoa do público.



Organização de um seminário em grupo

A exposição em grupo exige atenção a alguns aspectos específicos:

1. Cada integrante do grupo pode ficar responsável pela apresentação de uma parte do seminário. Entretanto, o grupo todo deve se “especializar” no assunto. Além de conferir maior segurança às exposições individuais, isso permite que todos respondam com tranquilidade a qualquer pergunta feita pelo público.
2. Entre a exposição de um participante e a de outro deve haver coesão, isto é, não pode haver contradição entre as exposições nem ser dada a impressão de que uma fala é independente de outra. Cada exposição deve retomar o que já foi desenvolvido e acrescentar, ampliar. Para garantir a coesão entre as partes, devem ser empregados elementos linguísticos, como “**Além** das causas que fulano comentou, **vejamos agora** outras causas, menos conhecidas...”; “Vocês viram as consequências desse problema no meio urbano; **agora, vão conhecer** as consequências do mesmo problema no meio rural...”.
3. Enquanto um dos apresentadores expõe, os outros podem ficar sentados ou em pé, mas devem permanecer em silêncio. Podem também contribuir manuseando os equipamentos (por exemplo, o computador), trocando cartazes, apagando a lousa ou simplesmente ouvindo com atenção a exposição.

Atenção é fundamental!

Devem ser evitados, durante a realização de um seminário, comportamentos que desviem a atenção do apresentador e a atenção do público, como conversas paralelas entre os membros do grupo ou entre um membro do grupo e uma pessoa da plateia, bem como movimentos, ruídos ou brincadeiras.



Stigur Már Karlsson / Heimsmyndir/Getty Images

Uso da linguagem

Nos seminários, predomina uma variedade de acordo com a norma-padrão da língua, embora possa haver menor ou maior grau de formalidade da linguagem, dependendo da intimidade entre os interlocutores. Assim:

1. O apresentador deve evitar certos hábitos da linguagem oral, como a repetição constante de expressões como **tipo, tipo assim, né?, tá?, ahn...**, pois elas prejudicam a fluência da exposição.
2. Sempre que for necessário, o apresentador deve explicar o significado de vocábulos e conceitos específicos da área pesquisada; para isso, deve fazer uso de expressões de reformulação, como **isto é, quer dizer, como, por exemplo, em outras palavras, vocês sabem o que é isso?**. Deve também fazer uso de expressões que confirmem retomadas e continuidade da exposição, como **além disso, por outro lado, outro aspecto, apesar disso**.

Como conclusão de estudo sobre o seminário, troque ideias com os colegas sobre o que é, para que serve e como se faz um seminário e dê as principais características desse gênero, levando em conta os critérios apontados.

Agora, no caderno, responda aos itens deste quadro:

Seminário: construção e recursos expressivos	
Quem são os interlocutores do seminário?	
Qual é o objetivo desse gênero?	
Onde ocorre o seminário?	
Como o seminário se estrutura?	
Que materiais complementares podem apoiar a exposição oral?	
Como é a linguagem utilizada pelos participantes?	

AGORA É A SUA VEZ

SEMINÁRIO

No final desta unidade, em **Intervalo**, você e os colegas organizarão o **Simpósio sobre diversidade**, ou seja, um evento em que haverá a apresentação e discussão do tema com a comunidade escolar.

No simpósio, além do lançamento da *Enciclopédia étnica*, serão também apresentados alguns seminários para os participantes.

Reúna-se com os colegas de grupo e, com a orientação do professor, escolham um dos temas pesquisados no capítulo anterior:

- Cor da pele humana – teorias sobre origem e diversificação
- Escravidão – história e novas formas de escravidão
- Genoma humano – conceito de raça
- Migração humana na Pré-História

Também podem escolher um tema diferente relacionado ao respeito pela diversidade e à luta contra os preconceitos, como:

- As diferenças entre homens e mulheres na vida social, profissional e política do Brasil
- A desigualdade no Brasil entre negros e brancos quanto a salários e cargos executivos
- As dificuldades dos indígenas brasileiros em relação à preservação de sua identidade cultural e de sua história
- A inserção de pessoas com deficiência no mercado de trabalho
- A situação da população idosa no Brasil
- A população brasileira que vive em situação de rua no Brasil

► Crianças indígenas do povo yawalapiti na aldeia Tuatuari, em Gaúcha do Norte (MT), 2017.



Renato Soares/Imagens do Brasil/Pulsar Imagens

Planejamento do texto

- Definido o tema, iniciem a preparação do seminário, iniciando pela parte da pesquisa. Levantem a bibliografia de base em livros, revistas e internet.
- Grifem e copiem as informações mais importantes, sempre anotando corretamente as fontes: nome do autor do texto ou obra, título do texto, editora ou site, ano de publicação, endereço digital, etc.
- Feito o levantamento do material de pesquisa, dividam os conteúdos em partes e discutam como vão apresentá-los.
- Decidam se vão usar algum equipamento de apoio para a exposição.

Redação de roteiro e esquema para o seminário

- Iniciem a redação do roteiro, considerando o texto que vai ser desenvolvido pelos alunos. Levem em conta o tempo que cada aluno vai ter; por isso, não se alonguem demais.
- O roteiro deve conter as informações que serão compartilhadas, incluindo citações e os materiais complementares – gráficos, tabelas, infográficos, fotografias, etc. – que serão utilizados.
- Se fizerem citações de algum texto, não se esqueçam de mencionar claramente a autoria, empregando expressões como “Segundo fulano”, “De acordo com tal texto”, etc.

Ensaio, filmagem e revisão do seminário

- Façam alguns ensaios da apresentação do grupo. Quando sentirem que todos os integrantes da equipe falam com desenvoltura, no tempo combinado, gravem um desses ensaios.
- Assistam à filmagem do ensaio, observando se a sequência e o andamento da exposição apresentam cumprimento ao público, apresentação e desenvolvimento do tema, conclusão.
- Observem também se a sequência e o andamento da exposição fluem com naturalidade e se, na mudança de apresentador, ocorre o uso de expressões como “Vocês vão ver agora...”, a fim de indicar que uma parte tem ligação com a outra.
- Verifiquem se o conteúdo é apresentado com profundidade crescente, como se a explanação se constituísse de camadas de um mesmo objeto.
- Observem se a postura dos apresentadores, a linguagem, o tom e a altura da voz estão adequados.
- Verifiquem se os equipamentos eletrônicos funcionam perfeitamente ou se precisam de algum ajuste.
- Façam os ajustes necessários antes do dia da apresentação do seminário.



Simpósio sobre diversidade

- Vocês organizarão o evento **Simpósio sobre diversidade** em **Intervalo**. Esse simpósio servirá de apresentação do tema para a comunidade escolar e promoverá sua discussão.

269



Texto 3: 5 dicas para tornar a pesquisa na internet mais eficiente

Encontrar boas informações no meio da quantidade gigantesca de conteúdo disponível na internet não é tarefa fácil. Uma busca eficiente depende de vários fatores: é preciso escolher as palavras mais importantes do assunto, checar se as fontes são confiáveis, entre outras coisas. No meio desse processo, alguns truques podem ser importantes. Por isso, listamos aqui cinco dicas que podem ajudar a otimizar suas pesquisas no Google.

1) Encontrar uma frase específica

Os mecanismos de busca procuram pelas principais palavras da frase que digitamos. Isso pode ser um problema se precisarmos encontrar uma frase específica, que lemos em uma entrevista ou cuja origem queremos descobrir.

Ao colocar as aspas na frase, o Google lista apenas os resultados em que existem frases exatamente iguais às digitadas.

2) Excluir um termo da busca

Às vezes pode ser necessário pedir que o sistema de busca deixe de fora resultados com uma palavra que não tem relação com o que queremos encontrar. Quando digitamos *Caetano* no Google, por exemplo, a maior parte dos primeiros resultados se refere ao cantor Caetano Veloso.

Se precisarmos encontrar outro personagem com o mesmo nome, retirar o sobrenome pode nos ajudar. Para isso, *colocamos um sinal de subtração colado ao termo que não queremos encontrar*. **Por exemplo: Caetano –Veloso**

3) Procurar em um site específico

Se você estiver planejando uma aula sobre multiplicação e quiser procurar ideias na internet. Obviamente, você não recorrer a qualquer site, porque eles podem ter erros e acabar atrapalhando a aprendizagem dos seus alunos, certo?

Nesse caso, pode ser importante saber como pesquisar em uma página específica. Para fazer isso, basta *colocar a palavra site seguida de dois pontos e o endereço da página após os termos de pesquisa*.

Para achar os conteúdos de multiplicação publicamos em NOVA ESCOLA, é só digitar *Multiplicação site:acervo.novaescola.org.br*

4) Pesquise páginas relacionadas

Encontrou uma página interessante e quer ver se existem outras parecidas?

Digite related: e o endereço da página original.

5) Procurar um tipo específico de arquivo

Digamos que você precisa procurar um artigo acadêmico, que provavelmente estará em formato pdf. Para dizer isso ao navegador, basta usar o comando ***filetype:*** ***tipo de arquivo.***

Para encontrar um trabalho sobre didática da Matemática em pdf, por exemplo, basta digitar *Matemática filetype:pdf*.

O próprio Google organizou uma página com vários conteúdos legais que explicam o funcionamento dos seus mecanismos de pesquisa e dão várias outras dicas. O endereço é www.google.com/insidesearch.

Referência: NOVA ESCOLA. 5 dicas para tornar a pesquisa na internet mais eficiente. Nova Escola, 2017. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4549/5-dicas-para-tornar-a-pesquisa-na-internet-mais-eficiente>. Acesso em: 25 jul. 2024.

Texto 4: Fazer um cartaz nota 10

Criar cartazes para a apresentação de projetos pode ser uma tarefa divertida, e trabalhosa, mas não necessariamente difícil ou complicada. Seguindo alguns passos simples é possível criar cartazes incríveis e divertir-se durante o processo.

Parte 1

1- Siga os requisitos mínimos. Os cartazes para projetos escolares podem ter requisitos específicos a serem seguidos. Descubra quais são eles e planeje-se para segui-los.

- Alguns requisitos podem ser: nome, série, nome do professor, agradecimentos, etc.
- Além disso, os professores podem requisitar a apresentação de itens à parte do cartaz, tais como anotações, protótipos, etc.
- Esteja ciente também de itens proibidos na apresentação de cartazes.

2- Crie um plano detalhado. Antes de começar a montagem do cartaz é necessário decidir as informações que serão incluídas e como apresentá-las. Essa parte do plano dependerá do tipo de projeto no qual está trabalhando. Uma maneira de criar um plano detalhado é através do uso de esboços (representação gráfica de como o cartaz será organizado).

- Revise o trabalho e determine as partes principais dele, que poderão ser incluídas na apresentação do cartaz.
- Ao criar o esboço, planeje os tamanhos de fontes a serem usados. Isso facilitará o restante do processo de criação.
- Algumas feiras de ciência sugerem a adoção da seguinte organização para os cartazes:
 - Esquerda: problema; Objetivo; Hipótese; Variáveis; Materiais; Procedimentos.
 - Centro: título e Subtítulo; Dados do projeto; Gráficos; Tabelas; Diagramas; Fotos; Ilustrações.
 - Direita: análises; Resultados; Discussões; Conclusão; Recomendações; Referências.

3- Use títulos e subtítulos. Textos longos devem ser divididos para facilitar a leitura do material. Os leitores devem ser capazes de identificar o tema do trabalho à primeira vista, sem a necessidade de ler todos os detalhes. Leve em consideração os títulos e subtítulos na hora de planejar o cartaz.

- Não use tamanhos de fonte menores do que 16 para os textos gerais do cartaz. As pessoas devem conseguir lê-los mesmo que a certa distância.
 - Títulos e subtítulos devem ser impressos em fontes maiores do que os textos gerais. Use textos em negrito, sublinhado ou cores diferentes para destacá-los ainda mais.
 - Escreva os textos em forma de itens para torná-los concisos.
- 4- Verifique a necessidade de um cartaz auxiliar.** Os cartazes auxiliares são menores do que os principais e podem ser posicionados em frente ou lateralmente a eles. Eles são úteis na apresentação de um resumo do projeto ou de fotos ilustrando os resultados. O cartaz auxiliar deve ter aproximadamente o tamanho de uma folha A4.
- O cartaz auxiliar pode ser confeccionado em isopor. Para mantê-lo de pé, cole um segundo pedaço de isopor junto à base para criar um apoio.
- 5- Escolha o título do projeto.** O título possui duas funções principais: chamar a atenção e explicar o assunto do projeto. Seja criativo, faça uma lista de nomes possíveis e brinque com as palavras até ter certeza de que encontrou o título perfeito. Além disso, busque por inspirações na internet.
- Tente manter o título o mais curto possível. A plateia deve ser capaz de ler o título rapidamente e desenvolver interesse pelo projeto ao mesmo tempo.
 - Alguns bons exemplos de títulos para projetos são:
 - Quanta pressão a madeira aguenta?
 - Fixação: batom ou gloss.
 - Descubra o teor de bactérias do leite.
 - Testando os cinco sentidos com frutas.

Parte 2

- 1- Use a maior quantidade possível de ilustrações.** Uma imagem vale mais do que mil palavras, portanto, inclua itens visuais como fotos, gráficos, tabelas e diagramas no cartaz. Mantenha o fundo do cartaz simples e limpo, ler textos sobre fundos coloridos e chamativos pode se tornar uma tarefa difícil e distrativa.
- Faça impressões coloridas para os gráficos, principalmente para aqueles que usam cores na diferenciação de itens ou variáveis.

- Caso não tenha acesso a uma impressora colorida, use canetinhas ou giz de cera para colorir os gráficos.
- 2- Adicione legendas às fotos e aos gráficos.** Cada ilustração (gráfico, tabela, diagrama, foto, etc.) deve possuir um número (ou letra) de identificação próprio seguido de uma breve descrição. Esse número, ou letra, deverá ser utilizado quando o texto fizer referência a ilustrações específicas. A legenda deve descrever de forma breve e precisa o conteúdo da ilustração, e ser impressa em uma fonte menor do que o texto geral.
- 3- Inclua termos e jargões apropriados.** Os textos e títulos do cartaz devem incluir linguagem e termos técnicos relevantes ao assunto do projeto. Caso necessário, inclua um glossário de termos no trabalho.
- Usar os termos apropriados é especialmente importante para apresentações em feiras de ciência ou outros eventos em que o trabalho será julgado por profissionais.
 - Caso o trabalho seja muito complexo, adicione um resumo para leigos ao cartaz. Isso será muito importante caso o projeto seja exposto a outros estudantes, pais, ou até mesmo à comunidade não acadêmica.
- 4- Menos é mais.** Criar cartazes excêntricos pode ser tentador, mas tente evitar esse erro. Um bom cartaz deve ser organizado, fácil de ler, com gráficos explicativos e cores que não atrapalhem o leitor.
- Procure por exemplos de cartazes na internet para entender melhor o que funciona ou não nesse tipo de apresentação.
 - Peça conselhos ao professor sobre o que não fazer. Além disso, peça também por exemplos de cartazes que obtiveram notas máximas em anos anteriores.
- 5- Compre materiais adequados.** O cartaz pode ser confeccionado em cartolina, ou impresso em gráficas. As cartolinas são vendidas em tamanho padrão (50x66cm), entretanto também é possível utilizar mais de uma na montagem do cartaz. Ao escolher o tamanho do material que ficará em exposição, verifique se existem restrições de tamanho impostas pelo evento onde ocorrerá a apresentação.
- Cartolinas podem ser encontradas a venda em papelarias e também pela internet.

- Tamanho não é documento. Cartazes grandes demais podem se tornar difíceis de ler ou até mesmo cansativos devido ao excesso de informações.

Parte 3

1- Crie todos os materiais no computador. A menos que o cartaz seja parte de um projeto de artes, crie todos os materiais (para depois imprimi-los) em um computador. Evite criar materiais à mão, já que isso não dá um ar profissional ao trabalho. Nesse estágio, todas as informações que devem constar no cartaz já devem ter sido separadas durante a fase de planejamento e esboço.

- Os materiais podem ser criados em diferentes softwares, incluindo ferramentas de texto, de planilhas, ou de apresentação multimídia. Além disso, ainda é possível usar softwares mais específicos como o Adobe Photoshop ou o iPhoto, caso já esteja familiarizado com essas ferramentas.
- Caso não possua um computador em casa, use um na escola ou até mesmo em uma biblioteca.
- Selecione a orientação da página de acordo com a necessidade do cartaz. É possível escolher entre as opções retrato (vertical) e paisagem (horizontal).
- Faça com que a página apareça por inteiro na tela do computador, isso dará uma ideia de como ficará a disposição real no cartaz.
- Use fontes como Arial e Verdana, ou ainda como Times New Roman e Georgia. Evite fontes manuscritas ou de difícil leitura.

2- Imprima todos os materiais. Com os materiais prontos no computador, imprima cada um deles. O ideal é que eles sejam impressos em cores, mas caso isso não seja possível faça os materiais em tons de cinza, assim será mais fácil de saber contraste que os tons apresentarão depois de impressos. Caso seja necessário, salve os arquivos em um pen drive e imprima-os na escola ou em uma gráfica.

- Se possível, imprima os materiais em papéis de maior gramatura, ou que não sejam completamente brancos. O papel padrão utilizado em impressões é bastante fino, e isso pode fazer com que a cola usada apareça através do papel.
- Evite o uso de papéis em cores vivas para a impressão. Ou, caso opte por papéis coloridos, verifique se a cor de impressão dos textos poderá ser lida com clareza sobre esses papéis. Fontes escuras sobre papéis coloridos, ou

fontes claras sobre papéis claros podem tornar os textos difíceis de serem lidos.

- Além de usar o corretor automático do computador confira manualmente o texto para evitar erros ortográficos no material impresso.
- Caso a impressão das fotos vá ser feita em papel fotográfico, opte pela versão fosca ao invés da brilhante. O papel brilhante causa reflexo nas fotos e isso poderá se tornar uma distração.

3- Crie um layout. Agora provavelmente já sabe quais informações colocará no cartaz, mas ainda precisa decidir como organizá-las. Coloque os materiais impressos sobre o cartaz e teste diferentes configurações até encontrar uma de que goste. Não cole os materiais no cartaz até ter certeza de que gostou do layout.

- Em geral, o layout deve ser lido como um artigo de jornal – de cima para baixo e da esquerda para a direita.
- O título do projeto deve se destacar no cartaz, de modo que possa ser lido à distância. Evite escrever o título na vertical, esse formato é mais difícil de ser lido de relance.

4- Use papéis coloridos para criar sobras, bordas e silhuetas. Use papel colorido para criar bordas ao redor de alguns materiais do cartaz. Seja consistente na escolha da cor, e limite-se a duas cores complementares. Além disso, escolha cores que combinem com a cor do cartaz.

- Seja cuidadoso na escolha das cores. Cores ousadas podem se tornar uma distração, além de dificultar a visualização do cartaz.
- Use um círculo cromático para escolher as cores a serem utilizadas. Existem muitos círculos cromáticos disponíveis online.

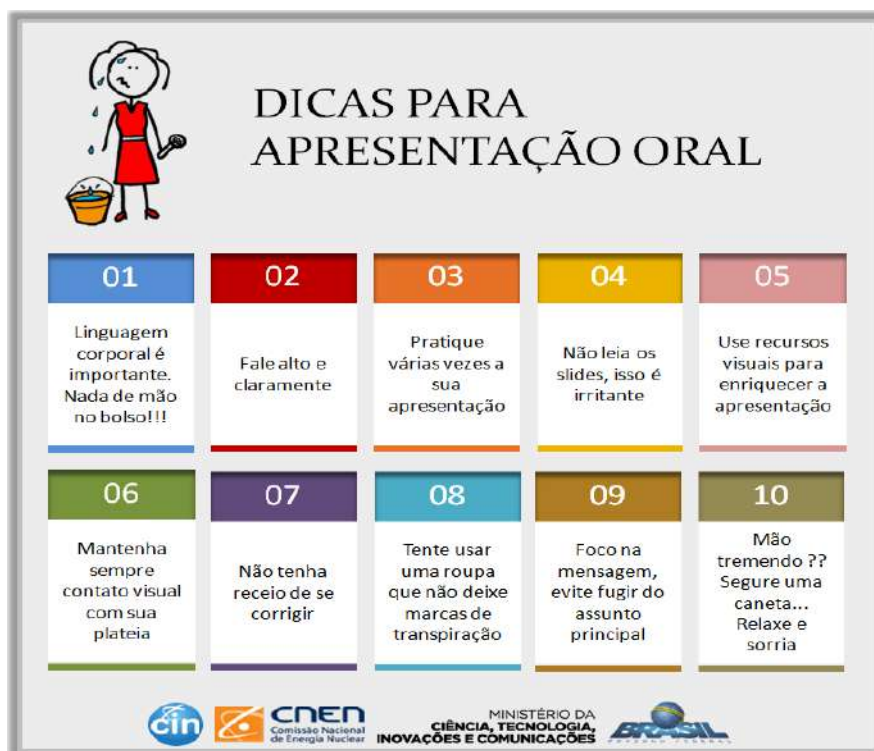
5- Corte os materiais de maneira retilínea. Essa pode parecer uma dica óbvia, mas mesmo utilizando linhas como guia os cortes feitos com tesouras podem sair tortos. O ideal é cortar os materiais impressos utilizando cortadores ou guilhotinas para papéis.

- A escola provavelmente possui um cortador de papel a disposição, peça ao professor se é possível usá-lo.
- Algumas gráficas e papelarias também possuem cortadores de papel a disposição dos clientes.

- Caso conheça alguém que faça scrapbooks pergunte se possuem uma guilhotina para papéis que possam lhe emprestar.
- 6- Cole os materiais impressos no cartaz.** Colas em bastão são a melhor opção para esse tipo de projeto, mas também é possível usar fita adesiva. Colas comuns não são recomendadas, pois aparecem através do papel e podem torná-lo enrugado, fazendo com que o cartaz não tenha um aspecto profissional. Caso deseje reaproveitar as fotos utilizadas no projeto, cole-as com fita ao invés de cola.
- Outro material que pode ser utilizado nas colagens do cartaz são as colas vulcanizadas.
- 7- Posicione os cartazes adequadamente.** Na hora de expor os cartazes procure posições com iluminação favorável, de modo que nenhuma sombra incida sobre eles. Ajuste a posição dos cartazes até que eles estejam adequadamente iluminados. Além disso, pense no conforto dos expectadores, eles devem conseguir enxergar os cartazes sem torcer os pescoços.

Referência: WIKIHOW. Fazer um cartaz escolar nota 10. Disponível em: <https://pt.wikihow.com/Fazer-um-Cartaz-Escolar-Nota-10>. Acesso em: 25 jul. 2024.

TEXTO 5: Dicas para apresentação oral



Pesquisas indicam que mais da metade do impacto da comunicação – 55% – é não verbal, de acordo com Patrícia Rocha, consultora da Sher Marketing e professora de cursos de MBA e pós-graduação. E, se o tom de voz responde por outros 38%, as palavras, propriamente ditas, ficam com apenas 7% do poder de influência de uma mensagem.

“A postura e a linguagem corporal são muito importantes para transmitir segurança e equilíbrio durante uma apresentação”, diz a especialista. Pensando nisso, EXAME.com pediu a ela que indicasse as táticas para que os profissionais possam ter a comunicação não verbal como aliada para conquistar a plateia nas apresentações. Confira as dicas de Patrícia Rocha e também os erros mais comuns de postura:

1- Movimente-se

“O profissional deve usar o espaço que ele tem disponível durante a apresentação”, diz Patrícia. Pelo menos três momentos devem ser marcados por movimentação no palco ou na sala da apresentação, de acordo com ela.

“Na abertura, ele deve ficar mais próximo da plateia, durante o desenvolvimento da apresentação deve mudar de lugar e no fim também deve se movimentar”, explica.

O ideal é fazer a marcação dos lugares antes, caso a apresentação seja feita em um palco. “A movimentação deve ser harmônica e calma”, lembra Patrícia.

Erros comuns: Movimentos repetitivos, como, por exemplo, ficar chacoalhando a perna vão roubar a atenção do público e transmitir uma sensação de ansiedade para a plateia. Fuja de movimentações aleatórias. “Não pode ficar andando e falando”, diz Patrícia.

2 - Gesticule, mas com harmonia

Os gestos com as mãos podem ser aliados na hora de explicar tópicos da uma apresentação. “Por exemplo, a pessoa que vai falar sobre três itens pode enumerar com a mão”, diz Patrícia.

A movimentação dos braços, no entanto, deve ser mantida entre a linha da cintura e do ombro. “Não é indicado levantar muito os braços”, diz Patrícia.

Erros comuns: Deixar as mãos no bolso, os braços cruzados ou cruzar as mãos atrás do corpo.

3 - Movimento deve interagir com os slides

“Em uma apresentação o movimento do corpo deve ser feito em harmonia com a projeção dos slides”, diz a especialista. Ou seja, na hora de destacar algo que esteja projetado no slide, o profissional pode inclinar o tronco pra trás e girar a cabeça em direção ao slide para apontar o item, voltando à posição inicial em seguida.

Erro comum: Dar as costas para a plateia. “Deve caminhar de costas na hora de se aproximar da tela”, recomenda Patrícia.

4 - Mantenha contato visual com a plateia

Direcione o olhar para o público de maneira equilibrada, tendo em vista o tamanho da plateia. Segundo Patrícia, é a chamada “atenção dividida”. “A dica é dividir mentalmente a plateia em quadrantes, como se fosse um jogo da velha, e distribuir o olhar ao longo da apresentação”, diz.

Se o grupo é pequeno tente olhar em direção a todas as pessoas, escolhendo algumas como âncoras do seu olhar. “Se a plateia tiver mais do que 100 pessoas, o olhar deve ser em direção ao quadrante, não dá para olhar nos olhos das pessoas”, diz Patrícia.

Erro comum: Olhar apenas para um lado da plateia ou para uma pessoa, se local for pequeno. “Tem gente que fica olhando apenas para o diretor ou a pessoa de nível hierárquico mais alto na sala, e muitas vezes, é sem querer, pois estão em busca do

aval desta pessoa”, conta Patrícia. Isso é errado e fará com os demais se sintam menos importantes.

Lembre-se de que o apresentador é quem conduz tudo e tem a responsabilidade de dar atenção para todos. “E isso se traduz por meio da sua linguagem corporal”, diz.

5 - Fisionomia tranquila

“A fisionomia deve ser a de quem está dominando 100% da sala, é preciso transmitir tranquilidade”, diz Patrícia. Por isso, preste atenção à expressão do seu rosto. “Tem que ser suave, não é porque o assunto é sério que a expressão deve ser tensa”, diz Patrícia.

Erro comum: Apresentador com a fisionomia tensa, diz ela, deixa a plateia tensa.

6 - Treine antes da apresentação

Esta é a dica de ouro. Vá ao local em que fará a apresentação e treine como será feita a apresentação, em que momentos você vai mudar de lugar e para onde você vai se movimentar. “Assim o profissional já se familiariza com o espaço que ele tem”, diz Patrícia.

O treino é na verdade a etapa final da preparação. “Primeiro a pessoa domina o conteúdo e monta um roteiro do que vai falar, em seguida prepara o material visual que irá mostrar. Depois vem a parte do treino para a fala ficar em harmonia com o gestual e com o material visual”, diz Patrícia.

Erro comum: treinar apenas mentalmente, sem fazer a movimentação “Na hora do treino pode até parecer esquisito, mas na medida em que fizer este treinamento, vai parecer natural”, diz Patrícia.

Referência: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. Dicas para apresentação oral. Disponível em: <http://ufrb.edu.br/bibliotecacetens/noticias/88-dicas-para-apresentacao-oral>. Acesso em: 25 jul. 2024.

ANEXO 3: Sequência 2

Preconceito racial: o que é e como combater o racismo

Um dos tipos de preconceitos mais reproduzidos no Brasil, o preconceito racial é um problema que afeta a vida de milhares de pessoas

Nos dias de hoje, muito se discute sobre preconceito racial. O assunto é debatido e trazido à tona com o objetivo de conscientizar as pessoas da necessidade do combate contra o preconceito.

No Brasil, essa discussão é uma das principais pautas da sociedade: ao mesmo tempo que esse é um país onde 56% da população é negra, a cada ano, os casos registrados de racismo crescem. Em 2022, por exemplo, houve um crescimento de 50% nos registros de ocorrências de racismo e injúria racial.

Esses são apenas os casos registrados, e não contam problemas que são presentes na sociedade, como o racismo estrutural e até mesmo o racismo recreativo. Dessa forma, é preciso conscientizar a população não apenas do que é preconceito racial, mas também dos direitos que cada um tem na hora de denunciar esse crime.

O que é preconceito racial?

O preconceito racial, também chamado de racismo, é a discriminação contra pessoas tendo como base sua raça ou etnia.

Geralmente, o preconceito acontece quando a pessoa ou um grupo é visto de maneira inferior ou considerado inferior devido à sua raça ou grupo étnico.

Porém, o preconceito racial também pode acontecer por meio de estereótipos, como o uso de blackface, prática na qual pessoas pintam o rosto de preto para representar pessoas negras, ou a imitação do sotaque de pessoas asiáticas, por exemplo.

O que a lei brasileira diz sobre preconceito racial?

No Brasil, racismo é considerado crime. A Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, explica que:

"Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional."

E ainda:

"Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Pena: reclusão de um a três anos e multa."

Por fim, a lei também define que, entre os atos que são considerados preconceito e discriminação estão:

- Negar emprego à pessoa por motivo de discriminação de raça ou de cor;
- Se negar a conceder equipamentos necessários para o trabalho, igual aos utilizados pelos demais funcionários;
- Impedir a ascensão do funcionário na empresa devido a sua raça ou cor;
- Não fornecer os mesmos benefícios e salários de outros funcionários que exercem a mesma função;
- Tratar o funcionário não-branco de maneira diferente dos demais funcionários;
- Impedir o acesso a estabelecimento comercial, hotéis, restaurantes, supermercados, salões de beleza ou qualquer outro tipo de comércio devido à cor ou raça da pessoa;
- Se negar a servir ou atender o cliente devido à sua cor ou raça;
- Impedir o acesso às entradas sociais de prédios públicos ou privados, assim como o uso de elevadores ou acesso à escada devido à cor ou raça;
- Impedir o uso de transporte público ou particular;
- Impedir o relacionamento, casamento, convivência social ou familiar de pessoas se baseando em sua cor ou raça.

Qual a punição para preconceito racial?

A pena prevista pela lei para casos de racismo — discriminação ou injúria racial, em linguagem jurídica — é de 2 a 5 anos de reclusão.

Só existe preconceito racial contra pessoas negras?

Não. O preconceito racial acontece contra pessoas de raças diferentes da raça a qual pertence a maioria de um grupo.

Por isso, existe preconceito racial, ou seja, racismo, contra pessoas negras, amarelas, latinos e pessoas indígenas.

Quais tipos de preconceito racial existem?

Além do preconceito contra pessoas negras, existem outros tipos de preconceito racial contra outras cores, raças e grupos étnicos.

Entre os tipos de racismo que existem estão:

- Racismo contra pessoas asiáticas;
- Racismo contra indígenas;
- Racismo contra latinos;
- Racismo contra árabes.
- Qual a diferença entre racismo e injúria racial?

Muito se ouve falar sobre injúria racial, mas poucas pessoas sabem que existe uma diferença entre o crime de preconceito racial e de injúria racial.

A diferença entre os dois é simples: enquanto racismo é quando o preconceito é praticado contra um grupo de pessoas, a injúria racial acontece quando o racismo é praticado contra um indivíduo.

Quais são as consequências do preconceito racial?

O preconceito racial traz uma série de consequências não apenas para quem sofre o ato de racismo, mas também para a sociedade onde essa pessoa ou grupo está inserida.

Entre as consequências do racismo estão:

- Impactos psicológicos negativos na pessoa que sofre a discriminação, em sua família e na sociedade em seu entorno, como depressão, autodepreciação, ansiedade e síndrome do pânico;
- Diminuição de oportunidades igualitárias para a inclusão de pessoas na sociedade;
- Dificuldade do acesso de pessoas que sofrem preconceito à educação e melhores empregos;
- Menor mobilidade social;
- Baixa autoestima;
- Aumento da violência contra pessoas de grupos que sofrem preconceito racial.

Existe preconceito racial no Brasil?

Sim e os brasileiros reconhecem isso. Apesar de ter mais da metade de sua população formada por pessoas negras, o Brasil é visto como um país racista por 61% de sua população, segundo uma pesquisa realizada em 2020.

Pessoas negras representam 75% dos mortos pela violência policial e também compõem 62% do sistema prisional brasileiro.

Ao mesmo tempo, só 4,7% dos cargos executivos das 500 maiores empresas do país são ocupados por pessoas negras.

Além do preconceito contra pessoas negras, indivíduos de outros grupos, como asiáticos, também relatam situações de racismo pelas quais passaram.

Ou seja, existe preconceito racial no Brasil.

Como combater o preconceito racial?

Combater o preconceito racial é um trabalho longo e que exige a colaboração de todos.

Além disso, é fundamental a atuação do poder público, tanto por meio da elaboração de políticas públicas que promovam a inclusão de pessoas de diferentes raças na sociedade quanto pela punição contra criminosos que praticam racismo.

Algumas das atitudes que podem ser tomadas para combater o preconceito racial são:

- Educar crianças para que elas aprendam a respeitar e conviver com as diferenças;
- Buscar estudar e se informar sobre o que é racismo, como combatê-lo em seu dia a dia, como identificar situações onde pessoas estão sofrendo com esse crime e como denunciá-las;
- Não julgar o não se entende: criar pré-conceitos sobre coisas é uma maneira de discriminá-las. Procure se informar e saber mais quando tiver dúvidas;
- Estimule e proporcione a convivência com pessoas de diferentes raças e etnias;
- Denuncie casos de racismo para a Polícia Militar, discando 190, ou no site da Secretaria da Justiça e Cidadania.

Como denunciar casos de preconceito racial?

É possível denunciar casos de racismo e injúria racial de três formas: presencialmente, pelo telefone ou pela internet.

Presencialmente, a denúncia é feita para a autoridade policial mais próxima, em forma de uma ocorrência que é registrada relatando o máximo de detalhes possíveis sobre o crime. Nesse caso, é necessário informar a autoridade policial que a vítima deseja que o agressor seja processado.

Para fazer a denúncia por telefone, é necessário ligar para o número 100, telefone do Disque Direitos Humanos, um programa do Governo Federal para denunciar casos de racismo e injúria racial.

Também é possível denunciar o caso discando 190, número nacional da Polícia Militar.

Por último, para denunciar casos de preconceito racial pela internet, é necessário entrar em contato com a Secretaria de Justiça ou órgão correspondente da sua cidade ou estado.

Referência: REDACÃO NÓS. **Preconceito racial: o que é e como combater o racismo.** Terra, 25 jul. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/preconceito-racial-o-que-e-e-como-combater-o-racismo,6f7c62d5810f98c587daec3004b8e209brw0da32.html>. Acesso em: 31 jul. 2024.

ANEXO 4: Sequência 3

Olimpíadas (Jogos Olímpicos)

As Olimpíadas reúnem países de todos os continentes para disputar diferentes modalidades esportivas. Os Jogos Olímpicos são um dos maiores eventos do mundo.

As **Olimpíadas** são o maior evento esportivo do mundo, no qual países dos cinco continentes se reúnem para competir em diversas modalidades. Acontecem a cada quatro anos e são divididos entre as edições de verão e de inverno. Atletas com deficiência disputam as chamadas Paralimpíadas.

A promoção da paz, a integração e a união entre os países compõem o objetivo principal dos **Jogos Olímpicos**. De acordo com o Estatuto Olímpico, a intenção é garantir o desenvolvimento harmonioso da humanidade por meio da prática esportiva.

Resumo sobre as Olimpíadas

- As Olimpíadas surgiram na Grécia Antiga, por volta de 776 a. C., na cidade de Olímpia.
- Os Jogos Olímpicos da Antiguidade estavam associados a rituais religiosos e prestavam homenagens a deuses gregos, como Zeus.
- Após o fim das Olimpíadas antigas, em 393 d.C., os jogos voltariam a ocorrer somente 1503 anos depois.
- O francês Barão de Coubertin iniciou as Olimpíadas modernas, no ano de 1896.
- As Paralimpíadas são as competições olímpicas disputadas por pessoas com algum tipo de deficiência.
- Os Jogos Olímpicos são divididos em duas edições, uma de verão e a outra de inverno, que ocorrem em um intervalo de dois anos.

Olimpíadas na Antiguidade

As Olimpíadas na **Antiguidade surgiram por volta de 776 a. C.**, conforme registros históricos. Entretanto, não há consenso entre os pesquisadores sobre um fato exato que tenha marcado o início dos jogos. Na Antiguidade, **os jogos estavam associados a rituais religiosos**. Nesse sentido, os gregos homenageavam Zeus, rei dos deuses na mitologia grega.

Os jogos recebem esse nome, pois **começaram na cidade grega de Olímpia**, situada no sudoeste da Grécia. As competições aconteciam nos momentos de trégua, pois naquela época eram comuns conflitos entre as cidades-estado gregas. A situação de trégua era decretada dois meses antes dos jogos, que ocorriam também de quatro em quatro anos, só que sempre em uma mesma cidade, Olímpia.

O anúncio do evento era dado por mensageiros em diferentes regiões, para que as pessoas pudessem viajar para Olímpia em segurança, já que os conflitos estariam interrompidos durante a competição.

Mulheres, estrangeiros e escravos eram proibidos de participar dos jogos antigos. Nem mesmo assistir era permitido às mulheres.

Era dado aos vencedores das competições uma coroa de oliveira, que representava a supremacia moral e espiritual dos Jogos Olímpicos.

O imperador romano **Teodósio banuiu a realização dos jogos no ano de 393 d. C.**, de acordo com registros oficiais. O fato marcou o fim das Olimpíadas na Antiguidade.

Olimpíadas modernas

As Olimpíadas modernas foram idealizadas pelo pedagogo e esportista francês **Barão Pierre de Coubertin**.

Escavações arqueológicas feitas em Olímpia entre os anos de 1875 e 1881 e o legado da Grécia inspiraram a criação do Comitê Olímpico Internacional (COI), em 1894. Coubertin foi o responsável pela fundação do órgão que regulamenta a competição.

A primeira edição dos Jogos Olímpicos modernos foi realizada na cidade de Atenas, em 1896. Participaram 14 países e 241 atletas homens, pois as mulheres eram proibidas de competir. Atletismo, ciclismo, esgrima, ginástica, halterofilismo, luta, natação e tênis foram as modalidades participantes.

A premiação com medalha de ouro passou a ser feita somente em 1904. Na primeira edição, os vencedores receberam medalhas de prata, e os demais foram premiados com medalhas de cobre e ramos de louro.

Desde seu início, as Olimpíadas só não foram realizadas nos anos de 1916, por causa da Primeira Guerra Mundial, e em 1940 e 1944, devido à Segunda Guerra Mundial.

Em 2016, a cidade do Rio de Janeiro sediou as Olimpíadas. Mais de 10 mil atletas concorreram em 41 modalidades esportivas. Nessa edição, o golfe e o rúgbi voltaram a participar dos jogos, ambos os esportes não participavam desde 1924.

Cerimônia de abertura

A cerimônia de abertura é um grande evento que abre as Olimpíadas. Nela ocorrem apresentações artísticas de diferentes estilos, geralmente enfatizando as características do país que está sediando a edição.

Atualmente, 46 esportes participam das competições enquanto modalidades olímpicas. Os mais recentes são o skate, surfe, escalada, beisebol e karatê, que integraram o evento desde a edição de Tóquio 2020.

Curiosidades sobre as Olimpíadas

- Londres sediou em 1908 a Olimpíada mais longa da história. Os jogos aconteceram entre 27 de abril e 31 de outubro.
- Entre os anos de 1924 e 1992, as edições de verão e de inverno eram realizadas no mesmo ano.
- Em 1920 foi hasteada a bandeira olímpica, pela primeira vez, na cidade de Antuérpia, na Bélgica.
- Maria Lenk foi a primeira mulher brasileira a competir em uma Olimpíada, no ano de 1932, na cidade estadunidense de Los Angeles.
- Entre os anos de 1912 e 1948, arquitetos, escultores, pintores, músicos e escritores competiram enquanto artistas olímpicos.
- As línguas inglesa e francesa são as oficiais das Olimpíadas. Elas são complementadas pela língua da cidade-sede dos jogos.
- A primeira vez que o evento foi transmitido via satélite pela televisão foi nos jogos de Roma, em 1960. Na ocasião, mais de 200 milhões de pessoas assistiram às competições em 18 países europeus.
- Somente em 2012, todos os países participantes dos jogos enviaram atletas mulheres.

- O nadador dos Estados Unidos Michael Phelps é o atleta que conquistou mais medalhas olímpicas da história: 28 no total.

Símbolos olímpicos

Aros: os cinco aros que compõem a bandeira olímpica representam, cada um deles, os cinco continentes do mundo. As cores azul, amarelo, preto, verde e vermelho são comuns nas bandeiras dos países que fazem parte do COI.

Tocha olímpica: a cada edição dos jogos, a tocha sai da Grécia e é transportada por diversos atletas até chegar à cerimônia de abertura. Acender a chama da tocha representa o início da celebração das Olimpíadas. O ato simboliza paz e amizade. Com a tocha, a pira olímpica é acendida, sendo apagada apenas ao final dos jogos. O design da tocha muda de acordo com a edição.

Mascote: a primeira mascote olímpica foi o cachorro Waldi, da raça Dachshund, nos jogos de Munique em 1972. As mascotes remetem aos sentidos de alegria e amizade, e são definidos de acordo com as características de cada país-sede.

Jogos Olímpicos de Inverno

As Olimpíadas de Inverno **tiveram início no ano de 1924, na cidade de Chamonix, na França**, e se chamavam Semana Esportiva de Inverno. O título de Jogos Olímpicos foi estabelecido em 1926. A edição de inverno das Olimpíadas acontece também a cada quatro anos, no intervalo entre as edições de verão.

Entre as modalidades esportivas disputadas no inverno, estão:

- biatlo;
- bobsled;
- skeleton;
- curling;
- hóquei no gelo;
- luge;
- combinado nórdico;
- esqui estilo livre;
- salto de esqui.

Paralimpíadas

As paralimpíadas, também realizadas a cada quatro anos, são compostas por **competições de atletas que possuem algum tipo de deficiência**.

A primeira edição ocorreu em 1960, em Roma, na Itália. A primeira participação brasileira aconteceu em 1972.

Entre as 22 modalidades paralímpicas estão:

- basquetebol em cadeira de rodas;
- goalball;
- futebol de 5;
- natação;
- voleibol sentado.

O Brasil é uma potência nas Paralimpíadas. O país está entre os 10 maiores medalhistas paralímpicos da história. Até os jogos de Tóquio 2020, foram 87 medalhas de ouro, conquistadas em 12 participações.

Referência: AFONSO, Lucas. “**Olimpíadas (Jogos Olímpicos)**”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/olimpiadas.htm>. Acesso : 30/07/2024.

ANEXOS 5: Sequência 4

Texto 1: Ameaça ignorada: por que o aquecimento global ainda não é visto com seriedade?

O efeito estufa é um fenômeno natural no qual os gases da atmosfera do planeta Terra retêm o calor do Sol para manter a temperatura ideal para a vida. Esse efeito, porém, pode ser maléfico quando eles se acumulam em níveis excessivos e, assim causam o aquecimento global com consequências catastróficas. Tal calamidade persiste e ainda é ignorada, tanto pela dependência dos combustíveis fósseis, quanto pela dificuldade de implementação de fontes de energia renováveis.

Primeiramente, a queima de derivados do petróleo é uma grande vilã, pois emite imensas quantidades de CO₂, um dos gases do efeito estufa. Nesse contexto, depender dessa alternativa para mover transportes e ser fonte de energia agrava a situação, porém, apesar dos alertas e de acordo com o IPCC, nos últimos anos, tem sido cada vez mais usada. Isso evidencia a grande submissão das cadeias globais a esse método, o que se mostra um grande obstáculo para que o quadro atual seja visto com seriedade pelas autoridades e que sejam tomadas as medidas necessárias para sua reversão.

Por outro lado, outras fontes de energia, como eólica e solar, que são tidas como substitutas eficazes para os combustíveis fósseis, ainda enfrentam grandes barreiras em sua implementação maciça. Segundo a revista Forbes, os custos elevados de investimento e infraestrutura e a necessidade de grandes espaços para construção de parques solares e eólicos, provocaram uma elevação expressiva no valor das tarifas energéticas, além de causar poluição visual e sonora nos ambientes. Fato esse, que afasta o engajamento das empresas de energia e da sociedade na causa.

Portanto, para estimular essas empresas a investirem em novos projetos e fazer com que o problema discutido seja levado a sério pela sociedade, o governo federal deve subsidiá-las, para estimular o uso de energias renováveis, por meio do redirecionamento de verbas do Ministério de Minas e Energia, esse recurso seria usado para incentivar as empresas a desenvolverem parques de produção de energia limpa, bem como em campanhas educacionais, através de folhetos e mídias digitais, para informar a população sobre o aquecimento global. Assim, o Brasil faria sua parte para manter a temperatura do planeta estável.

Referência: OTHERO, B. K. **Ameaça ignorada: por que o aquecimento global ainda não é visto com seriedade?** Blog Imaginie, 5 jun. 2024. Disponível em: <https://blogimaginie.com.br/redacao-aquecimento-global>. Acesso em: 31/07/2024.

Texto 2:

Aquecimento Global: Um Alerta à Humanidade

O aquecimento global tem sido uma das pautas ambientais mais discutidas mundialmente nas últimas décadas. Resultado direto das atividades humanas, esse fenômeno climático representa não apenas uma ameaça à estabilidade do clima, mas também ao equilíbrio de ecossistemas e à sobrevivência de inúmeras espécies, incluindo a humana. Assim, entender suas causas, consequências e buscar soluções é uma questão urgente e inadiável.

A principal causa do aquecimento global é o aumento da concentração de gases de efeito estufa, como o dióxido de carbono, na atmosfera. Esses gases, em excesso, formam uma espécie de “cobertor” ao redor do planeta, retendo o calor e elevando a temperatura média. As atividades industriais, o desmatamento e a queima de combustíveis fósseis são os grandes responsáveis por essa emissão desenfreada.

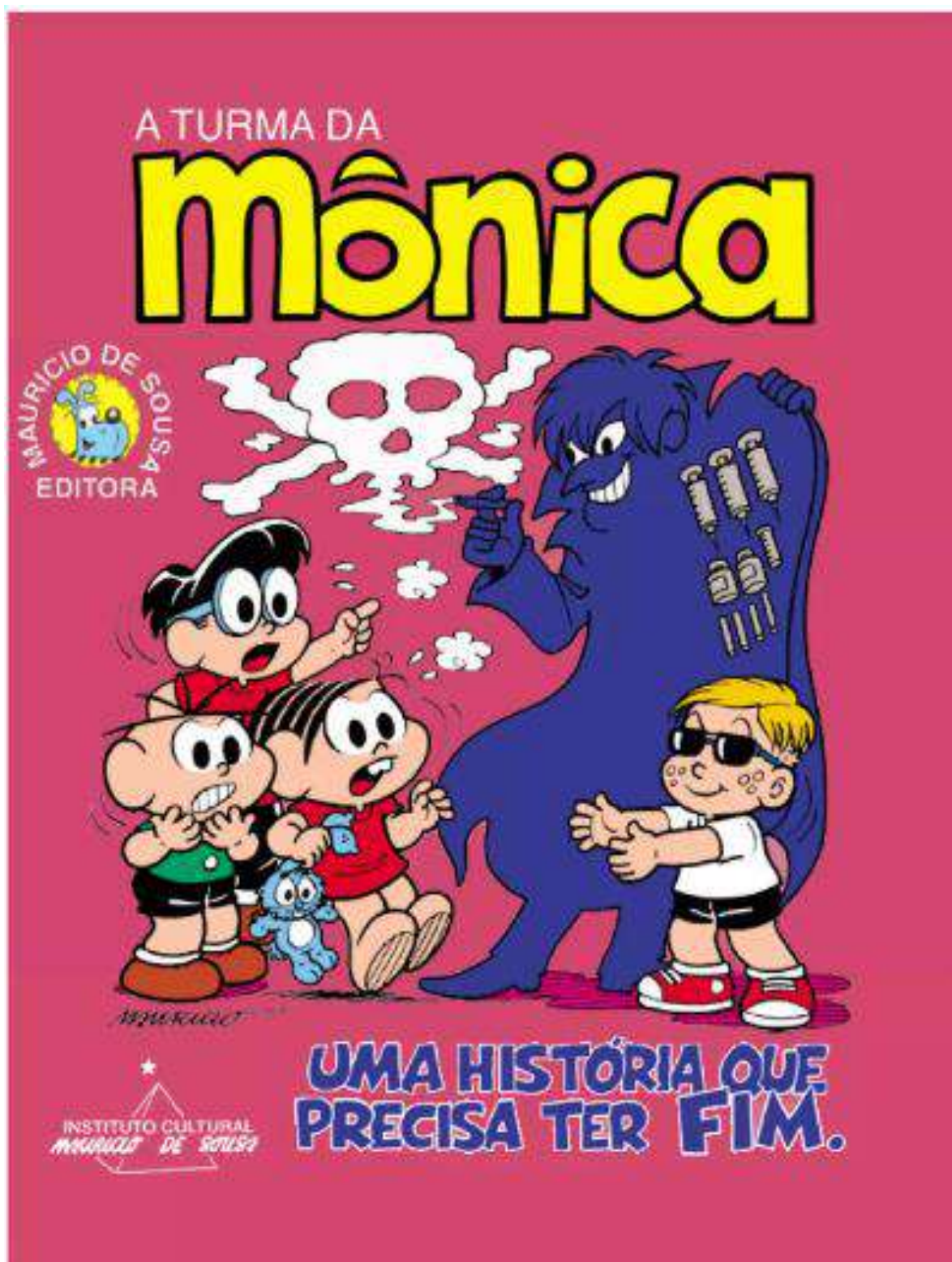
As consequências desse fenômeno são alarmantes. Elevação do nível do mar, devido ao derretimento das calotas polares; eventos climáticos extremos, como furacões, secas e enchentes; extinção de espécies e comprometimento da produção agrícola são apenas algumas das faces visíveis dessa crise. Além disso, populações vulneráveis enfrentam deslocamentos forçados, comprometendo a segurança alimentar e a estabilidade socioeconômica.

Diante desse cenário, medidas urgentes são necessárias. Acordos internacionais, como o de Paris, buscam limitar o aumento da temperatura global. No entanto, além de acordos, é preciso uma mudança profunda nos padrões de consumo e produção, incentivo às energias limpas, reflorestamento e educação ambiental. Cada cidadão, empresa e nação tem um papel nessa luta coletiva.

Em suma, o aquecimento global é uma crise que exige resposta rápida e efetiva. É um chamado para repensarmos nossa relação com o planeta e entre nós. Se não houver ação imediata, as futuras gerações enfrentarão um mundo drasticamente diferente, com desafios ainda maiores. Portanto, mais do que nunca, o futuro está em nossas mãos.

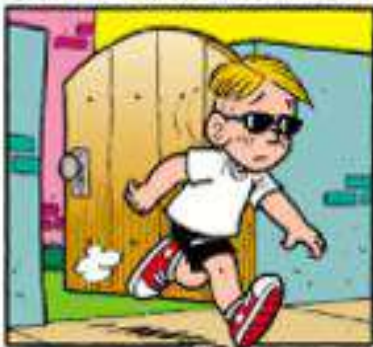
Referência: STÉFANO. **Redação ENEM Nota 1000 Sobre Aquecimento Global.** Saber Tecnologias, 24 out. 2023. Disponível em: <https://sabertecnologias.com.br/redacao-enem-nota-1000-sobre-aquecimento-global/>. Acesso em: 31/07/2024.

ANEXO 6: Sequência 5





ESTA É A HISTÓRIA DE UM
GAROTO CHAMADO ZÉLIO!



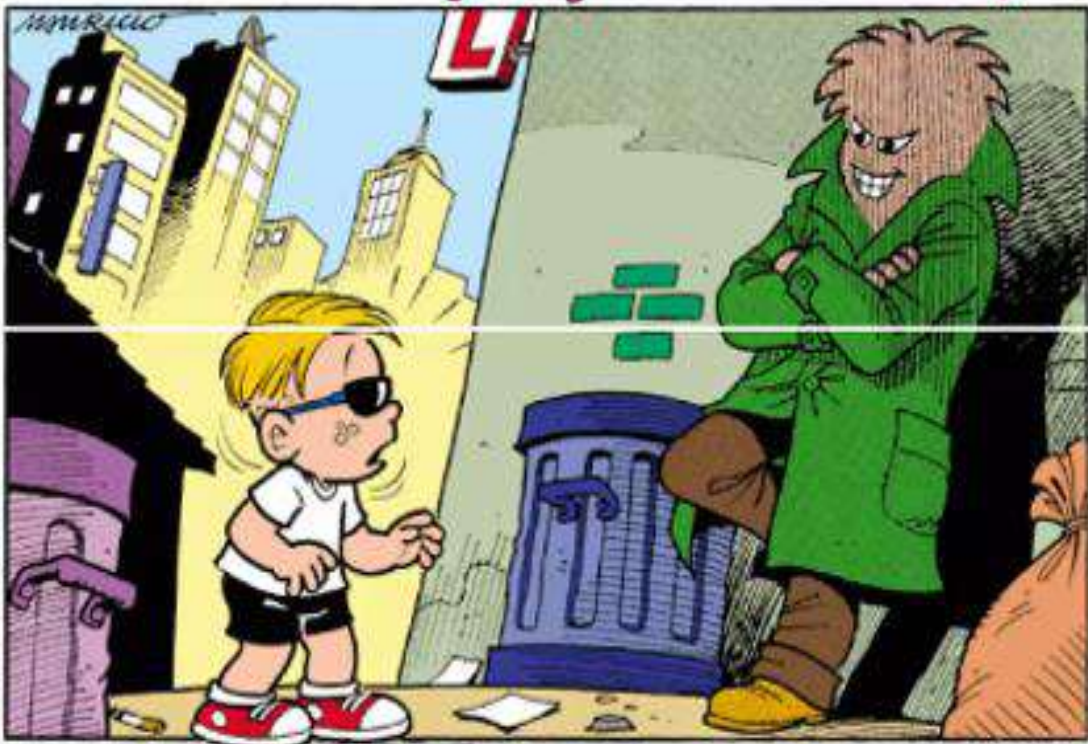
ELE PODERIA SER
ALGUÉM CALMO, SOS-
SEGADO, BRINCALHÃO,
DESPREOCUPADO...



...MAS NÃO É!



A TURMA DA MÔNICA EM Uma história que precisa ter um fim



ESTA
CADA
VEZ MAIS
DIFÍCIL
ARRAN-
JAR!

MEUS
PAIS
ANDAM
DESCON-
FIADOS...

TIVE QUE
VENDER
ALGUMAS
COISAS DE
CASA!



NÃO SE
PREOCUPE!

VOCÊ PODE TER
A QUANTIDADE
QUE QUISER!

SEM
GASTAR UM
TOSTÃO!











OUTRA DROGA MUITO UTILIZADA É A MARIJUANA! ELA É EXTRAÍDA DE UMA PLANTA CHAMADA CANNABIS SATIVA!



COM AS ERVAS, FAZEM CIGARROS! E UM SINAL DE SEU USO É O AVERMELHADO DOS OLHOS!



O USO CONSTANTE PODE AFETAR A VONTADE DA PESSOA, QUE FICA DESMOTIVADA, SEM CONSEGUIR TOMAR ATITUDES.



MUITAS CRIANÇAS COMEÇAM NO VÍCIO CHEIRANDO COLA DE SAPATEIRO!



O CIGARRO TAMBÉM É UMA DROGA, APESAR DE PODER SER VENDIDO EM QUALQUER LUGAR!



ASSIM COMO O ALCÓOL, QUE É RESPONSÁVEL POR INÚMEROS ACIDENTES DE TRÂNSITO!



NO INÍCIO, FALSOS AMIGOS OFERECEM A DROGA DE GRÁTIA!



POR ISSO, NUNCA SE DEVE ACEI-
TAR BALAS, DOCES, CIGARROS OU
QUALQUER COISA DE ESTRANHOS...



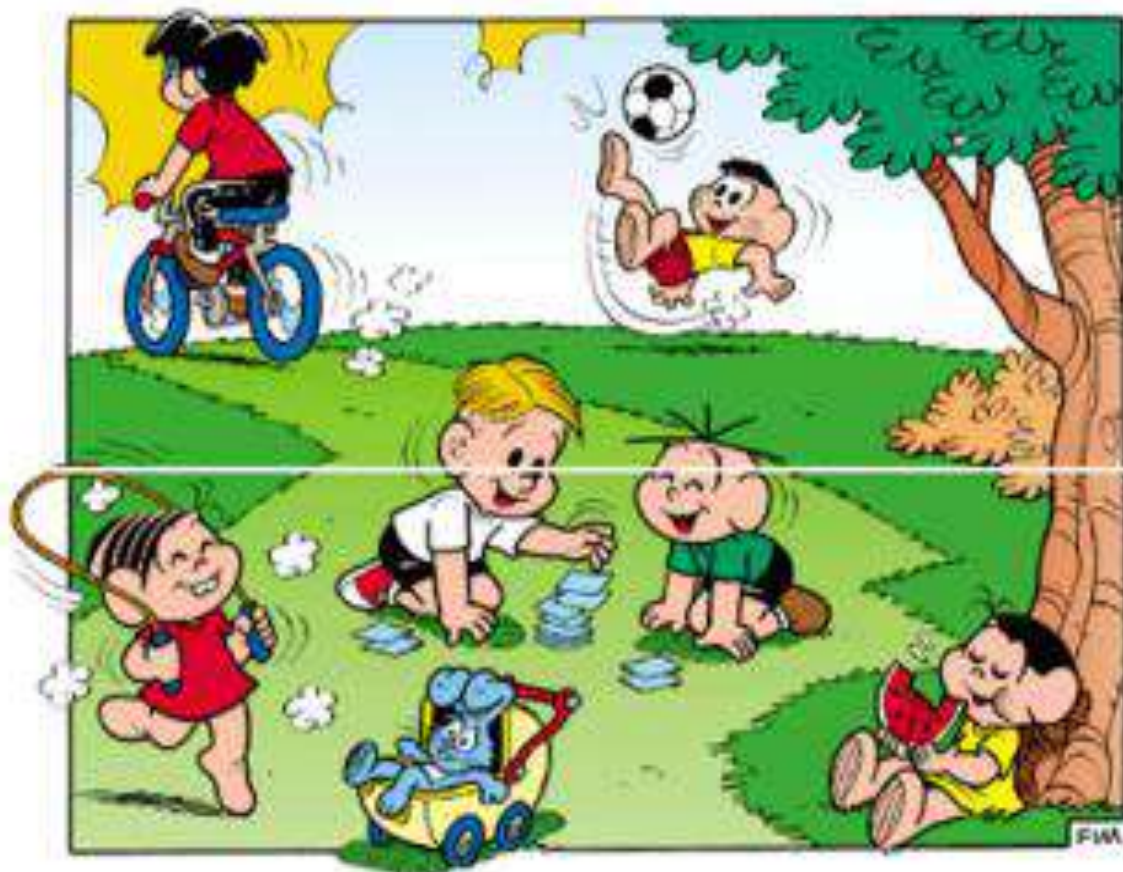
QUEM CONSUME
DROGAS, PRECISA
DE TRATAMENTO!











Amiguinhos,

Vocês que gostam de acompanhar as aventuras da Turma da Mônica sabem que no final de cada historinha sempre temos um final feliz!

Esta aventura é especial, pois ela não é uma brincadeira! Isso que aconteceu com o nosso amiguinho da revista, pode acontecer com qualquer um.

Por isso, é importante que vocês leiam com atenção, mostrem a revistinha para seus amigos, seus colegas da escola e também para o papai e para a mamãe!

Queremos que vocês saibam como vocês são importantes nesta história, para que ela, realmente, possa ter um final feliz.



General de Divisão ALBERTO MENDES CARDOSO
Chefe da Casa Militar da Presidência da República
Presidente do Conselho Nacional Antidrogas



Wálter Fungamelli Malacovitch
SECRETÁRIO NACIONAL ANTIDROGAS



SECRETARIA NACIONAL
ANTIDROGAS



Revista criada e produzida nos Estudos Mauricio de Sousa
Departamento de Projetos Especiais
Rua do Curume, 745 - Bloco F
Tel. (011) 861-2044 - CEP 05065-001 - Fax: (011) 861-2004
Lapa - São Paulo - SP - Brasil - <http://www.monica.com.br>

<http://www.monica.com.br/institut/drogas/>

Referência: COSTA, F. Revista da Turma da Mônica sobre drogas. SLIDESHARE. 10/07/2010.

Disponível em: <https://www.slideshare.net/fatimacosta10> . Acesso: 01/08/2024.

ANEXO 7: Sequência 6

Texto: A importância da inclusão: Construa uma sociedade mais justa e acolhedora

A **inclusão** é um conceito que visa garantir que todas as pessoas tenham valor, respeito e as mesmas chances na sociedade. Assim, trata-se de promover a participação ativa e igualitária de todos, apesar de suas diferenças.

O que é inclusão?

A **inclusão** é um conceito importante que significa receber e aceitar todas as pessoas, apesar de suas diferenças. Assim, é quando todos são tratados de forma igual e têm as mesmas chances de participar da sociedade.

Definição e conceito de inclusão

A **inclusão** é quando todas as pessoas são incluídas e possuem valor, sem importar as suas diferenças. É como abrir as portas para que todos possam participar e se sentir bem-vindos. Aliás, ela promove a igualdade e o respeito.

O que permite que cada pessoa tenha as mesmas chances de aprender, brincar, trabalhar e se relacionar com os outros. Dessa forma, é importante lembrar que todos têm algo especial para contribuir.

Os benefícios para a sociedade

Quando a sociedade é inclusiva, todos se beneficiam. Pois, ela permite diferentes visões, ideias e habilidades. Assim, isso torna o mundo mais: criativo; inovador; justo.

Quando todos possuem respeito e têm a chance de participar, a sociedade possui mais harmonia e fica mais diversa. Por fim, ela também ajuda a combater o preconceito e a construir relações mais solidárias entre as pessoas.

Impacto na vida das pessoas

A **inclusão** tem um impacto positivo na vida de todas as pessoas. Pois, quando incluem alguém, ele sente que tem valor e respeito. Assim, isso aumenta a autoestima e a confiança.

Isso permite, ainda mais, que as pessoas aprendam com as diferenças, criem empatia e se tornem mais tolerantes. Pessoas com deficiência também se beneficiam, pois têm a chance de participar de atividades e serem reconhecidas por seus talentos.

Quais são os principais desafios para a inclusão de pessoas com deficiência física?

A **inclusão** de pessoas com deficiência física pode ser um desafio porque existem algumas coisas que dificultam isso. Mas, importa que todos ajudem a superar esses desafios e tratem todas as pessoas com respeito.

Barreiras físicas

Algumas vezes, as pessoas com deficiência física encontram dificuldades porque nem sempre os lugares têm acesso fácil para elas. Por exemplo, se uma pessoa usa cadeira de rodas, pode ser difícil subir escadas sem uma rampa.

Isso pode impedir que ela vá a alguns lugares. Dessa forma, é importante que todos os lugares sejam acessíveis, para que todos possam ir aonde quiserem.

Preconceito e estigma na sociedade

Às vezes, as pessoas tratam as outras de maneira diferente devido à deficiência física. Elas podem fazer piadas ou dizer coisas ruins. Isso não é legal e machuca as pessoas.

É importante, então, que todos tratem as pessoas com respeito, apesar de como elas são. Todos são essenciais e merecem ser tratados com gentileza.

Acesso limitado a chances de educação, de trabalho e sociais

Algumas pessoas com deficiência têm menos chances de estudar, trabalhar e participar de atividades sociais. Isso porque, nem sempre as chances estão disponíveis para elas.

É importante que todos possam estudar e trabalhar, apesar do seu físico. Assim, as escolas, as empresas e a sociedade devem ser inclusivas, ou seja, devem oferecer opções para todos, para que todos possam aprender, trabalhar e se divertir juntos.

A inclusão inclui tornar todos os locais acessíveis para todos os tipos de pessoas.

Quais são os grupos mais afetados pela falta de inclusão social?

A falta de **inclusão** afeta diversos grupos em diferentes formas e intensidades, dependendo do contexto social, cultural, econômico e político de cada região. Mas, pode-se dizer que alguns mais prejudicados pela exclusão social incluem: pessoas com deficiência; minorias étnicas e raciais; pessoas que são LGBTQIAP+; toxicodependentes; pessoas em situação de rua.

Contudo, vale destacar, que este é um problema que afeta não apenas os grupos de minorias, pois alguns deles que sofrem com este tipo de preconceito e discriminação, podem pertencer a comunidades que são maiores do ponto de vista numérico.

Este é o caso, por exemplo, das mulheres e dos negros, que representam boa parte da população e ainda assim, costumam não ser incluídos e/ou sub-representados. Os idosos e as pessoas com pouca escolaridade, também estão entre os que sofrem com a exclusão.

Como medir o impacto das ações de inclusão social?

Para medir o impacto das ações de **inclusão** social, acompanhe a composição da sua força de trabalho ao longo do tempo. Ou seja, isso inclui estar a par de dados sobre gênero, etnia, idade, orientação sexual, deficiências, entre outros.

Comparar esses dados ao longo dos anos pode ajudar a identificar mudanças e tendências na diversidade da empresa. Além disso, monitore as taxas de retenção, bem como, a rotatividade destes grupos.

Uma pesquisa de clima organizacional, aliada a essas métricas, pode fornecer insights valiosos para fazer os ajustes necessários para que as ações neste sentido sejam cada vez mais eficazes

.

Por que a inclusão é importante para a empresa?

A **inclusão** de pessoas com deficiência na empresa é importante porque todos merecem ter a chance de trabalhar e contribuir com a sociedade. Além disso, isso ajuda a firma a ter uma equipe mais diversa e criativa, o que melhora a tomada de decisões.

Benefícios para a empresa e para as pessoas que trabalham

A **inclusão** traz muitos benefícios, como promover um ambiente de trabalho mais inclusivo e acolhedor, aumentar a diversidade de ideias e habilidades, e melhorar a imagem da empresa para o mundo. Para quem trabalha, isso pode trazer uma sensação de valor.

Como a inclusão pode ajudar a firma a se destacar no mercado?

Ela pode ajudar a empresa a se destacar no mercado, ao atrair mais clientes e pessoas para investir. Além disso, isso pode tornar a equipe mais criativa, o que permite que a firma crie produtos e serviços que atendam a um público mais amplo.

O papel da liderança

Os líderes da empresa têm um papel importante na promoção disso, pois são eles que devem criar um local de trabalho inclusivo e acolhedor. Eles podem fazer isso, por exemplo: ao promover a diversidade; criar chances de carreira para todos; incentivar que todos participem na tomada de decisões importantes.

Como definir metas e objetivos de inclusão no plano estratégico?

Para definir metas e objetivos de **inclusão** no plano estratégico, a empresa precisa pensar em maneiras de incluir pessoas com deficiência em suas atividades. Isso pode envolver, por exemplo: dar chances de emprego; adaptar o local físico para tornar o acesso fácil; promover a igualdade.

Como achar chances inclusivas na empresa?

Para achar chances disso na empresa, importa ver quais as áreas onde é possível melhorar o acesso e a participação de pessoas com deficiência. Assim, isso pode envolver, por exemplo: criar programas de cursos inclusivos; adaptar os espaços físicos para facilitar o acesso; ter uma fala acessível.

Defina objetivos específicos

Ao definir metas que podem ser medidas, a firma cria metas claras para alcançar. Por exemplo, pode-se criar o objetivo de contratar um certo número de pessoas com deficiência em um período.

Crie prazos e responsáveis para implementar as metas

Para aplicar as metas inclusivas, é necessário definir prazos e pessoas responsáveis. Aliás, ter prazos ajuda a manter um cronograma de ações e garante que alcançar as metas dentro do tempo estipulado.

Atribuir missões a pessoas dentro da empresa, além disso, garante que cada ação seja executada e acompanhada da forma certa para garantir o progresso e o sucesso das metas estabelecidas.

É importante criar um plano estratégico de inclusão na empresa.

Quais são as políticas e leis relacionadas à inclusão?

As políticas e leis relacionadas à **inclusão** são regras criadas para garantir que todas as pessoas, o que inclui aquelas com deficiência, sejam tratadas de forma justa e tenham as mesmas chances.

Existem leis que protegem os direitos delas, como o direito à educação, ao trabalho e à acessibilidade. Essas também ajudam a garantir que não haja discriminação, ou seja, que ninguém seja tratado de maneira diferente devido a sua deficiência.

Por fim, vale mencionar que essas políticas e leis são importantes para criar uma sociedade mais inclusiva e igualitária para todos. Afinal, todos merecem respeito.

Referência: ADMIN. **A importância da inclusão: Construa uma sociedade mais justa e acolhedora.** Igual Digital, 20 maio 2024. Disponível em: <https://igual.com.br/blog/o-que-e-inclusao-social/>. Acesso em: 05/08/2024.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: Questionário Inicial

- 1- Você recebeu o Livro Didático da disciplina de Língua Portuguesa?
(A) Não
(B) Sim
- 2- Você participa das aulas de Língua Portuguesa tirando dúvidas ou expressando suas opiniões?
(A) Sim
(B) Não
(C) Nem sempre
(D) Nunca
- 3- No estudo de Língua Portuguesa, você percebe que estão sendo abordados todos os eixos que a compõe? Ou seja, são abordados a Oralidade, Leitura, Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica?
(A) Sim
(B) Não
(C) Nem sempre
(D) Não sei responder
- 4- No estudo de Língua Portuguesa, os eixos Oralidade, Leitura, Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica são trabalhados, em sala?
(A) Individualmente/Separados.
(B) Todos, de maneira que se inter-relacionam uns com os outros.
(C) Não sabe responder.
- 5- Qual o eixo que é dado maior importância na aula de Língua Portuguesa?
(A) Oralidade
(B) Leitura
(C) Produção Escrita
(D) Análise Linguística/Semiótica

- 6- No que diz respeito a Avaliação em Língua Portuguesa. Ela acontece em todos os eixos Oralidade, Leitura, Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica?
- (A) Sim
- (B) Não
- 7- No que diz respeito a Avaliação em Língua Portuguesa. Ela aborda os eixos Oralidade, Leitura, Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica?
- (A) Individualmente/Separados.
- (B) Todos, de maneira que se inter-relacionam uns com os outros.
- (C) Não sabe responder.
- 8- Quando a Avaliação acontece, você sabe quais critérios estão sendo utilizados?
- (A) Sim
- (B) Não
- (C) Às vezes
- 9- Agora no que diz respeito ao gênero textual SEMINÁRIO. O que é um seminário?
- (A) Um encontro para discussão;
- (B) Um tipo de apresentação oral sobre um tema específico;
- (C) Um evento de entretenimento;
- (D) Uma competição entre alunos.
- 10- Qual o principal objetivo de um Seminário?
- (A) Apresentar e discutir um tema específico;
- (B) Divertir o público;
- (C) Entreter pessoas;
- (D) Realizar experiências científicas.

- 11- Quem geralmente apresenta um Seminário?
- (A) Apenas estudiosos;
 - (B) Estudantes, professores e outros interessados em um tema;
 - (C) Apenas profissionais da área;
 - (D) Familiares e amigos.
- 12- Qual alternativa pode ser considerada uma importante característica de um Seminário?
- (A) Ser realizado ao ar livre;
 - (B) Incluir perguntas e respostas na apresentação;
 - (C) Durar no máximo 10 minutos;
 - (D) Incluir música.
- 13- Qual melhor maneira de se preparar um Seminário?
- (A) Assistindo vídeos aulas;
 - (B) Fazendo uma pesquisa detalhada sobre o tema e organizando o conteúdo;
 - (C) Conversando com os colegas;
 - (D) Criando atividades.
- 14- Durante a apresentação do Seminário, o que é importante fazer?
- (A) Ler todo o conteúdo utilizando anotações;
 - (B) Falar de maneira clara, objetiva e coerente com o conteúdo;
 - (C) Manter a confiança e a calma;
 - (D) Utilizar um vocabulário sofisticado.
- 15- Como deve ser a interação entre o apresentador e o público durante o Seminário?
- (A) O apresentador deve manter a público em silêncio;
 - (B) Deve haver uma interação respeitosa e dinâmica;
 - (C) O apresentador deve conversar apenas com um grupo de pessoas;
 - (D) O apresentador não deve se importar com o público.

- 16- Para que server o espaço cedido para perguntas e respostas em um Seminário?
- (A) Para desviar a atenção do apresentador;
 - (B) O apresentador fazer perguntas ao público;
 - (C) Permitir que o apresentador esclareça dúvidas e aprofunda o conhecimento;
 - (D) Aumentar o tempo da apresentação.
- 17- O que é um recurso audiovisual e por que é usado em Seminário?
- (A) Ferramentas como slides, música e cartazes, usados para tornar a apresentação mais interessante e clara;
 - (B) Ferramentas como slides e cartazes, usados para impressionar na apresentação;
 - (C) Ferramentas como cartazes, usados para leitura do texto escrito;
 - (D) Ferramentas como slides e músicas, usados para evitar que o apresentador precise falar.
- 18- Por que é importante seguir uma sequência lógica durante a apresentação de um Seminário?
- (A) Para a apresentação terminar mais rápida;
 - (B) Para ajudar o público a entender e acompanhar o conteúdo de forma organizada;
 - (C) Para impressionar o público;
 - (D) Para não se perder na apresentação.
- 19- Qual tema você escolheria para apresentar um Seminário?
- (A) Olimpíadas
 - (B) Preconceito racial
 - (C) Consumismo
 - (D) Uso de drogas entre adolescentes
 - (E) Aquecimento global e as catástrofes ambientais
 - (F) Exposição à internet: bom ou ruim?
 - (G) Direitos e deveres do adolescente
 - (H) Inclusão
 - (I) Cultura do cancelamento

- (J) Inteligência Artificial
- (K) Alimentos transgênicos

APÊNDICE 2: Questionário Final

- 1- Você acredita que as atividades realizadas com o gênero seminário ajudaram a compreender melhor os quatro eixos da Língua Portuguesa (Oralidade, Leitura, Produção Escrita, Análise Linguística/Semiótica)?
(A) Sim, completamente (C) Não, apenas um ou dois eixos
(B) Sim, em partes (D) Não
- 2- Após participar das atividades sobre o gênero seminário, você sente que melhorou suas competências e habilidades em Língua Portuguesa?
(A) Sim, muito (C) Não percebi mudanças
(B) Sim, um pouco (D) Não
- 3- Você percebeu a importância de trabalhar os eixos da Língua Portuguesa de forma integrada e articulada durante as aulas?
(A) Sim, percebi (B) Não percebi
- 4- Após as atividades, você sente que consegue planejar, organizar melhor o conteúdo de um seminário e incluir adequadamente recursos audiovisuais?
(A) Sim, completamente (C) Não percebi mudança
(B) Sim, em partes (D) Não
- 5- A prática de seminários contribuiu para que você se sinta mais confortável em falar em público?
(A) Sim, muito mais confortável (C) Não fez diferença
(B) Sim, um pouco mais (D) Não, ainda sinto muito desconforto confortável
- 6- Com as atividades de seminário, você percebe que agora compreende melhor a importância dos critérios de avaliação?
(A) Sim, muito (C) Não percebi diferença
(B) Sim, mas com algumas (D) Não
dúvidas

- 7- Você se sente mais consciente dos critérios de avaliação aplicados nos seminários e sabe como melhorar para obter melhores resultados?
- (A) Sim, completamente
 - (B) Sim, mas tenho dúvidas em alguns critérios
 - (C) Não percebi muita diferença
 - (D) Não compreendo os critérios
- 8- As atividades ajudaram a compreender a importância de organizar o conteúdo de maneira lógica em uma apresentação?
- (A) Sim
 - (B) Sim, mas ainda preciso melhorar
 - (C) Não fez diferença
 - (D) Não
- 9- Você sente que agora entende melhor o papel da interação com o público durante o seminário?
- (A) Sim, entendo bem
 - (B) Entendo, mas ainda sinto dificuldades
 - (C) Não fez diferença
 - (D) Não entendo
- 10- Após a realização das sequências de atividades com o gênero Seminário, você percebeu que são mais eficazes o Ensino e a Avaliação de Língua Portuguesa com todos os eixos interligados? Justifique sua resposta.

APÊNDICE 3:

MÓDULO EDUCACIONAL

**UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA A
ARTICULAÇÃO DOS EIXOS NO PROCESSO
AVALIATIVO EM LÍNGUA PORTUGUESA, NO
GÊNERO SEMINÁRIO**

Mestranda Joselice Diniz Maia e Barbosa (UEPB)

Profº Juarez Nogueira Lins (UEPB)

2025

MÓDULO EDUCACIONAL

**UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA A
ARTICULAÇÃO DOS EIXOS NO PROCESSO
AVALIATIVO EM LÍNGUA PORTUGUESA, NO
GÊNERO SEMINÁRIO**

Material Didático desenvolvido no Programa de Mestrado
Profissional em Letras/PROFLETRAS/UEPB.

Orientações para uma Avaliação holística por meio do Gênero
Seminário.

2025

APRESENTAÇÃO

Caros Professores!

Este Módulo Educacional em formato de e-book foi desenvolvido como Produto Final de uma Dissertação no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UEPB), aplicada em uma turma do 8º Ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental. O material organiza e sistematiza as Sequências de Atividades elaboradas durante o estudo, os critérios avaliativos utilizados e os materiais de apoio empregados.

Nosso objetivo foi disponibilizar um recurso didático prático e acessível para professores de Língua Portuguesa e demais profissionais da educação interessados, fornecendo um modelo de ensino-aprendizagem e, principalmente, avaliação que contemplem de forma integrada e articulada os quatro eixos do componente curricular: Oralidade, Leitura, Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica. Dessa forma, buscamos favorecer o desenvolvimento das competências comunicativas dos alunos de maneira contextualizada e promover uma avaliação holística, equilibrando a relevância entre os eixos.

O gênero textual Seminário foi escolhido como eixo condutor da pesquisa por ser amplamente utilizado em diferentes componentes curriculares como estratégia pedagógica. Seu estudo favorece a participação ativa dos alunos e aprimora o conhecimento sobre os eixos de Língua Portuguesa e o processo avaliativo, contribuindo para a vida acadêmica e profissional dos alunos.

O Módulo Educacional foi desenvolvido a partir de uma síntese teórica sobre o processo avaliativo de Língua Portuguesa e na implementação de seis Sequências de Atividades com o gênero Seminário. Essa abordagem fundamenta-se na concepção

Bruner (1973, *apud* SIPEC,2017) que define a Sequência de Atividades como “um conjunto de atividades estruturadas e planejadas de maneira que a aprendizagem aconteça de maneira gradativa”. Além disso, oferecemos uma proposta avaliativa, que segue a mesma lógica de progressão, com critérios bem definidos para cada eixo, conduzindo a uma prática de avaliação holística e articulada.

Nesse contexto, as Sequências de Atividades foram organizadas da seguinte forma:

1. Sequência de Atividade – Gênero Textual Seminário: teoria e reflexão;
2. Sequência de Atividade – Leitura no Gênero Seminário: o início de tudo;
3. Sequência de Atividade – O Protagonismo da Oralidade no Seminário;
4. Sequência de Atividade – A Produção Escrita no Gênero Seminário;
5. Sequência de Atividade – A presença da Análise Linguística/Semiótica no Gênero Seminário;
6. Sequência de Atividade – O Seminário e a Integração dos Eixos de LP.

O Módulo Educacional oferece uma proposta inovadora para o ensino-aprendizagem e avaliação de Língua Portuguesa, promovendo uma abordagem integrada e significativa. Esperamos que este material sirva como um recurso valioso para professores e profissionais da educação, auxiliando na construção de práticas pedagógicas mais dinâmicas e eficazes. No entanto, a proposta didática é flexível e pode ser adaptada de acordo com contexto dos alunos.

SUMÁRIO

Avaliação e o Processo de Avaliativo de Língua Portuguesa	6
Sequências de Atividades	10
1. Sequência de Atividade – Gênero Textual Seminário: teoria e reflexão	11
2. Sequência de Atividade – Leitura no Gênero Seminário: o início de tudo	36
3. Sequência de Atividade – O Protagonismo da Oralidade no Seminário	45
4. Sequência de Atividade – A Produção Escrita no Gênero Seminário	54
5. Sequência de Atividade – A presença da Análise Linguística/Semiótica no Gênero Seminário	62
6. Sequência de Atividade – O Seminário e a Integração dos Eixos de LP	82
Considerações Finais	93
Referências	94



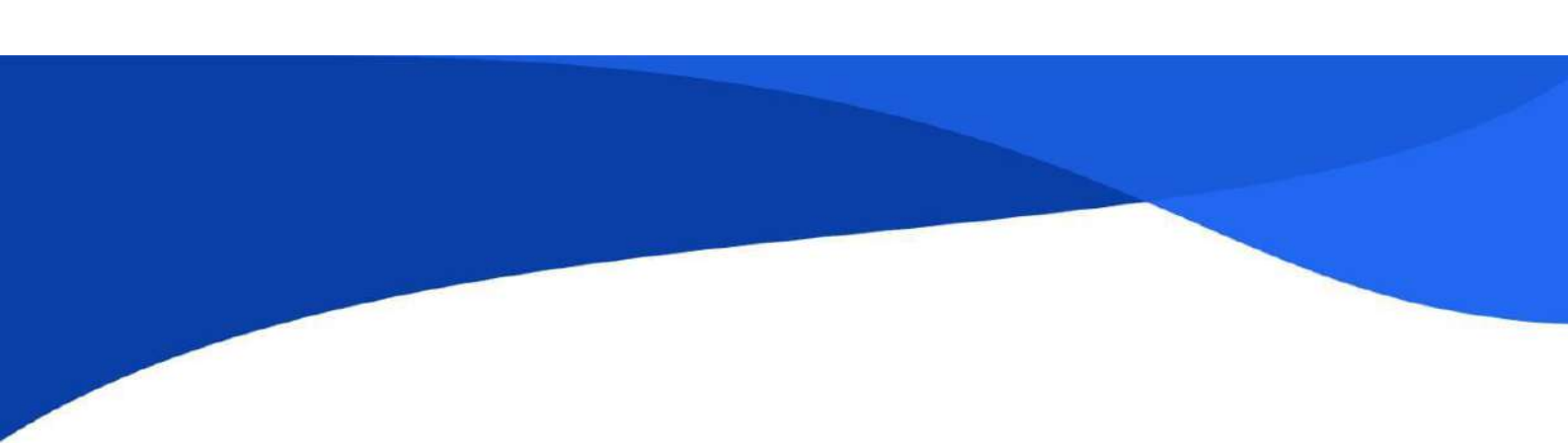
Avaliação e o Processo Avaliativo de Língua Portuguesa

A educação tem passado por constantes transformações ao longo do tempo. Novas concepções sobre o processo de ensino-aprendizagem, aliadas ao avanço de tecnologias e metodologias, surgem para aprimorar as práticas pedagógicas educacionais. Da mesma forma, é necessário repensar o processo avaliativo de maneira reflexiva, analisando se acompanha essas mudanças ou permanece estático.

A avaliação precisa ser compreendida por professores e alunos como um momento essencial no processo de aprendizagem, pois, conforme defende Luckesi (2011), trata-se de uma forma de conhecimento e reflexão que orienta a tomada de decisões. Investigar para conhecer e poder agir. E é por funcionar dessa maneira, que conforme Hoffmann (1991) a avaliação deve buscar incessantemente compreender as dificuldades dos alunos, para proporcionar novas oportunidades de aquisição do conhecimento. Além disso, deve ser um momento de intervenção no processo de aprendizagem, ocorrendo de maneira dinâmica e formativa, para que o aluno se torne um sujeito consciente, autônomo e capaz de se posicionar em diferentes contextos sociais.

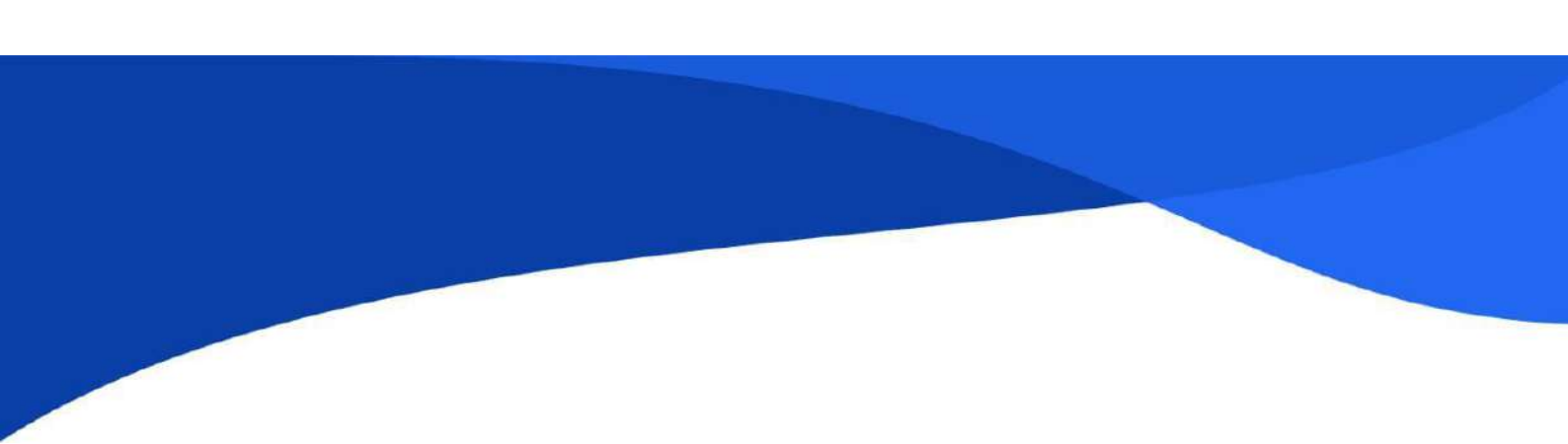
Nesse sentido, os documentos oficiais, PCNs (Brasil, 1998) e a BNCC (Brasil, 2018), orientam a educação nacional para que o ensino e a avaliação sejam coerentes com a proposta de um ensino de Língua Portuguesa contextualizado, abordando o uso real da língua e uma avaliação significativa, reflexiva e funcional na vida cotidiana.

Para garantir essa coerência, é essencial que o professor, como mediador da aprendizagem possua conhecimento teórico aprofundado sobre todos os eixos do componente curricular. Somente assim poderá selecionar instrumentos avaliativos adequados e promover um ensino integrado, fundamentado em textos pertencentes a gêneros textuais, nos quais os eixos Leitura, Oralidade, Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica estejam articulados e inter-relacionados.



Esses instrumentos devem apresentar critérios bem definidos para um processo avaliativo holístico, contemplando, aspectos específicos de cada eixo de Língua Portuguesa:

- ✚ Na Oralidade, devem ser considerados aspectos de natureza extralinguística, paralinguística e cinésica, e de caráter linguístico, conforme apontam Melo e Cavalcante (2007), para possibilitar que o aluno reconheça a língua falada como variável e como um mecanismo de controle social e poder, tornando-se capaz de interagir de maneira eficaz;
- ✚ Na Leitura, segundo Beserra (2007), a avaliação deve contemplar o conhecimento prévio do aluno, a organização textual, as propriedades do gênero, os aspectos semânticos, a pontuação expressiva e a inferência textual e semântico-lexical, favorecendo ao aluno uma reflexão crítica sobre a leitura e proporcionando contato com o conhecimento;
- ✚ Na Produção Escrita, com base nos PCNs (Brasil, 1998), os critérios avaliativos devem considerar as condições de produção, a utilização de procedimentos específicos para a elaboração do texto, a aplicação de mecanismos discursivos e linguísticos para garantir a coerência e coesão textuais, o emprego de marcas de segmentação em função do projeto textual, o uso de recursos gráficos que orientem a interpretação do interlocutor, e a observância dos padrões da escrita em função do projeto textual e das condições de produção, garantindo que o aluno desenvolva a competência de produzir textos coesos, coerentes e adequados ao contexto e a situação comunicativa;
- ✚ Na Análise Linguística/Semiótica, ainda à luz dos PCNs (Brasil, 1998) e BNCC (Brasil, 2018), a avaliação deve verificar se o aluno é capaz de produzir textos orais e escritos nos gêneros previstos para o ciclo, coesos e coerentes, de acordo com as especificidades das condições de produção e as restrições

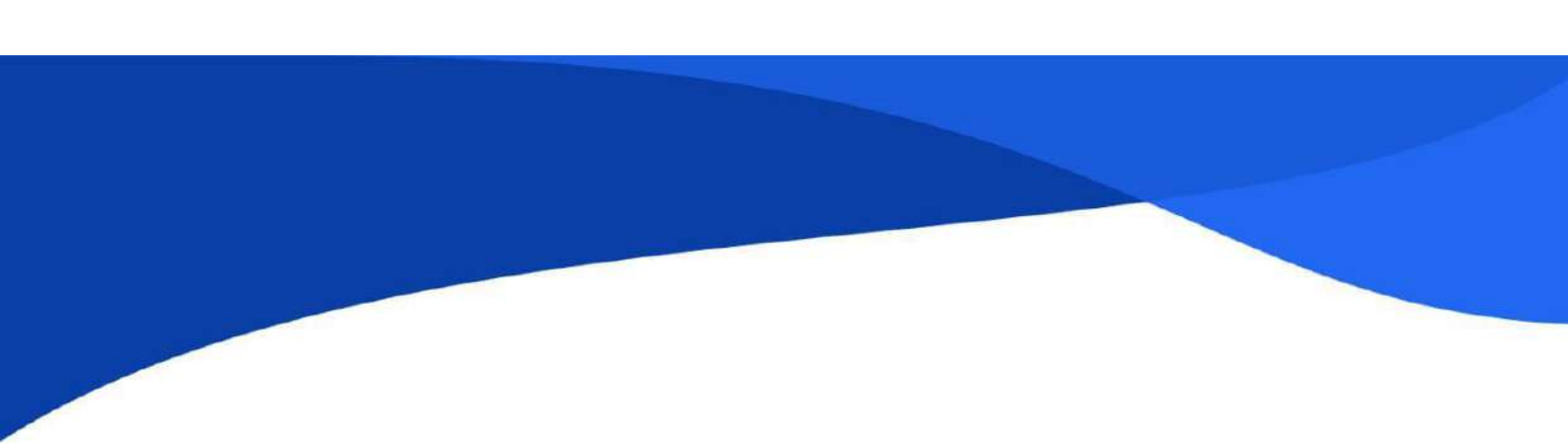


impostas pelo gênero, redigir textos utilizando recursos próprios do padrão escrito, das regularidades linguísticas e ortográficas, revisar os próprios textos com o objetivo de aprimorá-los, e utilizar conceitos e procedimentos constituídos na prática de análise linguística, para desenvolver um domínio consciente do funcionamento da língua e aprimorando a competência comunicativa dos alunos.

Considerando esse contexto, observamos que o processo de ensino-aprendizagem e avaliação de Língua Portuguesa tem como foco central o texto. Sabemos, que todo texto pertence a um gênero textual, o qual, conforme Marcuschi (2008), é compreendido como um fenômeno social e histórico, com características específicas, estruturado de acordo com o contexto e a situação comunicativa para os quais é criado.

Com base nessa compreensão, propusemos um ensino e avaliação que contemplassem e articulassem todos os eixos – Oralidade, Leitura, Produção Escrita e Análise Linguística/Semiótica – por meio de Sequências de Atividades no contexto do gênero textual Seminário, pois desde o planejamento até a execução, o trabalho com esse gênero exige que os alunos mobilizem habilidades relacionadas a todos os eixos de Língua Portuguesa, promovendo uma aprendizagem integrada e significativa.

Para isso, fundamentamos a abordagem do gênero na teoria de Dolz, Schneuwly, Pietro e Zahnd (2004) que definem o Seminário como um “gênero textual público, relativamente formal e específico, no qual um expositor especialista dirige-se a um auditório, de maneira (explicitamente) estruturada, para lhe transmitir, descrever-lhe ou lhe explicar alguma coisa” e na definição de Gomes-Santos (2012, p. 17) que considera o Seminário “um gênero textual que agencia um conjunto amplo de textos, colocando-os em relação com outros textos, a fim de tornar público um assunto ou tema”.



O trabalho com o gênero Seminário permite que os alunos desenvolvam competências essenciais para a comunicação oral e escrita, a interpretação crítica de textos e a compreensão dos mecanismos linguísticos. Além disso, reforça a ideia de que é essencial que eles conheçam e compreendam os critérios avaliativos, para que possam tomar decisões conscientes que os direcionem aos seus objetivos, e reconheçam que é impossível dissociar tanto a língua quanto a avaliação de um trabalho articulado e contextualizado, evidenciando a interdependência entre os eixos e a relevância de um processo avaliativo contínuo e formativo.

Sequências de Atividades

As Sequências de Atividades foram organizadas para serem realizadas em equipes, que podem ser estabelecidas pelo professor ou pelos próprios alunos. Além disso, para facilitar a observação do desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos, recomendamos que as equipes sejam fixas ao longo das atividades.

As seis Sequências de Atividades seguem uma estrutura que inclui apresentação dos Objetivos, Justificativa, Tempo de Execução, Recursos Didáticos, Desenvolvimento detalhado e uma Ficha com os Critérios Avaliativos. Esses que possuem conceitos (Regular, Bom, Ótimo, Excelente) e notas para auxiliar o professor na elaboração do resultado final da avaliação.

A primeira Sequência, aborda o Gênero Textual Seminário, explorando suas características e especificidades. As Sequências 2 a 5 tratam dos Eixos de Língua Portuguesa forma desarticulada, permitindo uma compreensão mais profunda tanto dos próprios Eixos quanto dos Critérios de Avaliação para um. Já a última Sequência integra os Eixos e a Avaliação de maneira holística e articulada, promovendo uma visão mais abrangente do processo avaliativo.

Para a realização dos Seminários, utilizamos cinco temas geradores – *Olimpíadas, Preconceito Racial, Aquecimento Global e as Catástrofes Ambientais, Uso de Drogas entre Adolescentes e Inclusão* – escolhidos pelos próprios alunos.

Destacamos que os temas são flexíveis, devendo ser selecionados com base no contexto e nas vivências dos alunos, garantindo maior engajamento e significado para a aprendizagem. Além disso, todo o material utilizado em cada Sequência está disponível ao final da respectiva sequência, acompanhado das referências correspondentes.

1. Sequência de Atividade – Gênero Textual Seminário: teoria e reflexão

OBJETIVOS:

- ✚ Ampliar seu conhecimento sobre o gênero textual Seminário, suas características e funcionalidade;
- ✚ Refletir sobre suas experiências com o gênero;
- ✚ Conhecer a proposta metodológica contida no Livro Didático (LD);
- ✚ Desenvolver habilidades de pesquisa, organização de informações, utilização de materiais audiovisuais, planejamento de apresentação e trabalho em equipe;
- ✚ Analisar criticamente a apresentação de um Seminário.

JUSTIFICATIVA:

Os gêneros textuais estão no centro do processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, sendo de extrema importância que o aluno os conheça em todos os seus aspectos. O gênero textual Seminário é um dos inúmeros gêneros existentes e abordados não apenas por professores de LP, mas também por docentes de todos os componentes curriculares no cotidiano escolar, como estratégia metodológica. Isso porque ele permite aos alunos conhecerem um tema, assunto ou conteúdo de forma mais aprofundada.

Sendo assim, proporcionar ao aluno a oportunidade de se aprofundar no conhecimento desse gênero possibilitou o desenvolvimento de competências e habilidades essenciais para a vida acadêmica, profissional e pessoal, nas quais a exposição clara e organizada de ideias é fundamental.

TEMPO DE EXECUÇÃO: Total: 8 aulas. *(Adeque a sua realidade)*

RECURSOS DIDÁTICOS: Celulares com acesso à internet; Televisão; Computador e Datashow; Quadro e pincel; Caderneta, Canetas, Folhas de ofício; Material impresso; Vídeos; Livro Didático: Português Linguagens – 8º Ano; Ficha Avaliativa: Atividade 1.

DESENVOLVIMENTO:

1º e 2º Aulas:

- Divisão da turma em grupos fixos;
- Formação das Equipes;
- Discussão em grupo sobre o gênero Seminário – *Faça o levantamento do conhecimento prévio de cada grupo sobre o gênero;*
- Entrega e leitura compartilhada do texto *Exposição Oral: Compreendendo o Gênero Textual Seminário* (Texto adaptado do estudo realizado por Gomes-Santos, 2012) – *Reforce o conhecimento teórico sobre o gênero;*
- Apresentação do gênero Seminário, exposto no Livro Didático (LD): Português Linguagens;
- Aplicação de Leitura individual, para casa, do texto apresentado no LD sobre o gênero textual Seminário – *Peça para que os alunos comparem as informações dos dois textos apresentados, façam anotações e indiquem as dúvidas.*

3º Aula:

- ✚ Formação das Equipes;
- ✚ Retomada das aulas anteriores com uma revisão do conteúdo do Livro Didático sobre o gênero Seminário, abordando as dúvidas e dificuldades dos alunos em relação à leitura, além da comparação realizada em casa;

- + Apresentação e discussão do vídeo: *Criando slides completos usando apenas o celular de forma fácil!* (Escola e Trabalho), (07min06s). Disponível em: <https://youtu.be/TMzCto1E2Yw>. Acesso em: 25 jul. 2024;
- + Entrega de material impresso, para leitura individual em casa:
 - 4- *5 dicas para tornar a pesquisa na internet mais eficiente;*
 - 5- *Fazer um cartaz escolar nota 10;*
 - 6- *Dicas para apresentação oral.*

4º e 5º Aulas:

- + Formação das Equipes;
- + Retomada das aulas anteriores com uma revisão do material impresso entregue sobre pesquisas na internet, elaboração de cartazes e dicas para apresentação oral, abordando as dúvidas e dificuldades dos alunos em relação à leitura realizada em casa;
- + Apresentação e discussão do vídeo: *Show de apresentação de Seminário Turma 1º Ano A – Tecnologia.* (15min55s). Disponível em: <https://youtu.be/XRa4hh4CQOg?si=ZOrh8gF49iPsQGtx>. Acesso em: 25 jul. 2024;
- + Proposta de Atividade: Cada grupo deverá produzir um texto escrito para ser entregue, com base no material teórico abordado até o momento sobre o gênero textual Seminário e o vídeo exibido *Show de apresentação de Seminário Turma 1º Ano A – Tecnologia*. O texto deve conter as seguintes informações:
 - 5. Compreensão sobre *O que é o gênero textual SEMINÁRIO*;
 - 6. Os elementos que compõem o gênero;
 - 7. Impressões do grupo sobre o seminário apresentado pelas alunas no vídeo;
 - 8. Não esqueça de colocar um título.
- + Apresentação, discussão e entrega da Ficha dos Critérios Avaliativos para o trabalho com o gênero Seminário:

FICHA AVALIATIVA PARA O GÊNERO SEMINÁRIO

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	REGULAR 70	BOM 80	ÓTIMO 90	EXCELENTE 100
Observação das discussões no grupo				
Compreensão e apresentação dos elementos que compõem o gênero Seminário no texto escrito				
Compreensão do vídeo, a partir da apresentação das impressões do grupo, no texto escrito				
Organização das informações no texto escrito				
Apresentação do texto elaborado oralmente				
Trabalho em equipe				

6º e 7º Aulas:

- ✚ Formação das Equipes;
- ✚ Elaboração do texto escrito;
- ✚ Refacção supervisionada do texto produzido.

8º Aula:

- ✚ Formação das Equipes;
- ✚ Apresentação e entrega dos textos elaborados;
- ✚ Feedback dos textos entregues, a partir de explanação oral – Reveja as características e especificidades do gênero.

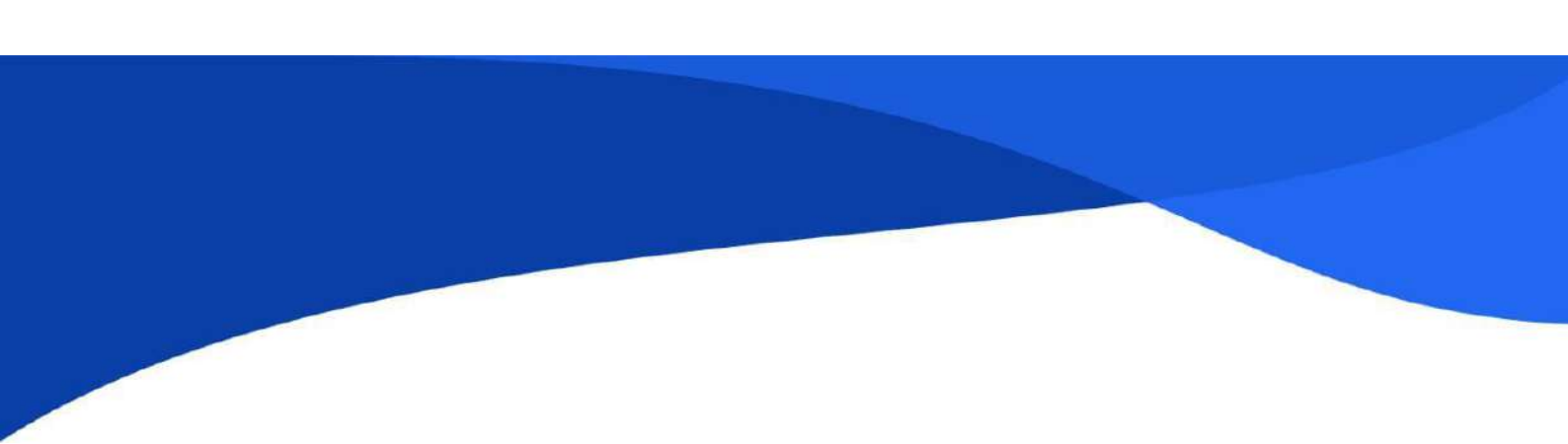
TEXTOS UTILIZADOS NA SEQUÊNCIA

Texto 1: Exposição Oral: Compreendendo o Gênero Textual Seminário

O Seminário é um gênero textual da modalidade discursiva oral, muito utilizado pelos professores de todas as áreas, mas é conhecido pelos estudiosos como Exposição Oral. Seu objetivo é transmitir, descrever ou explicar um tema, conteúdo ou assunto de forma clara e organizada.

Geralmente, para sua realização a turma é dividida em grupos, que ficará responsável por desenvolver o trabalho com o tema ou subtemas propostos. Cada grupo atua como especialista que compartilham as informações com os demais colegas. Entretanto, para que as informações sejam compartilhadas, existe um processo a ser seguido, que se inicia pela pesquisa das informações, passando pelo planejamento e organização, para finalizar na exposição oral. O grupo de expositores precisam buscar informações em várias fontes e suportes, selecionar as mais relevantes e organizá-las de maneira que façam sentido, estejam claras e interligadas.

Para isso, os expositores podem utilizar estratégias **de gestão interacional da exposição** que incide sobre a distribuição das tarefas entre a equipe e a ordenação das intervenções pelos expositores e sobre o contato com os ouvintes; **de progressão do tema de exposição** que incide sobre o desenvolvimento ou no modo como o conteúdo está contextualizado para chamar a atenção dos ouvintes e topicalizado (com uso de exemplificação, reformulação, narrativização e comentário). Além disso, os expositores podem utilizar recursos audiovisuais, recursos paralinguísticos (qualidade de voz, elocução, pausas, risos, suspiros) e cinésicos (atitudes corporais,



gestos, trocas de olhares, mímicas faciais) para enriquecer a apresentação, tornando o conteúdo para os ouvintes mais interessante e de fácil compreensão.

No entanto, na prática, uma Exposição Oral segue algumas etapas de organização:

7. **Abertura:** O aluno se apresenta como expositor e inicia o diálogo com seus colegas.
8. **Introdução ao Tema:** Ele anuncia o tema e explica sua importância.
9. **Apresentação do Plano:** O expositor mostra como a apresentação será estruturada.
10. **Desenvolvimento:** Ele explana os conteúdos, seguindo o roteiro planejado.
11. **Recapitulação:** O aluno faz uma síntese do que foi apresentado.
12. **Conclusão:** Finaliza a apresentação, agradece ao público e se dispõe a responder perguntas.

Essas fases ajudam os expositores a organizar a apresentação do tema, garantindo que o conteúdo seja apresentado de maneira coerente facilitando a compreensão pelo público.

Referência: Adaptação do estudo realizado por GOMES-SANTOS, Sandoval Nonato. **A exposição oral: nos anos iniciais do ensino fundamental** / Sandoval Nonato Gomes-Santos. – 1ª ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

Texto 2: Seminário



PRODUÇÃO de texto

 Não escreva no livro.

**SEMINÁRIO:
CONSTRUÇÃO E RECURSOS EXPRESSIVOS**

O seminário é um gênero oral público que pertence à família dos gêneros expositivos, que circulam no campo das práticas de estudo e pesquisa, como o artigo de divulgação científica, o relatório, o verbete de enciclopédia, o texto didático.

Comum na esfera escolar, acadêmica e profissional, o seminário pode ser realizado individualmente ou em grupo. Seu papel é compartilhar conhecimentos específicos – técnicos ou científicos – a respeito de um assunto relacionado a determinada área do conhecimento.

Neste capítulo, você vai aprender a realizar um seminário.

► **PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO DE UM SEMINÁRIO**

Os seminários têm como objetivo a transmissão de conhecimentos, por isso é fundamental que o apresentador conheça bem o tema a ser abordado. Para isso, é preciso planejar o seminário, preparar-se para ele, conforme indicam as etapas sugeridas a seguir.

Pesquisa

Para organizar um seminário, é preciso pesquisar em livrarias, bibliotecas e na internet para encontrar livros, enciclopédias, jornais, revistas, sites, blogues e vídeos que possam servir como fontes de informação sobre o tema.

Tomada de notas

Durante a pesquisa, é importante grifar as ideias principais dos textos lidos, tomar notas, resumir ou reproduzir textos verbais e não verbais que possam ser úteis para a exposição. Esse trabalho deve ter em vista a produção de um roteiro para ser utilizado no momento da apresentação. Por isso, é essencial anotar tudo o que for útil para enriquecer o texto: dados históricos ou estatísticos, citações, comparações, exemplos, etc.

Seleção e organização de informações e recursos materiais

Para essa tarefa, considere os seguintes aspectos da exposição:

- como introduzir, desenvolver e concluir a exposição;
- quais subtemas serão abordados no desenvolvimento;
- que exemplos ou apoios (como gráficos) serão usados para fundamentar a exposição;
- que materiais e recursos audiovisuais serão necessários.

Nesse planejamento, considere ainda as características do público-alvo, como faixa etária, tipos de interesse, expectativas e conhecimentos prévios. Para dar à exposição um encaminhamento agradável, é importante intercalar o uso da voz com o uso de recursos audiovisuais.

 264

Produção de roteiro e esquema

Primeiramente, é importante redigir um roteiro que permita visualizar não apenas o conjunto das informações que serão apresentadas como também a sequência em que isso vai ocorrer. Esse roteiro deve conter: informações-chave que orientarão seu pensamento durante a exposição; indicação de recursos audiovisuais (se for o caso); textos de autoridades ou especialistas que serão citados, etc.

Posteriormente, costuma-se redigir um esquema, isto é, um conjunto de anotações breves que servirão como apoio à fala durante a exposição. Se necessário, é possível olhar rapidamente o esquema, a fim de se lembrar de algum tópico ou da sequência da exposição.

Ensaio

É fundamental ensaiar a apresentação. Para isso, a pessoa deve ter à mão um gravador (celular, *smartphone*) e o esquema. Com o aparelho ligado, pode começar a exposição como se estivesse falando para a turma. É importante procurar falar com segurança e fluência, com boa altura de voz, evitando consultar o roteiro. Deve-se fazer isso apenas em último caso. Ao final, valerá ouvir a gravação e avaliar o resultado. Se julgar necessário, será importante ensaiar outras vezes e, se possível, na presença de outras pessoas.

► APRESENTAÇÃO DO SEMINÁRIO

Durante a exposição podem ocorrer fatos não previstos. Por isso, é preciso estar atento a vários aspectos simultaneamente e, de acordo com a necessidade, introduzir modificações e improvisar soluções, a fim de alcançar o melhor resultado possível.

A seguir, relacionamos alguns dos aspectos que devem ser observados na apresentação de um seminário.

Sequência e andamento da exposição

1. **Abertura:** o professor (ou um colega) dá a palavra ao apresentador. Isso é feito com palavras como "Vocês agora vão assistir ao seminário preparado por fulano...".
2. **Tomada da palavra e cumprimentos:** o apresentador coloca-se à frente da plateia, cumprimenta-a e dá início ao seminário.
3. **Apresentação do tema:** o apresentador diz qual é o tema, fala da importância de abordá-lo e esclarece o ponto de vista a partir do qual vai abordá-lo. Se o tema for amplo, delimita-o, isto é, indica qual aspecto dele será focado. Por exemplo, se o tema é a poluição do meio ambiente, o apresentador pode delimitá-lo e tratar apenas da poluição dos rios. Esse momento do seminário tem em vista despertar na plateia curiosidade sobre o tema abordado. Se fizer uma citação de algum especialista, deve indicar claramente quem é o autor fazendo uso de expressões como "**De acordo** com fulano, em seu texto...".
4. **Exposição:** o apresentador segue o roteiro traçado, expondo cada uma das partes, com clareza e sem atropelos. Ao final de cada parte, deve perguntar ao público se quer fazer alguma pergunta.

5. **Conclusão e encerramento:** o apresentador retoma os principais pontos abordados, fazendo uma síntese deles; se quiser, pode mencionar aspectos do tema que merecem ser aprofundados em outro seminário; pode também deixar uma mensagem final, algo que traduza seu pensamento ou o pensamento do grupo ou de um autor especial. No final, agradece a atenção do público e passa a palavra a outra pessoa.
6. **Tempo:** o apresentador deve estar atento ao tempo previsto e, de acordo com o andamento do seminário, ser capaz de introduzir ou eliminar exemplos e aspectos secundários, caso haja necessidade.

Enriquecendo o seminário com o uso de recursos audiovisuais

A principal linguagem de um seminário é a verbal. Contudo, o uso de recursos audiovisuais, como *datashow* e retroprojeto, cartazes, filmes, músicas, etc., pode tornar o evento mais agradável ou facilitar a transmissão de um volume maior de informações. O uso desses recursos exige, porém, certos cuidados.

- O equipamento deve ser testado previamente, para prevenir a ocorrência de falhas técnicas durante a exposição.
- O apresentador deve lembrar que tais recursos têm a finalidade de servir de apoio à exposição oral e, portanto, não a substituem. Ao fazer uso de um *slide*, por exemplo, deve aproveitá-lo para reunir ou esquematizar as informações que vem apresentando, em vez de simplesmente ler o que está escrito nele.

A alternância da exposição oral com o uso de recursos audiovisuais geralmente dá leveza a um seminário.

Postura do apresentador

1. **Posição:** o apresentador deve, preferencialmente, falar em pé, com o esquema nas mãos, olhando para o público como um todo. Não deve ficar com braços e pernas cruzados. Deve evitar esfregar os olhos e gesticular excessivamente. Deve permanecer sempre de frente para a plateia, mesmo quando usar a lousa ou o retroprojeto; nessas situações, é possível ficar de lado e falar com a cabeça virada na direção do público, a fim de que sua voz seja ouvida por todos.
2. **Voz, tom e ritmo:** a fala do apresentador deve ser alta, clara, bem articulada, com palavras bem pronunciadas e variações de entonação, de ritmo e de altura de voz, a fim de que a exposição não fique monótona.
3. **Textos de apoio:** ao consultar o roteiro, o apresentador deve fazê-lo de modo rápido e sutil, sem interromper o fluxo da fala. Se precisar ler uma citação, não deve abaixar demasiadamente a cabeça, a fim de que a voz não se volte para o chão.
4. **Relacionamento:** o apresentador deve se mostrar simpático e receptivo a participações da plateia, mas estar atento para evitar polêmicas com uma única pessoa do público.



Organização de um seminário em grupo

A exposição em grupo exige atenção a alguns aspectos específicos:

1. Cada integrante do grupo pode ficar responsável pela apresentação de uma parte do seminário. Entretanto, o grupo todo deve se “especializar” no assunto. Além de conferir maior segurança às exposições individuais, isso permite que todos respondam com tranquilidade a qualquer pergunta feita pelo público.
2. Entre a exposição de um participante e a de outro deve haver coesão, isto é, não pode haver contradição entre as exposições nem ser dada a impressão de que uma fala é independente de outra. Cada exposição deve retomar o que já foi desenvolvido e acrescentar, ampliar. Para garantir a coesão entre as partes, devem ser empregados elementos linguísticos, como “**Além** das causas que fulano comentou, **vejamos agora** outras causas, menos conhecidas...”; “Vocês viram as consequências desse problema no meio urbano; **agora, vão conhecer** as consequências do mesmo problema no meio rural...”.
3. Enquanto um dos apresentadores expõe, os outros podem ficar sentados ou em pé, mas devem permanecer em silêncio. Podem também contribuir manuseando os equipamentos (por exemplo, o computador), trocando cartazes, apagando a lousa ou simplesmente ouvindo com atenção a exposição.

Atenção é fundamental!

Devem ser evitados, durante a realização de um seminário, comportamentos que desviem a atenção do apresentador e a atenção do público, como conversas paralelas entre os membros do grupo ou entre um membro do grupo e uma pessoa da plateia, bem como movimentos, ruídos ou brincadeiras.



Stigur Már Karlsson / Heimsmyndir/Getty Images

Uso da linguagem

Nos seminários, predomina uma variedade de acordo com a norma-padrão da língua, embora possa haver menor ou maior grau de formalidade da linguagem, dependendo da intimidade entre os interlocutores. Assim:

1. O apresentador deve evitar certos hábitos da linguagem oral, como a repetição constante de expressões como **tipo, tipo assim, né?, tá?, ahn...**, pois elas prejudicam a fluência da exposição.
2. Sempre que for necessário, o apresentador deve explicar o significado de vocábulos e conceitos específicos da área pesquisada; para isso, deve fazer uso de expressões de reformulação, como **isto é, quer dizer, como, por exemplo, em outras palavras, vocês sabem o que é isso?**. Deve também fazer uso de expressões que confirmem retomadas e continuidade da exposição, como **além disso, por outro lado, outro aspecto, apesar disso**.

Como conclusão de estudo sobre o seminário, troque ideias com os colegas sobre o que é, para que serve e como se faz um seminário e dê as principais características desse gênero, levando em conta os critérios apontados.

Seminário: construção e recursos expressivos	
Quem são os interlocutores do seminário?	
Qual é o objetivo desse gênero?	
Onde ocorre o seminário?	
Como o seminário se estrutura?	
Que materiais complementares podem apoiar a exposição oral?	
Como é a linguagem utilizada pelos participantes?	

SEMINÁRIO

No simpósio, além do lançamento da *Enciclopédia étnica*, serão também apresentados alguns seminários para os participantes.

- Cor da pele humana – teorias sobre origem e diversificação
- Escravidão – história e novas formas de escravidão
- Genoma humano – conceito de raça
- Migração humana na Pré-História

- As diferenças entre homens e mulheres na vida social, profissional e política do Brasil
- A desigualdade no Brasil entre negros e brancos quanto a salários e cargos executivos
- As dificuldades dos indígenas brasileiros em relação à preservação de sua identidade cultural e de sua história
- A inserção de pessoas com deficiência no mercado de trabalho
- A situação da população idosa no Brasil
- A população brasileira que vive em situação de rua no Brasil

Planejamento do texto

- Definido o tema, iniciem a preparação do seminário, iniciando pela parte da pesquisa. Levantem a bibliografia de base em livros, revistas e internet.
- Grifem e copiem as informações mais importantes, sempre anotando corretamente as fontes: nome do autor do texto ou obra, título do texto, editora ou *site*, ano de publicação, endereço digital, etc.
- Feito o levantamento do material de pesquisa, dividam os conteúdos em partes e discutam como vão apresentá-los.
- Decidam se vão usar algum equipamento de apoio para a exposição.

Redação de roteiro e esquema para o seminário

- Iniciem a redação do roteiro, considerando o texto que vai ser desenvolvido pelos alunos. Levem em conta o tempo que cada aluno vai ter; por isso, não se alonguem demais.
- O roteiro deve conter as informações que serão compartilhadas, incluindo citações e os materiais complementares – gráficos, tabelas, infográficos, fotografias, etc. – que serão utilizados.
- Se fizerem citações de algum texto, não se esqueçam de mencionar claramente a autoria, empregando expressões como “Segundo fulano”, “De acordo com tal texto”, etc.

Ensaio, filmagem e revisão do seminário

- Façam alguns ensaios da apresentação do grupo. Quando sentirem que todos os integrantes da equipe falam com desenvoltura, no tempo combinado, gravem um desses ensaios.
- Assistam à filmagem do ensaio, observando se a sequência e o andamento da exposição apresentam cumprimento ao público, apresentação e desenvolvimento do tema, conclusão.
- Observem também se a sequência e o andamento da exposição fluem com naturalidade e se, na mudança de apresentador, ocorre o uso de expressões como “Vocês vão ver agora...”, a fim de indicar que uma parte tem ligação com a outra.
- Verifiquem se o conteúdo é apresentado com profundidade crescente, como se a explanação se constituísse de camadas de um mesmo objeto.
- Observem se a postura dos apresentadores, a linguagem, o tom e a altura da voz estão adequados.
- Verifiquem se os equipamentos eletrônicos funcionam perfeitamente ou se precisam de algum ajuste.
- Façam os ajustes necessários antes do dia da apresentação do seminário.



Simpósio sobre diversidade

- Vocês organizarão o evento **Simpósio sobre diversidade** em **Intervalo**. Esse simpósio servirá de apresentação do tema para a comunidade escolar e promoverá sua discussão.

Texto 3: 5 dicas para tornar a pesquisa na internet mais eficiente

Encontrar boas informações no meio da quantidade gigantesca de conteúdo disponível na internet não é tarefa fácil. Uma busca eficiente depende de vários fatores: é preciso escolher as palavras mais importantes do assunto, checar se as fontes são confiáveis, entre outras coisas. No meio desse processo, alguns truques podem ser importantes. Por isso, listamos aqui cinco dicas que podem ajudar a otimizar suas pesquisas no Google.

6) Encontrar uma frase específica

Os mecanismos de busca procuram pelas principais palavras da frase que digitamos. Isso pode ser um problema se precisarmos encontrar uma frase específica, que lemos em uma entrevista ou cuja origem queremos descobrir.

Ao colocar as aspas na frase, o Google lista apenas os resultados em que existem frases exatamente iguais às digitadas.

7) Excluir um termo da busca

Às vezes pode ser necessário pedir que o sistema de busca deixe de fora resultados com uma palavra que não tem relação com o que queremos encontrar. Quando digitamos *Caetano* no Google, por exemplo, a maior parte dos primeiros resultados se refere ao cantor Caetano Veloso.

Se precisarmos encontrar outro personagem com o mesmo nome, retirar o sobrenome pode nos ajudar. Para isso, *colocamos um sinal de subtração colado ao termo que não queremos encontrar*. **Por exemplo: Caetano –Veloso**

8) Procurar em um site específico

Se você estiver planejando uma aula sobre multiplicação e quiser procurar ideias na internet. Obviamente, você não recorrer a qualquer site, porque eles podem ter erros e acabar atrapalhando a aprendizagem dos seus alunos, certo?

Nesse caso, pode ser importante saber como pesquisar em uma página específica. Para fazer isso, basta *colocar a palavra site seguida de dois pontos e o endereço da página após os termos de pesquisa.*

Para achar os conteúdos de multiplicação publicamos em NOVA ESCOLA, é só digitar *Multiplicação site:acervo.novaescola.org.br*

9) Pesquise páginas relacionadas

Encontrou uma página interessante e quer ver se existem outras parecidas?

Digite related: e o endereço da página original.

10) Procurar um tipo específico de arquivo

Digamos que você precisa procurar um artigo acadêmico, que provavelmente estará em formato pdf. Para dizer isso ao navegador, basta usar o comando ***filetype: tipo de arquivo.***

Para encontrar um trabalho sobre didática da Matemática em pdf, por exemplo, basta digitar *Matemática filetype:pdf.*

O próprio Google organizou uma página com vários conteúdos legais que explicam o funcionamento dos seus mecanismos de pesquisa e dão várias outras dicas. O endereço é www.google.com/insidesearch.

Referência: NOVA ESCOLA. 5 dicas para tornar a pesquisa na internet mais eficiente. Nova Escola, 2017. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4549/5-dicas-para-tornar-a-pesquisa-na-internet-mais-eficiente>. Acesso em: 25 jul. 2024.

Texto 4: Fazer um cartaz nota 10

Criar cartazes para a apresentação de projetos pode ser uma tarefa divertida, e trabalhosa, mas não necessariamente difícil ou complicada. Seguindo alguns passos simples é possível criar cartazes incríveis e divertir-se durante o processo.

Parte 1

6- Siga os requisitos mínimos. Os cartazes para projetos escolares podem ter requisitos específicos a serem seguidos. Descubra quais são eles e planeje-se para segui-los.

- Alguns requisitos podem ser: nome, série, nome do professor, agradecimentos, etc.
- Além disso, os professores podem requisitar a apresentação de itens à parte do cartaz, tais como anotações, protótipos, etc.
- Esteja ciente também de itens proibidos na apresentação de cartazes.

7- Crie um plano detalhado. Antes de começar a montagem do cartaz é necessário decidir as informações que serão incluídas e como apresentá-las. Essa parte do plano dependerá do tipo de projeto no qual está trabalhando. Uma maneira de criar um plano detalhado é através do uso de esboços (representação gráfica de como o cartaz será organizado).

- Revise o trabalho e determine as partes principais dele, que poderão ser incluídas na apresentação do cartaz.
- Ao criar o esboço, planeje os tamanhos de fontes a serem usados. Isso facilitará o restante do processo de criação.
- Algumas feiras de ciência sugerem a adoção da seguinte organização para os cartazes:
 - Esquerda: problema; Objetivo; Hipótese; Variáveis; Materiais; Procedimentos.
 - Centro: título e Subtítulo; Dados do projeto; Gráficos; Tabelas; Diagramas; Fotos; Ilustrações.

- Direita: análises; Resultados; Discussões; Conclusão; Recomendações; Referências.

8- Use títulos e subtítulos. Textos longos devem ser divididos para facilitar a leitura do material. Os leitores devem ser capazes de identificar o tema do trabalho à primeira vista, sem a necessidade de ler todos os detalhes. Leve em consideração os títulos e subtítulos na hora de planejar o cartaz.

- Não use tamanhos de fonte menores do que 16 para os textos gerais do cartaz. As pessoas devem conseguir lê-los mesmo que a certa distância.
- Títulos e subtítulos devem ser impressos em fontes maiores do que os textos gerais. Use textos em negrito, sublinhado ou cores diferentes para destacá-los ainda mais.
- Escreva os textos em forma de itens para torná-los concisos.

9- Verifique a necessidade de um cartaz auxiliar. Os cartazes auxiliares são menores do que os principais e podem ser posicionados em frente ou lateralmente a eles. Eles são úteis na apresentação de um resumo do projeto ou de fotos ilustrando os resultados. O cartaz auxiliar deve ter aproximadamente o tamanho de uma folha A4.

- O cartaz auxiliar pode ser confeccionado em isopor. Para mantê-lo de pé, cole um segundo pedaço de isopor junto à base para criar um apoio.

10-Escolha o título do projeto. O título possui duas funções principais: chamar a atenção e explicar o assunto do projeto. Seja criativo, faça uma lista de nomes possíveis e brinque com as palavras até ter certeza de que encontrou o título perfeito. Além disso, busque por inspirações na internet.

- Tente manter o título o mais curto possível. A plateia deve ser capaz de ler o título rapidamente e desenvolver interesse pelo projeto ao mesmo tempo.
- Alguns bons exemplos de títulos para projetos são:
 - Quanta pressão a madeira aguenta?
 - Fixação: batom ou gloss.

- Descubra o teor de bactérias do leite.
- Testando os cinco sentidos com frutas.

Parte 2

6- Use a maior quantidade possível de ilustrações. Uma imagem vale mais do que mil palavras, portanto, inclua itens visuais como fotos, gráficos, tabelas e diagramas no cartaz. Mantenha o fundo do cartaz simples e limpo, ler textos sobre fundos coloridos e chamativos pode se tornar uma tarefa difícil e distrativa.

- Faça impressões coloridas para os gráficos, principalmente para aqueles que usam cores na diferenciação de itens ou variáveis.
- Caso não tenha acesso a uma impressora colorida, use canetinhas ou giz de cera para colorir os gráficos.

7- Adicione legendas às fotos e aos gráficos. Cada ilustração (gráfico, tabela, diagrama, foto, etc.) deve possuir um número (ou letra) de identificação próprio seguido de uma breve descrição. Esse número, ou letra, deverá ser utilizado quando o texto fizer referência a ilustrações específicas. A legenda deve descrever de forma breve e precisa o conteúdo da ilustração, e ser impressa em uma fonte menor do que o texto geral.

8- Inclua termos e jargões apropriados. Os textos e títulos do cartaz devem incluir linguagem e termos técnicos relevantes ao assunto do projeto. Caso necessário, inclua um glossário de termos no trabalho.

- Usar os termos apropriados é especialmente importante para apresentações em feiras de ciência ou outros eventos em que o trabalho será julgado por profissionais.
- Caso o trabalho seja muito complexo, adicione um resumo para leigos ao cartaz. Isso será muito importante caso o projeto seja exposto a outros estudantes, pais, ou até mesmo à comunidade não acadêmica.

9- Menos é mais. Criar cartazes excêntricos pode ser tentador, mas tente evitar esse erro. Um bom cartaz deve ser organizado, fácil de ler, com gráficos explicativos e cores que não atrapalhem o leitor.

- Procure por exemplos de cartazes na internet para entender melhor o que funciona ou não nesse tipo de apresentação.
- Peça conselhos ao professor sobre o que não fazer. Além disso, peça também por exemplos de cartazes que obtiveram notas máximas em anos anteriores.

10- Compre materiais adequados. O cartaz pode ser confeccionado em cartolina, ou impresso em gráficas. As cartolinas são vendidas em tamanho padrão (50x66cm), entretanto também é possível utilizar mais de uma na montagem do cartaz. Ao escolher o tamanho do material que ficará em exposição, verifique se existem restrições de tamanho impostas pelo evento onde ocorrerá a apresentação.

- Cartolinas podem ser encontradas a venda em papelarias e também pela internet.
- Tamanho não é documento. Cartazes grandes demais podem se tornar difíceis de ler ou até mesmo cansativos devido ao excesso de informações.

Parte 3

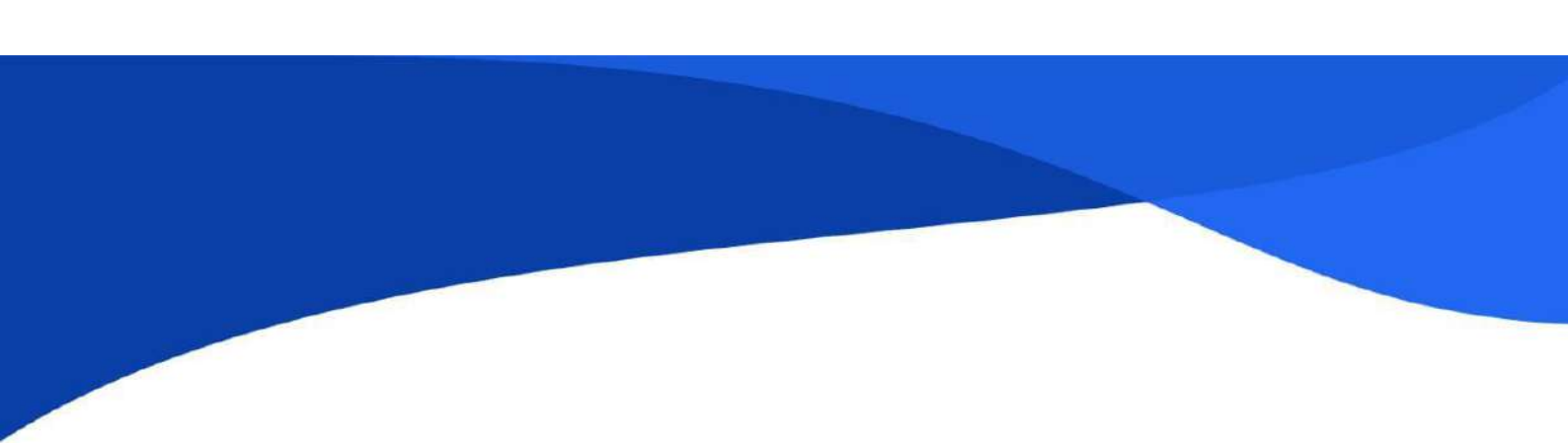
8- Crie todos os materiais no computador. A menos que o cartaz seja parte de um projeto de artes, crie todos os materiais (para depois imprimi-los) em um computador. Evite criar materiais à mão, já que isso não dá um ar profissional ao trabalho. Nesse estágio, todas as informações que devem constar no cartaz já devem ter sido separadas durante a fase de planejamento e esboço.

- Os materiais podem ser criados em diferentes softwares, incluindo ferramentas de texto, de planilhas, ou de apresentação multimídia. Além disso, ainda é possível usar softwares mais específicos como o Adobe Photoshop ou o iPhoto, caso já esteja familiarizado com essas ferramentas.

- Caso não possua um computador em casa, use um na escola ou até mesmo em uma biblioteca.
- Selecione a orientação da página de acordo com a necessidade do cartaz. É possível escolher entre as opções retrato (vertical) e paisagem (horizontal).
- Faça com que a página apareça por inteiro na tela do computador, isso dará uma ideia de como ficará a disposição real no cartaz.
- Use fontes como Arial e Verdana, ou ainda como Times New Roman e Georgia. Evite fontes manuscritas ou de difícil leitura.

9- Imprima todos os materiais. Com os materiais prontos no computador, imprima cada um deles. O ideal é que eles sejam impressos em cores, mas caso isso não seja possível faça os materiais em tons de cinza, assim será mais fácil de saber contraste que os tons apresentarão depois de impressos. Caso seja necessário, salve os arquivos em um pen drive e imprima-os na escola ou em uma gráfica.

- Se possível, imprima os materiais em papéis de maior gramatura, ou que não sejam completamente brancos. O papel padrão utilizado em impressões é bastante fino, e isso pode fazer com que a cola usada apareça através do papel.
- Evite o uso de papéis em cores vivas para a impressão. Ou, caso opte por papéis coloridos, verifique se a cor de impressão dos textos poderá ser lida com clareza sobre esses papéis. Fontes escuras sobre papéis coloridos, ou fontes claras sobre papéis claros podem tornar os textos difíceis de serem lidos.
- Além de usar o corretor automático do computador confira manualmente o texto para evitar erros ortográficos no material impresso.
- Caso a impressão das fotos vá ser feita em papel fotográfico, opte pela versão fosca ao invés da brilhante. O papel brilhante causa reflexo nas fotos e isso poderá se tornar uma distração.



10-Crie um layout. Agora provavelmente já sabe quais informações colocará no cartaz, mas ainda precisa decidir como organizá-las. Coloque os materiais impressos sobre o cartaz e teste diferentes configurações até encontrar uma de que goste. Não cole os materiais no cartaz até ter certeza de que gostou do layout.

- Em geral, o layout deve ser lido como um artigo de jornal – de cima para baixo e da esquerda para a direita.
- O título do projeto deve se destacar no cartaz, de modo que possa ser lido à distância. Evite escrever o título na vertical, esse formato é mais difícil de ser lido de relance.

11-Use papéis coloridos para criar sobras, bordas e silhuetas. Use papel colorido para criar bordas ao redor de alguns materiais do cartaz. Seja consistente na escolha da cor, e limite-se a duas cores complementares. Além disso, escolha cores que combinem com a cor do cartaz.

- Seja cuidadoso na escolha das cores. Cores ousadas podem ser tornar uma distração, além de dificultar a visualização do cartaz.
- Use um círculo cromático para escolher as cores a serem utilizadas. Existem muitos círculos cromáticos disponíveis online.

12-Corte os materiais de maneira retilínea. Essa pode parecer uma dica óbvia, mas mesmo utilizando linhas como guia os cortes feitos com tesouras podem sair tortos. O ideal é cortar os materiais impressos utilizando cortadores ou guilhotinas para papéis.

- A escola provavelmente possui um cortador de papel a disposição, peça ao professor se é possível usá-lo.
- Algumas gráficas e papelarias também possuem cortadores de papel a disposição dos clientes.
- Caso conheça alguém que faça scrapbooks pergunte se possuem uma guilhotina para papéis que possam lhe emprestar.

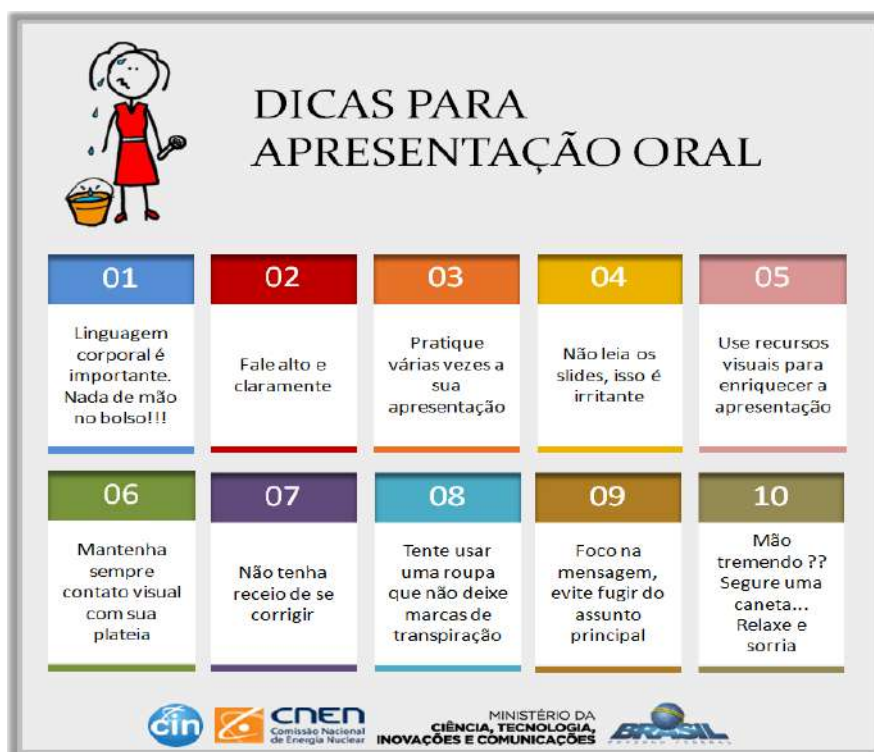
13-Cole os materiais impressos no cartaz. Colas em bastão são a melhor opção para esse tipo de projeto, mas também é possível usar fita adesiva. Colas comuns não são recomendadas, pois aparecem através do papel e podem torná-lo enrugado, fazendo com que o cartaz não tenha um aspecto profissional. Caso deseje reaproveitar as fotos utilizadas no projeto, cole-as com fita ao invés de cola.

- Outro material que pode ser utilizado nas colagens do cartaz são as colas vulcanizadas.

14-Posicione os cartazes adequadamente. Na hora de expor os cartazes procure posições com iluminação favorável, de modo que nenhuma sombra incida sobre eles. Ajuste a posição dos cartazes até que eles estejam adequadamente iluminados. Além disso, pense no conforto dos expectadores, eles devem conseguir enxergar os cartazes sem torcer os pescoços.

Referência: WIKIHOW. Fazer um cartaz escolar nota 10. Disponível em: <https://pt.wikihow.com/Fazer-um-Cartaz-Escolar-Nota-10>. Acesso em: 25 jul. 2024.

TEXTO 5: Dicas para apresentação oral



Pesquisas indicam que mais da metade do impacto da comunicação – 55% – é não verbal, de acordo com Patrícia Rocha, consultora da Sher Marketing e professora de cursos de MBA e pós-graduação. E, se o tom de voz responde por outros 38%, as palavras, propriamente ditas, ficam com apenas 7% do poder de influência de uma mensagem.

“A postura e a linguagem corporal são muito importantes para transmitir segurança e equilíbrio durante uma apresentação”, diz a especialista. Pensando nisso, EXAME.com pediu a ela que indicasse as táticas para que os profissionais possam ter a comunicação não verbal como aliada para conquistar a plateia nas apresentações. Confira as dicas de Patrícia Rocha e também os erros mais comuns de postura:

1- Movimente-se

“O profissional deve usar o espaço que ele tem disponível durante a apresentação”, diz Patrícia. Pelo menos três momentos devem ser marcados por movimentação no palco ou na sala da apresentação, de acordo com ela.

“Na abertura, ele deve ficar mais próximo da plateia, durante o desenvolvimento da apresentação deve mudar de lugar e no fim também deve se movimentar”, explica.

O ideal é fazer a marcação dos lugares antes, caso a apresentação seja feita em um palco. “A movimentação deve ser harmônica e calma”, lembra Patrícia.

Erros comuns: Movimentos repetitivos, como, por exemplo, ficar chacoalhando a perna vão roubar a atenção do público e transmitir uma sensação de ansiedade para a plateia. Fuja de movimentações aleatórias. “Não pode ficar andando e falando”, diz Patrícia.

2 - Gesticule, mas com harmonia

Os gestos com as mãos podem ser aliados na hora de explicar tópicos da uma apresentação. “Por exemplo, a pessoa que vai falar sobre três itens pode enumerar com a mão”, diz Patrícia.

A movimentação dos braços, no entanto, deve ser mantida entre a linha da cintura e do ombro. “Não é indicado levantar muito os braços”, diz Patrícia.

Erros comuns: Deixar as mãos no bolso, os braços cruzados ou cruzar as mãos atrás do corpo.

3 - Movimento deve interagir com os slides

“Em uma apresentação o movimento do corpo deve ser feito em harmonia com a projeção dos slides”, diz a especialista. Ou seja, na hora de destacar algo que esteja projetado no slide, o profissional pode inclinar o tronco pra trás e girar a cabeça em direção ao slide para apontar o item, voltando à posição inicial em seguida.

Erro comum: Dar as costas para a plateia. “Deve caminhar de costas na hora de se aproximar da tela”, recomenda Patrícia.

4 - Mantenha contato visual com a plateia

Direcione o olhar para o público de maneira equilibrada, tendo em vista o tamanho da plateia. Segundo Patrícia, é a chamada “atenção dividida”. “A dica é dividir mentalmente a plateia em quadrantes, como se fosse um jogo da velha, e distribuir o olhar ao longo da apresentação”, diz.

Se o grupo é pequeno tente olhar em direção a todas as pessoas, escolhendo algumas como âncoras do seu olhar. “Se a plateia tiver mais do que 100 pessoas, o olhar deve ser em direção ao quadrante, não dá para olhar nos olhos das pessoas”, diz Patrícia.

Erro comum: Olhar apenas para um lado da plateia ou para uma pessoa, se local for pequeno. “Tem gente que fica olhando apenas para o diretor ou a pessoa de nível hierárquico mais alto na sala, e muitas vezes, é sem querer, pois estão em busca do aval desta pessoa”, conta Patrícia. Isso é errado e fará com os demais se sintam menos importantes.

Lembre-se de que o apresentador é quem conduz tudo e tem a responsabilidade de dar atenção para todos. “E isso se traduz por meio da sua linguagem corporal”, diz.

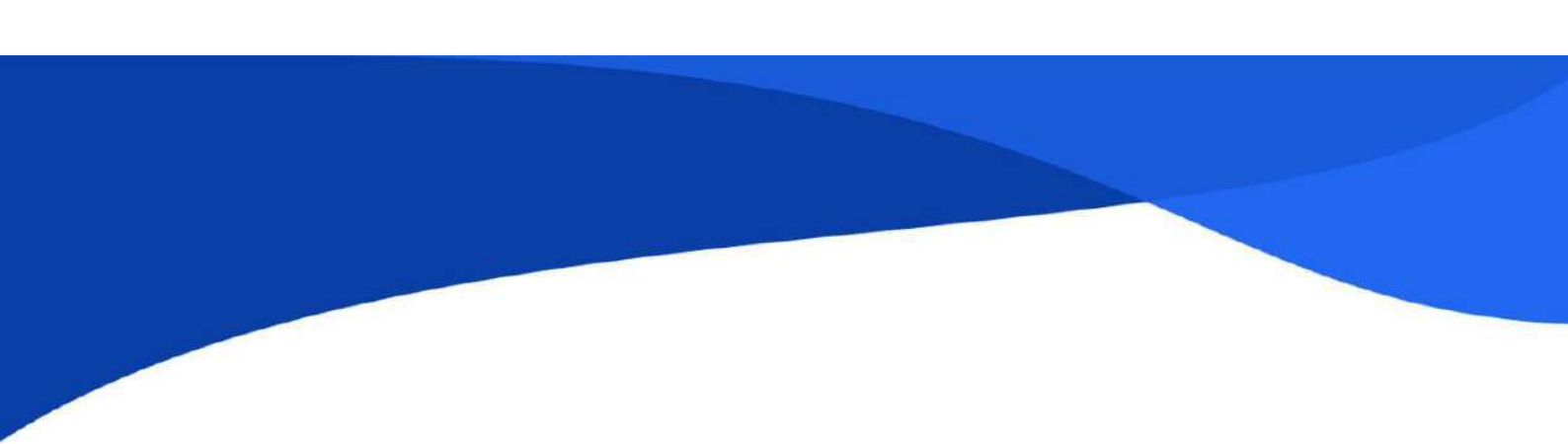
5 - Fisionomia tranquila

“A fisionomia deve ser a de quem está dominando 100% da sala, é preciso transmitir tranquilidade”, diz Patrícia. Por isso, preste atenção à expressão do seu rosto. “Tem que ser suave, não é porque o assunto é sério que a expressão deve ser tensa”, diz Patrícia.

Erro comum: Apresentador com a fisionomia tensa, diz ela, deixa a plateia tensa.

6 - Treine antes da apresentação

Esta é a dica de ouro. Vá ao local em que fará a apresentação e treine como será feita a apresentação, em que momentos você vai mudar de lugar e para onde



você vai se movimentar. “Assim o profissional já se familiariza com o espaço que ele tem”, diz Patrícia.

O treino é na verdade a etapa final da preparação. “Primeiro a pessoa domina o conteúdo e monta um roteiro do que vai falar, em seguida prepara o material visual que irá mostrar. Depois vem a parte do treino para a fala ficar em harmonia com o gestual e com o material visual”, diz Patrícia.

Erro comum: treinar apenas mentalmente, sem fazer a movimentação “Na hora do treino pode até parecer esquisito, mas na medida em que fizer este treinamento, vai parecer natural”, diz Patrícia.

Referência: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. Dicas para apresentação oral. Disponível em: <http://ufrb.edu.br/bibliotecacetens/noticias/88-dicas-para-apresentacao-oral>. Acesso em: 25 jul. 2024.

2. Sequência de Atividade – Leitura no Gênero Seminário: o início de tudo

OBJETIVOS:

- ✚ Desenvolver habilidades de leitura, compreensão e interpretação, a partir do planejamento e apresentação do gênero Seminário;
- ✚ Incentivar a leitura crítica e reflexiva, pela busca de conhecimento de mundo, através do planejamento e apresentação de Seminário;
- ✚ Reconhecer a importância do estudo e aperfeiçoamento da leitura, no ambiente escolar, para seu desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal;
- ✚ Desenvolver e apresentar um Seminário com tema *Preconceito Racial*, para ser avaliado a partir do eixo Leitura.

JUSTIFICATIVA:

Em uma sociedade conectada como a que vivemos, é inadmissível que a leitura não seja considerada uma peça essencial para a sobrevivência social. Reconhecendo a essencialidade da leitura na formação do aluno como cidadão crítico e participativo, construímos esta sequência de atividades, utilizando o gênero textual Seminário como base. A produção do Seminário exige que o aluno seja protagonista da ação, planejando, lendo, refletindo e analisando criticamente o material selecionado, para, em seguida, apresentá-lo. Para o desenvolvimento dessa sequência de atividades, com foco na Leitura, o tema abordado foi o *Preconceito Racial*.

TEMPO DE EXECUÇÃO: Total: 6 aulas. (*Adeque a sua realidade*)

RECURSOS DIDÁTICOS: Celulares com acesso à internet; Computador e Datashow; Quadro e pincel; Caderneta, Canetas, Folhas de ofício; Material impresso;

Cronômetro: Para controlar o tempo de cada exposição; Vídeo; Ficha de critérios avaliativos propostos para sequência.

DESENVOLVIMENTO:

1º Aula:

- Formação das Equipes;
- Discussão sobre a importância do estudo e aprimoramento da leitura para o desenvolvimento da vida quanto cidadão crítico e participativo – *procure mostrar que a leitura está presente no cotidiano dos alunos, por meio do verbal, mas principalmente do não verbal;*
- Introdução do tema *Preconceito Racial* – *Faça perguntas diretas sobre o tema;*
- Entrega, leitura compartilhada e discussão do texto: *Preconceito racial: o que é e como combater o racismo;*
- Sorteio dos subtemas por cada grupo de alunos, pré-estabelecidos:
 1. *História do Preconceito Racial: Origens e evolução do racismo ao longo da história.*
 2. *Preconceito Racial nas Instituições: Racismo institucional e suas manifestações em setores como educação, saúde, justiça e emprego.*
 3. *Educação e Consciência Racial: A importância da educação na promoção da igualdade racial e na desconstrução do racismo.*
 4. *Legislação e Políticas Públicas: Leis e políticas destinadas a combater o preconceito racial e promover a igualdade.*
 5. *Arte e Resistência Racial: Como a arte é usada como forma de resistência e expressão contra o racismo.*

2º e 3º Aulas:

- ✚ Formação das Equipes;
- ✚ Explanação a respeito de cada subtema sorteado;

- ✚ Vídeo: *Vista a Minha Pele* (24min47s). Disponível em:
<https://youtu.be/6Nlt-Q5iuYE>. Acesso em: 31 jul. 2024;
- ✚ Discussão sobre o vídeo apresentado;
- ✚ Reforço do conhecimento adquirido sobre os elementos que compõem o gênero textual Seminário e sua estrutura organizacional;
- ✚ Orientação para os grupos reverem o material impresso entregue sobre pesquisa na internet e criação de material visual para apoiar na apresentação oral.

4º Aula:

- ✚ Formação das Equipes;
- ✚ Entrega e discussão da ficha dos critérios avaliativos, com foco na leitura;
- ✚ Orientação para ensaios da apresentação, com tempo estipulado de 15 minutos para cada equipe;
- ✚ Orientação sobre o material escrito para ser entregue.

5º e 6º Aulas:

- ✚ Formação das Equipes;
- ✚ Atividades: Elaboração, apresentação e entrega de material escrito de Seminário sobre o subtema do tema gerador *Preconceito Racial*;
- ✚ Feedback dos seminários realizados.

AVALIAÇÃO:

A avaliação considerará os seguintes critérios expostos na Ficha Avaliativa, com foco no eixo da leitura que segue:

FICHA AVALIATIVA: Seminário Eixo Leitura

CRITÉRIOS	REGULAR 70	BOM 80	ÓTIMO 90	EXCELENTE 100
Conhecimento prévio sobre o tema				
Profundidade da pesquisa realizada				
Domínio na compreensão do tema e subtema apresentados				
Reconhecimento das características do gênero textual				
Vocabulário utilizado de acordo com o tema e o gênero abordado				
Leitura crítica do material pesquisado				
Organização textual				
Apresentação dos principais pontos relacionados ao subtema abordado				
Interpretação das imagens utilizadas para compor o material audiovisual				
Pontuação expressiva: utilizar a pontuação de forma adequada e expressiva				
Compreensão das perguntas realizadas na sessão de perguntas e respostas				

TEXTO UTILIZADO NA SEQUÊNCIA

Preconceito racial: o que é e como combater o racismo

Um dos tipos de preconceitos mais reproduzidos no Brasil, o preconceito racial é um problema que afeta a vida de milhares de pessoas

Nos dias de hoje, muito se discute sobre preconceito racial. O assunto é debatido e trazido à tona com o objetivo de conscientizar as pessoas da necessidade do combate contra o preconceito.

No Brasil, essa discussão é uma das principais pautas da sociedade: ao mesmo tempo que esse é um país onde 56% da população é negra, a cada ano, os casos registrados de racismo crescem. Em 2022, por exemplo, houve um crescimento de 50% nos registros de ocorrências de racismo e injúria racial.

Esses são apenas os casos registrados, e não contam problemas que são presentes na sociedade, como o racismo estrutural e até mesmo o racismo recreativo. Dessa forma, é preciso conscientizar a população não apenas do que é preconceito racial, mas também dos direitos que cada um tem na hora de denunciar esse crime.

O que é preconceito racial?

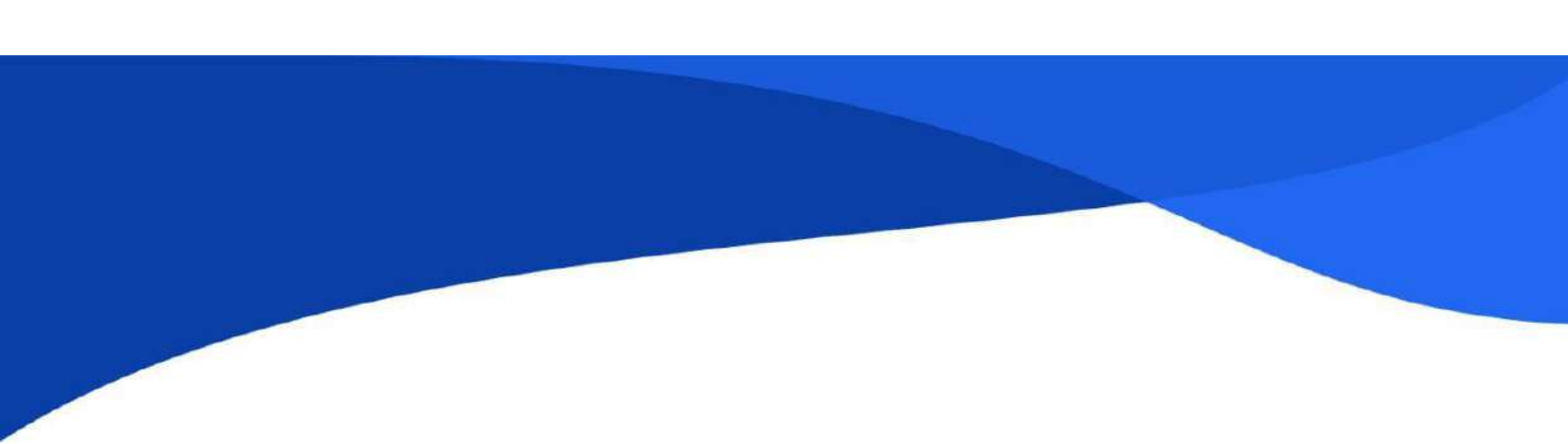
O preconceito racial, também chamado de racismo, é a discriminação contra pessoas tendo como base sua raça ou etnia.

Geralmente, o preconceito acontece quando a pessoa ou um grupo é visto de maneira inferior ou considerado inferior devido à sua raça ou grupo étnico.

Porém, o preconceito racial também pode acontecer por meio de estereótipos, como o uso de blackface, prática na qual pessoas pintam o rosto de preto para representar pessoas negras, ou a imitação do sotaque de pessoas asiáticas, por exemplo.

O que a lei brasileira diz sobre preconceito racial?

No Brasil, racismo é considerado crime. A Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, explica que:



"Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional."

E ainda:

"Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Pena: reclusão de um a três anos e multa."

Por fim, a lei também define que, entre os atos que são considerados preconceito e discriminação estão:

- Negar emprego à pessoa por motivo de discriminação de raça ou de cor;
- Se negar a conceder equipamentos necessários para o trabalho, igual aos utilizados pelos demais funcionários;
- Impedir a ascensão do funcionário na empresa devido a sua raça ou cor;
- Não fornecer os mesmos benefícios e salários de outros funcionários que exercem a mesma função;
- Tratar o funcionário não-branco de maneira diferente dos demais funcionários;
- Impedir o acesso a estabelecimento comercial, hotéis, restaurantes, supermercados, salões de beleza ou qualquer outro tipo de comércio devido à cor ou raça da pessoa;
- Se negar a servir ou atender o cliente devido à sua cor ou raça;
- Impedir o acesso às entradas sociais de prédios públicos ou privados, assim como o uso de elevadores ou acesso à escada devido à cor ou raça;
- Impedir o uso de transporte público ou particular;
- Impedir o relacionamento, casamento, convivência social ou familiar de pessoas se baseando em sua cor ou raça.

Qual a punição para preconceito racial?

A pena prevista pela lei para casos de racismo — discriminação ou injúria racial, em linguagem jurídica — é de 2 a 5 anos de reclusão.

Só existe preconceito racial contra pessoas negras?

Não. O preconceito racial acontece contra pessoas de raças diferentes da raça a qual pertence a maioria de um grupo.

Por isso, existe preconceito racial, ou seja, racismo, contra pessoas negras, amarelas, latinos e pessoas indígenas.

Quais tipos de preconceito racial existem?

Além do preconceito contra pessoas negras, existem outros tipos de preconceito racial contra outras cores, raças e grupos étnicos.

Entre os tipos de racismo que existem estão:

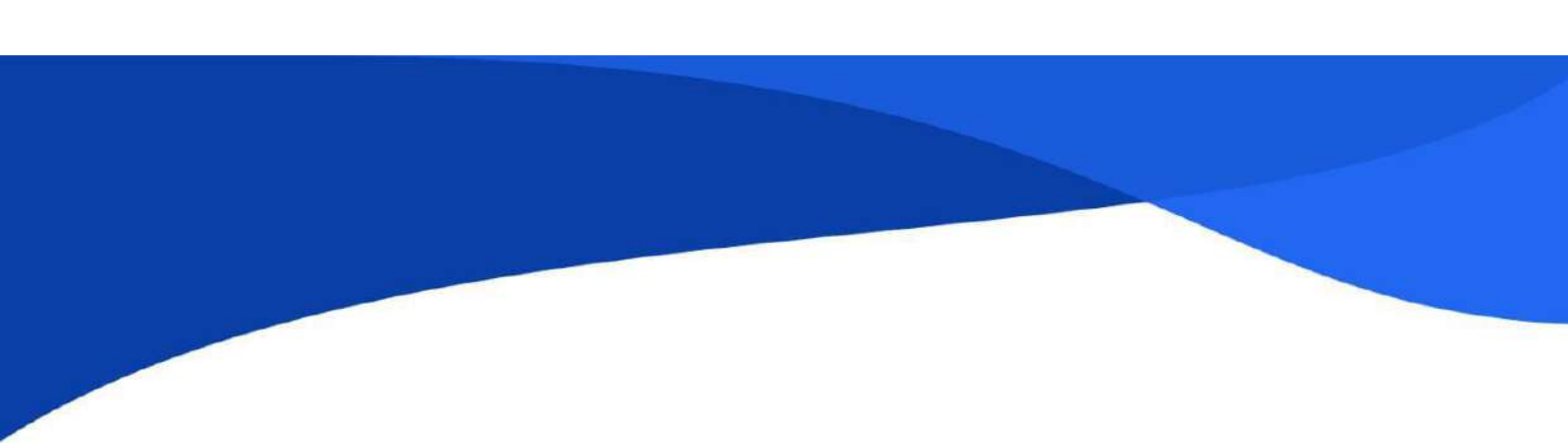
- Racismo contra pessoas asiáticas;
- Racismo contra indígenas;
- Racismo contra latinos;
- Racismo contra árabes.
- Qual a diferença entre racismo e injúria racial?

Muito se ouve falar sobre injúria racial, mas poucas pessoas sabem que existe uma diferença entre o crime de preconceito racial e de injúria racial.

A diferença entre os dois é simples: enquanto racismo é quando o preconceito é praticado contra um grupo de pessoas, a injúria racial acontece quando o racismo é praticado contra um indivíduo.

Quais são as consequências do preconceito racial?

O preconceito racial traz uma série de consequências não apenas para quem sofre o ato de racismo, mas também para a sociedade onde essa pessoa ou grupo está inserida.



Entre as consequências do racismo estão:

- Impactos psicológicos negativos na pessoa que sofre a discriminação, em sua família e na sociedade em seu entorno, como depressão, autodepreciação, ansiedade e síndrome do pânico;
- Diminuição de oportunidades igualitárias para a inclusão de pessoas na sociedade;
- Dificuldade do acesso de pessoas que sofrem preconceito à educação e melhores empregos;
- Menor mobilidade social;
- Baixa autoestima;
- Aumento da violência contra pessoas de grupos que sofrem preconceito racial.
-

Existe preconceito racial no Brasil?

Sim e os brasileiros reconhecem isso. Apesar de ter mais da metade de sua população formada por pessoas negras, o Brasil é visto como um país racista por 61% de sua população, segundo uma pesquisa realizada em 2020.

Pessoas negras representam 75% dos mortos pela violência policial e também compõem 62% do sistema prisional brasileiro.

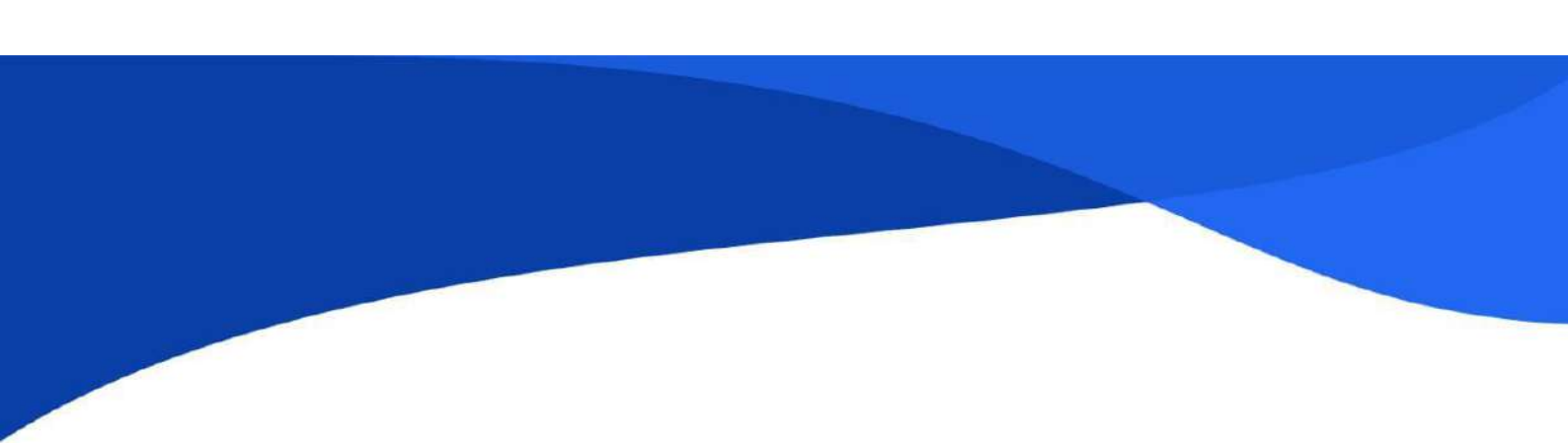
Ao mesmo tempo, só 4,7% dos cargos executivos das 500 maiores empresas do país são ocupados por pessoas negras.

Além do preconceito contra pessoas negras, indivíduos de outros grupos, como asiáticos, também relatam situações de racismo pelas quais passaram.

Ou seja, existe preconceito racial no Brasil.

Como combater o preconceito racial?

Combater o preconceito racial é um trabalho longo e que exige a colaboração de todos.



Além disso, é fundamental a atuação do poder público, tanto por meio da elaboração de políticas públicas que promovam a inclusão de pessoas de diferentes raças na sociedade quanto pela punição contra criminosos que praticam racismo.

Algumas das atitudes que podem ser tomadas para combater o preconceito racial são:

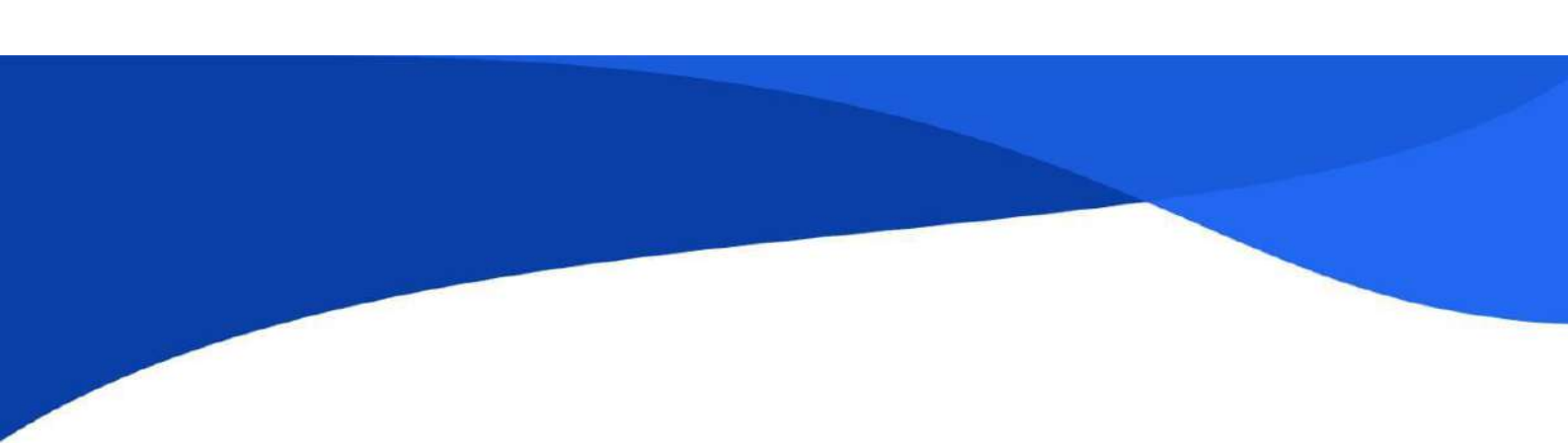
- Educar crianças para que elas aprendam a respeitar e conviver com as diferenças;
- Buscar estudar e se informar sobre o que é racismo, como combatê-lo em seu dia a dia, como identificar situações onde pessoas estão sofrendo com esse crime e como denunciá-las;
- Não julgar o não se entende: criar pré-conceitos sobre coisas é uma maneira de discriminá-las. Procure se informar e saber mais quando tiver dúvidas;
- Estimule e proporcione a convivência com pessoas de diferentes raças e etnias;
- Denuncie casos de racismo para a Polícia Militar, discando 190, ou no site da Secretaria da Justiça e Cidadania.

Como denunciar casos de preconceito racial?

É possível denunciar casos de racismo e injúria racial de três formas: presencialmente, pelo telefone ou pela internet.

Presencialmente, a denúncia é feita para a autoridade policial mais próxima, em forma de uma ocorrência que é registrada relatando o máximo de detalhes possíveis sobre o crime. Nesse caso, é necessário informar a autoridade policial que a vítima deseja que o agressor seja processado.

Para fazer a denúncia por telefone, é necessário ligar para o número 100, telefone do Disque Direitos Humanos, um programa do Governo Federal para denunciar casos de racismo e injúria racial.



Também é possível denunciar o caso discando 190, número nacional da Polícia Militar.

Por último, para denunciar casos de preconceito racial pela internet, é necessário entrar em contato com a Secretaria de Justiça ou órgão correspondente da sua cidade ou estado.

Referência: REDACÃO NÓS. **Preconceito racial: o que é e como combater o racismo.** Terra, 25 jul. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/preconceito-racial-o-que-e-e-como-combater-o-racismo,6f7c62d5810f98c587daec3004b8e209brw0da32.html>. Acesso em: 31 jul. 2024.

3. Sequência de Atividade – O Protagonismo da Oralidade no Seminário

OBJETIVOS:

- + Desenvolver habilidades de comunicação oral a partir do gênero Seminário;
- + Estimular o pensamento crítico e a defesa de opinião de forma articulada e fundamentada;
- + Reconhecer a importância do estudo da oralidade, no ambiente escolar, para seu desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal;
- + Desenvolver e apresentar um Seminário com tema *Olimpíadas*, para ser avaliado a partir do eixo Oralidade.

JUSTIFICATIVA:

Em meio a tanta euforia tecnológica, observamos uma geração que ainda apresenta dificuldades para se expressar, argumentar sobre padrões estabelecidos pela sociedade e até mesmo ser escutada. Tais dificuldades, muitas vezes, foram ocasionadas pela ausência de oportunidades adequadas para o desenvolvimento da competência oral durante o processo de aquisição do conhecimento teórico da modalidade.

A oralidade, por sua vez, constituiu uma habilidade essencial para o desenvolvimento do ser humano em sociedade, bem como no meio acadêmico e profissional. Trabalhar essa habilidade possibilitará aos alunos aprimorar sua competência comunicativa, estimular a autoconfiança, fortalecer a capacidade argumentativa e interagir de maneira eficaz em situações de exposição pública.

Para tanto, as Olimpíadas foram escolhidas como tema principal para o desenvolvimento da sequência de atividades com foco na Oralidade.

TEMPO DE EXECUÇÃO: Total: 6 aulas. *(Adeque a sua realidade)*

RECURSOS DIDÁTICOS: Celulares com acesso à internet; Computador e Datashow; Quadro e pincel; Caderneta, Canetas, Folhas de ofício; Material impresso; Câmera de vídeo para gravar as falas dos alunos; Cronômetro: Para controlar o tempo de cada exposição; Ficha de critérios avaliativos propostos para a sequência.

DESENVOLVIMENTO:

1º Aula:

- Formação das Equipes;
- Discussão sobre a importância do estudo da oralidade para o desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal, e a importância da comunicação oral – *Enfatize que é por meio da oralidade que nos comunicamos e interagimos como seres sociais;*
- Retomada do vídeo exemplo da 1ª Sequência, para relembrar o seminário apresentado;
- Conversa informal sobre a última Olimpíada, Paris 2024;
- Sorteio dos subtemas por cada grupo de alunos, pré-estabelecidos:
 1. *História das Olimpíadas: Origem e evolução dos Jogos Olímpicos, desde a antiguidade até os tempos modernos.*
 2. *Olimpíadas e Mídia: Cobertura midiática, transmissão e impacto das redes sociais nos Jogos Olímpicos.*
 3. *Esportes Olímpicos: Análise e evolução dos diferentes esportes incluídos nos Jogos Olímpicos.*
 4. *Inclusão e Diversidade nos Jogos Olímpicos: Participação de mulheres, atletas paralímpicos e diversidade nas Olimpíadas.*
 5. *Cerimônias Olímpicas: Análise das cerimônias de abertura e encerramento, o significado dos anéis olímpicos, tocha e mascote, tradições e rituais associados aos jogos.*

- ✚ Explanação a respeito de cada subtema sorteado;
- ✚ Orientação para os grupos se aprofundarem no subtema sorteado.

2º e 3º Aulas:

- ✚ Formação das Equipes;
- ✚ Distribuição e leitura compartilhada do texto: *Olimpíadas (Jogos Olímpicos)*;
- ✚ Discussão em grupo e planejamento inicial do Seminário;
- ✚ Reforço do conhecimento adquirido sobre os elementos que compõem o gênero textual Seminário e sua estrutura organizacional – *Retome as características do gênero para que os alunos cite-os*;
- ✚ Orientação para os grupos reverem o material de apoio entregue anteriormente, principalmente o referente a apresentação oral;
- ✚ Orientação para ensaios da apresentação, com tempo estipulado de 15 minutos para cada equipe;
- ✚ Entrega e discussão da ficha dos critérios avaliativos, com foco na oralidade.

4º e 5º Aulas:

- ✚ Formação das Equipes;
- ✚ Atividades: Elaboração, apresentação e entrega de material escrito de Seminário sobre o subtema do tema gerador *Olimpíadas*.

6º Aula:

- Formação das Equipes;
- Conclusão das apresentações dos Seminários;
- Feedback dos seminários realizados.

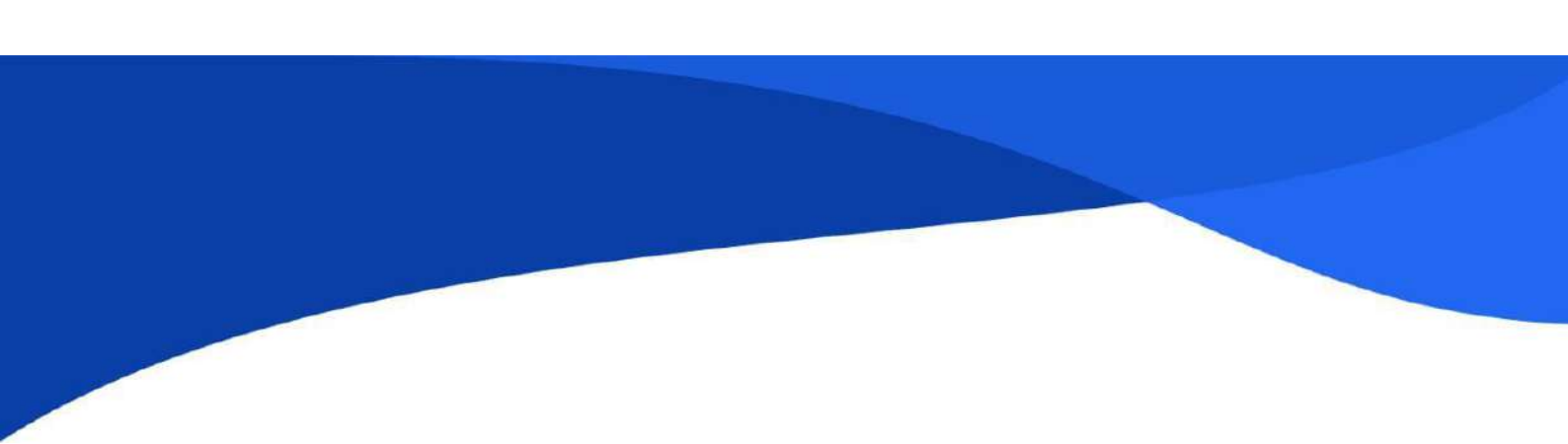
AVALIAÇÃO:

A avaliação considerará os seguintes critérios expostos na Ficha Avaliativa, com foco no eixo da oralidade que segue:

FICHA AVALIATIVA: Seminário Eixo Oralidade

CRITÉRIOS	REGULAR 70	BOM 80	ÓTIMO 90	EXCELENTE 100
Grau de planejamento da apresentação				
Utilização dos recursos suprasegmentais (entonação, acentuação, ritmo, pausas)				
Atitudes corporais (postura, gestos, expressões)				
Uso de Marcadores conversacionais				
Repetições e paráfrases				
Correções				
Hesitações				
Adequação do vocabulário ao evento e público				
Clareza na exposição das informações				
Coerência e coesão das informações expostas				
Utilização e exposição dos recursos visuais				
Respeito a tomada de turno				
Habilidade para responder perguntas realizadas na sessão de perguntas e respostas				

TEXTO UTILIZADO NA SEQUÊNCIA



Olimpíadas (Jogos Olímpicos)

As Olimpíadas reúnem países de todos os continentes para disputar diferentes modalidades esportivas. Os Jogos Olímpicos são um dos maiores eventos do mundo.

As Olimpíadas são o maior evento esportivo do mundo, no qual países dos cinco continentes se reúnem para competir em diversas modalidades. Acontecem a cada quatro anos e são divididos entre as edições de verão e de inverno. Atletas com deficiência disputam as chamadas Paralimpíadas.

A promoção da paz, a integração e a união entre os países compõem o objetivo principal dos Jogos Olímpicos. De acordo com o Estatuto Olímpico, a intenção é garantir o desenvolvimento harmonioso da humanidade por meio da prática esportiva.

Resumo sobre as Olimpíadas

- As Olimpíadas surgiram na Grécia Antiga, por volta de 776 a. C., na cidade de Olímpia.
- Os Jogos Olímpicos da Antiguidade estavam associados a rituais religiosos e prestavam homenagens a deuses gregos, como Zeus.
- Após o fim das Olimpíadas antigas, em 393 d.C., os jogos voltariam a ocorrer somente 1503 anos depois.
- O francês Barão de Coubertin iniciou as Olimpíadas modernas, no ano de 1896.
- As Paralimpíadas são as competições olímpicas disputadas por pessoas com algum tipo de deficiência.
- Os Jogos Olímpicos são divididos em duas edições, uma de verão e a outra de inverno, que ocorrem em um intervalo de dois anos.

Olimpíadas na Antiguidade

As Olimpíadas na Antiguidade surgiram por volta de 776 a. C., conforme registros históricos. Entretanto, não há consenso entre os pesquisadores sobre um fato exato que tenha marcado o início dos jogos. Na Antiguidade, os jogos estavam associados a rituais religiosos. Nesse sentido, os gregos homenageavam Zeus, rei dos deuses na mitologia grega.

Os jogos recebem esse nome, pois começaram na cidade grega de Olímpia, situada no sudoeste da Grécia. As competições aconteciam nos momentos de trégua, pois naquela época eram comuns conflitos entre as cidades-estado gregas. A situação de trégua era decretada dois meses antes dos jogos, que ocorriam também de quatro em quatro anos, só que sempre em uma mesma cidade, Olímpia.

O anúncio do evento era dado por mensageiros em diferentes regiões, para que as pessoas pudessem viajar para Olímpia em segurança, já que os conflitos estariam interrompidos durante a competição.

Mulheres, estrangeiros e escravos eram proibidos de participar dos jogos antigos. Nem mesmo assistir era permitido às mulheres.

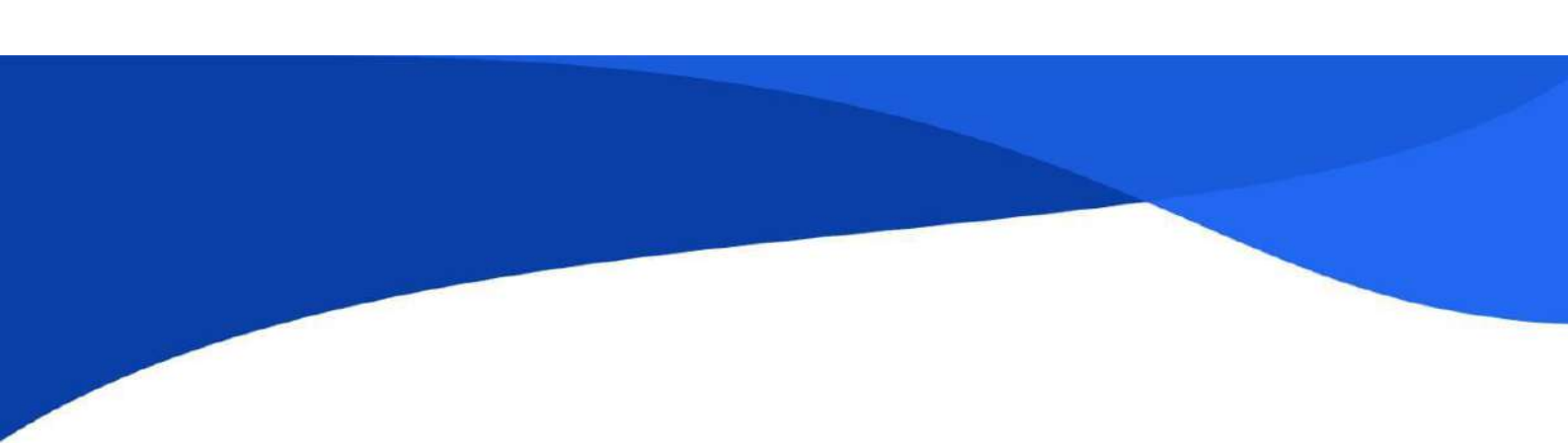
Era dado aos vencedores das competições uma coroa de oliveira, que representava a supremacia moral e espiritual dos Jogos Olímpicos.

O imperador romano Teodósio banuiu a realização dos jogos no ano de 393 d. C., de acordo com registros oficiais. O fato marcou o fim das Olimpíadas na Antiguidade.

Olimpíadas modernas

As Olimpíadas modernas foram idealizadas pelo pedagogo e esportista francês Barão Pierre de Coubertin.

Escavações arqueológicas feitas em Olímpia entre os anos de 1875 e 1881 e o legado da Grécia inspiraram a criação do Comitê Olímpico Internacional (COI), em



1894. Coubertin foi o responsável pela fundação do órgão que regulamenta a competição.

A primeira edição dos Jogos Olímpicos modernos foi realizada na cidade de Atenas, em 1896. Participaram 14 países e 241 atletas homens, pois as mulheres eram proibidas de competir. Atletismo, ciclismo, esgrima, ginástica, halterofilismo, luta, natação e tênis foram as modalidades participantes.

A premiação com medalha de ouro passou a ser feita somente em 1904. Na primeira edição, os vencedores receberam medalhas de prata, e os demais foram premiados com medalhas de cobre e ramos de louro.

Desde seu início, as Olimpíadas só não foram realizadas nos anos de 1916, por causa da Primeira Guerra Mundial, e em 1940 e 1944, devido à Segunda Guerra Mundial.

Em 2016, a cidade do Rio de Janeiro sediou as Olimpíadas. Mais de 10 mil atletas concorreram em 41 modalidades esportivas. Nessa edição, o golfe e o rúgbi voltaram a participar dos jogos, ambos os esportes não participavam desde 1924.

Cerimônia de abertura

A cerimônia de abertura é um grande evento que abre as Olimpíadas. Nela ocorrem apresentações artísticas de diferentes estilos, geralmente enfatizando as características do país que está sediando a edição.

Atualmente, 46 esportes participam das competições enquanto modalidades olímpicas. Os mais recentes são o skate, surfe, escalada, beisebol e karatê, que integraram o evento desde a edição de Tóquio 2020.

Curiosidades sobre as Olimpíadas

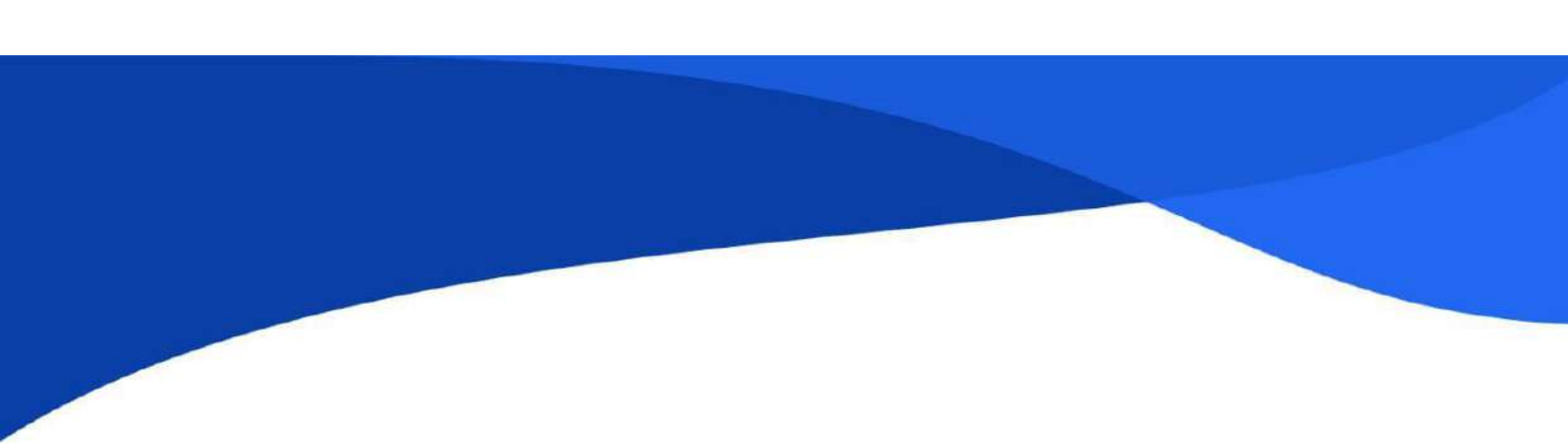
- Londres sediou em 1908 a Olimpíada mais longa da história. Os jogos aconteceram entre 27 de abril e 31 de outubro.

- Entre os anos de 1924 e 1992, as edições de verão e de inverno eram realizadas no mesmo ano.
- Em 1920 foi hasteada a bandeira olímpica, pela primeira vez, na cidade de Antuérpia, na Bélgica.
- Maria Lenk foi a primeira mulher brasileira a competir em uma Olimpíada, no ano de 1932, na cidade estadunidense de Los Angeles.
- Entre os anos de 1912 e 1948, arquitetos, escultores, pintores, músicos e escritores competiram enquanto artistas olímpicos.
- As línguas inglesa e francesa são as oficiais das Olimpíadas. Elas são complementadas pela língua da cidade-sede dos jogos.
- A primeira vez que o evento foi transmitido via satélite pela televisão foi nos jogos de Roma, em 1960. Na ocasião, mais de 200 milhões de pessoas assistiram às competições em 18 países europeus.
- Somente em 2012, todos os países participantes dos jogos enviaram atletas mulheres.
- O nadador dos Estados Unidos Michael Phelps é o atleta que conquistou mais medalhas olímpicas da história: 28 no total.

Símbolos olímpicos

Aros: os cinco aros que compõem a bandeira olímpica representam, cada um deles, os cinco continentes do mundo. As cores azul, amarelo, preto, verde e vermelho são comuns nas bandeiras dos países que fazem parte do COI.

Tocha olímpica: a cada edição dos jogos, a tocha sai da Grécia e é transportada por diversos atletas até chegar à cerimônia de abertura. Acender a chama da tocha representa o início da celebração das Olimpíadas. O ato simboliza paz e amizade. Com a tocha, a pira olímpica é acendida, sendo apagada apenas ao final dos jogos. O design da tocha muda de acordo com a edição.



Mascote: a primeira mascote olímpica foi o cachorro Waldi, da raça Dachshund, nos jogos de Munique em 1972. As mascotes remetem aos sentidos de alegria e amizade, e são definidos de acordo com as características de cada país-sede.

Jogos Olímpicos de Inverno

As Olimpíadas de Inverno tiveram início no ano de 1924, na cidade de Chamonix, na França, e se chamavam Semana Esportiva de Inverno. O título de Jogos Olímpicos foi estabelecido em 1926. A edição de inverno das Olimpíadas acontece também a cada quatro anos, no intervalo entre as edições de verão.

Entre as modalidades esportivas disputadas no inverno, estão: biatlo; bobsled; skeleton; curling; hóquei no gelo; luge; combinado nórdico; esqui estilo livre; salto de esqui.

Paralimpíadas

As paralimpíadas, também realizadas a cada quatro anos, são compostas por competições de atletas que possuem algum tipo de deficiência.

A primeira edição ocorreu em 1960, em Roma, na Itália. A primeira participação brasileira aconteceu em 1972.

Entre as 22 modalidades paralímpicas estão: basquetebol em cadeira de rodas; goalball; futebol de 5; natação; voleibol sentado.

O Brasil é uma potência nas Paralimpíadas. O país está entre os 10 maiores medalhistas paralímpicos da história. Até os jogos de Tóquio 2020, foram 87 medalhas de ouro, conquistadas em 12 participações.

Referência: AFONSO, Lucas. “**Olimpíadas (Jogos Olímpicos)**”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/olimpiadas.htm>. Acesso : 30/07/2024.

4. Sequência de Atividade – A Produção Escrita no Gênero Seminário

OBJETIVOS:

- ✚ Desenvolver habilidades de produção escrita, a partir do planejamento e apresentação do gênero textual Seminário;
- ✚ Reconhecer a importância do estudo e aperfeiçoamento da produção escrita, no ambiente escolar, para seu desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal;
- ✚ Incentivar a produção escrita de textos, através do gênero textual Seminário;
- ✚ Desenvolver e apresentar um Seminário com tema *Aquecimento Global e As Catástrofes Ambientais*, para ser avaliado no eixo Produção Escrita.

JUSTIFICATIVA:

Não podemos negar que a prática da escrita foi beneficiada com o uso das novas tecnologias, pois percebemos que, atualmente, as pessoas estão interagindo mais por meio da escrita. Dessa forma, como professores de LP, não podemos perder a oportunidade de mostrar ao aluno a importância da escrita no contexto atual e incentivá-lo a praticar, para aperfeiçoar suas habilidades de produção escrita, não apenas pensando em seu desenvolvimento acadêmico e profissional, mas também para o uso no convívio social.

Nessa perspectiva, desenvolvemos esta sequência de atividades com foco na produção escrita por meio do gênero textual Seminário, pois acreditamos que ele ajuda o aluno a aprimorar suas habilidades de organização de ideias, coesão e coerência textuais, na elaboração do texto em sua integralidade, proporcionadas pelo aprimoramento da habilidade de pesquisa.

Sendo assim, para abordarmos o gênero com foco na Produção Escrita, utilizamos o tema *Aquecimento Global e as Catástrofes Ambientais*.

TEMPO DE EXECUÇÃO: Total: 7 aulas. (Adeque a sua realidade)

RECURSOS DIDÁTICOS: Celulares com acesso à internet; Computador e Datashow; Quadro e pincel; Caderneta, Canetas, Folhas de ofício; Material impresso; Cronômetro: Para controlar o tempo de cada exposição; Vídeo; Ficha de critérios avaliativos propostos para a sequência.

DESENVOLVIMENTO:

1º Aula:

- Formação das Equipes;
- Discussão sobre a importância do estudo e aprimoramento da produção escrita para o desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal;
- Vídeo: *Aquecimento global: 4 afirmações sobre as mudanças climáticas que a ciência desmentiu* (8min26s). Disponível em: <https://www.youtube.com/@BBCNewsBrasil>. Acesso em: 31/07/2024.
- Discussão sobre o vídeo apresentado;
- Sorteio dos subtemas por cada grupo de alunos, pré-estabelecidos:
 1. *Causas e Impactos do Aquecimento Global: Emissões de gases de efeito estufa, desmatamento e outras atividades humanas que contribuem para o aquecimento global.*
 2. *Desastres Naturais Intensificados pelo Aquecimento Global: Incidência e severidade aumentadas de furacões, inundações, secas e incêndios florestais.*
 3. *Saúde Humana e Aquecimento Global: Doenças relacionadas ao clima, estresse térmico e impactos na saúde mental.*

4. *Políticas e Acordos Climáticos Globais: Acordo de Paris, Protocolo de Kyoto e outras iniciativas internacionais para mitigar o aquecimento global.*

5. *Educação e Conscientização Ambiental: Importância da educação ambiental e da conscientização pública sobre o aquecimento global.*

+ Explanação a respeito de cada subtema sorteado;

+ Orientação para os grupos se aprofundarem no subtema sorteado.

2º e 3º Aulas:

+ Formação das Equipes;

+ Leitura compartilhada: *Ameaça ignorada: por que o aquecimento global ainda não é visto com seriedade?*;

+ Discussão sobre a leitura realizada;

+ Leitura e discussão do texto em grupos: *Aquecimento Global: Um Alerta à Humanidade* – Peça para que façam o comparativo das informações;

+ Apresentação das impressões do grupo sobre o texto;

+ Análise crítica e reflexiva dos textos, destacando a organização das informações e os elementos de coesão e coerência textuais – Peça para que os alunos observem a estrutura textual (introdução, desenvolvimento e conclusão), a progressão temática (a continuidade das ideias), a sequência das informações, os elementos que unem as estruturas e os referenciais.

4º e 5º Aulas:

+ Formação das Equipes;

+ Orientação sobre a estrutura do texto escrito: Capa, Sumário, Introdução, Desenvolvimento, Considerações Finais e Referências;

+ Entrega e discussão da ficha dos critérios avaliativos, com foco na produção escrita;

+ Orientação para ensaios da apresentação, com tempo estipulado de 15 minutos para cada equipe;

- ✚ Orientação para criação do material visual, para apoiar a apresentação oral do Seminário.

6º e 7º Aulas:

- ✚ Formação das Equipes;
- ✚ Atividades: Elaboração, apresentação e entrega de material escrito de Seminário sobre o subtema do tema gerador *Aquecimento Global e As Catástrofes Ambientais*;
- ✚ Feedback dos seminários realizados.

AVALIAÇÃO:

A avaliação considerará os seguintes critérios expostos na Ficha Avaliativa, com foco no eixo da Produção Escrita que segue:

FICHA AVALIATIVA: Seminário Produção Escrita

CRITÉRIOS	REGULAR 70	BOM 80	ÓTIMO 90	EXCELENTE 100
Estrutura e Organização textual				
Coesão textual (elementos linguísticos que conectam frases e parágrafos)				
Coerência textual (refere-se à lógica e à consistência das ideias no texto)				
Qualidade da linguagem (Escolha do vocabulário)				
Utilização de marcas de segmentação (título, subtítulos, listas numeradas, negrito e citações)				
Utilização dos padrões de escrita (concordâncias nominal e verbal, uso adequado dos tempos verbais e pontuação)				
Clareza e objetividade				

Utilização de recursos gráficos (quadros, tabelas, imagens e gráficos)				
Ortografia do texto produzido				
Diversidade de fontes				
Criatividade				

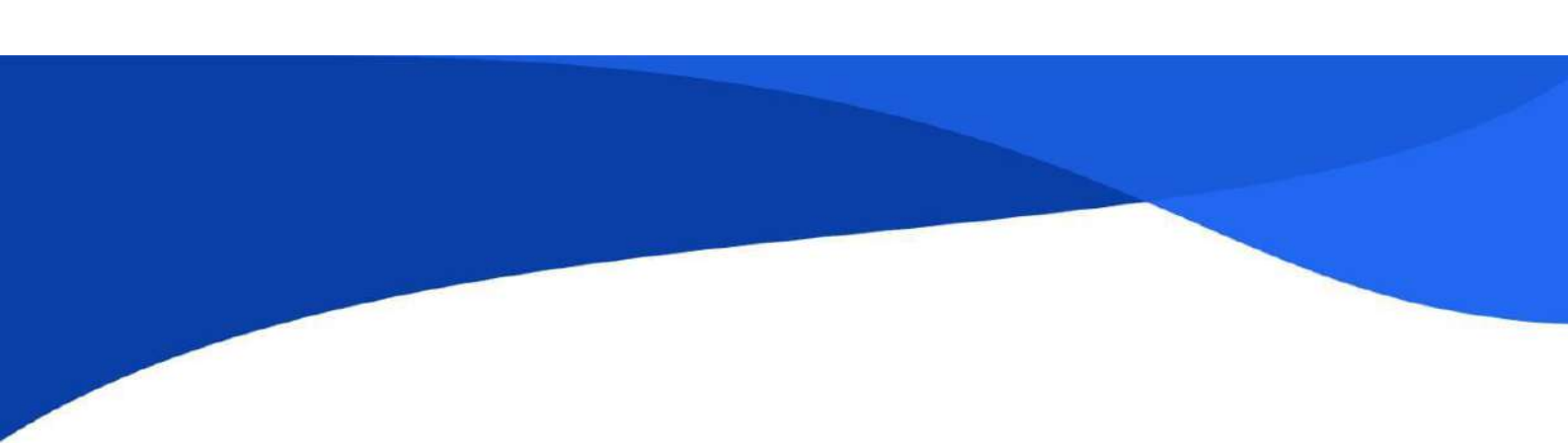
TEXTOS UTILIZADOS NA SEQUÊNCIA

Texto 1: Ameaça ignorada: por que o aquecimento global ainda não é visto com seriedade?

O efeito estufa é um fenômeno natural no qual os gases da atmosfera do planeta Terra retém o calor do Sol para manter a temperatura ideal para a vida. Esse efeito, porém, pode ser maléfico quando eles se acumulam em níveis excessivos e, assim causam o aquecimento global com consequências catastróficas. Tal calamidade persiste e ainda é ignorada, tanto pela dependência dos combustíveis fósseis, quanto pela dificuldade de implementação de fontes de energia renováveis.

Primeiramente, a queima de derivados do petróleo é uma grande vilã, pois emite imensas quantidades de CO₂, um dos gases do efeito estufa. Nesse contexto, depender dessa alternativa para mover transportes e ser fonte de energia agrava a situação, porém, apesar dos alertas e de acordo com o IPCC, nos últimos anos, tem sido cada vez mais usada. Isso evidencia a grande submissão das cadeias globais a esse método, o que se mostra um grande obstáculo para que o quadro atual seja visto com seriedade pelas autoridades e que sejam tomadas as medidas necessárias para sua reversão.

Por outro lado, outras fontes de energia, como eólica e solar, que são tidas como substitutas eficazes para os combustíveis fósseis, ainda enfrentam grandes barreiras em sua implementação maciça. Segundo a revista Forbes, os custos elevados de investimento e infraestrutura e a necessidade de grandes espaços para



construção de parques solares e eólicos, provocaram uma elevação expressiva no valor das tarifas energéticas, além de causar poluição visual e sonora nos ambientes. Fato esse, que afasta o engajamento das empresas de energia e da sociedade na causa.

Portanto, para estimular essas empresas a investirem em novos projetos e fazer com que o problema discutido seja levado a sério pela sociedade, o governo federal deve subsidiá-las, para estimular o uso de energias renováveis, por meio do redirecionamento de verbas do Ministério de Minas e Energia, esse recurso seria usado para incentivar as empresas a desenvolverem parques de produção de energia limpa, bem como em campanhas educacionais, através de folhetos e mídias digitais, para informar a população sobre o aquecimento global. Assim, o Brasil faria sua parte para manter a temperatura do planeta estável.

Referência: OTHERO, B. K. **Ameaça ignorada: por que o aquecimento global ainda não é visto com seriedade?** Blog Imaginie, 5 jun. 2024. Disponível em: <https://blogimaginie.com.br/redacao-aquecimento-global>. Acesso em: 31/07/2024.

Texto 2: Aquecimento Global: Um Alerta à Humanidade

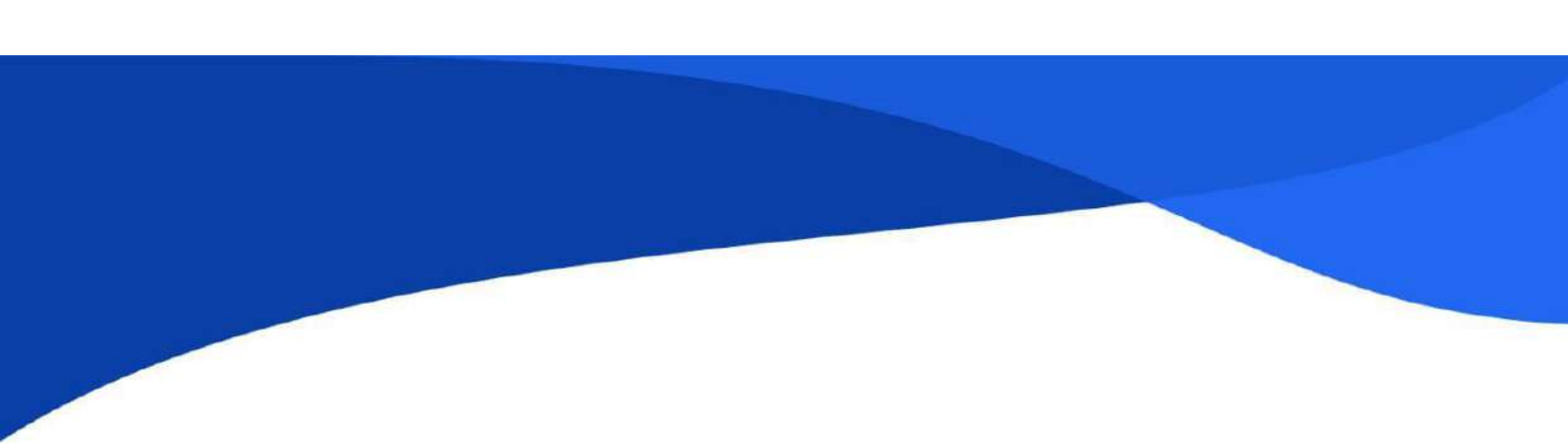
O aquecimento global tem sido uma das pautas ambientais mais discutidas mundialmente nas últimas décadas. Resultado direto das atividades humanas, esse fenômeno climático representa não apenas uma ameaça à estabilidade do clima, mas também ao equilíbrio de ecossistemas e à sobrevivência de inúmeras espécies, incluindo a humana. Assim, entender suas causas, consequências e buscar soluções é uma questão urgente e inadiável.

A principal causa do aquecimento global é o aumento da concentração de gases de efeito estufa, como o dióxido de carbono, na atmosfera. Esses gases, em excesso, formam uma espécie de “cobertor” ao redor do planeta, retendo o calor e elevando a temperatura média. As atividades industriais, o desmatamento e a queima de combustíveis fósseis são os grandes responsáveis por essa emissão desenfreada.

As consequências desse fenômeno são alarmantes. Elevação do nível do mar, devido ao derretimento das calotas polares; eventos climáticos extremos, como furacões, secas e enchentes; extinção de espécies e comprometimento da produção agrícola são apenas algumas das faces visíveis dessa crise. Além disso, populações vulneráveis enfrentam deslocamentos forçados, comprometendo a segurança alimentar e a estabilidade socioeconômica.

Diante desse cenário, medidas urgentes são necessárias. Acordos internacionais, como o de Paris, buscam limitar o aumento da temperatura global. No entanto, além de acordos, é preciso uma mudança profunda nos padrões de consumo e produção, incentivo às energias limpas, reflorestamento e educação ambiental. Cada cidadão, empresa e nação tem um papel nessa luta coletiva.

Em suma, o aquecimento global é uma crise que exige resposta rápida e efetiva. É um chamado para repensarmos nossa relação com o planeta e entre nós. Se não houver ação imediata, as futuras gerações enfrentarão um mundo drasticamente



diferente, com desafios ainda maiores. Portanto, mais do que nunca, o futuro está em nossas mãos.

Referência: STÉFANO. **Redação ENEM Nota 1000 Sobre Aquecimento Global**. Saber Tecnologias, 24 out. 2023. Disponível em: <https://sabertecnologias.com.br/redacao-enem-nota-1000-sobre-aquecimento-global/>. Acesso em: 31/07/2024.

5. Sequência de Atividade – A Presença da Análise Linguística/Semiótica no Gênero Seminário

OBJETIVOS:

- ✚ Desenvolver habilidades de análise linguística/semiótica, a partir do planejamento e apresentação do gênero textual Seminário;
- ✚ Reconhecer a importância do estudo de análise linguística/semiótica, no ambiente escolar, para seu desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal;
- ✚ Analisar os recursos linguísticos e visuais empregados na construção do gênero textual Seminário;
- ✚ Incentivar a busca pelo aprimoramento das habilidades de compreensão, interpretação de signos, símbolos e linguagem em diferentes contextos;
- ✚ Desenvolver e apresentar um Seminário com tema *Uso de Drogas entre Adolescentes*, refletindo sobre a língua e seu funcionamento, para ser avaliado no eixo Análise Linguística/Semiótica.

JUSTIFICATIVA:

A maior dificuldade encontrada no ensino de LP é o aluno reconhecer a importância de estudar a língua em sua estrutura e funcionamento, talvez pelo fato de ainda persistir a prática de ensinar a língua de forma reduzida às questões de nomenclatura e classificação gramatical. A proposta dessa sequência de atividades foi proporcionar um novo olhar sobre o estudo da língua, incentivando o aluno à compreensão e interpretação de signos, símbolos e linguagem em diferentes contextos, sensibilizando-o de que a análise linguística/semiótica está interligada à leitura, oralidade e escrita, pois o texto é organizado de acordo com o sentido que se quer transmitir.

Acreditamos que podemos direcionar o aluno para esse novo olhar sobre o estudo da língua a partir do Seminário, por ser um gênero textual que agrega em sua construção a linguagem verbal e elementos visuais, ajudando o aluno a aprimorar suas habilidades de interpretação crítica, análise linguística e compreensão dos processos de significação.

Para abordarmos o gênero textual Seminário com foco na Análise Linguística/Semiótica, utilizamos o tema *Uso de Drogas entre Adolescentes*.

TEMPO DE EXECUÇÃO: Total: 6 aulas. (Adeque a sua realidade)

RECURSOS DIDÁTICOS: Celulares com acesso à internet; Computador e Datashow; Quadro e pincel; Caderneta, Canetas, Folhas de ofício; Cronômetro: Para controlar o tempo de cada exposição; Vídeo; Ficha de critérios avaliativos propostos para a sequência.

DESENVOLVIMENTO:

1º Aula:

- Formação das Equipes;
- Discussão sobre a importância da análise linguística/semiótica para o desenvolvimento acadêmico, profissional e pessoal – *Reforce que esse eixo está diretamente ligado a leitura, oralidade e escrita, pois assegura que as informações construídas sejam comunicadas e compreendidas de maneira clara e eficaz;*
- Vídeo: *Entenda: Por que os jovens estão usando cada vez mais drogas?* (12min02s). Disponível em: <http://www.youtube.com/@campusitoUnB>. Acesso em: 01/08/2024;
- Discussão sobre o vídeo apresentado, destacando elementos linguísticos e semióticos – Discuta sobre os signos, símbolos, linguagem verbal e não verbal;
- Sorteio dos subtemas por cada grupo de alunos, pré-estabelecidos:

1. *Causas do Uso de Drogas entre Adolescentes: Fatores psicológicos, sociais, familiares e ambientais que contribuem para o uso de substâncias.*
 2. *Tipos de Drogas Comumente Usadas por Adolescentes: Categorias de drogas, incluindo álcool, tabaco, maconha, drogas sintéticas e prescritas.*
 3. *Efeitos Físicos e Psicológicos do Uso de Drogas: Impactos no desenvolvimento cerebral, saúde mental e bem-estar físico dos adolescentes.*
 4. *Sinais e Sintomas do Uso de Drogas: Identificação de comportamentos e sinais físicos que podem indicar o uso de substâncias.*
 5. *Papel da Família e da escola na Prevenção e Intervenção: Estratégias para pais e cuidadores ajudarem a prevenir e abordar o uso de drogas.*
- + Explanação a respeito de cada subtema sorteado;
 - + Orientação para os grupos se aprofundarem no subtema sorteado.

2º e 3º Aulas:

- + Formação das Equipes;
- + Leitura da História em Quadrinhos *A Turma da Mônica: UMA HISTÓRIA QUE PRECISA TER FIM* – Você pode enviar pelo WhatsApp para os alunos ou projetar na sala e sugerir que os alunos assumam as falas dos personagens;
- + Discussão sobre o conteúdo da História em Quadrinhos (HQ) – Abra espaço para que os alunos troquem experiências, discutam situações vivenciadas ou conhecidas;
- + Análise linguística e semiótica da HQ, oralmente – Sugestões para abordagem:
 - 11- Tipo de vocabulário usado: formal, informal, técnico, coloquial, regional, publicitário, jornalístico, científico, literário;
 - 12- Significados das palavras: denotativos, conotativo;
 - 13- Frases simples ou compostas;
 - 14- Intenção do autor: persuadir, informar, entreter, educar, orientar, sensibilizar;
 - 15- Interpretação do texto esperada para o leitor;
 - 16- A relação estabelecida entre as imagens e o texto verbal;
 - 17- Análise das imagens, layout, cores;

18- O texto dialoga com algum outro? Presença de intertextualidade;

19- Estrutura textual;

20- Análise de imagens, tipos e tamanhos de letras, espaçamentos, uso de marcações, negrito, itálico.

4º Aula:

- + Formação das Equipes;
- + Entrega e discussão da ficha dos critérios avaliativos, com foco na análise linguística/semiótica;
- + Orientação para ensaios da apresentação, com tempo estipulado de 15 minutos para cada equipe;
- + Orientação para criação do material visual, para apoiar a apresentação oral do Seminário.

5º e 6º Aulas:

- + Formação das Equipes;
- + Atividades: Elaboração, apresentação e entrega de material escrito de Seminário sobre o subtema do tema gerador *Uso de Drogas entre Adolescentes*;
- + Feedback dos seminários realizados, utilizando alguns procedimentos da refacção.

AVALIAÇÃO:

A avaliação considerará os seguintes critérios expostos na Ficha Avaliativa, com foco no eixo da Análise Linguística/Semiótica que segue:

FICHA AVALIATIVA: Análise Linguística/Semiótica

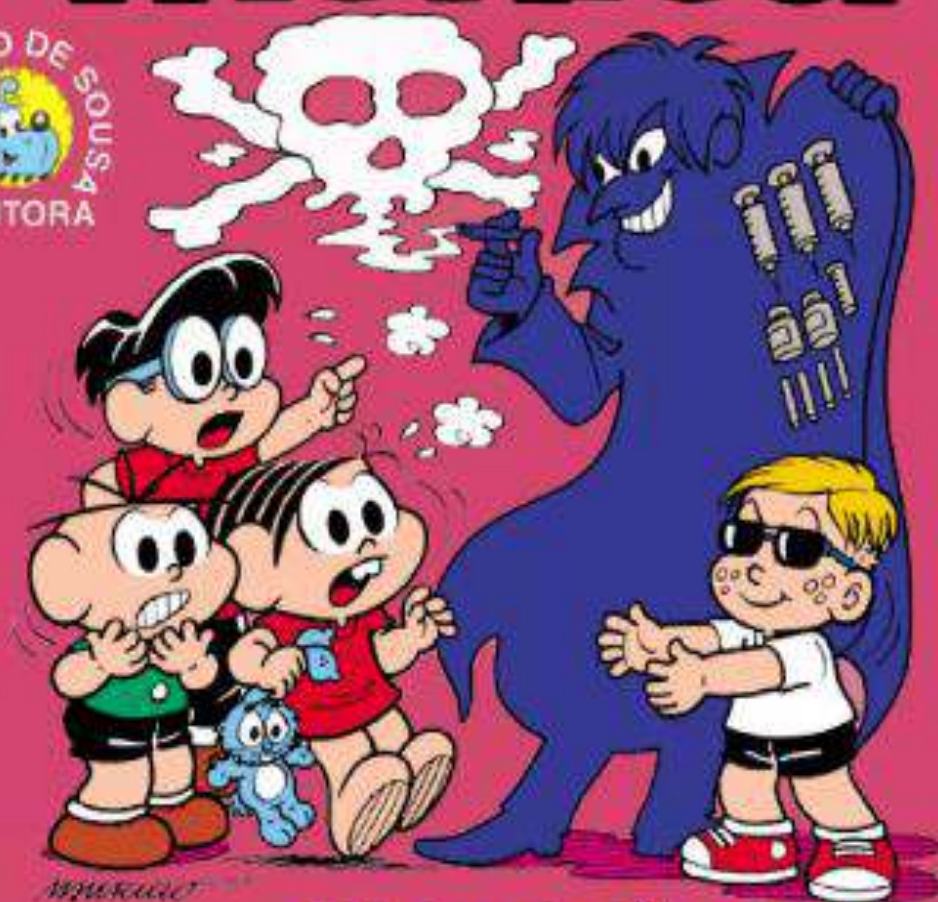
CRITÉRIOS	REGULAR 70	BOM 80	ÓTIMO 90	EXCELENTE 100
Domínio das características do gênero				
Coesão Textual (Utilização de elementos que garantam a ligação entre as ideias apresentadas)				
Coerência Textual (Apresentação de uma sequência lógica de ideias)				
Recursos do Padrão Escrito (Paragrafação e estrutura do texto escrito, pontuação)				
Regularidades Linguísticas (Concordância, Regência)				
Regularidades Ortográficas (Ortografia e acentuação das palavras)				
Uso e interpretação de imagens				
Relação texto-imagem (Integração do texto escrito/oral com os recursos visuais)				
Relevância dos recursos visuais utilizados				
Comunicação Multimodal (Habilidade da utilização de diferentes modos de comunicação – oral, escrito, visual)				

TEXTO UTILIZADO NA SEQUÊNCIA

A TURMA DA

Mônica

MAURICIO DE SOUSA
EDITORIA



INSTITUTO CULTURAL
MAURICIO DE SOUSA

UMA HISTÓRIA QUE
PRECISA TER FIM.



ESTA É A HISTÓRIA DE UM
GAROTO CHAMADO ZÉLIO!



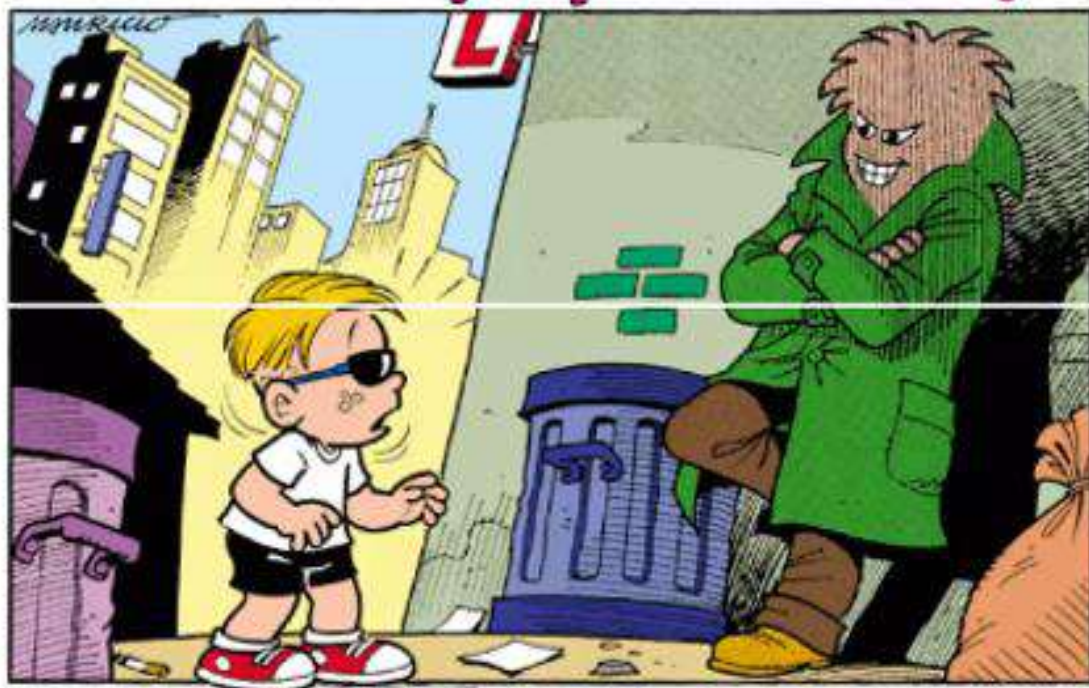
ELE PODERIA SER
ALGUÉM CALMO, SOS-
SEGADO, BRINCAÇÃO,
DESPREOCUPADO...



...MAS NÃO É!



A TURMA DA MÔNICA EM Uma história que precisa ter um fim



ESTA
CADA
VEZ MAIS
DIFÍCIL
ARRAN-
JAR!

MEUS
PAIS
ANDAM
DESCON-
FIADOS...

TIVE QUE
VENDER
ALGUMAS
COISAS DE
CASA!



NÃO SE
PREOCUPE!

VOCÊ PODE TER
A QUANTIDADE
QUE QUISER!

SEM
GASTAR UM
TOSTÃO!











OUTRA DROGA MUITO UTILIZADA É A MACONHA! ELA É EXTRAÍDA DE UMA PLANTA CHAMADA CANNABIS SATIVA!



COM AS ERYAS, FAZEM CIGARROS! É UM SINAL DE SEU USO É O AVERMELHADO DOS OLHOS!



O USO CONSTANTE PODE AFETAR A VONTADE DA PESSOA, QUE FICA DESMOTIVADA, SEM CONSEGUIR TOMAR ATITUDES.



MUITAS CRIANÇAS COMEÇAM NO VÍCIO CHEIRANDO COLA DE SAPATEIRO!



O CIGARRO TAMBÉM É UMA DROGA, APESAR DE PODER SER VENDIDO EM QUALQUER LUGAR!



ASSIM COMO O ALCÓOL, QUE É RESPONSÁVEL POR INÚMEROS ACIDENTES DE TRÂNSITO!



NO INÍCIO, FALSOS AMIGOS OFERECEM A PROVA DE GRAÇA!



POR ISSO, NUNCA SE DEVE ACEITAR BALAS, DOCES, CIGARROS OU QUALQUER COISA DE ESTRANHOS.



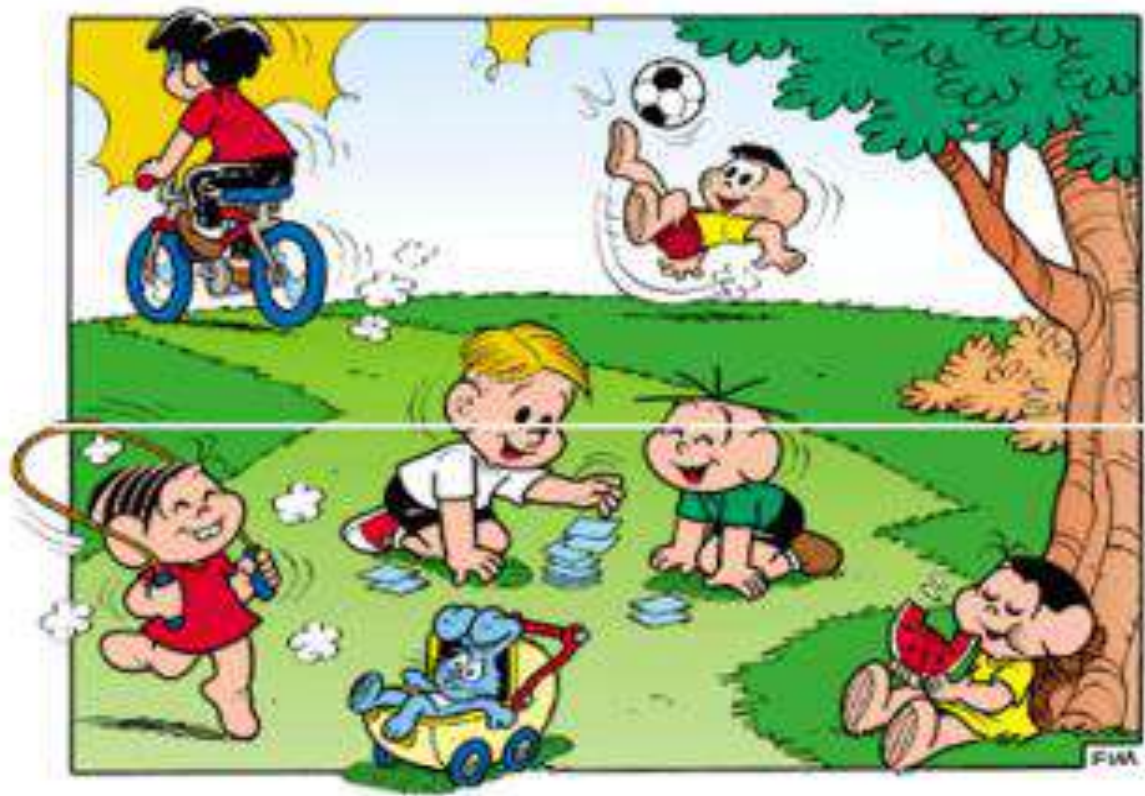
QUEM CONSUME DROGAS, PRECISA DE TRATAMENTO!











Amiguinhos,

Vocês que gostam de acompanhar as aventuras da Turma da Mônica sabem que no final de cada historinha sempre temos um final feliz!

Esta aventura é especial, pois ela não é uma brincadeira! Isso que aconteceu com o nosso amiguinho da revista, pode acontecer com qualquer um.

Por isso, é importante que vocês leiam com atenção, mostrem a revistinha para seus amigos, seus colegas da escola e também para o papai e para a mamãe!

Queremos que vocês saibam como vocês são importantes nesta história, para que ela, realmente, possa ter um final feliz.



General-de-Divisão ALBERTO MENDES CARDOSO
Chefe da Casa Militar da Presidência da República
Presidente do Conselho Nacional Antidrogas


Walter Funganello Malacovitch
SECRETÁRIO NACIONAL ANTIDROGAS

SECRETARIA NACIONAL
ANTIDROGAS



Revista criada e produzida nos Estúdios Mauricio de Sousa
Departamento de Projetos Especiais
Rua do Curume, 745 - Bloco F
Tel. (011) 861-2044 - CEP 05065-001 - Fax: (011) 861-2004
Lapa - São Paulo - SP - Brasil - <http://www.monica.com.br>

<http://www.monica.com.br/institut/drogas/>

Referência: COSTA, F. Revista da Turma da Mônica sobre drogas. SLIDESHARE. 10/07/2010.
Disponível em: <https://www.slideshare.net/fatimacosta10> . Acesso: 01/08/2024.

6. Sequência de Atividade – O Seminário e a Integração dos Eixos de LP

OBJETIVOS:

- + Desenvolver habilidades de leitura, oralidade, produção escrita e análise linguística/semiótica, a partir do planejamento e apresentação do gênero textual Seminário;
- + Compreender que o ensino-aprendizagem e avaliação de LP devem ser realizados de maneira holística, com mesmo grau de relevância entre os eixos;
- + Desenvolver e apresentar um Seminário com tema *Inclusão*, com foco avaliativo do desempenho em todos os eixos de LP.

JUSTIFICATIVA:

Embora muitos avanços teóricos tenham sido feitos no processo de ensino-aprendizagem e avaliação de Língua Portuguesa, a aplicação dessas teorias na prática ainda enfrenta grandes desafios. Frequentemente, observamos que a LP continua sendo abordada de maneira fragmentada ou com ênfase excessiva em apenas um ou outro eixo. Com base nisso, organizamos uma sequência de atividades com o objetivo de trabalhar todos os eixos de LP de forma integrada, pois acreditamos que, para o desenvolvimento completo das competências linguísticas dos alunos, é essencial adotar uma abordagem integral e articulada, que contemple todos os eixos de maneira equilibrada.

Trabalhar com o gênero textual Seminário nos possibilita alcançar esse objetivo, pois é um gênero que ajuda no aprimoramento da capacidade de leitura crítica e reflexiva, produção escrita, comunicação oral e interpretação de textos e signos, além de preparar o aluno para situações diversas que possa vivenciar nos contextos acadêmico, profissional e pessoal.

Portanto, para abordarmos o gênero textual Seminário com foco em uma abordagem integral e articulada dos eixos, garantindo o mesmo grau de relevância entre eles, utilizamos o tema *Inclusão*.

TEMPO DE EXECUÇÃO: Total: 8 aulas. (Adeque a sua realidade)

RECURSOS DIDÁTICOS: Celulares com acesso à internet; Computador e Datashow; Quadro e pincel; Caderneta, Canetas, Folhas de ofício; Material impresso; Cronômetro: Para controlar o tempo de cada exposição; Vídeo; Ficha de critérios avaliativos propostos para a sequência.

DESENVOLVIMENTO:

1º e 2º Aulas:

- Formação das Equipes;
- Discussão sobre a importância de compreender que o ensino-aprendizagem de LP e sua avaliação deve ser realizada de maneira holística dos eixos e com mesmo grau de relevância entre eles;
- Vídeo: *Conscientização IGA29 – Inclusão* (7min57s). Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCgHI5tA6tdp_nSRTZdDdMpw. Acesso em: 05/08/2024.
- Discussão sobre o vídeo apresentado – *Deixe que os alunos apontem situações reais de inclusão*;
- Sorteio dos subtemas por cada grupo de alunos, pré-estabelecidos:
 1. *Inclusão Educacional: Estratégias e práticas para promover a inclusão de estudantes com necessidades especiais e diferentes origens culturais nas escolas.*
 2. *Inclusão de Pessoas com Deficiências: Acessibilidade física e atitudinal, e inclusão de pessoas com deficiências em diferentes aspectos da vida social.*

3. *Inclusão Socioeconômica: Combate às desigualdades socioeconômicas e discutir formas de promover a equidade.*
4. *Inclusão de Gênero: Igualdade de gênero e empoderamento das mulheres e da comunidade LGBTQIA+.*
5. *Inclusão Digital: Promoção de igualdade, diversidade e participação ativa na sociedade.*

- ✚ Explicação a respeito de cada subtema sorteado;
- ✚ Orientação para os grupos se aprofundarem no subtema sorteado.

3º e 4º Aulas:

- ✚ Formação das Equipes;
- ✚ Entrega e leitura compartilhada do texto *A importância da inclusão: Construa uma sociedade mais justa e acolhedora*, traçando um paralelo com os subtemas;
- ✚ Entrega e discussão da ficha dos critérios avaliativos, com abordagem holística dos eixos;
- ✚ Orientação para, na próxima aula, trazer materiais já selecionados sobre os temas.

5º e 6º Aulas:

- ✚ Formação das Equipes;
- ✚ Feedback da aula anterior;
- ✚ Início da produção da Introdução dos seminários – Explique que toda escrita deve obedecer às etapas: primeira escrita, revisão e reescrita;
- ✚ Orientação para os grupos reverem material trabalhado e orientações feitas durante o processo do desenvolvimento das sequências de atividades;
- ✚ Orientação para ensaios da apresentação, com tempo estipulado de 15 minutos para cada equipe;
- ✚ Orientação para criação do material visual, para apoiar a apresentação oral do Seminário.

7º e 8º Aulas:

- ✚ Formação das Equipes;
- ✚ Atividades: Elaboração, apresentação e entrega de material escrito de Seminário sobre o subtema do tema gerador *Inclusão*;
- ✚ Feedback dos seminários realizados.

AValiação:

A avaliação considerará os seguintes critérios expostos na Ficha Avaliativa, com abordagem holística dos eixos que segue:

FICHA AVALIATIVA: Seminário com Abordagem Holística dos Eixos

CRITÉRIOS	REGULAR 70	BOM 80	ÓTIMO 90	EXCELENTE 100
Domínio das características do gênero				
Apresentação e Profundidade dos principais pontos relacionados ao subtema apresentado				
Qualidade da linguagem (escolha do vocabulário)				
Grau de planejamento da apresentação				
Clareza e objetividade na apresentação e exposição das informações				
Utilização dos recursos suprasegmentais (entonação, acentuação, ritmo, pausas)				
Atitudes corporais (postura, gestos, expressões)				
Uso de marcadores conversacionais				
Respeito a tomada de turno				
Coesão Textual (elementos linguístico que conectam frases e parágrafos)				

Coerência Textual (lógica e consistência das ideias no texto)				
Utilização de marcas de segmentação (títulos, subtítulos, listas numeradas, negrito e citações)				
Utilização de recursos gráficos e fontes (gráficos, tabelas, imagens, quadros)				
Recursos do Padrão Escrito (paragrafação, estrutura do texto escrito e pontuação)				
Regularidades Linguísticas (concordância e regência)				
Regularidades Ortográficas (ortografia e acentuação das palavras)				
Utilização, interpretação e exposição dos recursos visuais				
Relação texto-imagem (integração do texto escrito/oral com os recursos visuais)				
Comunicação Multimodal (habilidade da utilização de diferentes modos de comunicação – oral, escrito, visual)				
Compreensão e habilidade para responder perguntas realizadas na sessão de perguntas e respostas				

TEXTO UTILIZADO NA SEQUÊNCIA

A importância da inclusão: Construa uma sociedade mais justa e acolhedora

A **inclusão** é um conceito que visa garantir que todas as pessoas tenham valor, respeito e as mesmas chances na sociedade. Assim, trata-se de promover a participação ativa e igualitária de todos, apesar de suas diferenças.

O que é inclusão?

A **inclusão** é um conceito importante que significa receber e aceitar todas as pessoas, apesar de suas diferenças. Assim, é quando todos são tratados de forma igual e têm as mesmas chances de participar da sociedade.

Definição e conceito de inclusão

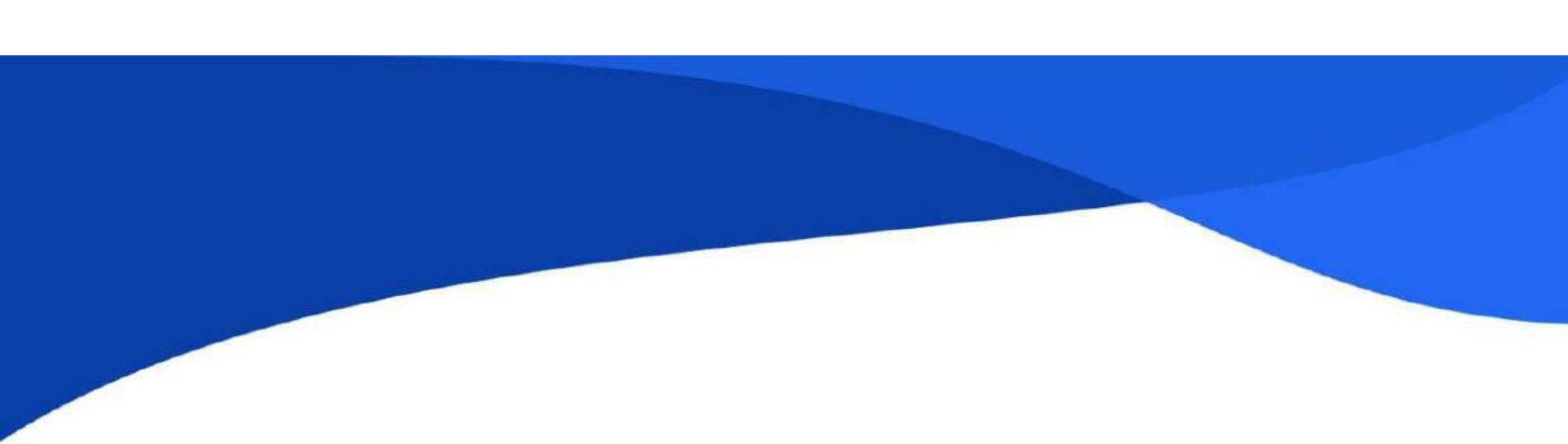
A **inclusão** é quando todas as pessoas são incluídas e possuem valor, sem importar as suas diferenças. É como abrir as portas para que todos possam participar e se sentir bem-vindos. Aliás, ela promove a igualdade e o respeito.

O que permite que cada pessoa tenha as mesmas chances de aprender, brincar, trabalhar e se relacionar com os outros. Dessa forma, é importante lembrar que todos têm algo especial para contribuir.

Os benefícios para a sociedade

Quando a sociedade é inclusiva, todos se beneficiam. Pois, ela permite diferentes visões, ideias e habilidades. Assim, isso torna o mundo mais: criativo; inovador; justo.

Quando todos possuem respeito e têm a chance de participar, a sociedade possui mais harmonia e fica mais diversa. Por fim, ela também ajuda a combater o preconceito e a construir relações mais solidárias entre as pessoas.



Impacto na vida das pessoas

A **inclusão** tem um impacto positivo na vida de todas as pessoas. Pois, quando incluem alguém, ele sente que tem valor e respeito. Assim, isso aumenta a autoestima e a confiança.

Isso permite, ainda mais, que as pessoas aprendam com as diferenças, criem empatia e se tornem mais tolerantes. Pessoas com deficiência também se beneficiam, pois têm a chance de participar de atividades e serem reconhecidas por seus talentos.

Quais são os principais desafios para a inclusão de pessoas com deficiência física?

A **inclusão** de pessoas com deficiência física pode ser um desafio porque existem algumas coisas que dificultam isso. Mas, importa que todos ajudem a superar esses desafios e tratem todas as pessoas com respeito.

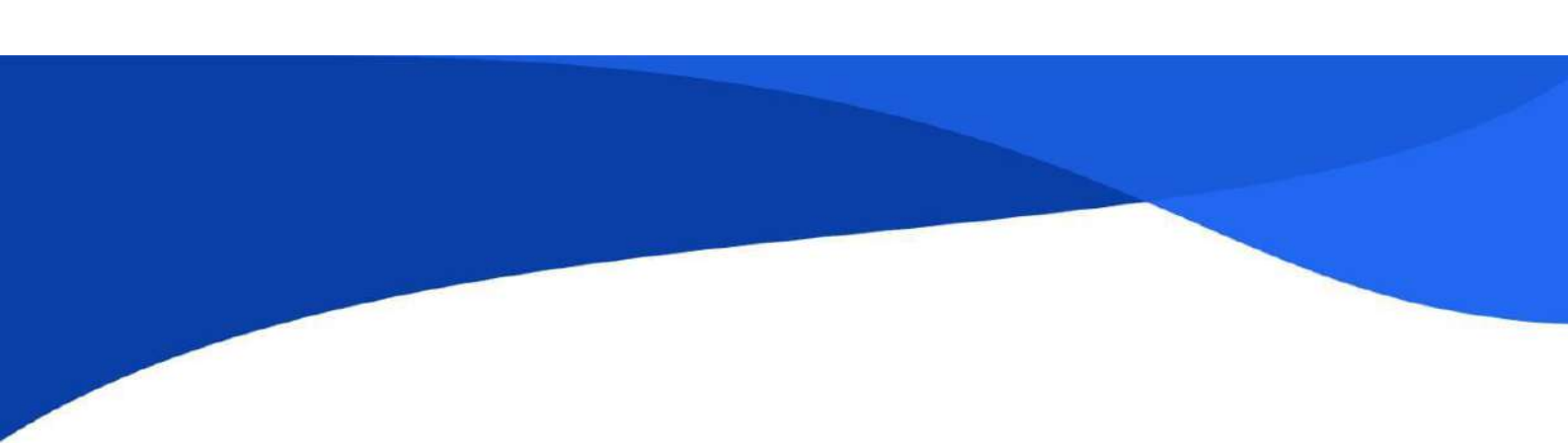
Barreiras físicas

Algumas vezes, as pessoas com deficiência física encontram dificuldades porque nem sempre os lugares têm acesso fácil para elas. Por exemplo, se uma pessoa usa cadeira de rodas, pode ser difícil subir escadas sem uma rampa.

Isso pode impedir que ela vá a alguns lugares. Dessa forma, é importante que todos os lugares sejam acessíveis, para que todos possam ir aonde quiserem.

Preconceito e estigma na sociedade

Às vezes, as pessoas tratam as outras de maneira diferente devido à deficiência física. Elas podem fazer piadas ou dizer coisas ruins. Isso não é legal e machuca as pessoas.



É importante, então, que todos tratem as pessoas com respeito, apesar de como elas são. Todos são essenciais e merecem ser tratados com gentileza.

Acesso limitado a chances de educação, de trabalho e sociais

Algumas pessoas com deficiência têm menos chances de estudar, trabalhar e participar de atividades sociais. Isso porque, nem sempre as chances estão disponíveis para elas.

É importante que todos possam estudar e trabalhar, apesar do seu físico. Assim, as escolas, as empresas e a sociedade devem ser inclusivas, ou seja, devem oferecer opções para todos, para que todos possam aprender, trabalhar e se divertir juntos.

A inclusão inclui tornar todos os locais acessíveis para todos os tipos de pessoas.

Quais são os grupos mais afetados pela falta de inclusão social?

A falta de **inclusão** afeta diversos grupos em diferentes formas e intensidades, dependendo do contexto social, cultural, econômico e político de cada região. Mas, pode-se dizer que alguns mais prejudicados pela exclusão social incluem: pessoas com deficiência; minorias étnicas e raciais; pessoas que são LGBTQIAP+; toxicodependentes; pessoas em situação de rua.

Contudo, vale destacar, que este é um problema que afeta não apenas os grupos de minorias, pois alguns deles que sofrem com este tipo de preconceito e discriminação, podem pertencer a comunidades que são maiores do ponto de vista numérico.

Este é o caso, por exemplo, das mulheres e dos negros, que representam boa parte da população e ainda assim, costumam não ser incluídos e/ou sub-representados. Os idosos e as pessoas com pouca escolaridade, também estão entre os que sofrem com a exclusão.

Como medir o impacto das ações de inclusão social?

Para medir o impacto das ações de **inclusão** social, acompanhe a composição da sua força de trabalho ao longo do tempo. Ou seja, isso inclui estar a par de dados sobre gênero, etnia, idade, orientação sexual, deficiências, entre outros.

Comparar esses dados ao longo dos anos pode ajudar a identificar mudanças e tendências na diversidade da empresa. Além disso, monitore as taxas de retenção, bem como, a rotatividade destes grupos.

Uma pesquisa de clima organizacional, aliada a essas métricas, pode fornecer insights valiosos para fazer os ajustes necessários para que as ações neste sentido sejam cada vez mais eficazes

.

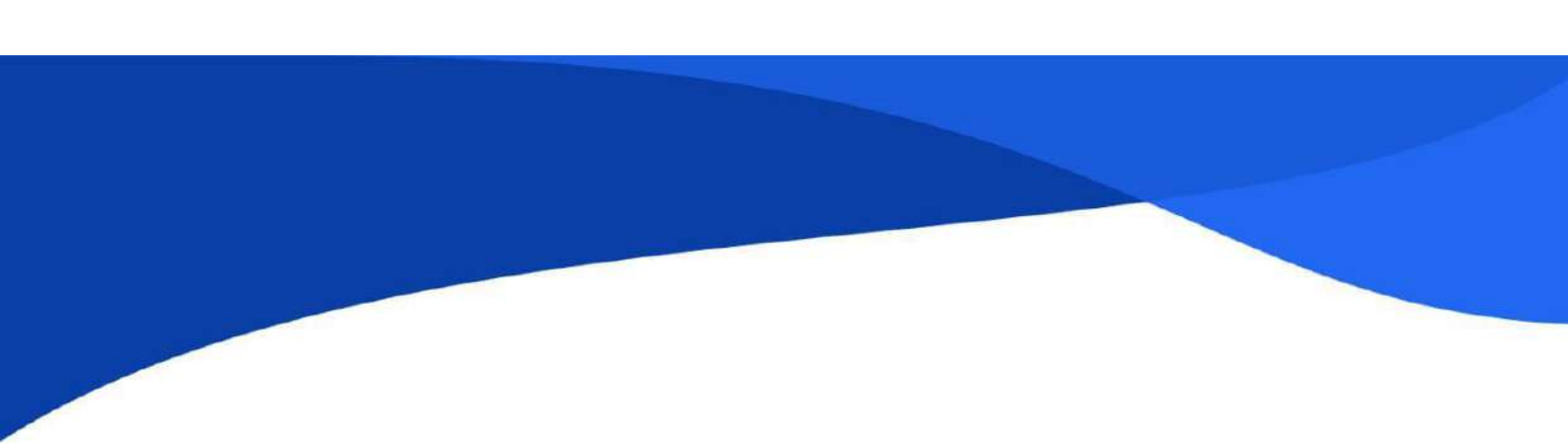
Por que a inclusão é importante para a empresa?

A **inclusão** de pessoas com deficiência na empresa é importante porque todos merecem ter a chance de trabalhar e contribuir com a sociedade. Além disso, isso ajuda a firma a ter uma equipe mais diversa e criativa, o que melhora a tomada de decisões.

Benefícios para a empresa e para as pessoas que trabalham

A **inclusão** traz muitos benefícios, como promover um ambiente de trabalho mais inclusivo e acolhedor, aumentar a diversidade de ideias e habilidades, e melhorar a imagem da empresa para o mundo. Para quem trabalha, isso pode trazer uma sensação de valor.

Como a inclusão pode ajudar a firma a se destacar no mercado?



Ela pode ajudar a empresa a se destacar no mercado, ao atrair mais clientes e pessoas para investir. Além disso, isso pode tornar a equipe mais criativa, o que permite que a firma crie produtos e serviços que atendam a um público mais amplo.

O papel da liderança

Os líderes da empresa têm um papel importante na promoção disso, pois são eles que devem criar um local de trabalho inclusivo e acolhedor. Eles podem fazer isso, por exemplo: ao promover a diversidade; criar chances de carreira para todos; incentivar que todos participem na tomada de decisões importantes.

Como definir metas e objetivos de inclusão no plano estratégico?

Para definir metas e objetivos de **inclusão** no plano estratégico, a empresa precisa pensar em maneiras de incluir pessoas com deficiência em suas atividades. Isso pode envolver, por exemplo: dar chances de emprego; adaptar o local físico para tornar o acesso fácil; promover a igualdade.

Como achar chances inclusivas na empresa?

Para achar chances disso na empresa, importa ver quais as áreas onde é possível melhorar o acesso e a participação de pessoas com deficiência. Assim, isso pode envolver, por exemplo: criar programas de cursos inclusivos; adaptar os espaços físicos para facilitar o acesso; ter uma fala acessível.

Defina objetivos específicos

Ao definir metas que podem ser medidas, a firma cria metas claras para alcançar. Por exemplo, pode-se criar o objetivo de contratar um certo número de pessoas com deficiência em um período.

Crie prazos e responsáveis para implementar as metas

Para aplicar as metas inclusivas, é necessário definir prazos e pessoas responsáveis. Aliás, ter prazos ajuda a manter um cronograma de ações e garante que alcançar as metas dentro do tempo estipulado.

Atribuir missões a pessoas dentro da empresa, além disso, garante que cada ação seja executada e acompanhada da forma certa para garantir o progresso e o sucesso das metas estabelecidas.

É importante criar um plano estratégico de inclusão na empresa.

Quais são as políticas e leis relacionadas à inclusão?

As políticas e leis relacionadas à **inclusão** são regras criadas para garantir que todas as pessoas, o que inclui aquelas com deficiência, sejam tratadas de forma justa e tenham as mesmas chances.

Existem leis que protegem os direitos delas, como o direito à educação, ao trabalho e à acessibilidade. Essas também ajudam a garantir que não haja discriminação, ou seja, que ninguém seja tratado de maneira diferente devido a sua deficiência.

Por fim, vale mencionar que essas políticas e leis são importantes para criar uma sociedade mais inclusiva e igualitária para todos. Afinal, todos merecem respeito.

Referência: ADMIN. **A importância da inclusão: Construa uma sociedade mais justa e acolhedora.** Igual Digital, 20 maio 2024. Disponível em: <https://iiqual.com.br/blog/o-que-e-inclusao-social/>. Acesso em: 05/08/2024.

Considerações Finais

Os processos de ensino-aprendizagem e avaliação de Língua Portuguesa devem acompanhar as mudanças educacionais, alinhando-se aos propósitos estabelecidos para o componente curricular. Não podemos admitir a persistência de metodologias tradicionais que tratam o ensino de forma fragmentada e desarticulada, nem permitir que a avaliação siga essa mesma lógica. Embora a abordagem do ensino de Língua Portuguesa venha integrando cada vez mais os eixos por meio do trabalho com os gêneros textuais, a avaliação ainda enfrenta desafios, pois, na prática, muitas vezes ocorre de forma excludente, deixando de contemplar algum eixo.

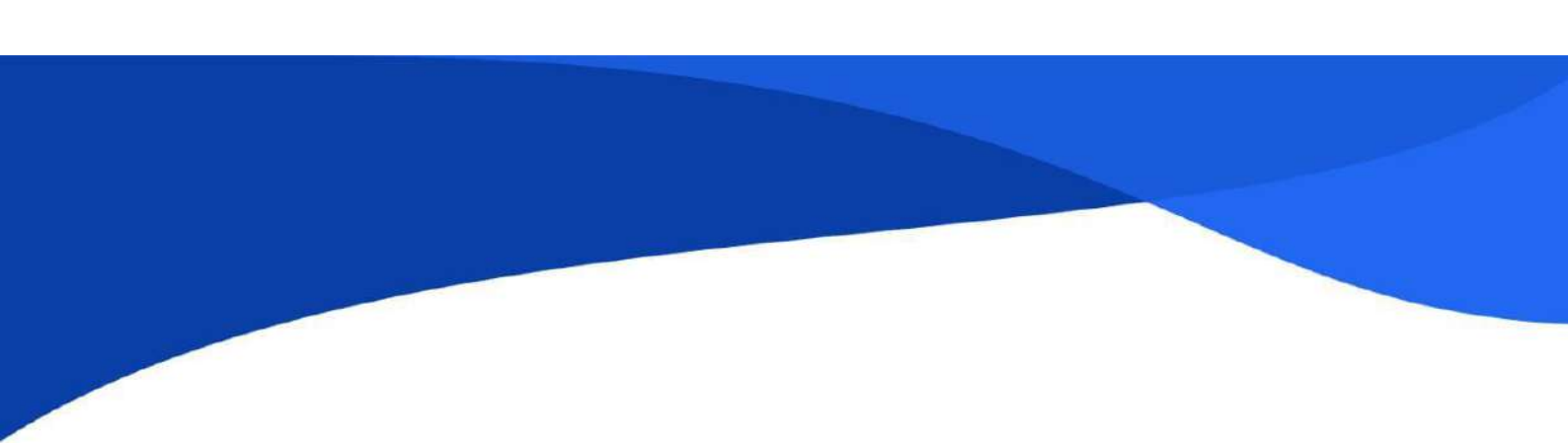
Acreditamos que a proposta metodológica de uma abordagem da Língua Portuguesa por meio do Gênero Textual Seminário, apresentada neste Módulo Educacional, cumpre seu papel de forma eficiente, pois permite o desenvolvimento gradativo de um ensino dos Eixos e, proporciona uma avaliação estruturada com Critérios claros, facilitando a compreensão dos alunos sobre o processo avaliativo. Nesta proposta, o conhecimento do processo avaliativo é construído progressivamente até culminar em uma avaliação holística e articulada, na qual os eixos são integrados no mesmo gênero textual e com mesmo grau de relevância.

O trabalho com o Gênero Seminário proporciona aos alunos uma aprendizagem de Língua Portuguesa significativa e alinhada às demandas educacionais. Além disso, oferece uma avaliação que garante aos alunos o desenvolvimento de suas competências e habilidades de forma integral.

Esperamos que a proposta apresentada neste material contribua para que os professores complementem suas práticas pedagógicas, promovendo um ensino e uma avaliação de Língua Portuguesa integrados e articulados, que correspondam às expectativas e necessidades significativas dos alunos.

Referências

- ✚ BESERRA, Normanda da Silva. **Avaliação da compreensão leitora: em busca de relevância**. In: MARCUSCHI, Beth; SUASSUNA, Livia (orgs.). **Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica** / 1º Ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- ✚ BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Versão final. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- ✚ BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- ✚ DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; PIETRO, Jean-François de; ZAHND, Gabrielle. **A exposição oral**. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- ✚ GOMES-SANTOS, Sandoval Nonato. **A exposição oral: nos anos iniciais do ensino fundamental** / Sandoval Nonato Gomes-Santos. – 1ª ed. – São Paulo: Cortez, 2012.
- ✚ HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista** / Jussara Maria Lerch Hoffmann – 20º ed. – Porto Alegre: Mediação, 1991.
- ✚ LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico** / Cipriano Carlos Luckesi. – 1º. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.
- ✚ MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão** / Luiz Antônio Marcuschi. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- ✚ MELO, Cristina Teixeira Vieira de & CAVALCANTE, Marianne Bezerra. **Superando os obstáculos de avaliar a oralidade**. In: MARCUSCHI, Beth;



SUASSUNA, Livia (orgs.). **Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica** / 1º Ed., 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.